

SENASP

Secretaria Nacional de Segurança Pública

Relatório Final **Concursos Nacionais de Pesquisas Aplicadas** **em Justiça Criminal e Segurança Pública**

Proponente

Universidade de Brasília

Autor (s)

Lourdes Maria Bandeira

Título da Pesquisa

Construção das Carreiras e das Trajetórias Profissionais dos Operadores da Justiça Criminal e Segurança Pública

Estes relatórios de pesquisa constituem os produtos resultantes do Concurso Nacional de Pesquisas Aplicadas em Segurança Pública e Justiça Criminal. Fornecerão importantes subsídios para a qualificação das políticas nacionais de segurança pública. Destacamos que eles não constituem a opinião oficial do Ministério da Justiça sobre os assuntos tratados.

Abril 2006



**Ministério
da Justiça**

GOVERNO FEDERAL

RELATÓRIO FINAL:

Pesquisa Aplicada em Segurança Pública e Justiça Criminal

Linha de Pesquisa: **Construção das Carreiras e das Trajetórias
Profissionais dos Operadores da Justiça Criminal e Segurança
Pública**

Título da Pesquisa: **Perfis Profissionais dos Agentes Penitenciários do
Distrito Federal e Goiás.**

Proponente: Universidade de Brasília – UnB

Responsável Técnica: Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira

Brasília, março de 2006.

Perfis Profissionais dos Agentes Penitenciários do Distrito Federal e Goiás.

Coordenação pela SENASP/UnB

Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira

Coordenação pelo NEPEM/UnB

Profa. Dra. Analia Soria Batista

Pesquisadoras

Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira

Profa. Dra. Analia Soria Batista

Profa. Dra. Wivian Weller

Pesquisadoras(es) - bolsistas

Ludmila Gaudad

Mara Carine Vilela da Silva

Tatiane Rocha Vieira

Diego Silva Vieira

Clarissa Correa Carvalho

Pedro Leonardo Presotti Correa

Rodolfo Moraes Reis

Laiza Spagna

SUMARIO

INTRODUÇÃO	6
1. A carreira da/o Agente Penitenciária/o / Prisional no Distrito Federal e Goiás	11
2. Base metodológica e contextualização empírica da pesquisa	16
3. Etnografia das unidades Prisionais	27
4. Características gerais das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e das/os Agentes Prisionais de Goiás 98	
4.1 Características gerais das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal	
4.2 Características gerais das/os Agentes Prisionais de Goiás	
4.3 Algumas considerações sobre as/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e sobre as/os Agentes Prisionais de Goiás	
5. Análise das Trajetórias Profissionais das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e de Goiás 141	
5.1 Trajetórias Profissionais das/os Agentes	
<i>Percepções das/os Agentes sobre as relações entre a rua e a penitenciária</i>	
<i>Motivação para a escolha profissional</i>	
<i>O preconceito com relação à profissão</i>	
<i>O primeiro dia de trabalho na prisão</i>	
<i>Percepções das/os Agentes sobre o curso de formação</i>	

O impacto da religiosidade no trabalho prisional

Mudanças identificadas na gestão Prisional

A reintegração social dos internos

5.2 O trabalho das/os Agentes

5.2.1 Aspectos gerais do trabalho na penitenciária

A exigência da imparcialidade

A exigência de diferenciar-se da/o interna/o

5.2.2. O trabalho e as representações sociais sobre as/os internas/os

A/O interna/o como inimiga/o

A/O interna/o como criança que reclama

5.2.3. O trabalho das mulheres no presídio: burocracia e dominação masculina no sistema prisional

5.3 Algumas conclusões parciais

6. O Impacto da Política de Administração Penitenciária sobre o Trabalho de Segurança das/os Agentes Penitenciárias/os no Distrito Federal 174

O Trabalho de Segurança em Brasília

O trabalho de segurança: uma rotina que "engole"

A construção da/o "outra/o" como inimigo

A construção da/o "outra/o" como psicótico

Análises conclusivas

7. A divisão sexual do trabalho no contexto do trabalho das/os Agentes Penitenciários/as 187

As desigualdades da presença feminina no mundo do trabalho

A distribuição sexuada do trabalho

Reapropriação do espaço-tempo como elemento de um processo de subjetivação

8.	Mulher de bandido: análise extra-muros da Papuda	200
9.	Considerações finais e recomendações	216
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	220
	ANEXOS	228

ANEXO I: Roteiro das entrevistas realizadas com Agentes no Distrito Federal

ANEXO II: Roteiro das entrevistas realizadas com Agentes no em Goiás

ANEXO III: Roteiro dos Grupos Focais

ANEXO IV: Questionário a ser preenchido pelos detentos após a entrevista

INTRODUÇÃO

Na atualidade, diversos são os aspectos que contribuem para desenhar o mapa da "impotência" do Estado brasileiro no atendimento às conseqüências sociais das transformações sócio-econômicas¹. Essa impotência se expressa, entre outras questões, no tratamento inadequado que vem sendo dado aos problemas sociais, tais como o desemprego, a fome e a exclusão. Soma-se a essa situação, a exacerbação da ideologia utilitarista, que se manifesta em práticas sociais caracterizadas pela violência do egoísmo². Em seu conjunto, esses elementos parecem ter influenciado a "inauguração" da época do "encarceramento de massas". Essa prática parece ser um reflexo do fortalecimento do Estado Penal, em detrimento do Estado de bem-estar social (Wacquant, 2001)³. Isso pode significar que a fragilização das políticas sociais, como parte dos ajustes econômicos programados, conduz a um incremento das práticas repressivas na sociedade. Essas práticas acontecem como parte do processo de crise da segurança pública no país. A crise se expressa em repressão e incremento do sentimento de insegurança entre a população.

É no contexto desse marco repressivo que se fala cada vez com maior freqüência, do estado de falência das instituições Prisionais, expressa na superlotação dos presídios, nas rebeliões freqüentes, nos prédios considerados inadequados, tanto

¹ **Fazemos aqui referencia às mudanças produto da reestruturação capitalista, a partir de meados da década de 60.**

² **Durante a década de 1990 essas práticas serão contestadas por correntes antiutilitaristas, que se expressam especialmente no âmbito das práticas e das discussões da economia solidária, tanto no contexto nacional como internacional.**

³ **Wacquant (2001) analisa, para o caso dos Estados Unidos, na atualidade, o fortalecimento do Estado Penal no contexto do desmantelamento do Estado de Bem-estar Social.**

do ponto de vista humanitário quanto da perspectiva da manutenção da segurança e no comportamento das/os Agentes Institucionais (Zafaroni, 1991)⁴, que vem sendo avaliado como deficitário. Sobre esta última questão apontada, denúncias recorrentes sobre maus tratos as/aos internas/os, tortura e práticas de corrupção envolvendo Agentes (Prisionais ou Penitenciários) são veiculadas pela mídia, colocando no centro de um cenário sombrio às atividades destas/es trabalhadoras/es.

Do ponto de vista das representações morais, socialmente hegemônicas, o presídio pode ser apontado como um lugar não respeitável (Berger, 1992)⁵, ou um local impuro, sujo, repositório dos detritos da sociedade (Douglas, 1966), isto é, o espaço reservado para ocultar aqueles que desafiam a ordem pura das coisas, aquelas regras que produzem a rotina de “normalidade” da sociedade.

Em geral, as/os Agentes Prisionais ou Penitenciárias/os são os encarregados de "manusear", como eles mesmos afirmam, com as pessoas socialmente classificadas como “não expurgas”, sujeitando-se desse modo, quotidianamente, aos perigos da "contaminação, pela proximidade com os detentos. Em função dos contatos exigidos pela natureza do trabalho que realizam, podem ser representados como um grupo de risco pela sociedade. Isso significa que as denúncias veiculadas pela mídia sobre o comportamento observado como desumano e/ou ilícito destas/es Agentes, pode agir reforçando ainda mais as representações sociais estigmatizadoras, apontando que a contaminação finalmente aconteceu arrastando as/os Agentes para o mesmo "fosso impuro" em que foram jogados aqueles que ousaram desafiar as interdições da sociedade.

⁴ **Zafaroni (1991) aponta para a relação entre a transformação identitária nas instituições totais e o comportamento violento das/os trabalhadores da segurança pública nos países latino americanos.**

⁵ **Berger (1992) aponta que na avaliação da classe média norte-americana a sociedade pode ser dividida em duas partes: a respeitável e a não respeitável. A sociedade respeitável diz respeito a América oficial; a não respeitável, a essa outra América, traduzida pelos discriminados e/ou excluídos e seus espaços sociais.**

É possível então refletir que as relações e interações sociais nos presídios e Penitenciárias acontecem entre dois grupos socialmente estigmatizados: Agentes e internas/os; embora estes permaneçam diferenciados do ponto de vista das hierarquias e dos poderes presentes nas organizações Prisionais. Goffman (1982:13)⁶ indica que o termo estigma é usado com referencia a um atributo profundamente depreciativo, sendo necessário situá-lo no marco de relações sociais específicas, pois um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. De fato, do ponto de vista das/os internas/os, a identidade de “guarda de presídio” é depreciativa, visão que pode também estar presente em uma parte da sociedade, e vice-versa. Para as/os Agentes, e em geral para a sociedade, a identidade de detenta/o é desvalorizada, sendo alvo de preconceito.

Preocupados com a compreensão da situação geral dos presídios e Penitenciárias, e mais especificamente, com a natureza das relações e interações sociais nessas instituições, uma parte não desprezível das pesquisas e publicações atuais na área dos estudos dedicados aos Sistemas Penitenciários, no âmbito nacional e internacional, vêm dando prioridade à realidade das/os internas/os e às condições precárias do encarceramento⁷.

Observa-se, no entanto, um déficit de pesquisas que abordam a realidade Prisional do ponto de vista das experiências e vivências das/os Agentes Prisionais/ Penitenciárias/os. Essa ausência pode estar indicando que as/os Agentes, consideradas/os como parte constitutiva da Instituição Penitenciária, isto é, como voz oficial da situação do encarceramento, são observadas/os com certo desinteresse pelas/os estudiosas/os. Considerando essa lacuna foi que se propôs a pesquisa

⁶ Goffman (1982) aborda o problema do preconceito e da discriminação indicando a dinâmica do estigma, definido como uma marca, um rótulo que se coloca em pessoas com certos atributos que se incluem em determinadas classes ou categorias diversas, porém comuns na perspectiva de desqualificação social.

⁷ **Ver, por exemplo, a coletânea de textos publicados em Discursos Seduciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia. Rio de Janeiro: Editora Revan, ano 8 número 13, 2003.**

intitulada *Perfis Profissionais dos Agentes Penitenciários de Brasília - DF e de Goiás*, cujos resultados relata-se a seguir.

A presente pesquisa está inserida no conjunto de projetos aprovados pelo edital de pesquisa aberto pela SENASP/ANPOCS em janeiro de 2005 para que no período de seis meses (de junho a novembro de 2005), se realizassem pesquisas sobre as diversas questões pertinentes à área de segurança pública no Brasil. Este nos possibilitou participar na linha de pesquisa: **Construção das Carreiras e das Trajetórias Profissionais dos Operadores da Justiça Criminal e Segurança Pública**. Apresentamos o projeto: **Perfis Profissionais dos Agentes Penitenciários do Distrito Federal e do Estado de Goiás**. A proponente foi a Universidade de Brasília – UnB, cujas responsáveis técnicas pela coordenação da proposta são: Profa. Dra. Lourdes Bandeira (Dpto. de Sociologia – ICS/UnB) e Profa. Dra. Analia Soria Batista (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher – NEPEM/UnB)

Durante a pesquisa foram realizadas oitenta e cinco entrevistas com Agentes Penitenciárias/os / Prisionais no Distrito Federal e em Goiás, nove entrevistas com diretores e autoridades da área de segurança pública, nove entrevistas com Agentes que organizaram visitas guiadas às instalações das unidades Prisionais pesquisadas, vinte e quatro entrevistas com setenta e dois familiares de detentos e dezenove grupos focais com oitenta e cinco internas/os de distintos complexos Prisionais.

No que concerne à elaboração deste relatório, sua redação ocorreu a partir dos tópicos relevantes elaborados conjuntamente com a equipe e refletidos pelas/os pesquisadoras/es, os quais foram pensados em relação às particularidades das instituições Prisionais do Distrito Federal e de Goiás, no sentido de produzir e/ou de destacar os elementos de comparabilidade. No texto, foram utilizados trechos das entrevistas procurando estabelecer um diálogo entre alguns discursos produzidos pelas/os Agentes Penitenciárias/os acrescidos por nossas observações e análises sobre o fenômeno. Por este ponto de vista, os diagnósticos e conclusões aqui presentes são fruto de uma interlocução entre as pesquisadoras/es e as/os Agentes Penitenciárias/os / Prisionais. Ainda que as colocações desse relatório sejam de inteira responsabilidade das autoras, buscou-se dar voz as/aos AGENTES no máximo

possível, em uma perspectiva de dialogar com os discursos nativos no decorrer do texto.

Deve-se destacar a boa vontade dos diretores, autoridades da área de segurança, Agentes Penitenciárias/os / Prisionais, familiares e detentas/os em cooperar com a pesquisa. Em especial gostaríamos de destacar a cooperação das/os principais atores dessa pesquisa, ou seja, as/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e as/os Agentes Prisionais de Goiás. Vale dizer que os/as Agentes que concordaram em realizar esta pesquisa, responderam longamente às nossas questões e suportaram a nossa presença durante os longos períodos de observações em relação às rotinas cotidianas de seu trabalho. O anonimato prometido nos impede de agradecer nominalmente àqueles e àquelas que participaram como parte integrante deste trabalho, assim como aos membros das administrações que permitiram nosso acesso dependências internas dos presídios. Mesmo assim, a todas/os registramos nossa gratidão.

CAPITULO 1

1. A carreira da/o Agente Penitenciária/o / Prisional no Distrito Federal e Goiás.

As/Os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal são admitidos na profissão mediante concurso público, e pertencem à Polícia Civil, que administra o complexo Penitenciário. O salário foi um fator de peso na escolha, já que alguns entrevistados disseram que, a princípio, a profissão de Agente não era vista com entusiasmo. Apesar de muitas/os Agentes Penitenciárias/os terem parentes próximos na polícia ou nas forças armadas, poucos dentre deles disseram haver alguma influência destes na escolha de sua profissão.

Apesar do salário para Agente em Goiás ser menor quando comparado ao Distrito Federal, também influi consideravelmente na procura da profissão. A diferença salarial soma-se à jornada de trabalho. Como nos Presídios de Goiás as visitas dos familiares se realizam nos finais de semana e nos feriados nacionais, os/as Agentes também trabalham nos feriados, no entanto não recebem nenhuma gratificação por isso. No Distrito Federal as visitas ocorrem em dias de semana determinados (especificamente quarta e quinta), logo muitas/os Agentes não trabalham nos finais de semana. Antigamente as visitas no Distrito Federal também eram feitas nos finais de semana. No entanto, as/os Agentes, por meio do sindicato, pressionaram pela mudança dos dias de visita. Agora as visitas dos familiares são feitas em dias de semana determinados, influenciando consideravelmente no comportamento das/os presas/os, que passaram a conviver menos tempo com seus entes.

Em Goiás existem dois tipos de Agentes Prisional: os que ingressam mediante concurso público, entre os quais muitos possuem formação universitária, e

os que ingressam mediante indicação de autoridades, que são denominados “comissionados”. Estes são mais antigos, logo possuem mais experiência, um fator de suma importância na carreira de um Agente. No entanto, possuem baixo nível de escolaridade se comparados as/aos Agentes concursadas/os. As/Os Agentes comissionadas/os também não possuem estabilidade profissional, pois são passíveis de serem demitidos tão logo acabe seu contrato.

As/Os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal possuem dois regimes de trabalho, o regime de plantão e o regime de expediente. Os que estão no plantão trabalham 24 (vinte e quatro) horas, seguidos de 3 (três) dias de folga. As/Os que estão no expediente trabalham 8 (oito) horas diárias. Além disso os plantonistas possuem muito mais contato com as/os presas/os, se comparados as/aos Agentes do expediente. Estes geralmente executam trabalhos burocráticos. Apesar de haver Agentes mulheres no plantão e Agentes homens no expediente, há uma tendência da direção do presídio a escalar as Agentes para o expediente, e os Agentes para o plantão. Segundo as/os entrevistadas/os, isso ocorre por motivos de segurança. Logo as mulheres são preferencialmente designadas em lugares como a portaria do presídio, área administrativa, etc.

Após a aprovação em concurso público no Distrito Federal, a/o candidata/o realiza um curso de formação na Academia de Polícia, como policial com especialização em segurança penitenciária. De acordo com a Academia de Polícia, o Agente Penitenciário tem as seguintes atribuições: “Vigiar os detentos e reclusos, observando e fiscalizando o seu comportamento para prevenir quaisquer alterações da ordem interna e impedir eventuais fugas. Efetuar rondas periódicas de acordo com as escalas preestabelecidas. Conduzir e escoltar detentos e reclusos quando encaminhados à Justiça, Instituto Médico Legal, Hospitais, Delegacias e outros estabelecimentos. Proceder à contagem dos Internos em suas celas. Executar outras tarefas correlatas”.

Entre as disciplinas ministradas no curso de formação de Agente Policial no Distrito Federal destacam-se defesa pessoal, aulas sobre drogas, tiro com arma de fogo, direitos humanos, direção defensiva, entre outros. As/Os Agentes

Penitenciárias/os são instruídos a tratar os presos com urbanidade e respeito, evitando ao máximo qualquer tipo de envolvimento emocional. Porém as/os Agentes Penitenciárias/os que estão no plantão possuem maior contato com as/os presas/os e estão mais familiarizados com seus problemas e suas angústias. Sua função consiste em impedir que a/o presa/o fuja, provendo-lhe assistência jurídica, hospitalar, etc (segundo manda a Lei de Execução Penal) e, sobretudo, manter a disciplina carcerária. Existe uma grande diferença entre o aprendizado teórico na academia e a atividade prática na Penitenciária, de forma que as/os Agentes aprendem os detalhes do trabalho no dia a dia, observando as ações dos mais experientes.

O curso de formação para Agente Prisional, de acordo com as/os entrevistadas/os em Goiás foi muito curto, além de contribuir muito pouco para as atividades práticas. Além disso, poucos professores mantinham contato atualizado com o Sistema Prisional, de maneira que não acompanhavam as mudanças inerentes a esse tipo de instituição. Esse fenômeno foi citado pelos Agentes tanto do Distrito Federal como de Goiás. Logo, o trabalho prático é aprendido mediante a observação do trabalho das/os colegas de profissão mais antigas/os, dos conselhos e orientações destes. A confiança também constitui fator importante na realização do trabalho da/o Agente Penitenciária/o pois, comparativamente aos presos, estão em minoria e algumas situações da rotina carcerária, como o trancamento ou a revista de uma cela, podem exigir trabalho em equipe. Por meio desses atos são apreendidos os detalhes da rotina carcerária. Pode-se afirmar que a experiência é um dos mais importantes fatores, ou mesmo o maior fator, de consolidação da carreira de uma/um Agente Penitenciária/o. Esta importância dada à experiência pode ser averiguada na transmissão que ocorre das/os Agentes mais velhas/os para as/os mais novas/os.

O curso de formação, na visão de alguns Agentes, poderia melhorar no sentido de atualizar-se para poder acompanhar as transformações que ocorrem no Sistema Penitenciário. Uma das críticas apontadas diz respeito aos professores que, como já foi citado, em alguns casos tiveram um contato esporádico com a cadeia. E a penitenciária, por ser um lugar em que há constante interação entre seres humanos, está sempre em mutação. Portanto sempre há novas situações a serem enfrentadas e os cursos de formação deveriam reciclar-se com o fim de estarem atualizados.

Já para as/os detentas/os entrevistados no Distrito Federal alguns Agentes, por estarem investidos da autoridade característica da profissão, excedem-se, tratando-os com desprezo, dificultando a relação entre presos e policiais. Nesse sentido, segundo elas/es, as/os Agentes deveriam ser instruídos a tratá-los, na medida das condições impostas pelo Sistema Penitenciário, com mais humanidade, e assim tornar menos desgastante o convívio entre presos e policiais. Mas mesmo a cordialidade dispensada as/aos detentas/os, por parte das/os Agentes, não parece ser um fator que gere mudanças nos paradigmas que as/os presas/os possuem internalizados dentro de si. Por ser uma instituição total a cadeia não oferece os meios capazes de reintegrar as/os presas/os ao convívio em sociedade, como o acesso a livros, cultura, lazer, conhecimento, etc. As/Os Agentes são formadas/os com o objetivo de fornecer segurança à cadeia, portanto seu papel como ressocializador tende a ser posto em segundo plano. Logo todas as atividades no interior do presídio, mesmo aquelas nitidamente voltadas para a reintegração da/o presa/o, são constantemente reprimidas. O mais grave neste aspecto é que as/os próprias/os Agentes não acreditam na ressocialização das/os internas/os, salientado pelas precárias condições de funcionamento da instituição.

Tanto no Distrito Federal como em Goiás, as/os Agentes se interessaram pela profissão principalmente por causa do emprego estável e salário. Entretanto, é visível nas entrevistas o quanto o sistema Penitenciário do Distrito Federal e Prisional de Goiás são diferentes. Enquanto em Brasília a/o Agente deve ter curso superior como requisito, a/o Agente goiano tem o ensino médio como requisito de escolaridade. A remuneração do Agente brasiliense vale R\$4.223,73 (quatro mil, duzentos e vinte e três reais e setenta e três centavos), enquanto a remuneração do Agente goiano vale em média R\$950,00 para realizar o mesmo trabalho em mesmo período (40 horas semanais no regime de plantão de 24 horas de trabalho e 72 horas de folga ou expediente de 8 horas diárias). Tal diferença constitui motivo de reclamação e desânimo com a profissão por parte da/o Agente do Estado de Goiás.

O fato de a/o aprovada/o no concurso de Agente Penitenciária/o no Distrito Federal entrar para a Academia de Polícia como policial civil, para depois

especializar-se em segurança penitenciária acaba definindo características mais militares, como a disciplina, a ordem e a segurança, no trabalho do Agente brasileiro, ou seja, enquanto os Agentes Penitenciários brasileiros possuem treinamento policial, os Agentes Prisionais goianos possuem pouco treinamento policial e se reconhecem como funcionários públicos e educadores. Essa diferença de procedimento é observada na duração dos cursos de formação de cada sistema: enquanto os Agentes brasileiros passam de 3 a 6 meses na Academia de Polícia, os Agentes goianos tiveram de 10 a 15 dias de aulas no curso formação.

A entrada para a profissão de Agente Penitenciário acarreta algumas mudanças na vida dos homens e das mulheres. Os familiares mais próximos, sabendo dos riscos inerentes à profissão, inicialmente não concordaram com a idéia de um ente seu se tornar Agente. O trabalho em geral não é comentado dentro de casa. A nítida separação entre o trabalho e a família visa evitar ao máximo a mistura entre os dois ambientes. Isso se torna necessário para evitar desgastes psicológicos característicos da vida intramuros. Além do mais as/os Agentes se tornam mais cautelosos em relação à confiança em outras pessoas. Evitam situações do tipo andar em lugares escuros, desertos, ou com determinadas pessoas, enfim, ficam mais atentos ao que ocorre a sua volta, cuidam mais de sua segurança.

CAPÍTULO 2

2. Base metodológica e contextualização empírica da pesquisa

O edital de pesquisa aberto pela SENASP/ANPOCS em janeiro de 2005 para que no período de seis meses (de junho a novembro de 2005), se realizassem pesquisas sobre as diversas questões pertinentes à área de segurança pública no Brasil, nos possibilitou participar na linha de pesquisa: **Construção das Carreiras e das Trajetórias Profissionais dos Operadores da Justiça Criminal e Segurança Pública**. Apresentamos o projeto: **Perfis Profissionais dos Agentes Penitenciários do Distrito Federal e do Estado de Goiás**. A proponente foi a Universidade de Brasília – UnB, cujas responsáveis técnicas pela coordenação da proposta são: Profa. Dra. Lourdes Bandeira (Dpto. de Sociologia – ICS/UnB) e Profa. Dra. Analia Soria Batista (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher – NEPEM-UnB), além de contar, na equipe, com outra colega – Profa. Dra. Wivian Weller (Dpto. de Teoria e Fundamentos – FE/UnB). Da equipe de pesquisa fazem parte ainda os/as estudantes da UnB, que atuaram como pesquisadores-bolsistas: Ludmila Gaudad, Mara Carine Vilela da Silva, Tatiane Rocha Vieira, Diego Silva Vieira, Clarissa Corrêa de Carvalho, Pedro Leonardo Presotti Corrêa e alguns estudantes que participaram na etapa inicial de preparação da pesquisa de campo e realização das primeiras entrevistas, entre outros: Rodolfo Moraes Reis e Laiza Spagna. A pesquisa foi financiada através do contrato estabelecido entre a SENASP e a UnB.

O trabalho iniciou-se com as demandas institucionais de liberação legal do acesso das/os pesquisadoras/os às dependências das instituições Prisionais no Distrito Federal - **Centro de Internamento e Reeducação**, prisão masculina mais conhecida como PAPUDA, e o **Núcleo de Custódia Feminino de Brasília**, prisão feminina mais conhecida como COMEIA. Em Goiânia junto ao complexo **Penitenciário - Odenir Guimarães de Aparecida de Goiás** e ao presídio feminino **Centro de**

Inserção Social – CIS Consuelo Nasser. Foi encaminhada solicitação, através de ofício, à Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e de Goiás. O período de espera foi de praticamente um mês, sobretudo em relação ao acesso na prisão feminina do DF. O Secretário de Segurança encaminhou ofício à VEC - Vara de Execuções Criminais por meio do Sr. Juiz de Direito Nelson Ferreira Júnior, que autorizou nosso acesso às dependências das instituições Prisionais. Tal demora, certamente, foi ocasionada pelos entraves administrativos e de segurança. Já em Goiânia o acesso foi imediatamente concedido. Talvez essa agilidade em Goiânia, se deva à natureza institucional diversa da gestão estadual sobre os presídios, mais descentralizada e autônoma.

- Observação Etnográfica

Distrito Federal

Na fase inicial da pesquisa foi realizado um intenso processo de observação etnográfica no interior e exterior das dependências Prisionais. Externamente compreendeu a observação das dependências administrativas, desde o acesso à prisão passando pela circulação e movimentação em geral dos/as Agentes Penitenciários. A observação interna foi iniciada no presídio masculino (Papuda) em Brasília. Lá fomos em uma equipe formada por quatro pesquisadoras acompanhada por três/quatro Agentes Penitenciários que nos explicaram o funcionamento, as rotinas, nos levavam às diversas dependências e andares da prisão, assim como nos explicaram, detalhadamente suas rotinas cotidianas de trabalho. Também fizeram nossa segurança.

Permanecemos por quatro horas nas dependências internas da prisão, na qual observamos: a movimentação interna dos Agentes nas várias dependências internas da prisão; os diversos tipos de celas individuais e coletivas, os detentos que circulavam pelos quatro pátios internos, o recolhimento às celas, a distribuição do jantar, a chegada de novos detentos, o funcionamento da escola, da biblioteca e do templo. Na parte externa da prisão, mas dentro do complexo, pudemos observar o

funcionamento das diversas oficinas, dos processos de sociabilidade entre os/as educandos nos pátios. Após a visita às diferentes alas dos presídios, foram observadas as tipificações dos/as detentos/as existentes (com curso superior, ex-policia, aqueles que estão em regime de solitária, etc). Outros espaços e situações fizeram da observação etnográfica e estão detalhados no capítulo intitulado “**Etnografia das entidades Prisionais estudadas**” (capítulo 3).

Em um segundo momento o mesmo procedimento foi realizado no presídio feminino do Distrito Federal e nas instituições Prisionais de Goiânia. A pesquisa teve sua continuidade com a realização de entrevistas junto aos Agentes Penitenciários masculinos e femininos em Brasília e em Goiânia.

Em Brasília, as idas à campo eram realizadas às terças-feiras no CIR – **Centro de Internamento e Reeducação da Prisão Masculina do Distrito Federal (Papuda)** – no qual cerca de 60 Agentes Penitenciários atuam junto a uma população carcerária de aproximadamente 1.500 detentos do sexo masculino. Este foi o único dia da semana disponibilizado para a realização da pesquisa, haja visto que nos outros dias da semana os Agentes Penitenciários estão sobrecarregados com outras atividades (controle das visitas externas às quintas-feiras, escoltas, etc). Foi exigido ainda que os pesquisadores-bolsistas viessem acompanhados pelas professoras. Nesse sentido, as entrevistas no CIR foram realizadas em sua maioria pelas professoras Ana Lia Soria Batista e Lourdes Bandeira, já que a professora Wivian Weller estava impossibilitada de acompanhar o trabalho de pesquisa nesse dia da semana devido às atividades de docência na UnB. Mesmo dispondo de dias e horários restritos para a realização da pesquisa, foram entrevistados vinte e três Agentes do sexo masculino e sete Agentes do sexo feminino que trabalham nessa unidade Prisional. Foram ainda entrevistados alguns responsáveis pelo sistema Prisional no Distrito Federal, a saber: Sandra Marques Gomes (ex-diretor do NCFB), Maria Amélia (ex-diretora do NCFB), Dr. Sérgio (sub-secretário da SENASP) e Júlio César (ex-chefe do Agentes Penitenciários do CIR). Além dos Agentes entrevistamos alguns responsáveis pelo sistema Prisional em Goiás, a saber: Eduardo H. de Souza (gerente de cadastro e de controle da Agência Goiânia do Sistema Prisional), Coronel José Lino de Oliveira (Diretor de Segurança), Sr. Edmundo Dias de Oliveira Filho

(presidente da Agência Goiânia do Sistema Prisional) e o Sr. Jonathas Silva (Secretário de Segurança Pública e de Justiça de Goiás).

O mesmo procedimento foi realizado junto à **Prisão Feminina – Comeia/DF**, na qual nos foi concedido o acesso em dois dias distintos da semana. A unidade Prisional feminina conta atualmente com cerca 42 Agentes Penitenciárias/os no atendimento de aproximadamente 340 detentas. O efetivo de Agentes do sexo masculino nessa unidade gira em torno de 20%, mas optamos por entrevistar somente as Agentes do sexo feminino, totalizando um número de oito entrevistas com aproximadamente duas horas de duração, além dos grupos focais com detentas (cf. adiante).

Estado de Goiás

Em Goiás, o Sistema Prisional de Goiás, administrado pela Agência Prisional do Estado conta atualmente com aproximadamente 7.417 detentos/as. A pesquisa foi realizada no complexo Penitenciário de Aparecida de Goiânia, que com distintas unidades: a Casa de Prisão Provisória (CPP-subdivida em quatro blocos), a Penitenciária Odenir Guimarães (POG, presídio masculino), o Centro de Inserção Consuelo Nasser (presídio feminino), o Núcleo de Custódia (presídio de segurança máxima) e a Colônia Agro-Industrial (regime semi-aberto), como já descrito anteriormente (cf. capítulo 3). O complexo Penitenciário conta com aproximadamente 596 Agentes, sendo 528 homens e 68 mulheres.

Os procedimentos da pesquisa etnográfica foram similares, porém, devido à distância foram realizadas visitas em bloco com um número maior de pesquisadores/as: A permanência era de cinco dias, por duas vezes, para a realização de entrevistas com os Agentes Prisionais de várias unidades da instituição por cinco membros da equipe em cada visita e observação etnográfica das prisões masculina e feminina, regime provisório, regime semi – aberto e segurança máxima e uma última ida a Goiânia foi dedicada à realização de grupos focais com detentos. Tal estratégia resultou bastante positiva e o número de entrevistas realizadas em Goiânia superou o

número alcançado no Distrito Federal: Foram realizadas trinta e sete entrevistas com Agentes Prisionais do sexo masculino e oito entrevistas com Agentes do sexo feminino. Pudemos entrevistar Agentes atuantes em todas as unidades do complexo, além de realizar visitas guiadas a todas as repartições. O quadro a seguir apresenta um resumo da dimensão da pesquisa:

- Número de entrevistas e grupos focais realizados em Brasília e Goiânia

TIPO DE ENTREVISTA	QUANTI- DADE	PESSOAS ENTREVIS- TADAS	NÚMERO DE HORAS (aprox.)
Entrevistas com Agentes Penitenciários no Distrito Federal	31	37	45
Entrevistas com Agentes Prisionais em Goiás	54	54	64
Entrevistas com “Experts” (diretores, psicólogos, outros)	09	09	20 Obs.: Entrevistas não gravadas
Entrevistas etnográficas (descrição de rotinas e das instalações físicas das repartições visitadas)	09	09	09
Entrevistas com familiares de detentos (somente em Brasília)	24	72	08
Grupos Focais com Detentos	19	85	22
TOTAL	138	267	168

- As entrevistas com as/os Agentes do Distrito Federal e de Goiás.

De acordo com Gaskell (2002) a entrevista em profundidade é empregada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, com o objetivo de compreender suas visões de mundo, suas motivações, valores, atitudes, crenças e realidades específicas (p. 65).

Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas com base em um roteiro elaborado pela equipe de pesquisa (cf. anexo). Durante a pesquisa a equipe encontrou-se periodicamente no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher - NEPEM/UnB, com o objetivo de discutir questões relativas aos procedimentos preparativos de coleta e análise dos dados e de acertar detalhes sobre a comparabilidade das entrevistas nas duas unidades da Federação. Além disso, foram realizados encontros entre os membros da equipe para discutir o desenvolvimento da pesquisa como um todo, os avanços e as dificuldades encontradas. Alguns encontros destinaram-se ainda à discussão de textos teóricos e/ou de documentários que foram assistidos pela equipe e analisados conjuntamente.

No decorrer das entrevistas e quando julgado necessário foram acrescentadas algumas perguntas ao roteiro. Na mesma direção, por vezes, a ordem estabelecida das perguntas foi alterada de acordo com os rumos da conversação. Portanto, o roteiro foi tomado com um guia para um diálogo com as/os Agentes Penitenciários/as e não propriamente como um questionário a ser respondido seqüencialmente.

Antes de iniciar as entrevistas garantiu-se às/aos Agentes a omissão de seus nomes e quaisquer informações que pudessem identificá-las/os no relatório final, fato que as/os tranquilizava com relação a possíveis retaliações institucionais. Cumprindo o acordado, *todos os nomes de pessoas presentes neste relatório são fictícios ou foram substituídos por letras do alfabeto, com a ressalva das instituições que são verdadeiras.* Alguns nomes de autoridades são mencionados, pois, em alguns

momentos, foram citados em discursos emitidos em veículos de comunicação públicos como revistas e jornais.

Outro procedimento metodológico adotado durante a pesquisa foi o de esclarecer as/os entrevistadas/os sobre todos os pontos da pesquisa, colocando-nos à disposição para explicar qualquer detalhe adicional sobre o trabalho realizado.

A situação de entrevista é uma relação incomum, na qual duas pessoas que geralmente não se conhecem entre si, conversam por um tempo considerável. Além disso, na entrevista, espera-se que o pesquisador/a faça perguntas e que o/a entrevistada/o responda. Mas essa situação um tanto incomum também pode se tornar menos arbitrária e representar um processo social, um momento de interação entre pesquisadoras/es e Agentes: “Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas” (Gaskell, 2002, p. 73).

- Grupos Focais com dententas/os no Distrito Federal e em Goiás

Os grupos focais são geralmente constituídos por um número de seis a oito pessoas convidadas a debater sobre um determinado assunto com a presença de um moderador. Trata-se de uma técnica bastante antiga, mas que continua sendo utilizada por enfatizar o “aspecto interativo da coleta de dados” e propiciar uma ‘economia de tempo’ através da obtenção de mais de um depoimento ou opinião sobre um determinado assunto de uma única vez. Como procedimento de coleta de dados os grupos focais tem sido muitas vezes utilizados em pesquisas explorativas ou avaliativas ou ainda como uma técnica complementar aos dados obtidos por meio de pesquisas quantitativas, ou seja, de questionários aplicados (cf. Weller, 2005).

A fim de conhecer a visão das/os detentos sobre o trabalho realizado pelos Agentes Penitenciários no Distrito Federal e pelos Agentes Prisionais em Goiás, foram realizados “grupos focais” com educandos das unidades Prisionais Comeia e Papuda em Brasília e das unidades Consuelo Nasser e Odenir Guimarães em Aparecida de Goiânia. Assim como as entrevistas com os familiares dos detentos foram importantes no sentido de conhecer as opiniões dos mesmos sobre o trabalho dos Agentes, também a perspectiva “interna”, ou seja, daqueles que se encontram cumprindo penas por crimes diversos foi fundamental para a pesquisa. Muitos dados carecem ainda de maiores análises e de um tempo maior de reflexão sob forma de futuras publicações e outras formas de divulgação dos resultados da pesquisa.

- As entrevistas com familiares

Durante a pesquisa foram realizadas ainda algumas entrevistas com familiares dos detentos no Distrito Federal com o objetivo de conhecer a visão dos mesmos sobre o trabalho dos Agentes Penitenciários e sobre o processo reeducativo do sistema Prisional (cf. capítulo 8). A observação etnográfica junto ao acampamento dos familiares foi realizada nos meses de abril e maio de 2005, totalizando vinte e quatro entrevistas com setenta e dois familiares de detentos. A seguir reproduziremos um dos relatórios escritos sobre a observação realizada junto aos familiares, com o objetivo de oferecer uma visão sobre o trabalho etnográfico realizado junto aos familiares.

- Relatório da entrevista com familiares dos detentos da Papuda realizado pelos pesquisadores-bolsistas em 13/04/2005

Chegamos no acampamento por volta das cinco horas da tarde. Fomos bem recebidos e logo nos dividimos para fazer as entrevistas com as pessoas do local. No momento da nossa chegada só havia mulheres. Duas visitavam seus namorados e a outra seu irmão. Perguntamos porque elas estavam acampadas ali e elas responderam que os policiais as mandaram para lá. Assim que a entrevista começou a se desenvolver percebemos que para elas os Agentes as tratavam igual aos detentos, já

que tentavam de todas as formas humilhá-las. A comida que elas levam é revista minuciosamente, os alimentos são cortados, enfim, nada passa sem revista. Até livros são proibidos. Os detentos se queixam muito da comida da prisão.

Elas se organizam para as visitas por meio de uma lista. Conforme as pessoas vão chegando assinam essa lista, e assim há um certo controle do pessoal. Quando perguntamos porque só havia mulheres no acampamento elas responderam que as mulheres é que se preocupavam com os detentos, e que as mulheres dali eram muito corajosas de enfrentar essa situação, que os homens não suportariam passar por isso. Para elas se a situação se invertesse e elas estivessem presas, seus namorados e familiares provavelmente iriam abandoná-las.

As visitas íntimas são rigorosamente cronometradas. Se por algum motivo passar do horário estabelecido pelos Agentes elas são impedidas de voltar durante 60 dias. As roupas também têm de ser escolhidas segundo o critério da penitenciária. Nada de roupas decotadas. Uma das entrevistadas reclamou do fato de que o banho era um problema, pois não gostava de visitar seu namorado suja, e a única maneira de tomar banho era no presídio, e os banheiros são uma imundície indescritível. Preservativos são distribuídos, porém não há nenhuma obrigação de usá-los.

Segundo as entrevistadas seus familiares estão aguardando julgamento, e já podiam estar em liberdade condicional, porém os Agentes não fazem nada para tirá-los de lá. De acordo com as informantes as visitas são um fator importante para elevar a auto-estima de seus familiares, e o preso que não recebe visita passa a ser excluído internamente pelos Agentes. Uma das entrevistadas falou que não abandonaria seu irmão, que gostava muito dele e que ele tinha servido o exército e sabia trabalhar com vários ofícios.

O acampamento, por estar à beira de uma estrada, ao relento, sem nenhuma iluminação, não é um local seguro. Elas confessaram que já aconteceram distúrbios no local devido a bebedeiras, e que uma das acampadas já sofreu uma tentativa de estupro. Percebi que eram sempre alvo de gozações machistas pelos homens que

passavam pela estrada. Existe solidariedade entre elas, independente do status social. Todas recebem o mesmo tratamento dado pelos Agentes, sem nenhuma distinção.

Na visão delas o tratamento dado pelos Agentes é o pior possível. Relataram que viam marcas de maus tratos em seus familiares, que eram alvo de humilhações por parte das Agentes, que são mais cruéis que os homens. Na revista para a visita eram obrigadas a tirar a roupa, agachar. Em alguns casos algumas tinham que fazer uma espécie de exame ginecológico para ver se não carregavam drogas dentro do corpo, enfim, toda espécie de humilhação. No entanto elas relataram que um Agente chamado Jesus e outro chamado Maurício eram mais humanos, de forma que faziam o possível para facilitar a visita delas. Durante as visitas não é permitido que os presos olhem para as mulheres de seus companheiros de prisão. Os que não recebem visita de suas companheiras vão para o fundo do pátio e abaixam a cabeça. Segundo as entrevistadas os presos, durante as visitas, respeitam rigidamente a privacidade de seus colegas.

O interno tem direito a receber quatro pessoas por visita. Além de terem de esperar no acampamento, elas também tem de lidar com a ação dos Agentes, que fazem de tudo para que a visita seja a mais breve possível, distribuindo senhas, pedindo número de documentos, etc. Reclamaram muito do dia da visita, que por ser em um dia de semana não era apropriada, pois para quem trabalha fica difícil visitar o parente, e elas que ali estavam não podiam arrumar emprego devido às visitas realizadas no meio da semana. Se queixaram também das condições em que seus parentes viviam, da superlotação, falta de camas, do atendimento médico que chega só quando o interno está no limite do suportável, da falta de trabalho dentro do presídio. O único trabalho desenvolvido era o artesanato, que os detentos mais antigos ensinam aos mais novos. Quando perguntadas se já haviam sofrido algum tipo de assédio por parte dos Agentes responderam negativamente.

Com relação ao deslocamento, quem possuía carro ou tivesse algum parente com carro aparentemente tinha privilégios para deslocar-se, levando em consideração que uma das entrevistadas morava em Águas Lindas e outra em Samambaia. No

entanto uma das entrevistadas falou que nunca foi do acampamento para o presídio a pé, pois pegava carona com seu sogro.

Uma passagem interessante da entrevista ocorreu quando uma das entrevistadas falou que os presos se sentiam muito emocionados na hora da entrevista, e alguns se tornavam até pastores evangélicos dentro da prisão. A entrevistada contou que havia conhecido um pastor que passou nove anos preso, e que por isso ainda acreditava que podia ver seu irmão em liberdade.

CAPÍTULO 3

3. **Etnografia das unidades Prisionais visitadas**

- Introdução

Este presente capítulo propõe-se a muito mais que descrever os aspectos da estrutura espacial das unidades visitadas, mas também investigar de forma mais detalhada quanto possível⁸ como se organizam estes espaços sociais e como estas organizações espaciais contextualizam as ações dos atores sociais ali presentes. Assim busca-se regionalizar a ação dos indivíduos analisando de que maneira estes espaços sociais foram construídos (o que revela crenças, interesses, objetivos, mentalidades dos indivíduos que ali atuam e elementos que nos permitem esclarecer princípios institucionais das estruturas de dominação) e como esta organização espacial influencia na construção da natureza das diversas interações na vida cotidiana de um presídio. Assim como bem argumenta, Anthony Giddens⁹, “(...) as características dos cenários¹⁰ também são usadas, rotineiramente, para constituir o conteúdo significativo da interação” (GIDDENS, 2003, p.139), ou seja, para a

⁸ **Visto que em uma Instituição Prisional há aspectos que não podem ser observados sob pena de comprometer a segurança das/os próprias/os pesquisadoras/es e a segurança do presídio em geral. Portanto diversos espaços não puderam ser visitados. Logo, temos consciência de que vários espaços importantes para a interação não estão contemplados na presente análise.**

⁹ **GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.**

¹⁰ **Refere-se a quaisquer espaços físicos em que ocorram interações.**

constituição dos sentidos (significados das crenças) que orientam as condutas dos atores nas diversas interações.¹¹

2.1 Unidades Penitenciárias visitadas em Brasília-DF:

Centro de Internação e Reeducação (CIR- Papuda- presídio masculino)

Tem-se acesso à Papuda via uma guarita, denominada portão principal, em que normalmente atuam três Agentes Penitenciários, em geral, um Agente homem e duas Agentes mulheres. Os Agentes masculinos, na maioria das visitas que ali realizamos, concentram-se nas funções no portão principal, em vistoriar os veículos que chegam e saem, a abertura do portão e a identificação desses veículos, bem como quem solicitou e autorizou a entrada. Enquanto as Agentes femininas dedicam-se a identificar os visitantes¹² e funcionários que chegam. Todavia, elas também realizam, algumas vezes, a vistoria e o controle da entrada de veículos.

¹¹ **O espaço físico não têm apenas características físicas, mas traz marcas dos elementos subjetivos (individuais) e objetivos (institucionais) que regem as relações sociais que ali ocorrem.**

¹² **O termo visitante na descrição desse procedimento refere-se a pesquisadores, advogados, oficiais de justiça, pessoas que realizam trabalho voluntário ou religioso etc. Não se deve confundi-lo com os visitantes familiares dos internos, para os quais o procedimento de revista e de identificação acontecem segundo outro procedimento e em outra guarita em um dia exclusivo para visita destes, no caso, às quintas- feiras.**

O procedimento para a entrada de visitantes e funcionários é apresentar o documento de identidade (exclusivamente este porque contém a impressão digital). Este documento permanece retido no portão principal, confere-se a fisionomia com a foto do documento; deixam-se chaves e celulares em um guarda-volumes; mulheres têm bolsas vistoriadas. Os Agentes entram em contato via rádio com o funcionário que solicitou ou autorizou a visita. Restringe-se o número de pessoas nessa guarita, os visitantes e funcionários não podem aguardar atendimento ali, apenas no pátio exterior a esse portão, onde há bancos de cimento para aguardar tal atendimento. Isto é para evitar o fluxo de pessoas no portão principal, o que poderia comprometer os procedimentos de identificação e o controle da entrada de visitantes.

Ao ser autorizada a entrada, um Agente espera o visitante no portão principal para escoltá-lo até o local onde é aguardado. Essa guarita do portão principal tem três portas, a primeira de ferro ou chumbo, toda fechada apenas com uma janela tipo “olho mágico”; a segunda é de grades, a qual o próprio visitante abre. Neste compartimento são feitos todos os procedimentos de identificação descritos anteriormente. Após autorizada a entrada, o visitante atravessa o detector de metais e o Agente aciona automaticamente uma porta de ferro ou chumbo, igual à primeira, que só pode ser aberta ou fechada automaticamente por comando do Agente. Isso só ocorre quando a segunda porta, a das grades, está fechada, ou seja, quando o visitante está restrito nesse compartimento em que ocorrem esses procedimentos de identificação, a fim de garantir a segurança.

Na entrada há um bloco térreo: a administração do presídio, e em frente o prédio principal onde se localizam as celas e o setor de ensino. Cumpre-se ressaltar: há exclusivamente uma entrada para o prédio em que estão reclusos os presos, a fim de monopolizar o controle do trânsito de quem entra e sai do local. Esse local é rodeado por grades por todos os lados, em tons brancos. Cerca de dez Agentes estavam localizados nessa entrada. Esta entrada designava-se “*controle*”, segundo nos informou um Agente.

Todos os presos que entravam, saíam, trabalhavam, ou que eram transferidos para outros presídios, todos passavam por ali. Inclusive a lista com *o confere*¹³, realizado duas vezes ao dia, todos os dias. Na descida e na subida para o pátio havia duas celas apenas gradeadas. Eram alojados ali os presos que acabavam de chegar ou que estavam sendo transferidos por algum motivo. Todos os detentos estavam de cócoras, olhando para a parede. Nós pesquisadoras/es nos chocamos ao vê-los daquele jeito, nos olhando sem graça, sob o pedido nada acolhedor das/os Agentes para que não nos olhassem

No *controle*¹⁴, alguns detentos circulavam ali para executar serviços tais como cortar a grama, serviços de limpeza, em síntese serviços de auxílios gerais. Um dos Agentes responsáveis por nossa escolta, descreveu os procedimentos que acontecem no *controle* da seguinte forma:

Aqui está todo o controle mesmo. Aqui faz o controle da administração, faz o controle de saída, do trabalho.(...) O controle é um dos postos, um posto muito importante da Penitenciária. O próprio nome já diz, controle. É ele que controla por exemplo quando toca um alarme dentro da Penitenciária. Tocou lá naquele outro lugar onde estávamos. Ele tem que saber, quando chegar o reforço aqui, ele tem que saber para onde direcionar o reforço. Tocou por exemplo o da guarita interna, tocou no pátio, tocou na cozinha, tocou lá no pavilhão se segurança máxima, no portão principal, no pátio de seguro, né? Todos estes pontos têm alarme. Além de ter esse controle de saída e de entrada, quem chega, quem sai, tudo movimentado. Isso aqui tem dia que é um movimento intenso. Então você tem que controlar o carrinho de massa, você tem que controlar o pincel que entrou, você tem que controlar os trinta presos que saíram. Tem que controlar vocês que entraram, tem que controlar as chaves, eles têm que ter o controle das chaves. Ele tem que controlar as chaves, os avisos, as emergências, as viaturas, então é um posto muito sobrecarregado. (...) tem que fazer toda a revista dos presos que saem e entram. Todos os presos que movimentam, eles têm que fazer a revista. O controle de advogados, o controle de pessoas que vêm abastecer a cantina, o controle das pessoas que vêm visitar a Penitenciária. Então de forma que ele é um posto que ele é assim... controle dos equipamentos de segurança, vai informar onde que aconteceu o problema.

¹³ **Lista de presença dos detentos que encontram-se nas celas. Após retornarem do banho de sol, os Agentes realizam uma chamada oral para verificar quais detentos estão presentes e se todos retornaram devidamente às suas celas.**

¹⁴ **A entrada principal denomina-se *controle*.**

Nota-se a monopolização do controle do fluxo de transeuntes dentro do presídio, a mobilidade é estritamente controlada em seus detalhes. A disciplina tem sua sutileza e é reforçada por essa tecnologia do detalhe (FOUCAULT: 2003).

A quantidade de grades nos corredores é grande, para evitar ao máximo o contato direto com os detentos. Durante o deslocamento dos internos, inclusive na hora do recolhimento, há um sistema em que a/o Agente à distância controla a abertura da grade que permite acesso do preso ao corredor para as celas.

O contato direto das/os Agentes dá-se quase que exclusivamente com os classificados (exceto nas escoltas). Um exemplo disso são os detentos responsáveis pela distribuição das marmitas, pois estes circula no mesmo espaço gradeado onde transitam as/os Agentes. Também no setor de ensino, os detentos circulam com certa liberdade e tem contato mais próximo com as/os Agentes. É interessante destacar que o contato, ainda que este seja também distante entre Agentes e detentos acontece, majoritariamente, senão exclusivamente com os designados como classificados. A natureza desse contato diferencia-se calcado na crença do status que tem o classificado dentro do Sistema Prisional.

É importante ressaltar que às/aos Agentes que atuam nos pátios e nas celas é proibido portarem armas de fogo, estas/es utilizam somente porrete. Quando necessitam de apoio armado informam pelo rádio. Em cada bloco há um Chefe de Pátio responsável pela segurança e organização da área, possui um rádio para se comunicar com outros setores, são eles que recebem os pedidos dos detentos. O chefe de pátio é o elo de comunicação do interno com a Instituição Prisional. Conforme descreve um dos Agentes entrevistados:

Cada pátio desse tem um Agente que ele é encarregado de manter uma assistência no pátio, ou seja, o real problema do interno, o jurídico, o problema social, o problema de médico, a manutenção do pátio, então ele cuida (...). Então cada pátio desse tem um responsável para dar essa assistência. Além das equipes de plantão que fazem o manejo, descem com o interno pro sol, recolhe, a noite, né? Eles que toma conta de tudo, tá? Então nosso trabalho tem essas duas distribuições.

No total existem quatro blocos de três andares, cada um com um pátio no térreo para o banho de sol. Há quatro pátios internos para cada bloco e um pátio para a ala de segurança máxima. Sobre as atividades que acontecem nos pátios:

Cada pátio desses aqui tem um posto de serviço, onde ficam dois colegas. Tem dia onde fica dois, tem dia onde fica três. Esse aqui é um pátio. Normalmente o pessoal tem as atividades da bola, da igreja, alguns cuidam da limpeza, da cantina, e alguns outros estudam. Mas a grande maioria fica aí.

São ao todo 24 alas, onde ficam as celas, distribuídas nos andares dos quatro blocos. O tamanho das celas e o dos pátios são diferentes. Para se chegar às alas é preciso subir rampas cercadas por grades. As celas são de dois tamanhos e estruturas. Os tipos de celas diferenciam-se nas alas que são tidas como as “melhores” ou “piores”, o que é entendido em termos de disciplina: as mais disciplinadas e as menos. Nota-se que as primeiras são mais limpas, iluminadas e arejadas, ao contrário das demais. A Administração distribui os detentos nas alas de acordo com o comportamento. Assim, formam-se alas tidas como mais “tranqüilas” e outras, “problemáticas”. As mais disciplinadas têm prioridade no recebimento de benefícios, como trabalhar, ser pastinha (representante da ala que se comunica com o Chefe de Pátio), etc.

Durante esta etnografia, as/os Agentes nos protegiam o tempo todo. Não nos deixavam virar de costas para eles. Um dos Agentes virou de costas para outro sem perceber e foi exortado por outro Agente que imediatamente o virou, mostrando que tinha um detento por trás dele. Primeira regra que aprendemos: nunca se vira de costas para um detento, ou seja, a vigilância é constante e qualquer gesto aparentemente simples, inofensivo, de desatenção pode por em risco toda a estrutura de segurança de um presídio.

Sentimos um clima pesado quando entramos no local onde estavam as celas. As paredes eram um pouco sujas, um dos Agentes nos alertou para que não encostássemos nas paredes para não nos sujarmos. Fomos ao primeiro pátio. Ao todo são cinco. Estava na hora de os detentos estarem no pátio, por isso ele estava lotado. Parecia um filme. Eram todos jovens, pardos, alguns negros, poucos brancos ou velhos. Todos de branco, com bermudas azuis ou cinzas. Sempre cores neutras. E

nada de preto. Preto é a cor das/os Agentes. Alguns jogavam bola, outros fumavam, outros rezavam, outros se exercitavam nas barras. Nós pesquisadoras nos sentimos incomodadas, pois nos sentíamos como se estivéssemos em um zoológico, olhando espécies pela frestas das grades. Os detentos nos encaravam de volta. Alguns nem perceberam nossa presença, mas a maioria parou para nos olhar. Doía.

O complexo penitenciário é pavimentado em três andares, dividido em cinco alas, são vinte e quatro corredores de celas, o pavilhão. Para se deslocar entre dois pavimentos, há uma única via: rampas totalmente gradeadas, as pessoas ficam comprimidas uma do lado da outra. O trânsito nessas rampas é dificultado devido estas serem estreitas e cercadas por grades.

Os detentos descem para o banho de sol depois do café da manhã, por volta das 8h. Sai uma ala de cada vez. Durante o banho de sol as atividades dos detentos restringem-se a: jogo de futebol, exercícios físicos, conversas ou atividades religiosas (nos pavilhões não há um local exclusivo para essas práticas).

No local onde ficam as celas há um corredor que dá acesso a todas as celas de uma ala e há uma parede com vários pequenos buracos para ventilação. As celas são de diferentes tamanhos em cada ala, assim podem comportar de duas a cinco pessoas, dependendo do espaço. Podem conter cama ou beliche, quando não há cama suficiente para todos, dormem em colchões no chão. As portas são de cor azul, duras e pesadas, mas não à prova de balas, são trancadas com cadeados por fora. Dentro das celas os detentos podem decorá-las com objetos, fotos, escritos na parede, tabuadas, desenhos, etc. São eles próprios os responsáveis pela limpeza. Em geral os banheiros são precários, as privadas ficam no chão e nos chuveiros existem em improvisos.

O recolhimento para as celas começa com a batida de um cadeado na grade para chamar a atenção dos detentos. Explicam que é utilizado esse mecanismo porque o som de uma sirene poderia confundir-se com a sirene de alerta em caso de rebelião. É uma batida forte e alta. No mesmo instante os detentos se sentam, de costas para a saída do pátio, em filas, conforme a ala que ocupam. É neste momento que o Chefe de Pátio pode dar os recados que houver. Os detentos ficam de costa e sentados para

não acompanharem a subida dos demais e a tarefa rotineira dos Agentes, por uma questão de segurança. Segundo os entrevistados, esse procedimento é utilizado a fim de prevenir que os internos vejam quando se realiza uma revista corporal em outros detentos ao retornarem para as celas. Explicam também que isso se deve ao fato de os Agentes sentirem-se observados pelos detentos. A rotina e os esquemas de segurança são muito visados, quando a rotina é modificada os detentos percebem, mas não sabem como está sendo executada já que estão de costas.

Depois que todos sobem e entram nas respectivas celas um detento por cela a fecha, batendo o portão da cela. As portas depois de batidas não abrem mais. O barulho das grades batendo é ensurdecedor. Um Agente tranca a cela com cadeado por fora, enquanto isso, outro Agente faz a chamada dos detentos por cela (designa-se esse procedimento como *o confere*, são chamados todos os nomes e conferido se todos os detentos estão em suas respectivas celas). Neste momento, no contato com os Agentes, alguns internos aproveitam para fazer solicitações, “cobram” respostas de pedidos anteriores ou fazem perguntas aos Agentes.

Essa rotina é repetida diariamente, por vezes fazem-se pequenas mudanças para surpreenderem os detentos e não permitir que os Agentes acostumem e se tornem desatentos quanto à rotina. Recorrentemente eles utilizam a seguinte expressão: “é para não deixar a rotina nos engolir”. Nota-se que a rotina e a disciplina são preocupações constantes no Presídio. Um dos Agentes entrevistados declara sobre evitar que a rotina ameace à segurança:

R: Se vocês observarem os cadeados são colocados cela por cela todos os dias. Então ele se torna um trabalho muito repetitivo, rotineiro, na mesma coisa. Mas aí você tem que ter muita cautela, para não acostumar com o ele. Aqui você não pode deixar dúvidas.

E: Como não pode acostumar com ele?

R: Não pode acostumar com ele e pensar, não, hoje não vai acontecer nada. Aí a gente já fez isso ontem, já fiz no plantão passado. Não existe. Todo dia tem que ter as mesmas cautelas, os mesmo procedimentos e sempre que possível, você tem que inovar no procedimento. Por exemplo, hoje nos começamos recolhendo por este pátio. Tem dia que a gente começa recolhendo por outros. Isso é norma de segurança, tá bom?

A visita íntima acontece no parlatório (como é chamado o local em Brasília, já que em Goiás, parlatório significa o local destinado à conversa do interno e do advogado. São 18 quartos, lado a lado. Qualquer mulher pode ser cadastrada como visitante de um preso, exige-se somente que ela esteja incluída no cadastro de seu parente (permitem-se quatro visitantes, apenas um como visita íntima, o cadastro pode ser renovado de seis em seis meses em média). O uso do parlatório é apenas para relações heterossexuais, o preso é proibido de cadastrar um homem como visita íntima. Semelhantemente acontece na Penitenciária Feminina no que concerne ao cadastro de pessoas de mesmo sexo, embora seja explícito que são comuns práticas homossexuais no Presídio, os direitos a cadastrar um parceiro do mesmo sexo é vetado. Entretanto, o cadastramento de quem tem direito ao uso do parlatório é distinto no presídio masculino quando comparado ao feminino. Na Papuda, o único documento exigido para a visitante ser cadastrada é a apresentação da identidade (RG). Muitas/os Agentes relatam que há também entrada de prostitutas. Já no caso da Colmeia, é necessário a comprovação de vínculo estável com o parceiro. Ou seja, precisa ser casado e caso não seja, que a relação de amásio ocorra há muito tempo e tenha filhos ou testemunhas que a comprovem. Um Agente descreve o procedimento para a concessão da visita íntima ao preso:

R: Cada um cadastra quatro pessoas, pode ser mãe, amigo, esposa, filhos... E direito a cadastrar apenas um ao encontro íntimo. Ele não pode ter direito a cadastrar a esposa e a namorada, né? Só pode ter uma pessoa. Essa pessoa a gente confirma relacionamento. Não precisa ser documental, basta que seja de maior, que esteja realmente visitando aquela pessoa, aí a gente faz um cadastro, libera o uso do parlatório e sai uma lista prévia. No dia da visita ele vai se apresentar para você no posto e vai dizer "gente, eu quero usar o parlatório". Qual o seu nome, aí ele vai falar, aí vai apresentar a identidade da companheira. Aí nos vamos nesta lista e vamos verificar se aquela pessoa está autorizada a utilizar o parlatório.

E: Então o próprio detento ele é que fala que no dia da visita vai utilizar o parlatório?

R: É. Porque existe uma lista, vamos dizer que dos 300 presos do Pátio, 180 tenham pessoas cadastradas no parlatório. Mas ele só usa se quiser. Não tem obrigatoriedade, né? É facultativo para ele. Então ele se apresenta. Se naquele dia ele brigar com a mulher e tal, não é? Ninguém pode intervir nisso. Tem em média 40 minutos para usar o parlatório.

E: Tem um local onde eles se vêem antes? O casal para depois entrar ou...

R: Na realidade o seguinte, a visita, onde você viu o pátio, a visita tem acesso ao pátio. Então ela fica com os presos lá no pátio, comum. Então se ele quiser

utilizar o parlatório, o colega abre a portinha, ele passa e vem para cá. Entendeu?

E: Mas não tem uma quantidade de...

R: Tem. Aqui se eu não me engano nós temos só dezoito quartos. Nesse ambiente aqui. Então um colega vai controlando lá quantas pessoas estão. Tem 16 e ainda tem duas vagas, então ele faz esse tipo de controle. Não é aleatoriamente não. Entendeu? A gente controla a quantidade, lotou os 18? Aí vai e espera o pessoal sair para ir mais um ou dois casais, vai depender da quantidade de vagas que abrir, né?

É previamente elaborada uma lista, organizada pelo Chefe de Pátio, com o nome dos detentos que desejam receber visita íntima, cada visita dura até 40 minutos. Ultrapassado o tempo limite, o interno vai para o castigo podendo ter sua visita íntima suspensa pelas próximas vezes. Essa organização estabelecida pela Administração denota a forte institucionalização do controle da sexualidade no CIR.¹⁵

Existe um pavilhão, chamado Seguro, reservado para detentos condenados por estupro ou outro crime repudiado pelos demais detentos, como homicídio de crianças ou de parentes. Detentos que sofreram ameaças ou tem inimigos em outra ala podem solicitar a transferência para o Seguro. Neste caso podem voltar para outra ala após assinar um termo de responsabilidade, afirmando ter cessado às rixas com os colegas. A cela do Seguro é pequena, escura e pouco ventilada, assemelha-se a uma gaiola, possui beliches para aproveitar o espaço, por entre as grades ficam cabos de vassoura para servirem de antena. A duração do banho de sol é reduzida. Segundo um Agente a rotina do pavilhão de Segurança e do Pavilhão Disciplinar¹⁶ consiste em:

E1: (...) Então eles são separados. Mantêm os direitos, mas separam eles do resto, limitando apenas o espaço físico. Então a vida deles se resume apenas a esse pavilhão, esse pavilhão a gente retira eles da massa carcerária. Atualmente nós temos cerca de 22, 23. Cada cela tem o seu solário e eles vem aqui nessa área uma vez por semana para receber visita. Estão aí. E daquele outro lado nós temos o pavilhão disciplinar. Fisicamente é a mesma coisa do pavilhão de Segurança, mas lá o interno ao ser colocado é feito um registro no livro ou e é feito um relatório ou uma ocorrência. Aí ele é colocado lá pelo prazo de dez dias preventivo, aí tem um conselho disciplinar que a que ele se submete, que avalia aquela situação, aí é levado ao Diretor, que se depende de

¹⁵ **Sobre a distribuição de preservativos para os detentos não há registro.**

¹⁶ **Não nos foi possível o acesso à observação das solitárias (celas de castigo).**

ele dar um salvo preventivo para retirar, que ele normalmente não dá, aí ele é retirado e levado ao convívio e continua o inquérito com o direito de defesa do preso. Se ele for apenado retorna, se ele manter o salvo preventivo. Mas aí ele tendo uma falta grave ele perde remissão, ele pode perder classificação, perde os favores gradativos, por exemplo, muda de um pátio para outro. Com essa punição ele perde uma série de coisas aqui dentro da penitenciária, além do comportamento retroagir. Agora fisicamente. (...) a rotina deles mais é recolhido em cela por causa da segurança deles. de um bom tempo para cá, para não ficar essa monotonia de ficar só na cela, a direção providenciou um horário para eles poderem estudar.

E2: O horário de estudo do seguro hoje é a tarde. Então pela manhã são as atividades de atendimento médico e essas coisas, né? Então a tarde, a grande maioria que deseja estudar, tá estudando.

O pavilhão disciplinar deveria abrigar apenas um detento por cela, mas as vezes comporta um número maior de detentos. Ao cometer uma infração o detento é encaminhado para tal pavilhão e permanece por até 10 dias, dependendo da gravidade da falta cometida. Ao sair de lá ele é levado para a ala onde ficam os detentos indisciplinados e, posteriormente, pode ser transferido para outra conforme o comportamento muda.

A ala onde ficam os detentos com nível superior de escolaridade abriga também ex-policiais, por questão de segurança. Este ambiente é mais amplo, limpo e claro. As grades também são em número reduzido. As celas são maiores, comportando duas pessoas, os banheiros são grandes e com chuveiro e vaso em melhores condições. Os detentos ficam fora das celas, podendo circular com maior autonomia no pátio. Existe um espaço próprio, um pequeno templo, para o culto nessa ala, equipado com violões e aparelho de som. Um dos detento desta ala é pastor, este converteu-se após estar preso. Foi ele quem organizou este local para a realização de atividades religiosas. Segundo os Agentes é a ala mais calma do Presídio, não há brigas ou desacato. É explícito o tratamento diferenciado recebido por estes internos, tanto em questão de espaço, condições, inclusive a relação deles com os Agentes. Por serem “ex-colegas” os Agentes não vêem perigo nestes detentos, talvez haja certa identificação, compreensão ou compaixão com os “ex-companheiros”. Isso fica explícito no depoimento a seguir de um dos Agentes:

Ali ficam todos as pessoas que são ex-policiais. Ali também ficam o pessoal que tem curso superior, mas não é policial. Nós temos ali alguns de curso

superior. Então ela é uma ala que realmente não dá problema. Ela é uma ala que dificilmente dá problema. Mas por outro lado ela é uma ala com pessoas mais inteligentes, mais esclarecidas... Tem que tomar outros tipos de cautela, ali não teria que ser por exemplo um cuidado na base da força, mas ali um cuidado mais com base na inteligência, né? Como eu ia dizer assim... É uma ala que o pessoal procura trabalhar. Se você olhar ali, alguns trabalham no colégio e alguns trabalham em outros setores. Eles realmente não dão problema.

Os Agentes não atribuem mesma conotação de perigo nesse tipo de detento, até o cuidado com nós pesquisadores foi diferente, ficaram mais relaxados em nos escutar, menos tensos. O olhar desses detentos também é diferente, ficaram menos curiosos com nossa presença. Parece-nos haver significativamente identidade de classe, de corporação entre os Agentes e os “ex-companheiros” policiais.

Os tipos de celas coincidem com os as alas que são tidas como as “melhores” ou “piores”. É porque a alocação dos detentos nas celas e nos pavilhões é feita conforme o comportamento destes, então os que têm melhor comportamento ficam nas melhores celas, isto implica um círculo vicioso, haja vista que existe a tendência de se reproduzir um comportamento melhor ou pior de que acordo com os companheiros de alas e de celas com quem os detentos compartilham um conjunto de significados comuns. Logo, os presos mais rebeldes ficam nos pavilhões onde se localizam as piores celas e com outros presos que também são rebeldes, apenas os valores da rebeldia serão socializados nesse ambiente. Assim, temos divididos os pavilhões que são “tranqüilos” e os pavilhões que são “problema”.

Os evangélicos se aglomeram nos pavilhões tranqüilos e acabam por se fortalecer, constróem uma rede de solidariedade entre si. As alas dos evangélicos mantêm uma imagem positiva junto aos Agentes, o que facilita-lhes conseguir benefícios.

As celas dos pavilhões tidos como “problema” pelos Agentes, são as mais sujas. Possuem um vaso sanitário do tipo dentro do chão, que você tem que ficar de cócoras. São pintadas em tom de azul e bege. É tudo muito sujo, o cheiro é

desagradável. As paredes são todas rabiscadas. As coisas escritas em geral referem-se à vida triste de um preso. Há ainda pôsteres de mulheres nuas ou de atrizes famosas. Há apenas uma cama e um colchão que fica no chão. O espaço cabe somente dois colchões. No entanto, na lista do *confere*, informa que neste tipo de cela há até três detentos.

Já em outro tipo de cela, a coletiva, o banheiro tem vaso sanitário comum. Havia um volume grande de materiais recicláveis no interior destas celas, inclusive embalagens das marmitas, pois ali estavam os internos responsáveis pelo artesanato. Estas mesmas embalagens são utilizadas por outros detentos para fabricar armas. Tinham objetos de artesanato feitos pelos próprios detentos com madeira, como miniaturas de barcos e aviões. A sujeira na ala de celas coletivas permanece. Nós entrevistadoras começamos a tossir e a espirrar quando entramos na cela e um Agente brincou:

Eu vivia gripado e com alergia antes de vir trabalhar aqui, depois, isso tudo some, agora não tenho mais nada, já me acostumei com a poeira.

As celas classificadas como as piores ou problemáticas são as mais comuns. Há espaço suficiente apenas para abrigar dois internos. São precárias as condições dessas celas no que se refere à organização e à limpeza. Ademais a infra-estrutura física está explicitamente deteriorada. Os Agentes disseram que isso é culpa dos próprios detentos, porque a manutenção (pintura, massa) é feita com a mesma periodicidade em todas as celas. Todavia as melhores celas têm um tipo de material diferenciado no chão, que as deixa com aparência melhor. São chãos vermelhos, de cera.

Em contraste, na ala dos ex-policiais e outros internos com nível superior (no total são cinquenta e seis) a organização, a higiene e a infra-estrutura das celas apresentam condições superiores. Na realidade, estas, mais se assemelham a quartos de pequenos e simples hotéis, possuem televisões e várias estantes de livros. O chão é de cera vermelha. Nos chamou a atenção o fato dos detentos circularem livremente através do corredor.

Durante nossa visita aconteceram dois episódios que para nós pesquisadoras excitou nossa curiosidade e que para os Agentes Penitenciários, com certeza, não passam de condutas rotineiras extremamente familiares. No momento do recolhimento dos internos para o retorno às celas, um Agente define a ordem dos pavilhões que serão recolhidos de acordo com letras do alfabeto escolhidas aleatoriamente. A fila dos detentos convocada se levanta passa pelo gradeado, recebe a marmita do jantar e sobe as rampas até chegar ao terceiro pavimento.

Neste dia, os primeiros chamados foram os detentos da Ala “K”, subiram fazendo barulho, não identificamos sobre o que falavam. Os Agentes Penitenciários pediram insistentemente silêncio, mas não foram atendidos. Os Agentes constrangeram-se porque este episódio aconteceu diante de nós pesquisadoras, para os quais os Agentes sempre tentam construir uma imagem de autoridade e respeito firmes, sempre reconhecidas em quaisquer circunstâncias diante dos internos.

Para nós, ficou evidente o quanto um pequeno gesto de indiferença à autoridade pode fragilizar a confiança do Agente na legitimidade de sua autoridade, ainda que a fragilize momentaneamente; entretanto, conforme a crença constante no imaginário dos Agentes entrevistados, “uma cadeia pode virar em questão de segundos”.

A fim de reconstituir rapidamente a imagem de autoridade, os Agentes, em razão de esse comportamento indisciplinar dos detentos da ala “K”, disseram que no dia seguinte estes não iriam descer para o banho de sol, punição por desconsiderarem a ordem dos Agentes e um meio de reforçarem, primeiro para si mesmos (de renovarem para si as crenças sustentadoras de sua auto-imagem) e depois às visitantes o poder e a autoridade que detêm e o que pode ser feito quando esta imagem é ameaçada.

Observando por uma janela vimos em outro pátio um detento andando em cima do telhado, ao qual os Agentes chamam de “rodoviária”, este tentava pegar algum objeto no telhado. Imediatamente o Agente falou: “esse vai para a disciplina”. Os Agentes o identificaram, passaram tal informação pelo rádio e nos disseram que

são comuns os presos arremessarem drogas, estoques¹⁷, recados, etc. de um pátio a outro. Para lançarem esses objetos, os detentos colocam-nos dentro de sabão ou utilizam estilingue com preservativos.

No setor de ensino encontram-se as salas de aula e a biblioteca. Em um corredor longo existem quatro salas de aula e no final a biblioteca. As salas não possuem grades, mas sim “como-gomos” de concreto para observá-la por dentro, algumas portas estavam abertas durante as aulas. Não há quaisquer registros de terem acontecido agressões dos detentos aos professores da Fundação Educacional que ali atuam.

A biblioteca é um ambiente organizado e limpo, possui três estantes grandes e algumas mesas de estudo. Os livros não estão organizados por assuntos. Nela trabalham quatro detentos, uniformizados com jaleco azul. Qualquer detento pode pegar livros emprestados, o mais lido é o Código Penal Comentado.

Há cerca de 250 presos freqüentando o setor de ensino. O setor de ensino comporta três níveis educacionais: a alfabetização, o ensino fundamental e o ensino médio. Há pátios que não têm acesso a este setor, segundo o diretor do setor, tenta-se alojar nesse bloco onde fica a escola, os internos que têm interesse em estudar.

Há uma oficina de artes plásticas e da venda com o trabalho feito, os internos podem prover algum benefício financeiro dos objetos que fabricam ali. Há também um auditório, onde acontecem as aulas de teatro; duas salas para as aulas de música, uma delas havia instrumentos: bateria e violão e internos ensaiavam no momento. Os detentos envolvidos com atividades artísticas tem permissão para participarem em eventos culturais externos ao presídio, estes saem sempre escoltados por Agentes.

Ressalta-se que o trabalho pedagógico no CIR tem primado muito pela ressocialização por meio da arte e de atividades culturais. Os detentos que participam de atividades artísticas e artesanais tem sua pena reduzida como os trabalhadores das

¹⁷ ***Estoque é um objeto que se assemelha a uma faca que os detentos fabricam.***

demais oficinas: a cada três dias reduz-se um na pena. Já os internos que apenas freqüentam à escola, o fazem durante meio expediente: manhã ou tarde, a cada seis dias de freqüência às aulas, a sua pena reduz em um dia.

No início do mês de outubro de 2005, o setor de ensino preparava-se para inaugurar um laboratório de informática com cerca de 20 computadores. Além de aulas de informática, os internos poderão ter acesso à Internet, mas apenas para pesquisa educacional, enfatizou o diretor do ensino. O principal objetivo do laboratório de informática é a educação à distância, principalmente o ensino superior. Estava-se em vias de negociação um convênio com uma instituição de ensino superior à distância.

O diretor do setor de ensino afirmou com ressentimento, por diversas vezes, que desde que o CIR passou a ter regime semi-aberto o trabalho de ensino tem sido comprometido porque alguns internos saem rapidamente, dificultando um trabalho de ensino a longo prazo.

As oficinas de trabalho ficam na parte externa dos blocos. Há oficina com atividade de padaria, tecelagem, costura, confecção de bolas, mecânica, marcenaria, serigrafia e funilaria, cada uma com seu espaço e materiais exclusivos. Há há um pátio na frente de todas e apenas trabalham detentos classificados¹⁸. O ambiente é menos tenso, a disciplina e a postura das/os Agentes e detentos são diferentes, este parece um local fora do Presídio. Ali todos parecem trabalhadores livres e não presidiários. Daí nota-se que o trabalho é entendido pelos Agentes como fato moral, capaz de modificar, de moralizar o homem, assim oferecer a possibilidade de ressocialização. Os detentos que ali estão têm um tratamento totalmente diferente dos outros. Neste local também é menor a quantidade de Agentes.

¹⁸ **Os internos portadores de bom comportamento disciplinar são selecionados de acordo com o número de vagas para terem acesso a benefícios tais como trabalho e estudo.**

As oficinas de costura, por exemplo, trabalham por demanda, fazem uniformes e materiais (como lençóis, toalhas, etc) para hospitais e outros órgãos públicos. A padaria faz o pão que serve de café da manhã para todo o complexo presidiário, inclusive o feminino. Nos ofereceram para comer do pão, ainda quentinho, uma delícia. Nesta parte do presídio os detentos ficam muito livres. Os Agentes nos disseram que têm mais vagas para trabalho, mas que eles não “descem” outros detentos porque não há Agentes suficientes para fiscalizá-los. Já que estes internos utilizam materiais que podem servir como armas (pedaços de madeira, ferro, etc)¹⁹. Nesta ala das oficinas, por exemplo, são cerca de 80 detentos que circulam livremente e que podem portar “armas brancas”. Neste local, atuam apenas três Agentes na vigilância dessas atividades.

No pátio externo havia ferros das cadeiras de escolas públicas e outras prontas, os detentos as concertam. Um dos Agentes nos contou este fato (que os detentos concertavam as cadeiras), com sensação de orgulho por essa atividade.

Sem dúvida, o que mais chamou nossa atenção no setor de oficinas foi o comportamento diferenciado dos Agentes, como já mencionado, estes estavam mais descontraídos, principalmente aqueles que trabalham neste setor. Quando nós chegamos um dos Agentes conversava com os detentos, pela proximidade e certa igualdade com que falavam, tivemos dificuldade em saber quem era o presidiário ali, senão fossem os coletes dos policiais os distinguirem.

O setor das oficinas não parece parte de um presídio, até a reação dos detentos com a nossa chegada foi diferente. Aquele costume de virarem de costas e abaixarem as cabeças foram diferentes, eles se aproximaram de nós pesquisadoras. Estes pareciam, reconheciam-se e eram reconhecidos como trabalhadores e não como presos. Sentimos um clima descontraído neste ambiente.

Ali a questão da ressocialização pareceu-nos ganhar contornos mais nítidos, concretos, ficou-nos a sensação de que ali era concreta a possibilidade da recuperação. Talvez a postura diferente dos Agentes naquele local seja em função disso, ou seja,

¹⁹ **Chamadas de *armas brancas*.**

eles percebem que os detentos que estão trabalhando passam por um processo de socialização totalmente diferenciado dos outros.

Pensando em uma construção dialética da realidade social, podemos afirmar que essa postura diferenciada dos Agentes em relação aos classificados não é apenas somente consequência da crença na possibilidade da ressocialização, mas também este tipo de Agente diferenciado que olha o detento e o trata de outra forma constrói a condição desta possibilidade da ressocialização.

Localizam-se no prédio da administração (à parte dos prédios que estão as celas e os demais setores) todos os serviços burocráticos, administração de recurso humanos, salas dos diretores e dos assessores etc. Neste mesmo prédio, também encontram-se os serviços de atendimento ao interno tais como a enfermaria, o consultório psicológico, o consultório médico e o odontológico, a assistência social e a jurídica.

Acrescenta-se ainda que em relação ao consultório psicológico, a sala em que se realiza os atendimentos, permite que se ouça tudo o que acontece do lado de fora desta sala. A privacidade é violada indiscretamente, mesmo que de maneira não-intencional, por qualquer transeunte que passe pelo corredor. A porta do consultório permanece aberta e um Agente fica constantemente próximo à porta, segurando uma arma. Nota-se que este gesto intimida o detento, impossibilitando que se construa uma relação de confiança e privacidade entre detento e psicólogo. Não é possível que uma terapia produza efeitos eficazes nessas condições. Isto além de violar a privacidade do detento, interfere na concentração do psicólogo, haja vista que sempre que este ouve um barulho ou alguém passa, o psicólogo olha para fora da sala. Desconfiamos que estas mesmas dificuldades relativas à privacidade nos demais atendimentos dos internos, acontece de modo semelhante ao mencionado.

Estes especialistas trabalham em sistema de expediente e atendem os presos em ordem de gravidade do problema. Os Agentes responsáveis por cada ala enviam os nomes com os detentos a serem atendidos. Há também um serviço de jurisdição

sobre os atos infracionais administrativos que são feitos dentro do presídio. Há um convênio com a Católica, onde estudantes interpretam os inquéritos e dão seu parecer.

No Presídio os ambientes são muito diversos: alas mais tranquilas, mais problemáticas, as reservadas para detentos com nível superior de escolaridade, o Seguro, as Oficinas, etc. O local das celas e dos presos comuns (o que pode se entender como a maioria) é escuro, sujo, pequeno, desconfortável. A convivência entre esses detentos e os Agentes é ríspida, cautelosa, desconfiada e às vezes indiferente com relação ao ser humano que está por detrás do profissional ou detrás do condenado. Nota-se como se sentem os indivíduos na natureza dessa relação desconfiada e hostil com o Agente. Nota-se:

Detento da Papuda: (...) a maioria dos Agentes carcerários, dos policiais que trabalham aqui, falta assim um, um curso assim de relações humanas entendeu, pra ele saber tratar melhor o preso entendeu, porque independentemente a gente, nós temos consciência que nós erramos entendeu, muitos de nós matamos, assaltamos, fizemos coisas erradas, entendeu, mas se a gente tá aqui pra gente pagar pelos nossos erros e retornar ao convívio social, e alguns, não a maioria, alguns eles não pensam dessa forma, muitas vezes quer te humilhar, quer botar você no castigo às vezes por motivo banal, então às vezes falta educação no modo dele tratar você, às vezes porque jamais aqui alguém vai querer tratar mal um Agente carcerário, mas muitas vezes você vai com educação, e ele [palavra inaudível] ainda vem com uma má educação pra de você, isso torna um pouco hostil a relação polícia x preso, mas no meu modo de ver seria necessário passar um curso de relações humanas entendeu, pra ver se ficaria melhor o convívio preso x policial, mas aqui no CIR é um lugar onde os policiais, os presos são melhor tratados, em vista do PDF e até mesmo do NCB, mas aqui nós somos, assim, na medida do possível nós somos até bem tratados, mas alguns policiais necessitariam de uma melhor educação pra conviver conosco, pra ter um convívio melhor no nosso meio.

Esposa de detento 1: (...) COITADOS DOS CARA, os cara já tão preso, tão pagando pelo o que eles fez. NUM PRECISA DE TANTA HUMILHAÇÃO, eles não são nenhum CACHORRO. Têm muitos que erra, erra e sempre volta lá, mas têm outros que não, que é réu primário, que pede é CHANCE, no dia do júri eles pede a chance pra cuidar da família, que MATA PRA PODER SE DEFENDER pra num morrer no lugar, entendeu, só que eles num quer saber, caiu lá dentro não passa de CACHORRO, não passa de BICHO, entendeu.

E: Como que os Agentes deveriam tratar os detentos lá?

Esposa de detento 2: Eles devia tratar eles com MAIS CAUTELA, com MAIS CALMA, NÃO CUSTAVA NADA, tratar eles como GENTE, ser humano, né. Tudo tem que ser na base do GRITO, na base do PALAVRÃO. PRA QUÊ ISSO? Isso aí REVOLTA ainda mais o preso, entendeu. E às vezes tem preso que

até pega eles como refém no dia das rebelião. Por quê? Por causa dos MAU TRATOS, porque eles só fala ALTERADO. Eles num fala como gente civilizado, num tão falando com CACHORRO, com ANIMAL. PRA QUÊ ISSO? PRA QUÊ ESSA IGNORÂNCIA? PRA QUÊ ESSE XINGAMENTO? Eles têm que ver que ELES TAMBÉM SÃO SER HUMANO, os preso também são, num precisa disso.

E: Você acha que o tratamento que os Agentes dão contribui pra regenerar o detento?

Esposa de detento: Eu acho que não?

E: Por que?

Esposa de detento: Porque eles trata eles lá com ignorância, brutalidade, eles não trata eles como ser humano não, trata eles como animais mesmo. Não vai tratar com carinho, da pra entender, lógico né, que eles também não são florzinha, se tão lá dentro é porque fizeram alguma coisa de errado, mas também não tratar eles como um cachorro, na base da pancada, é muita violência, desce a patada neles lá dentro, bate na cara, bate em qualquer lugar, e ninguém aí dentro é monstro, animal não pra ser tratado que nem cachorro. Que eles discrimina a gente porque somos mulheres e mãe de bandido. Mas quantos filho de policial não tão aí dentro?

Os indivíduos não se sentem reconhecidos pelos Agentes na sua condição de sujeitos portadores de direitos, torna-se explícito o sentimento de não humanidade que detentos e familiares compartilham nessa interação com os Agentes Penitenciários. Vale ressaltar que segundo Wieviorka²⁰, o primeiro passo para estabelecer a possibilidade da violência, é considerar o outro como um não-sujeito, é censurar-lhe a voz, é ignorar que este também possui cidadania, o que o colocaria em patamares iguais de direitos.

A violência é a não-relação com o outro, já que este é objeto numa assimetria discrepante de poder, o outro está dissociado, não está integrado em uma relação de reciprocidade com o Agente. Esta não-relação impossibilita a construção de um canal de comunicação que torne possível expressar demandas de interesses e necessidades tanto dos Agentes, dos familiares dos detentos e dos detentos.

Cumpramos ressaltar que um espaço público em que o diálogo pode se concretizar, os conflitos podem ser mediatizados e os interesses podem ser

²⁰ WIEVIORKA, M. (1997). *O novo paradigma da violência*. *Tempo Social. Rev. de Sociologia da USP*. São Paulo, 9(1): 5-41, maio.

negociados, é um fator preventivo da violência. Com certeza, a consolidação de um espaço público para discussão desses interesses contribui para a ressocialização dos internos e auxilia na construção de uma imagem mais positiva do Agente. Instrumento eficaz na desmistificação de uma imagem hostil e afugentadora do Agente Penitenciário diante dos familiares dos internos, da sociedade em geral e diante dos próprios detentos.

Já a relação entre os detentos que possuem grau superior de escolaridade ou são ex-policiais e os Agentes é das mais respeitadas, com certa intimidade, aparenta certa confiança. Os Agentes afirmam que eles não dão trabalho.

A visita dos familiares é um dos aspectos mais valorizados pelos detentos. A influência que tem a educação, a família e o trabalho para a ressocialização dos detentos são notáveis. O ócio dos presos é prejudicial para a saúde física e mental do condenado e compromete também o trabalho e a própria saúde do Agente. O ócio dos detentos e o que tramam durante este tempo transforma-se em neurose do Agente que sente-se mais inseguro e com maior nível de estresse por não ter o controle das atividades informais dos detentos nestes momentos. Paira o clima de tensão e insegurança, o que passa a ser um risco para a segurança do Presídio como um todo.

Para nós o momento de tensão foi somente no início, quando visitamos os pátios e as celas, quando olhávamos os detentos “soltos” no pátio e nós “presas” na entrada deste. Do lado de dentro há mais grades do que onde os presos estavam. Conhecer as celas também fez-nos sentir uma sensação horrível, espanto, pena, curiosidade, nojo... Muitas coisas passaram em nossas mentes.

Depois de conhecermos o pavilhão do Seguro, fomos para o local onde ficam os ex-policiais, daquele momento em diante tivemos outra impressão. Relaxamos mais, nos sentimos mais confortáveis, a tensão nesta ala é visivelmente muito menor. Houve momentos, como quando estivemos nas oficinas, que esquecíamos que estávamos em um Presídio. Os ambientes são muito diferentes, provocam sensações muito diversas. O local das celas e dos presos comuns é um ambiente de clima extremamente pesado, tenso, inseguro, escuro, sujo. Perguntávamos-nos: como

alguém consegue sobreviver ali? Porque o ambiente tem que ser desse jeito? E, como os Agentes conseguem trabalhar ali? O que eles sentem vendo isso todos os dias? Eles se acostumam e naturalizam a tensão daquele ambiente?

Eram cerca de 16 horas quando saímos da Papuda. O tempo não passa dentro da prisão. Parecia que estávamos lá há séculos e logo que saímos o cansaço se abateu sobre todas nós. É estresse ter que agüentar aquilo ali por qualquer tempo que for. Dava para sentir nos músculos a tensão de estar em um presídio.

Núcleo de Custódia Feminino de Brasília (Comeia/ NCFB)²¹

O Núcleo de Custódia Feminino de Brasília se localiza a cerca de 35 quilômetros da rodoviária do Plano Piloto. Logo à esquerda da entrada da cidade satélite do Gama, depois da fábrica da Ambev, em um local isolado da cidade, vê-se apenas as rodovias e o cerrado nas mediações do presídio. Toda a sua estrutura localiza-se em uma área retangular. Há partes cercadas por muros de concreto com arame farpado e outras apenas por cercas de arame farpado. Os prédios são distantes entre si, bem espalhados por todo o espaço existente.

Logo na entrada, há uma pequena guarita, onde trabalham, em geral, dois Agentes Penitenciários homens. Esta comporta apenas um cômodo com banheiro. Há uma mesa com documentos e um computador, arquivos e um bebedouro. Ventilador e bancos também compõem o local. Esta guarita segue o padrão do resto do presídio, pintada de branco com azul claro. Neste local, identifica-se e controla quem entra e quem sai do presídio. Todos os visitantes devem deixar seus documentos, têm seus

²¹ **Esta análise etnográfica foi feita por uma das pesquisadoras bolsistas do NEPEM realizada para sua monografia. Entretanto, acrescentaram-se observações e análise à versão original. Há também trechos de entrevistas extraídos de tal trabalho. Ver: GAUDAD, Ludmila. Mulheres que comentem assassinato: à procura de um álibi masculino?. UnB/2005.**

nomes anotados em ordem de chegada em uma lista sempre disponível em cima de uma mesa.

São quatro blocos, um para a Administração, contíguo ao prédio do regime semi-aberto. Um localizado na entrada principal, onde funciona a ala de tratamento psiquiátrico com aproximadamente 70 internos, todos os homens. Esta unidade de tratamento psiquiátrico está isolada dos blocos do presídio feminino, funciona à parte das outras unidades da Comeia. Este prédio destinado à ala psiquiátrica é pintado de branco, azul claro e azul escuro. Lá estão reclusos todos os homens do DF que estão sujeitos à medida de segurança, porque são portadores de Transtorno Mental. Neste prédio atuam apenas Agentes Penitenciários homens, geralmente três. Os internos são divididos em 16 celas com 04 internos em cada uma delas. Além destas celas, há outras três que são para os internos se estabelecerem individualmente em caso de "muita agitação, nervosismo ou surto do transtorno mental." (Fala de um Agente penitenciário que acompanhou a visita). Estas celas são viradas para um pequeno corredor que é todo gradeado e que separa as celas do pátio. Desta forma, como um ajuste secundário conseguido pelos internos que possuem bom comportamento, as celas ficam durante o dia com suas portas abertas e estes podem transitar livremente entre as celas e o corredor. O pátio é em frente ao corredor, fica ao ar livre, tem tamanho mediano e no chão tem pintado um campo de futebol.

É importante ressaltar que as mulheres em tratamento psiquiátrico convivem com as demais internas, não há alas especiais para estas.

As guaritas externas estão desativadas na Comeia devido ao número reduzido de Agentes, segundo entrevistados esse fator não chega a ser um problema, já que manifestam a crença de que a mulher não é perigosa e que, portanto, dificilmente tentará fugas.

Do lado esquerdo de quem entra há um prédio grande, inutilizado e totalmente aos pedaços. Ainda resquício de uma rebelião onde os internos da antiga COMEIA – Centro de Educação, Integração e Apoio a Menores e Famílias, atearam fogo à

construção. Este prédio não foi demolido e tampouco reformado para reutilização da penitenciária feminina.

Seguindo um pouco mais a frente avistamos o segundo prédio. Na sua frente há um estacionamento ocupado por carros dos funcionários do Núcleo. Neste prédio, no andar do térreo, fica a recepção geral do Núcleo, entrada principal do prédio, paredes pintadas de amarelo com sofás encostados a duas de suas paredes e decorada com quadros, vasos de plantas, revistas e jornais diversos sobre criados-mudos. Esta sala, mais se parece a recepção de um consultório odontológico. Há um balcão com telefone, onde fica sempre um Agente administrativo.

Vizinha a esta sala há outra de tamanho maior com três mesas, cadeiras, computadores e material de escritório. Este ambiente é ocupado por Agentes Penitenciárias e por Agentes Civis que fazem trabalhos de natureza administrativos / burocráticos do Núcleo. Ainda ligada a esta sala está a Diretoria. Nesta há uma estante de livros, uma mesa com computador, lugar para guardar documentação e outros móveis pequenos.

Neste mesmo prédio, existem outras pequenas salas de administração, que não tivemos acesso. No andar de cima fica o corredor com as celas das internas que se encontram em regime semi-aberto ou perto de obter saída do Núcleo. Há ainda o pátio onde elas tomam sol (de tamanho semelhante ao pátio da ala masculina de psiquiatria) e o parlatório das meninas deste prédio (também não tivemos acesso a este local). Há ainda uma copa mediana (espaço praticamente inutilizado), a sala onde as internas recebem seus advogados, o isolamento destinado às infratoras deste prédio e o local de pouso dos Agentes Penitenciários que trabalham em sistema de plantão (com pequena copa, armários para guardar coisas próprias e cama).

Saindo deste prédio passamos por um canteiro de flores onde trabalham internas classificadas e pela pequena horta, onde trabalham os internos da psiquiatria. Em frente há o prédio onde ficam outros setores administrativos do Núcleo. Este também segue o padrão de cores claras do Núcleo e é pintado de branco e verde. Com certeza é o prédio mais inutilizado e também o de aparência mais precária. Nele, há

alguns pequenos núcleos, sendo o primeiro deles o NUARQ – Núcleo de arquivos, onde fica toda a documentação das internas, bem como os relatórios de entrada e saída de detentas, seus prontuários, os dados quantitativos da penitenciária, etc. Depois, o NUAMI, que é o Núcleo de Apoio Materno Infantil, que recebe as mulheres que entraram na penitenciária grávidas ou que engravidaram por meio das visitas íntimas concedidas no parlatório. Há também uma sala que serve de almoxarifado / depósito, com produtos de limpeza, alguns móveis inutilizados, etc. Há a oficina que funcionava como local de costura. Atualmente ela se encontra parada devido “à falta de internas que sabem trabalhar com as máquinas” (fala da Agente que nos escoltava). E existe também uma sala onde se encontram várias cadeiras com disposição em círculo, que também funciona como sala de reuniões.

O próximo prédio, o último e o maior de todos, continua com uma pintura clara por fora (azul, cinza e branco). No entanto, na parte de dentro, ele foi pintado, principalmente no pátio, por cores mais fortes como azul escuro, amarelo escuro e vermelho. Ele possui uma grande guarita na frente, antes de sua entrada. Há nele três andares. No primeiro ficam algumas salas para atividades administrativas e a própria sala de revista das visitas que chegam ao prédio (com detector de metais e o espelho que faz a revista das visitas).

Há também o pátio, que é o maior de todos. Nele há uma quadra de vôlei pintada no chão (geralmente as internas jogam queimada nesta quadra), vários bancos cobertos por uma armação de telha (local onde elas podem ficar na sombra), os parlatórios de uso das mulheres deste prédio (não pudemos ter acesso a eles) e ainda uma parte de área livre. Ademais há uma capela, recentemente construída pela gestão anterior da penitenciária (sob a direção da Doutora Sandra Marques). Esta capela tem um altar, vários bancos para as internas sentarem, um pequeno pátio ao ar livre ao lado e uma guarita de segurança, onde ficam as Agentes Penitenciárias durante as atividades religiosas católicas. As atividades religiosas de outras religiões que não as católicas são realizadas no pátio ao ar livre.

No segundo e terceiro andares ficam as celas propriamente ditas. Neste prédio ficam todas as internas provisórias (que ainda aguardam julgamento) e todas as

internas que já foram julgadas e se encontram em regime fechado. Há também uma cela especial para as internas mais idosas e doentes. Esta cela é coletiva, cabem cerca de 14 internas (com pequenas variações neste número). Há também uma cela especial onde ficam as internas que têm bebês com menos de seis meses de idade. Depois desse período de seis meses de aleitamento os bebês são obrigados a deixar a penitenciária e novas internas grávidas são realocadas para esta ala. As mães e seus filhos ficam neste lugar, que também é uma cela coletiva com espaço para cerca de 14 internas, juntamente com outras internas classificadas (pois o número de grávidas varia entre 06 e 10 internas apenas).

Há ainda o local de pouso dos Agentes Penitenciários que trabalham em sistema de plantão (com pequena copa, armários para guardar coisas próprias e cama). Ainda a sala onde as internas recebem a visita dos seus advogados. E, enfim, a única parte do presídio que é destinada ao atendimento odontológico, médico e psicológico. Estes são pequenos consultórios, todos seguindo o mesmo padrão de cor do resto da penitenciária. Todas as salas são equipadas com materiais apenas básicos de cada uma das modalidades. Há cartazes de campanhas de prevenção e cuidado com a saúde colados nas paredes e é tudo muito limpo.

Neste mesmo prédio também fica o Núcleo de Estudos. Este Núcleo de Estudos é formado por várias salas em um corredor único, todo azul e branco. A primeira sala é a maior e é onde fica a pequena oficina de bijuterias. Na próxima sala há o salão de beleza, com todos os aparelhos e instrumentos necessários para utilização e aprendizagem destes serviços. Nas duas próximas salas ficam a turma de Ensino Fundamental e na outra a turma de Ensino Médio. Há ainda, nestas mesmas salas, só que em horários de revezamento, a turma de pré-vestibular. A última sala é a menor, onde ficam poucas internas classificadas (cerca de duas ou três) e que são responsáveis por cuidar da biblioteca que se encontra neste local.

Há outros pequenos espaços burocráticos dentro da Penitenciária Feminina do Distrito Federal que não foi possível visitar, seja por falta de tempo ou por falta de interesse em nos apresentar locais insignificantes. De qualquer forma, são essas as estruturas mais importantes do complexo.

Para chegar às celas é preciso passar por dois portões e subir uma rampa, bastante escorregadia e um corredor amarelo. No topo há um posto de observação, relativamente espaçoso, onde ficam duas Agentes, sempre mulheres, nele existe uma pequena copa e um armário com remédios visíveis. Deste posto é possível visualizar todo o pátio, porém, quem está no pátio não consegue identificar a Agente que a observa e nem se realmente está sendo observada naquele momento, pois os vidros são coloridos e escondem a visibilidade de quem está do lado de fora. O pátio é todo aberto, não há cobertura e nem local onde as internas possam sair do campo de visão das Agentes.

Esta sensação de poder ser sempre observada sem se ter a certeza de realmente sê-lo naquele momento, reforça a eficiência do controle social, visto que as internas renovam, fortalecem e economizam os mecanismos difusos de poder ao manter o autocontrole. Essa estrutura panóptica da torre central viabiliza também que as internas sejam identificáveis e a/o observadora/o permaneça oculta/o. Esse fato remete-se a lógica de poder nos apresentada por Foucault (2003) segundo o qual o foco do poder concentra-se na/o detenta/o. A/O detenta/o é ao mesmo tempo alvo e sujeito do poder, pois na disciplina internalizada, ela/e reproduz constantemente o poder no exercício de seu autocontrole.

No que concerne a descrição do espaço físico, vale destacar que as paredes do pátio são coloridas com cores fortes: vermelho, amarelo e azul. Segundo informação de um Agente masculino entrevistado, tal coloração foi escolhida pela Direção de forma intencional, para elevar a auto-estima das internas, embelezar e descontraí-las, quebrar a monotonia do ambiente. O entrevistado manifesta nesse discurso a crença de que reforçar a auto-estima das internas é uma estratégia eficiente para mantê-las dóceis, portanto crêem que por meio desse contraste de cores vivas, a disciplina é sutilmente reforçada e o controle fortalecido.

Do posto sai um pequeno corredor que leva à área das celas, que estão dispostas uma ao lado das outras, na forma de um meio círculo. O Bloco III é dividido em três Alas (A, B e C). A primeira é a Ala C, onde ficam as internas

provisórias, são cinco celas, cada uma com capacidade para 14 internas. O ambiente é bem iluminado e limpo, essa idéia do cuidado com a aparência e higiene difere radicalmente do presídio masculino.

Além da porta azul escuro de ferro, as celas possuem uma grade, de mesmo tamanho, para a ventilação e iluminação. Os beliches ficam próximos dessa grade, é possível ver toda a cela internamente até o fundo onde fica a televisão, isso contribui para a segurança, pois permitem observar o que as internas fazem quando reclusas. É interessante destacar que os espaços observados na Comeia, são arejados e muito visíveis, corredores, torre central, os objetos e mobília que há são facilmente identificáveis. É um espaço examinável, visível, definido o que proporciona o controle de todas as atividades que ali se desenvolvem. Tudo arquitetado estrategicamente, espaço quadriculado de maneira que as Agentes possam vigiar as internas e estas sentirem-se vigiadas constantemente, fortalecendo a lógica da segurança predominante no sistema penitenciário do DF.

Além da arquitetura das celas e de sua iluminação, o piso no interior do Bloco III é, também, propício a esse controle. Por ser escorregadio não há como correr, somente com calçado apropriado, como o das Agentes. Nele são produzidos barulho e eco ao caminhar, facilmente perceptível, o que permite controlar qualquer movimento. Esta característica acaba servindo para ambos os lados, Agentes e internas. Em situações de emergência, as internas não conseguirão correr muito e serão ouvidas, por outro lado, se estiverem fazendo algo dentro das celas que não seja permitido poderão interromper ou disfarçar ao ouvir os passos de uma Agente se aproximando. As internas afirmaram reconhecer qual é a Agente que se aproxima das celas simplesmente pelo jeito de andar.

Todo esse controle favorece a disciplina que a Instituição quer manter, posto que, as internas ao se sentirem constantemente vigiadas reavaliam a intenção de praticar atos contrários às normas do presídio e, com isso, acabam introjetando tais mandamentos. É um controle fundamentado na dimensão psicológica, na penetração da individualidade. As detentas internalizam o controle externo, transformando-o em autocontrole, suas práticas vão se modificando com a limitação e a repetição de atos e

comportamentos. A repetição da prática encarna as crenças, reforça a disciplina e a difunde em microcontroles, rede de micropoderes que se corrobora e internaliza-se cada vez mais na repetição e nos rituais, na medida, em que se torna mais sutil.

Outro instrumento de controle psicológico que o presídio mantém é a sanção disciplinar, em especial, a proibição ao recebimento de visitas. Essa sanção faz com que as internas se comportem de forma adequada, isto é, evitem brigas, discussões, solicitações desnecessárias às Agentes ou pedidos excessivos para irem ao serviço médico, etc. O medo de perder a visita é a maior preocupação das internas, porque esta representa o elo com o mundo externo. Este contato contribui para a ordem e segurança no Presídio na medida em que, acende nelas a vontade de saírem da cadeia e as deixam mais calmas embora deprimidas em razão da saudade dos filhos, companheiros, parentes etc.

Outra possibilidade de visita que as internas possuem é a visita íntima, mais conhecida como utilização do parlatório. Segunda a ex-diretora Sandra: “Porque elas têm direito à visita íntima. Desde as primeiras coisas do Distrito Federal que elas têm direito à visita íntima, diferente do que acontece em São Paulo, que há pouco tempo que uma lei estadual reconheceu esse direito. Aqui sempre se reconheceu. A gente só não reconhece daquelas que não tem uma relação estável. Senão acaba ocasionando o problema também que compromete a segurança, na medida de que cada hora vem uma pessoa, uma hora vem uma, outra hora vem outra, né”?

Ou seja, as mulheres possuem esse direito de receber a visita íntima e de utilizar o parlatório (sala com cama de casal e alguns preservativos). Contudo, esse direito é restrito apenas às mulheres que possuem relação estável e podem comprovar esta estabilidade. A entrevistada Joana* fala sobre isso: “Ah, sexo assim... Se tiver seus namorados, marido, casados, né? Forem casados né? Se tiverem filhos e tudo, aí pode ter um relacionamento que é mais íntimo que é no parlatório, né? Mas caso contrário não”.

No que concerne ao direito às relações sexuais no presídio feminino, vale corroborar que o uso do parlatório é apenas permitido para relações heterossexuais e

somente se for apresentada a certidão de casamento ou de filhos em comum, caso contrário, é vetado. Há cerca de dois anos aceitava-se apenas uma declaração simples de terceiros que reconheciam uma relação estável entre o visitante e a detenta, mas esse tipo de declaração foi suspenso, segundo a assessora da diretora quando interpelada mencionou que era porque havia muita fraude, respondeu vacilante. Verifica-se nesse discurso a crença de que a sexualidade da mulher tem que estar restrita à família pelo vínculo do matrimônio, visto que não é permitido o uso do parlatório por namorados. Vale ressaltar que há indícios para se suspeitar que não haja um parlatório fixo e que as visitas íntimas não aconteçam com frequência sistemática, pois em várias entrevistas as Agentes afirmaram que tinham que levar as detentas para o parlatório que “fica lá embaixo”²², “fica ali”, “antes era lá fora”, “távamos sem parlatório”, termos vagos e imprecisos foram usados quando se questionou sobre as visitas íntimas, havia certa confusão sobre onde se localizava o parlatório no discurso das Agentes entrevistadas. É explícita a repressão à sexualidade da mulher dentro do presídio feminino.

Por que apenas mulheres com relações estáveis podem receber visita íntima? Em relação a argumentação da ex-diretora Sandra, de adotar esse procedimento a fim de evitar a entrada de uma pessoa diferente a cada visita para preservar a segurança, torna-se infundada ao se comparar que há registros na Penitenciária Masculina, que é muito maior e com mais internos, do uso do parlatório indiscriminado, ou seja, o interno apenas tem que apresentar o nome da acompanhante. Por acaso essa distinção se deve ao fato de que uma mulher só pode ter relação sexual com um parceiro fixo? Mas e por que para os homens esta característica não é cobrada?

No que tange às relações homossexuais, nem na Comeia nem na PAPUDA as relações homossexuais são aceitas com a possibilidade de uso do parlatório. Mesmo sabendo que diversas relações homossexuais ocorrem até mesmo entre as internas e os internos de ambas as Penitenciárias. Sobre isto, comenta a ex-diretora Sandra: “Se

²² Destaca-se que sempre quando as Agentes se referem a esse termo na Comeia, querem fazer menção à Papuda que fica há muitos quilômetros do presídio feminino.

vocês me perguntarem, vocês concebem a visita íntima para as homossexuais? Não. Não porque ainda não é uma regra, até não é uma situação reconhecida, não só pela comunidade lá fora, mas aqui dentro também, existem as próprias detentas que não vêem isso com bons olhos, não aceitam. Então não tem como se institucionalizar isso.” Talvez esse quadro possa se reverter no momento em que a legislação brasileira comece a aceitar a união civil de casais homossexuais. Entretanto, sabemos que esta luta ainda é muito longa.

Outra característica interessante a se destacar é a natureza da interação entre Agentes homens e detentas, segundo a perspectiva do Agente, as internas tentam aproximar-se, envolvê-los, seduzi-los, ao menos assim, afirmam que se sentem os Agentes. Vale também acrescentar que enquanto a Agente feminina mantém um distanciamento em relação às internas, um contato indiferente, os Agentes homens as tratam em um tom quase paternal, protetor e familiar. A idéia da proteção masculina (e seu conseqüente poder de barganha) está presente até mesmo nestas situações.

Para ter acesso ao atendimento médico, de assistência social e jurídica, as internas precisam ser deslocadas para outro bloco. Esse procedimento é ressaltado por todas as Agentes como prejudicial à segurança, pois o número de Agentes é insuficiente e alguns postos ficam vagos quando é necessário fazer escoltas. Essa centralização do atendimento médico, jurídico e de assistência social, atende todos os blocos, mas para isso exige o deslocamento de Agentes para a escolta, o que compromete a segurança e também o atendimento das internas.

As Agentes e a Direção do presídio identificam como principal dificuldade o baixo número de Agentes, são 70 para 340 internas. É indiscutível o fato de que todos os entrevistados, tanto Agentes quanto Diretores das unidades em Goiânia e Brasília, crêem que há um número muito reduzido de Agentes e que o primeiro passo para garantir mais eficiência é aumentar o efetivo de acordo com os discursos dos entrevistados. Considera-se que em alguma medida isso possa ser verdade, porém se deslocarmos um pouco o foco da ótica dos discursos das/os entrevistadas/os, mas mantendo o mesmo objetivo: segurança como finalidade primordial e retomar a concepção foucaultiana de poder, nota-se que ao maximizar-se a intensidade e a

extensão da rede de micropoderes (controle mais distribuído e mais sutil) e centralizá-lo no detento²³ aponta-se uma outra perspectiva.

Nesse tipo de estrutura de poder (micropoderes, poderes capilares)²⁴, há uma economia de poder, haja vista que a intensidade do processo de socialização bem como o de internalização do controle assimilado pelos presos é a principal garantia de eficácia da segurança, condição esta que permite uma economia no contingente de Agentes. Portanto, não necessariamente aumentar o número de Agentes corresponderá em maior eficiência e segurança, mesmo se este for seguido de valorização profissional, elevação de salários, mais capacitação e armamentos mais modernos.

Foucault (2003) e Goffman (2003) apontam que intensificar o processo de socialização e o de disciplina coextensivo a qualquer atividade dos detentos (realçando a penetração em sua individualidade, de forma mais sutil e difusa) numa economia de poder é o cerne da questão quando se objetiva disciplina e controle. Assim, para reforçar ou até mesmo transformar esse processo de socialização dos internos torna-se necessário intensificar o processo de socialização dos Agentes principalmente nos cursos de formação e de reciclagem. Entretanto, não se nega que seja importante essa crença no reduzido número de Agentes entendida pelos diversos atores sociais como uma grave dificuldade. Sabe-se que essa crença cumpre um papel interessante, haja vista que tanto para detentos quanto para Agentes pode ser lida como vulnerabilidade de poder e esta representação orienta condutas de ambos, o que pretende se destacar é que talvez esse fator seja menos central do que supõe os entrevistados.

⇒ **Rotina Diária das Internas**

Podemos analisar a rotina diária do presídio feminino por dois prismas

²³ **Reafirma-se que nessa perspectiva o detento é transformado em foco e executor desse poder concomitantemente, sendo que o interno é o principal Agente de poder nesse controle minucioso.**

²⁴ **Ver FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1979.**

diferentes. Acontece que a rotina é diferenciada segundo o local que você ocupa no sistema carcerário. “O papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhado por ele perante os outros presentes” (GOFFMAN, 1963). Em primeiro lugar, o que nos interessa é a rotina das mulheres em regime prisional no NCFB. Este grupo, por sua vez, é constituído por duas partes distintas: as internas classificadas (que trabalham ou estudam) e as internas que não são classificadas (que não obtiveram nenhum destes benefícios).

As internas que são classificadas são constituídas pelo contingente de detentas que por motivos de tempo no estabelecimento em concomitância com seu bom comportamento conseguiram como benefício a possibilidade de trabalhar ou estudar. Estas internas acordam às 7:00 h. Em seguida faz-se o *confere*. No *confere* uma Agente Policial entra na ala, vai passando em frente às celas pelo corredor e chamando pelo nome as internas. Estas têm que certificar presença. Logo após distribui-se o café da manhã na cela (este trabalho também é feito por uma interna classificada). Em geral, esta refeição é composta de leite com café e pão com manteiga. Em seguida, as internas são retiradas de suas celas e levadas pela escolta de Agentes Policiais até ao Núcleo de Estudos. No Núcleo de Estudos cada uma vai para a sala que corresponde à sua atividade, nas salas de aula ou nas oficinas.

Na hora do almoço todas recebem sua marmita (arroz, feijão, salada e carne). Esta é feita por uma empresa privada que ganhou a licitação para ocupar tal responsabilidade. Na parte da tarde as internas classificadas que trabalham voltam ao trabalho e as que estudam na parte da manhã fazem suas tarefas diárias. Às 16:00 horas todas sobem novamente para suas celas. Neste momento, elas recebem o jantar. Esta marmita é igual a do almoço. Novamente é feito o *confere*. Depois elas estão livres para fazer o que quiser dentro de suas celas, como comer algo que a família trouxe na cobal (cobal é todo material que a família traz para a interna no dia de visitas); ver televisão (quando a cela possui uma); ler algum livro que pegou da biblioteca; etc. Às 22:00 horas as luzes são apagadas e supõe-se que elas dormem até o dia seguinte, onde farão a mesma coisa do dia anterior. A repetição da rotina é fundamental para manter a disciplina em um presídio.

Já as internas que não são classificadas seguem exatamente a mesma rotina das classificadas, com a diferença de que ao invés de ir para o trabalho ou para a escola, descem para o pátio. Estas internas ficam mais tempo dentro das celas, pois a direção da penitenciária passou a revezar o horário de descida das alas. Isto aconteceu, segundo a direção do presídio, porque internas de alas diferentes (as do regime fechado com as do regime provisório, por exemplo) brigavam frequentemente. Assim as alas revezam-se na hora de descer ao pátio. No pátio as internas jogam bola, conversam, rezam, fazem compras na cantina etc.

Também há algumas internas que não são classificadas, porém que apresentam bom comportamento, e são chamadas vez ou outra para pequenos trabalhos fora da cela, como limpeza da estrutura física da penitenciária ou jardinagem.

A quebra desta rotina semanal só ocorre na quinta-feira, que é o dia de visitas.

⇒ **Oficinas**

No NCFB existe a possibilidade, conforme a LEP assegura, de que as detentas com bom comportamento e uma parte significativa da pena já cumprida, podem participar das oficinas do Núcleo de Estudos. No NCFB a interna pode escolher entre participar de oficinas profissionalizantes ou estudar. Segundo a lei, se o detento trabalha ou estuda, a cada três dias de internado que estudou ou trabalhou, um dia de sua pena é descontado. O que acontece é que as vagas nestes setores são tão ínfimas que apenas uma parte das internas que se encaixam em todos os pré-requisitos necessários para ocupar as oficinas, consegue efetivamente ver seu sonho de ocupar o tempo na penitenciária realizado.

No caso do NCFB, assim como na maioria das Penitenciárias, algumas empresas privadas conseguem espaço, geralmente por meio de licitação, para instalar suas estruturas em algum lugar da penitenciária. Os internos que trabalham, além de ter sua pena redimida, recebem uma remuneração mensal que é financiada pela FUNAP – Fundação de Amparo ao Preso. Dessa remuneração, 1/3 vai para a família

do interno, outro 1/3 vai para o próprio interno e o último 1/3 vai para um depósito que será entregue ao preso quando este sair da penitenciária.

O fato de participar de uma oficina profissionalizante ou da escola é visto como um benefício importante, que é conquistado por algumas detentas e que as ajuda a sobreviver melhor na penitenciária, o tempo passa mais rápido e se torna menos improdutivo. Uma questão interessante é pensar que estas atividades fazem com que a interna se prepare melhor para o mundo fora das grades. Sobre isso fala a interna Lúcia* ²⁵:

E²⁶: Você estudou? O segundo grau? Você ganha algum dinheiro?

R: Só com as bijuterias.

E: O dinheiro vai pro teus filhos ou fica pra ti?

R: Não. É pra comprar assim material higiênico pra mim. Que é muito pouco, né? O orfanato onde eles estão é... Dá tudo pra eles.

E: É público?

R: É.

E: E das oficinas quais você já participou? Só a de bijuteria?

R: Não. Eu lavava os lençóis do IML. Eu tenho um pouco de dinheiro até depositado, né?

E: Guardado pra quando tu sair?

R: Pra quando eu sair.

E: Já pode começar a vida...

R: É...Pra seguir minha vida.

No entanto é difícil medir até que ponto as atividades que por elas são aprendidas dentro do Núcleo realmente vão fazer alguma diferença em suas vidas. Principalmente pelo fato de que a própria gestão penitenciária tem uma visão que ainda continua a consolidar a representação social da mulher “prendada”, que precisa realizar trabalhos compatíveis com sua condição de mãe. “(...) Eu não posso oferecer grandes coisas em termos de profissionalização, mas nós temos algumas coisas, né? Sempre preocupada que eu estou com a condição dela, mulher. Eu sei que ela é mãe, então de repente ela não vai ter com quem deixar a criança, então alguma coisa que

²⁵ **Todos os nomes citados indicados por um * são pseudônimos a fim de se preservar a identidade das entrevistadas.**

²⁶ **E significa entrevistador e R, resposta.**

ela possa fazer em casa. Então manicure ou cabeleleira, né? Em coisas que ela possa realmente... (Doutora Sandra Marques, ex- diretora da Comeia).

As próprias internas têm ciência de que essas profissionalizações que o NCFB oferece são precárias e muito restritas. A entrevistada Francisca* fica um pouco triste ao falar que queria se especializar em outros tipos de atividade, ao invés de manicure e cabeleleira. E ainda fala sobre o fato de estar querendo mudar sempre de área, por ser bom para a mente.

E: Você já trabalhou em alguma oficina aqui dentro além da escola?

R: Já. Artesanato.

E: Gostou d ter trabalhado?

R: Gostei.

E: Saiu por quê? Acabou o prazo?

R: Não, a oficina cancelou o prazo. Aí parei. Mas continua o artesanato sim sabe. Mas assim pra minha cabeça psicologicamente eu gosto de tá mudando.

E: Ahã.

R: Várias opções.

E: Aí você já estudou, trabalhou no artesanato, teve mais alguma que você trabalhou?

R: Não eu ainda tô estudando, quero terminar agora em dezembro. Pretendo arrumar alguma profissão né?

E: Você já imagina o que você quer fazer? No quê que você quer trabalhar?

R: Tem q começar assim no mínimo né pra depois chegar no máximo. Porque eu me encontro aqui dentro infelizmente. Então o tipo de profissão que oferece aqui é manicure, cabelereira... Mas eu quero fazer psicologia e aqui não tem.

Algo muito importante, que faz com que a continuidade do trabalho / estudo de várias detentas seja cortado é elas se envolverem em alguma infração dentro do NCFB. A simples ocorrência, seja por qual motivo for, as leva ao isolamento, faz com que elas percam o direito às oficinas, como relata Joana*:

E: E aqui você faz o que? Participa de alguma oficina?

R: Não, eu não participo porque eu tô com essa ocorrência, né? Então enquanto essa ocorrência não for apurada eu...

E: Que ocorrência?

R: É desse problema... Essa que eu fui para o isolamento e tal.

E: E como foi essa?

R: A menina, me acusou de ter sido mandante, de ter mandado bater nela.

E: Mas você já participou de alguma oficina antes?

R: Já, já participei de oficina, das terapias, já fiz vários trabalhos.

E: E você gosta de qual mais destas oficinas?

R: Olha, eu gosto muito de... de terapia quando tem. Eu gosto muito de conversar, é dialogar. Nossa, se deixar eu vou falando tudo que eu já vi, que já aconteceu na minha vida.

Sabe-se que a questão das oficinas dentro do NCFB e dentro de qualquer outro presídio é não só um meio de melhorar a qualidade de vida das internas como um meio também eficaz de manter a disciplina e a vigilância destas. Segundo Foucault, é concebido como sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. Não é apenas pela produção que ele é intrinsecamente útil, mas pelos efeitos que toma na mecânica humana. É um princípio de ordem e de regularidade; pelas exigências que lhe são próprias, veicula de maneira insensível, as formas de um poder rigoroso; sujeita os corpos a movimentos regulares, exclui a agitação e a distração, impõe uma hierarquia e uma vigilância que serão ainda mais bem aceitas, e penetrarão ainda mais profundamente no comportamento dos condenados, por fazerem parte de sua lógica com o trabalho.

A regra é introduzida numa prisão, ela reina sem esforço, sem emprego de nenhum meio repressivo e violento. Ocupando-se o detento, são-lhe dados hábitos de ordem e de obediência. A prisão não é só uma oficina; ela tem que ser em si mesma uma máquina de que os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e os produtos; ela os “ocupa” e isso continuamente, mesmo se fora com o único objetivo de preencher seus momentos. E por outro lado, as oficinas na prisão têm um efeito econômico que produz indivíduos mecanizados segundo as normas gerais de uma sociedade industrial.

Oficinas Profissionalizantes

As oficinas profissionalizantes do NCFB se localizam no Setor de Ensino. Existe uma dedicada à confecção de bijuterias, uma outra, às atividades do salão de beleza e outra, ao artesanato. Sobre a possibilidade de trabalho dentro do NCFB, a ex-diretora Sandra fala: “Conseguimos colocar um, já experimentando algumas oficinas de trabalho. Algumas deram certo, outras não. Hoje temos uma oficina de trabalho que remunera, também via FUNAP, né? Além de ter treinado, remunera essa presa. Temos um salão de beleza bem organizadinho que tem os professores do SENAC

capacitando também as presas. Temos o laboratório de informática, onde elas têm o curso. Temos uma oficina que ela é multidisciplinar, na medida em que ela tem vários tipos de artesanato, mas não puro e simplesmente o artesanato pelo artesanato, né? Porque tem aquela presa que ela sabe fazer coisas muito bonitas e o que se pretende é que se ela gosta daquilo e tem aptidão, que ela possa se profissionalizar naquilo. Porque eu sou muito contra essa coisa do artesanato no meio do pátio, que o preso faz, vende para o visitante, fica aquela confusão. Isso aqui é feito em oficinas, temos uma professora de práticas integradas coordenando isso”.

Escola e vestibular

A escola dentro do NCFB é uma das coisas mais interessantes que vi lá dentro. As próprias internas sabem o quanto estudar e aproveitar o tempo que está “puxando cadeia” para estudar vai ajudá-las a se recuperar psicologicamente do aprisionamento e a se preparar para a sua própria saída. A escola também fica no Setor de Ensino e é composta por três salas, como já foi dito. Uma para Alfabetização, uma para Ensino Fundamental e outra para Ensino Médio.

Sobre o longo caminho percorrido para se chegar nessa estrutura, fala a ex-diretora Sandra: “Tínhamos já uma espécie de supletivo, que era fomentado pela FUNAP – Fundação de Amparo ao Preso, que é quem cuida de todo trabalho e estudo de preso no Distrito Federal. Só que eu achava que nós devíamos ter mais, porque você não tinha as classes separadas. Era gente semi-alfabetizada, junto com gente que estava né, no Ensino Fundamental e outros no Ensino Médio... Hoje a nossa realidade nos permite três salas de aula, uma para alfabetização, uma para o regime, para ensino fundamental e outra para ensino médio. Temos um sistema de professores muito interessante, que tem professor de inglês, de Educação Física, e eles se revezam como na grade horária da rede pública mesmo, né? Se é professor de escola pela FUNAP, hoje ele tá aqui dando aula, amanhã tem professora de literatura e tal. Então organizamos a biblioteca, na realidade a gente organizou todo o setor de ensino e graças a uma parceria consegui reformar o setor de ensino novinho”.

As internas terminavam o Ensino Médio e não queriam parar de estudar. Tentando interagir com o resto da sociedade, o NCFB fez parcerias com a UnB e com

a Universidade Católica em relação ao vestibular. E hoje em dia, ambas realizam no NCFB suas provas que ocorrem semestralmente. Essa questão abriu uma nova possibilidade para elas, muito mais como uma questão de auto-estima do que qualquer outro motivo. Hoje um cursinho pré-vestibular também funciona no NCFB no mesmo lugar que as outras salas de aula, mas em horário inverso. As internas já colocam a possibilidade de cursar a faculdade como um sonho que pode ser realizado. Sobre isso a entrevistada Francisca* fala:

E: E já que você não está trabalhando mais, o que é que você faz?

R: Eu estudo.

E: Você está fazendo o quê?

R: Tô fazendo pré-vestibular.

E: Vai prestar pra quê?

R: Comunicação social...

A aprovação das internas no vestibular é motivo de orgulho tanto para a administração do Núcleo como para as próprias detentas. Uma das internas que trabalhava na oficina de bijuteria comentava que “esse semestre, de nove meninas que prestaram o vestibular, oito passaram”. Esta interna só não nos contou esta notícia com mais orgulho que a ex-diretora do Núcleo, a doutora Sandra Marques, enfatiza: “Eu tô com presas, aqui, quantas presas a gente já não consegui que saísse daqui fazendo faculdade, eu tenho uma presa que está terminando pedagogia, ela era a monitora de alfabetização aqui dentro, ela era auxiliar da professora, está se formando com bolsa e tudo em pedagogia. E eu ainda estou com uma outra, que ainda é semi-aberto, ela ainda não ganhou a liberdade, mas que trabalha o dia todo e estuda a noite e vem dormir depois da aula, na Católica ela faz Psicologia. Eu tenho presa já aprovada em filosofia, outras em pedagogia, biologia, né”?

2.2 Unidades Prisionais visitadas em Goiânia-GO

O complexo penitenciário da Agência Prisional Goiana, localizado na BR 153 Km 611, na Área Industrial em Aparecida de Goiânia compreende: a Casa de Prisão Provisória (CPP-subdivida em quatro blocos), a Penitenciária Odenir Guimarães (POG, presídio masculino), o Centro de Inserção Consuelo Nasser (presídio feminino), o Núcleo de Custódia (presídio de segurança máxima) e a Colônia Agro-

Industrial, sendo apenas este de regime semi-aberto, os demais, regime fechado. Há outras unidades da Agência em Goiânia, Luziânia e outras cidades menores em Goiás.

Penitenciária Odenir Guimarães (POG-presídio masculino, regime fechado).

A Penitenciária Odenir Guimarães (POG) é a unidade masculina de regime fechado. A entrada para este presídio dá-se através de uma guarita onde há um detector de metais. Nesta ficam Policiais Militares, responsáveis pela revista dos internos que entram ou saem do presídio. Há salas apropriadas para tais revistas. Contígua a esta guarita, há uma outra em que dois Agentes Prisionais controlam a entrada e a identificação de veículos e de visitantes.

A infra-estrutura do prédio está muito deteriorada, é da década de 60. Um dos Agentes entrevistados afirmou que o que mais despertou sua atenção no primeiro dia de trabalho foram as condições precárias da estrutura física.

(...) a ESTRUTURA que é muito PRECÁRIA, a gente vai pra trancar as celas, você tá arriscado a se machucar devido as celas tá praticamente CAINDO, aquele tipo de coisa assim que tá acontecendo aqui hoje que realmente tá muito debilitado o sistema prisional, o CEPAIGO em si. É a estrutura física tá muito debilitada, tá praticamente, vamos dizer assim, seria quase tipo um MUSEU, tá/ tá ESQUECIDA, né.

Isso reforça a sensação de impotência dos Agentes, a sensação de instabilidade e de imprevisibilidade. Eles afirmaram inúmeras vezes acreditar que basta “os presos quererem pra cadeia virar” declarou um dos entrevistados. Sentem-se fragilizados diante da deficiência da estrutura física do presídio e expostos porque esse fator reforça no imaginário o poder do preso em detrimento do poder da/o Agente. Essa representação pode resultar em uma assimetria de poder real entre interno e Agente a partir do momento que ambos orientam sua conduta por essa percepção. Há um clima relativo de insegurança e tensão que a qualquer momento ameaça à estabilidade na POG.

As entradas dos presídios feminino e masculino localizam-se uma em frente a outra. A parte administrativa da POG comporta as salas de praxe bem como assessoria jurídica, assistência social, psicológica, etc. Inclusive essa parte administrativa também é utilizada pelo presídio feminino. Algumas Agentes femininas da unidade Consuelo Nasser declararam sentir-se constrangidas porque crêem-se alvo de olhares e até comentários de presos, policiais e Agentes que ali estão.

(...) no início você ASSUSTA. Você vai passar no Corpo da Guarda só tem policial e você MULHER passando SOZINHA no meio daquele TANTO DE HOMEM. Ai quando eu trabalhava lá no feminino, ai você entra no presídio masculino, porque TUDO do presídio feminino, parte administrativa, assessoria jurídica, médico-hospitalar é tudo no masculino. Ai quando você tá entrando no presídio masculino, você tá no meio de detentos, tá no meio de presos, daquele tanto de Agentes, tudo homem e só você de mulher naquele meio. Então de início você fica meio tímida assim porque ELES OLHAM, né. (Agente feminina, 23 anos, pediu transferência do posto no Presídio Feminino para trabalhar na Casa de Prisão Provisória)

Há uma ala destinada à Enfermaria e nesta há um espaço isolado onde ficam reclusos os portadores de AIDS, apenas alguns presos convivem com estes. Na parte administrativa há duas cantinas, sendo uma de um ex-funcionário e outra de um reeducando. Há também no pátio da entrada outra cantina de reeducando. As cantinas disseminam-se pelo presídio, sendo um dos símbolos que permeiam o imaginário coletivo quando se fala na Penitenciária Odenir Guimarães. Os entrevistados quando indagados sobre o presídio masculino, a primeira idéia que mencionam é a figura da cantina, seguida da mesa de sinuca, do DVD e da televisão a cabo. As/Os Agentes acreditam que essas concessões facilitam muito a vida dos presos caracterizando o presídio como “colônia de férias” ou “mamão-com-áçucar”, termos constantes no vocabulário dos entrevistados ao descreverem a Penitenciária Odenir Guimarães.

(...) Quando o cara entrar aqui, ter essa regalia toda, andar, porque na verdade isso daqui veve em regime semi-aberto, não é isso? Solta de manhã e prende o camarada à noite. Então cadeia pra mim tinha que ser era PEDRA mesmo, é cadeia. Já que roubou, já que matou, então ele tinha que pagar por aquilo ali, foi condenado, então ele tinha que pagar. (...)

E²⁷: Pelo o que você tem como ideal de cadeia, do que você acha que é uma cadeia, você acha que a POG é uma cadeia dentro dos seus parâmetros?

R: Pros meus parâmetros? Pro meu ponto de vista? Isso aqui é um MAR DE ROSAS, cadeia é a PAPUDA. Cadeia pra mim é igual a Papuda ali, algumas do Mato-Grosso. Aqui? Aqui não. Eles têm regalia, pra mim eles têm regalia, MUITA regalia, não é.

R2: (...) Eu sou do tipo que o detento tem que trabalhar pra se sustentar que acredito nessa idéia. Não como é aqui em Goiás, o detento recebe a COMIDINHA (tom de descaso) todos os dias, ele tem o banho quente dele todos os dias, tem o café da manhã com LEITINHO e o PÃOZINHO (tom de descaso). Então é muito FÁCIL ser preso, né. É uma vida muito boa! (tom de ironia). Os detentos falam que vieram de outros Estados que a cadeia em Goiás é MAMÃO-COM-AÇÚCAR. Então é MUITO FÁCIL cumprir pena em Goiás.(tom de sarcasmo)

Acrescenta-se ainda a esta predominância da ideologia da pacificação no sistema prisional goiano, o fato de, por exemplo, no presídio masculino o diretor ser evangélico, o que reforça simbolicamente a construção de uma imagem desse sistema como pacífico e ressocializador.

O reconhecimento do pátio aconteceu por um alambrado ou uma passarela em sentido longitudinal (coberto por uma tela de arame) de onde se pode visualizar o pátio por cima, em que ocorre o banho de sol (este se estende de 9 horas da manhã às 17 horas). No entanto, a/o Agente que percorre essa passarela tem uma visão relativa do pátio e é facilmente visto e identificado pelos internos. Tivemos a sensação de que as/os Agentes que nos escoltavam por essa passarela sentem-se expostos e inseguros.

O pátio divide-se em dois locais distintos, de um lado, há uma quadra de esportes e árvores, o chão é de terra. A visibilidade é relativa, apenas dos locais próximos à passarela, já que essa intercepta o pátio ao meio, não o percorrendo longitudinalmente. Naquele momento os presos jogavam futebol ou conversavam em geral. Eles circulam livremente por todo esse pátio. É importante também destacar que na entrada para o setor administrativo da POG, existe uma unidade (dentro da POG) que é o Módulo Disciplinar, onde ficam os reeducandos que cumprem punição disciplinar.

²⁷ **idem**

Do outro lado existem várias tendas armadas com lençóis, cobertores e lonas de plástico; duas barbearias, um local para reuniões religiosas, pequenos templos de igrejas. Destaca-se que o enorme número de tendas no pátio representa a não institucionalização da sexualidade dos internos, haja vista que não havendo local destinado especificamente para a visita íntima, as relações sexuais acontecem dentro das próprias celas e nessas tendas improvisadas. O controle do tempo e da ordem de quem utilizará esses espaços está a cargo dos próprios presos que se organizam entre si.

A visibilidade nesse pátio é quase impossível, não se pode ver o que acontece ali. Tendas, templos, cantinas etc. dificultam o controle das interações que ali se formam e escapam da vigilância da/o Agente. Apesar do alambrado percorrer todo o pátio transversalmente e ser uma passarela cercada por arames.

Há também duas ou três mesas de sinuca e muitas cantinas. A existência dessa proliferação de cantinas e das mesas de sinuca traduz a lógica de funcionamento dessa unidade prisional, visto que os comandos dos presos das alas mantêm a organização de cada ala em troca dessas concessões. O controle é negociável, haja vista que depende em grande parte da atuação desses comandos nesse tipo de interação com a Administração. A segurança fundamenta-se nessa perspectiva da troca, da reciprocidade entre comandos de presos e Administração. O poder e a legitimidade desses comandos frente aos presos está no poder econômico e simbólico das cantinas e no monopólio do comércio de drogas.

A construção dessa lógica da segurança fundamenta-se nos comandos – sob direção dos próprios presos - de alas. Estes comandos mantêm os demais presos sob o controle e assim garante-se a ordem pacificamente, de acordo com o discurso das/os próprias/os Agentes entrevistadas/os.

Essa ala C aqui é considerada pelos presos a mais perigosa, problema, mas na hora que você vai trancar, você não tem problema de tranca. Você falou lá/tem o pessoal que comanda, você não tem problema. Você vai lá trancar é tranquilo. Então isso aí algumas vezes ajuda. Algumas vezes ajuda nisso aí.

Ressalta-se que a ala C, mencionada na fala acima do Agente entrevistado, é considerada o comando mais forte dentre os comandos dos presos do complexo prisional goiano.

Os princípios que estruturam esse sistema de segurança: a atuação dos comandos das alas e as concessões de regalias são explícitos na fala de outro Agente Prisional que trabalha na Penitenciária Odenir Guimarães²⁸:

*R*²⁹: Dos comandos entre as alas? Serve para manter a ala ORGANIZADA, tipo assim, porque os comandos serve tipo assim pra não ficar aquela briga entre eles, porque o comando serve pra MANTER A ALA EM PAZ até um certo limite quando o comando ultrapassa um certo limite, o comando cai, as alas viram contra o comando. Eu acho que o comando nesse ponto é fundamental pra manter a HARMONIA entre os presos porque todo local tem que ter um comando pra mandar, né, e entre as alas, eu achei uma coisa INTERESSANTE porque mantém a cadeia SEGUINDO O SEU CAMINHO.*

R: (...) Que consegue manter as coisas organizadas entre os presos aqui. Porque uma ala sem comando, ela começa a ter briga demais por comando, ela começa a ficar DESORGANIZADA, preso um querendo matar o outro constantemente. Então uma ala com comando, porque TEM LÍDER, NÉ e umas pessoas que tão abaixo do líder que servem pra organizar a cadeia, manter ela, manter as alas entre aspas em “HARMONIA”,*

E: E o que é isso que você colocou “tratar o comando bem”?

R: Não. É o que eu falei pra você deixar eles no poder, as REGALIAS, você entendeu? NÃO DERRUBAR O PODER PORQUE O PODER EM SI, ELE MANTÉM A CADEIA ORGANIZADA, ELE MANTÉM A SOCIEDADE ORGANIZADA ATÉ LÁ FORA. A polícia ela vai lá e derruba um comando, SÓ QUE VEM OUTRO PRA ASSUMIR. A polícia lá fora o que acontece, a polícia desorganiza o comando, o outro vem pra comandar. E AQUI É UMA CIDADE PEQUENA infelizmente. Porque senão DESORGANIZA o próprio sistema de trabalho da gente.*

Não obstante as/os Agentes concordarem que a atuação dos comandos mantém as alas organizadas, estas/es mesmas/os Agentes Prisionais sentem-se

²⁸ **idem**

²⁹ **R* refere-se nesse trecho ao mesmo entrevistado, diversos trechos foram extraídos da mesma entrevista.**

ameaçados com o poder desses comandos. Todas/os as/os Agentes entrevistadas/os ao questionarmos se sentem-se no controle da situação, em uníssono, responderam vacilantes, em uma tentativa de convencer mais a si mesmos do que a nós pesquisadoras/es que eles estão no controle da situação. Essa lógica da segurança que se vale dos comandos para funcionar tem efeitos paradoxais sobre as/os Agentes Prisionais. Ao mesmo tempo que constrói uma crença de que existe uma ordem pacífica, também revela a fragilidade das/os Agentes Prisionais diante desses comandos e da situação precária na qual encontra-se o sistema penitenciário como um todo. Sentimentos estes que reforçam o estresse e a opressão psicológica do trabalho da/o Agente Prisional. O próprio Agente não se sente seguro e confiante diante da estrutura física deteriorada da Penitenciária Odenir Guimarães, do insuficiente número de Agentes e das demais condições de trabalho que serão esclarecidas no discorrer dos próximos capítulos.

E: E tendo em vista a questão que você colocou das concessões e dos comandos que o presídio, que os presos se organizam, tendo em vista todas essas questões, vocês Agentes, você em particular, você se sente no controle da situação?

R: Eu costumo falar o seguinte fato: A GENTE FINGE QUE VIGIA E ELES FINGE QUE TÃO PRESO, você entendeu isso? Porque a gente, nós aqui não têm condições de mantê-los numa rebelião. Porque infelizmente o sistema não oferece condições pra gente trabalhar, é reduzido, o número de funcionários É POUCO, porque que utiliza o comando? Porque o comando já mantém a cadeia organizada, aí precisa de menos gente pra trabalhar, você entendeu, oferece isso. Aí com o comando mantém a cadeia tranqüila, aí SE TRATAR O COMANDO BEM NUM TEM BRIGA DENTRO DA CADEIA, NUM TEM REBELIÃO e num tem/ gerando com isso poucas pessoas pra trabalhar. Tanto é que vende aquela imagem pra sociedade porque pra sociedade, não é tratar o preso bem, é se tem rebelião porque quando tem rebelião, vai pra sociedade. O governo num tá preocupado com/ ele tá preocupado com rebelião. Então NUM TENDO A REBELIÃO, TÁ ÓTIMO! O dia que tem uma rebelião, AÍ PODE MUDAR, MUDA uma filosofia de trabalho, mas enquanto isso a cadeia por exemplo, o CEPAIGO, quanto tempo num acontece uma virada maior na cadeia, por quê? Cada um têm concessões com o outro. O SISTEMA TEM CONCESSÃO COM OS PRESO/ procura tratar os preso porque além/ porque também num oferece muitas condições pros preso, num procura seguir nem a lei QUE TEM QUE SEGUIR. Os PRÓPRIOS AGENTES PRISIONAL/ como é que fala?/ FICA TAMBÉM COAGIDO porque num têm condições pra ele trabalhar/ como é que fala/ num têm condições psicológicas de ambas as partes pros preso tem um pouco, pros Agentes prisional têm menos ainda porque eles num tem acesso.*

Em contraste, existe interação e contato entre Agente e detento no complexo prisional goiano, o que não acontece nos presídios do DF. Outra característica a ser destacada é a justificativa das/os Agentes Prisionais em Goiás de que a possibilidade de um contato mais rígido, mais distante, mais frio etc. tem como determinante e limitante as características da estrutura física. Eles responsabilizam-na como definidora da natureza do contato entre Agente e detento. Essa natureza e inclusive até o conteúdo desse contato depende tanto menos da/o Agente do que da estrutura física conforme as representações nos discursos dos entrevistados, representação essa que na realidade em alguma medida parece equivocada. Entretanto esta legitimação do tipo de contato definida pela estrutura não é exclusividade da POG nem do conjunto da Agência Prisional em Goiás.

Núcleo de Custódia (presídio masculino, unidade de Segurança Máxima).

O Núcleo de Custódia é a unidade de Segurança Máxima em Goiás, adjunto ao prédio da Administração Central da Agência Prisional. O acesso a unidade de Segurança Máxima apenas é possível através da sala do Diretor desta unidade. Nesta sala, há uma porta de ferro ou chumbo, na qual tem-se acesso a um corredor, onde há outra porta de ferro ou chumbo maior e mais pesada que a primeira. Nesta porta, permanece um Agente Prisional que identifica aqueles que são autorizados a adentrar ao presídio. A porta abre e fecha automaticamente por um sistema acionado por esse Agente.

Essa visita etnográfica aconteceu acompanhada do próprio diretor da unidade, este entrou ao presídio desarmado e solicitou-nos que portássemos o mínimo de objetos possíveis, apenas pudemos entrar com um único gravador. Não pudemos portar mais nenhum objeto além deste para não comprometer a segurança, haja vista permite-se somente a entrada de objetos indispensáveis. Em um presídio de Segurança Máxima, todos os detalhes são monitorados.

Esta unidade é um prédio novo, construído para ser um hospital de custódia no complexo prisional, porém foi embargado pelo Ministério Público, segundo afirmou o Diretor do Núcleo. Por ser o prédio em melhores condições de infra-estrutura é onde funciona o Núcleo de Custódia. Está rodeado por muros com cerca de nove metros de altura e três de profundidade. Há cerca de dois Agentes Prisionais que atuam como plantonistas. Estes recebem um treinamento e curso de formação diferenciados dos que atuam em outras unidades.

Abriga internos transferidos de várias unidades da Agência, identificados com o perfil de liderança negativa, com a finalidade de desfacelar o elo e a influência diante da população carcerária. Há também os “mega-traficantes”, os internos acusados de tentarem ou lograrem êxito em fugas e também aqueles que cumprem punição disciplinar. São classificados como ameaça à normalidade de segurança do sistema, identificados tanto quanto ofensivos ao sistema prisional quanto ao restante da população carcerária. O reeducando é constantemente analisado ao cessar sua punição disciplinar ou seu perfil de liderança, ele é reintegrado à unidade de origem.

Em contraste com os outros presídios da Agência, o banho de sol é apenas de duas horas diárias. Várias alas alternam-se durante esse benefício, haja vista que há alguns internos com rixas com outros, assim evitam-se confrontos.

Existem duas alas, cada uma com cinco celas de convivência e 12 de isolamento, todas de concreto maciço. Os internos das celas de convivência assinam um termo de compromisso no qual aceitam e se comprometem a viver harmoniosamente com os demais. As celas de isolamento são destinadas para internos tidos como “mais perigosos”, “ficam trancados até pelo grau de periculosidade deles mesmos” conforme ressaltou o Diretor da unidade. Ademais são excluídos pelos outros presos da convivência, “fica isolado e sozinho porque os outros presos não querem ficar com eles”, declara o Diretor.

Há uma biblioteca com livros principalmente de autoria do Diretor do Núcleo de Custódia e um acervo considerável de livros de Filosofia, os quais os internos têm

livre acesso para empréstimo. Não pudemos visitar a biblioteca porque é localizada na ala em que ficam os pátios.

Nas celas é permitido apenas o material de higiene pessoal, revistas pedagógicas e livros da biblioteca da unidade. O benefício de trabalho oferecido é o de costura de bolas esportivas, este realizado dentro das celas. Em relação ao trabalho religioso executado, permitem-se apenas religiosos ecumênicos, não se podem divulgar doutrinas religiosas específicas. A atividade de ensino não é viável devido às medidas de segurança.

Há salas de assessoria jurídica, psicológica, psiquiátrica e assistência social. O Diretor afirma ter bastante zelo em relação ao trabalho psicológico, médico-odontológico e de assistência social, pois acredita que estas atividades são meios fundamentais para obter-se a disciplina e a estabilidade, em que o fim máximo é a segurança. A individualidade do interno é monitorada exaustivamente em todos os âmbitos: físico, mental etc.

O atendimento médico é diário, há um aparelho de raio-x e um eletroencefalograma. Existe uma sala denominada como sala de expurgos, onde são esterilizadas as roupas dos internos, precavendo-se para que estes não adquiram nem uma micose ou afim, evita-se ao máximo que saiam por motivos de saúde. Zelar pela integridade física e mental do detento é entendido como objetivo essencial para lograr segurança.

A comida é produzida pela Cozinha Central que fornece as refeições para toda a Agência Prisional, localizada em uma unidade à parte dos presídios. O Presídio de Segurança Máxima, assim como os outros, não tem cozinha por questão de segurança. Há uma copa para a refeição das/os Agentes, no entanto esta está desativada para impedir ao máximo o trânsito de alimentos. As/Os Agentes da unidade de Segurança Máxima realizam suas refeições fora da unidade. As visitas acontecem aos sábados, restrita a parentes de primeiro grau, o objetivo é reduzir a quantidade de pessoas transitando no local.

Na sala destinada ao encontro do advogado e do interno existe uma pequena janela gradeada e vedada com vidro espesso e uma tela emaranhada com arames. O diálogo dá-se por essa janela que ao máximo tenta evitar o contato físico direto entre o advogado e o detento, dissipando qualquer suspeita de contato entre ambos.

Essa descrição etnográfica realizou-se acompanhada pelo Diretor do Núcleo de Custódia. Nota-se durante a entrevista que o Diretor mantém preocupação constante com a segurança, esta inúmeras vezes justificou vários procedimentos de rotina nessa unidade. A segurança é o objetivo máximo a ser alcançado, exaustivamente, minuciosamente. Há uma preocupação insistente no controle mínimo de todos os âmbitos: mobilidade de pessoas, o mais reduzido e organizado possível, trânsito de objetos, apenas estritamente o indispensável.

A diferença observada nessa unidade cabe em grande parte à imagem construída do reeducando que ali se encontra. Para o Diretor, eles são “mentes geniais”, perspicazes e altamente perigosas, ameaças a todo o sistema, potenciais significativos para abalar a estabilidade de um sistema prisional. Nota-se que o detento de um Núcleo de Segurança Máxima tem sua individualidade nitidamente marcada e observada em todas as suas dimensões. Prevalece (mais do que em qualquer outra unidade) a observação do mínimo detalhe. O poder e o saber sobre o detento são mais acentuados, no entanto, muito mais sutil, disperso em todos os mecanismos que envolvem todas as relações dentro da unidade.

A lógica da segurança mitigada pela lógica da pacificação. O controle é maior, porém implícito, pois se difunde. Aí se encontra o principal mecanismo de disciplina analisado por Foucault: o poder está sobre o detento, ele é alvo e sujeito desse poder. Foucault também desperta a nossa atenção para o reforço da individualidade do sujeito dentro de um processo de marcação das individualidades, ou seja, as individualidades são nitidamente definidas. Este fato é elucidado, por exemplo, na organização panóptica da estrutura espacial (espaço construído de forma que nenhum aspecto possa se esconder da observação da/o Agente) que possibilita exame, visibilidade, análise das individualidades e produção de saberes específicos sobre os indivíduos. Torna-se importante acrescentar que o exame que configura o conteúdo

dos saberes sobre os indivíduos atua como instrumento de classificação, portanto de hierarquização das subjetividades em exame.

A tecnologia de poder da disciplina tem como estratégia central a vigilância. A eficiência do poder é garantida pela vigilância constante em que os sujeitos estão em um espaço quadriculado (onde todas as posições são definidas estrategicamente) e panóptico (no qual todos os gestos são monitorados).

A certeza da possibilidade de sempre poder ser visto configura um processo singular de socialização, visto que o indivíduo internaliza mais intensamente o controle social. Por conseguinte, há uma economia mais eficiente deste controle quando comparado aos demais processos de socialização das outras unidades do Complexo Prisional goiano. Esse processo em que se intensifica a disciplina justamente por ela aparecer difusa, coextensiva a quaisquer atividades dos internos. Nesta estrutura panóptica, o autocontrole arraiga-se mais intimamente pela possibilidade incessante de sempre poder ser visto, o que para o sujeito pode ser interpretado também como possibilidade de sempre poder ser punido pelo mínimo deslize.

O indivíduo ao transformar esse controle em autocontrole, ao internalizar a disciplina, deixa de ser apenas objeto do poder e passa a ser também executor deste. O corolário desta condição é a economia do poder no sentido de que o próprio indivíduo, no caso, o detento, é Agente Policial de si mesmo, haja vista não apenas monitorar a conduta dos outros, mas também a sua própria. O detento executa o poder de vigilância e de disciplina sobre si mesmo.

Esse mesmo processo também acontece com as/os Agentes Penitenciárias/os, ele não apenas policia o comportamento do detento como o seu próprio comportamento enquanto Agente Penitenciário.

A disciplina mantém seu vigor na “anatomia do detalhe” (Foucault: 2003). Na disciplina, a alma é o alvo final a ser atingido pelo poder em um processo de docilização dos corpos. O corpo é meio para se inscrever significados que em última

instância se impregnarão na alma do indivíduo, portanto a disciplina é um mecanismo que se sustenta por internalização de representações simbólicas. A fim de se produzir corpos dóceis, o que resultará em um disciplinamento da alma (institucionalização da realidade subjetiva, principalmente da identidade), a disciplina vale-se do esquadramento da subjetividade nos mínimos detalhes.

O objetivo é dar conta de cada espaço da individualidade, de forma que as lacunas sejam as mínimas possíveis (haja vista que sempre existirão lacunas de sentido não institucionalizadas pela disciplina, já que nem mesmo o mais rigoroso processo de socialização é total).

O fato de uma prisão ser uma instituição total, e isso torna-se ainda mais evidente em um presídio de segurança máxima, todas as interações sociais são padronizadas dentro deste espaço. A disciplina se ocupa de todas as relações sociais do indivíduo enquanto ele estiver sob sua jurisdição. Toda a individualidade do sujeito: o uso de seu tempo e do espaço físico (posicionamento e circulação neste espaço); suas atividades; sua maneira de ser e de agir; seu discurso; sua representação de crenças sobre o mundo e sobre si próprio (sua auto-imagem); seu corpo (gestos, olhares, posturas corporais, tom de voz; vestimentas, objetos etc. e o monitoramento reflexivo desse corpo); sua sexualidade; são examinados e fabricados paulatinamente em um processo de *recodificação da existência*, como sublinhou Foucault.

Nessa recodificação da existência dos indivíduos envolvidos no mecanismo da disciplina, todos os significados de processos anteriores de socialização são transformados. Fato este que suscita-nos mais uma questão se essa recodificação constitui um processo efetivo de ressocialização ou de apenas de alternância de papéis (Peter Berger: 1997).

Em síntese, à medida em que o preso ao ter sua individualidade controlada em todos os aspectos, analisável sob diversos ângulos, possível de ser observada e codificada constantemente, o próprio interno reforça o poder que sobre ele age. Ao ter sua individualidade perscrutada sutilmente, ele concentra um autocontrole, domínio próprio, uma vigilância de seus atos, é um policial de si mesmo. Como resultado da

eficiência desse mecanismo disciplinar, o Diretor destaca a crença de que apesar de “administrar presídio, é administrar o caos”, “estamos gerindo a coisa”, declara.

No tocante ao espaço físico nesta unidade de Segurança Máxima ressalta-se a sensação de mórbido, frio, isolado, de solidão, apático, monótono, celas escuras, corredor sombrio, característicos de um ambiente em que há controle difuso por todos os lados, todavia este implícito. O ambiente transmite sensação de estabilidade e organização minuciosa. Os espaços são delineados nitidamente, hierarquizados, mobilidade controlada, tempo e espaço orquestrado e mensurável. A multiplicidade dos internos é de fato uma individualidade reconhecida e esquadrihada pela vigilância. Há uma inquietação do controle exaustivo do detalhe.

É interessante incluir à análise uma questão levantada pelo Diretor dessa unidade, ao avaliar a estrutura física de Goiás comparando-a ao Distrito Federal, apesar de Brasília possuir uma instituição prisional mais segura, Goiás é um modelo que tende à ressocialização, segundo o Diretor do Núcleo de Custódia. Há implícita a crença nesse discurso de que segurança e ressocialização são um binômio de que uma apenas pode ser prioridade em detrimento da outra. É válido ressaltar que o discurso preponderante na instituição prisional em Goiás centraliza-se em torno da crença na ressocialização e pacificação, enquanto no Distrito Federal, este discurso parece ir muito mais em direção ao controle e à segurança.

Colônia Agro-Industrial (presídio masculino, regime semi-aberto).

A Colônia Agro-Industrial é a unidade de regime semi-aberto em Goiás. Localiza-se a aproximadamente 3 Km do núcleo da Agência, seu acesso dá-se por uma estrada de terra. Há também uma outra unidade próxima ao núcleo que constitui o Semi-Aberto antigo, entretanto o maior número de reeducandos encontra-se na Colônia Agro-Industrial. Os presos diferenciam-se em:

- 1) Aqueles que executam trabalho externo. Para estes as celas são abertas às 06 h e retornam às 20 h, sendo a chamada para conferir os presentes feita às 20h30min, encaminha-se o nome dos ausentes para o Conselho Disciplinar.
- 2) Aqueles que trabalham dentro da própria unidade da Colônia Agro- Industrial.
- 3) Os que não trabalham. Existem apenas duas celas compostas por reeducandos que não trabalham, são em torno de 50. Estes vivem sob condições de regime fechado, apenas tem o direito de cinco saídas ao ano para visitar a família por sete dias. O banho de sol destes segue como no restante do sistema de Goiás, estende-se das 08:30h até às 18h. As refeições do almoço são distribuídas em torno das 12h e as do jantar às 17h.
- 4) Há também internos que estão sob a condição do “seguro”, são isolados dos demais por problemas de convívio, tem de três a quatro horas de banho de sol.
- 5) E os reeducandos que cumprem castigo, com direito a apenas duas horas de banho de sol.

Além das atividades de praxe: atendimento médico, psicológico, assistência social etc. e atividades religiosas³⁰, duas oficinas dentro dessa unidade prisional empregam internos. São elas: oficina de plásticos em geral (cabides, prendedores de roupa, cadeiras para crianças) e oficina de velas.

Há seis quartos para visita íntima. Nestes há uma cama, um colchão, um banheiro. É um comôdo pequeno. Apesar de haver local específico para visita íntima, as normas para uso desse local: duração, ordem na fila etc. são decididas entre os presos que se organizam entre si. As/Os Agentes entrevistados falam sobre o uso desses quartos para visita íntima:

E: Quanto, quanto tempo dura a visita íntima? (...) cada preso, como é que eles se organizam pra poder utilizar?

³⁰ **As igrejas evangélicas e os centros espíritas são os que mais utilizam o espaço destinado a cultos. Entretanto os Agentes queixaram-se que as Igrejas que ali executam seu trabalho, tem se distanciado um pouco, tem sido cada vez menos freqüente esse trabalho na unidade do semi-aberto.**

R2: Não, eles se organizam, e, isso! Um usa, aí vai na seqüência, vão se organizando.

R1: Eles mesmos se organizam.

R2: Exatamente, eles mesmos se organizam.

E: Ah e, eles mesmo, não tem um tempo limite?

R1: Tem, mas isso aí fica entre eles.

R2: Isso, exatamente, isso, isso é, isso é entre eles né?

Essa condição diverge quando comparada aos presídios do DF, nos quais o uso do local para visita íntima segue normas e padrões estabelecidos pela própria instituição penitenciária. Destaca-se que em Goiás o que predomina no tocante à visita íntima é a não institucionalização da sexualidade dos detentos e detentas, haja vista que quando há um local específico para os encontros íntimos, os próprios internos decidem a forma de usá-lo e quando não há este local, a visita íntima acontece debaixo das diversas tendas (exemplo na POG) e nas próprias celas.

Na oficina de plásticos, feitos por reciclagem, há aproximadamente 80 internos trabalhando em três turnos de segunda a sábado: das 06h às 14h, das 14h às 22h e das 22h às 06h. Em comparação, na oficina de velas, há oito reeducandos empregados nas funções de empacotamento e acabamento. A fabricação das velas é feita por funcionários da própria empresa, cerca de seis, porque segundo o responsável por gerenciar este trabalho, o maquinário exige um conhecimento muito específico que os internos ainda não possuem. No entanto, há um funcionário ensinando-lhes aos poucos essa função. Em ambas as empresas, os internos recebem um salário fixo mensal acrescido de um percentual sobre a cota produzida.

Entretanto, vale acrescentar diante do denunciado na Folha de São Paulo ³¹ (19/02/2006) que as instalações de fábricas, indústrias e oficinas nos presídios precisam ser avaliadas criticamente como possibilidade de reintegração à sociedade.

³¹ **Ver síntese dos artigos “Indústria disputa trabalho barato de preso”, “Procuradoria investiga exploração de presos” e “Não estou aqui para ser explorada” disponíveis em**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u105377.shtml>;

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u105378.shtml>;

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u105379.shtml>

São discutíveis essas reais chances diante das condições de trabalho oferecidas aos internos, haja vista como enfatiza explicitamente o site da FUNAP³² (Fundação de Amparo ao Preso) responsáveis por essas parcerias entre empresas que utilizam mão-de-obra carcerária, o trabalhador está desprotegido diante da regulamentação de seu trabalho. O trabalhador preso não possui vínculo empregatício, seu trabalho não está regido pela C.L.T e muitas dessas empresas oferecem condições de trabalho precárias e muitas vezes insalubres aos presos.

Em geral, o trabalhador preso recebe um salário mínimo mensal (há empresas em que a remuneração é por cota produzida), do qual 1/3 destina-se a família do preso, 1/3 para um fundo que será entregue ao trabalhador ao sair da prisão e o outro 1/3, para o próprio preso, para gasto com material de higiene, por exemplo. O preso obtém como benefício a redução de sua pena em 1 dia a cada 3 dias de trabalho.

O discurso legitimador da reintegração do preso via trabalho justifica-se principalmente na ocupação de seu tempo, evitando assim que se envolva ainda mais em relações nocivas dentro da prisão (este pensamento é representado diversas vezes, por nossos entrevistados, tanto presos, Agentes, Diretores das unidades pesquisadas e familiares dos internos pelo velho adágio: *mente vazia, oficina do diabo*).

No entanto, o trabalho do preso, principalmente nas atividades destinadas a movimentos repetitivos como montar pregadores de roupas, por exemplo, deve ser entendido muito mais em direção a internalização da disciplina que transforma o

³² Conforme justificado pelo próprio site da FUNAP que apresenta como vantagens à utilização da mão- de- obra carcerária: “**Benefícios:** Para os parceiros de alocação de mão-de-obra, a grande vantagem é que o uso do trabalho de presidiários não cria nenhum vínculo empregatício com a mão-de-obra e o pagamento é de um salário mínimo. O Parceiro ganha o selo FUNAP para divulgar em seus materiais como uma empresa que cumpre seu papel de responsabilidade social. A FUNAP oferece a possibilidade do parceiro participar de uma comissão que possui como objetivo de responsabilidade social a diminuição da criminalidade, evitando a reincidência de egressos.” (Fonte: <http://www.funap.sp.gov.br/parceiros.htm>).

corpo em corpo dócil³³ passível de ser apropriado como força produtiva por uma economia de mercado. Soma-se a essa docilização dos corpos, a internalização de conteúdos objetivos de disciplina, submissão à hierarquias, controle do tempo etc., frutos de um processo de socialização secundária que constrói uma nova subjetividade para o preso. Portanto, essa docilização dos corpos não pode ser entendida apenas sob o viés de uma disciplina do corpo como força economicamente útil, mas também como docilização da alma, escopo de uma nova tecnologia do poder que se sustenta pela vigilância.

Torna-se necessário questionar se essas atividades desenvolvidas por essas empresas significam real profissionalização do preso a fim de capacitá-lo na vida egressa. Ou se ao contrário, esta situação encobre exploração de mão-de obra barata, haja vista um preso custa cerca de 25 % a 30 % que outro trabalhador³⁴, a fim de reduzir custos na produção dessas empresas. Por isso, o discurso de ressocialização via este tipo de trabalho precisa ser interpretado criticamente para se compreender se há influências reais positivas para a reintegração do egresso.

No que concerne, ao presídio semi-aberto em Goiás, este é apresentado como modelo, ícone da filosofia da Agência Prisional goiana: a da ressocialização. São 300 internos e destes apenas aproximadamente 50 não trabalham, estes porque não querem, dizem os Agentes entrevistados: “se ele quiser trabalhar, o emprego está aí à disposição”.

Em relação ao contato entre Agentes e reeducandos, as/os Agentes afirmam ser tranquilo o presídio, é um trabalho mais de fiscalizar quem está ou não trabalhando. Conforme um dos entrevistados:

Porque aqui a segurança é mais fácil de conviver. Os presos vão na rua e voltam. Então não tem aquele negócio de fuga, não tem aquele clima de rebelião, sabe. Aqui NÃO PRECISA FAZER REBELIÃO, TODOS ELES SAEM PRA TRABALHAR, sabe. Então não tem rebelião. Aqui é muito mais fácil de

³³ Ver FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2003.

³⁴ Dados dos artigos já citados na nota 23, Folha de São Paulo (19/02/2006).

trabalhar. Aqui é MAIS CONTROLE deles trabalhando. A gente aqui não tá olhando um preso, a gente tá olhando as pessoas que tão trabalhando, sabe, têm as empresas e a gente fica olhando quem tá trabalhando, quem não tá, sabe.

Nota-se na fala anterior que os Agentes sentem-se mais seguros em trabalhar nessa unidade do que em outras, como muitos declararam. A representação construída sobre o detento é a de uma pessoa mais fácil de conviver, mais inofensiva, mais dócil (talvez em grande parte porque já incorporou a disciplina ao longo de todo o percurso da pena e também porque evita cometer qualquer infração disciplinar agora prestes a sair porque compromete em mais tempo a sua estadia na unidade).

Porém o que parece mais fundamentar essa representação é a crença de que o trabalho traz reconhecimento da cidadania e de uma condição de mais humanidade: “*A gente aqui não tá olhando um preso, a gente tá olhando as pessoas que tão trabalhando*”, o reeducando que trabalha transpõe ou desloca sua condição de preso para a de pessoa. Ele destaca-se dos demais tanto entre os outros detentos que não trabalham quanto entre as/os Agentes, que passam a ter um tratamento diferenciado com estes. Para as/os Agentes, o trabalho é um dos símbolos da possibilidade da ressocialização. Essa imagem do reeducando modifica a relação entre Agente e detento, calcada mais no diálogo e na atenção, porém sempre com alguma desconfiança.

As/Os Agentes declaram também que há presos que pedem muito, solicitam o Agente a toda hora: “*Às vezes um reeducando só, ele chega a pedir, não é? Uma coisa só umas dez vezes. Mas isso aí já é a forma da gente parar e tá ouvindo ele. Ele chama pra ele chamar a atenção da gente pra gente tá parando e ouvindo ele. É que ele quer desabafar, ele quer contar alguma coisa pelo fato dele, dele estar preso.*” Observa-se que geralmente são os internos que não trabalham os que mais pedem, visto que estão reclusos todo o tempo no presídio. Solicitar a/o Agente insistentemente traduz um apelo de ser visto e ouvido, já que por não trabalharem, esses internos carecem do reconhecimento de sua individualidade e cidadania creditadas pelo trabalho.

Centro de Inserção Social Consuelo Nasser (CIS-presídio feminino, regime fechado).

O Centro de Inserção Social Consuelo Nasser localiza-se em frente ao presídio masculino POG. O CIS abriga 65 reeducandas em regime fechado.

Há muros de aproximadamente 5 metros de altura e duas guaritas inoperantes em razão do reduzido número de Agentes. Existe apenas um bloco no centro, térreo, aparentemente mal conservado e relativamente pequeno, onde fica a secretaria, as celas e a cozinha. Atrás do bloco há uma pequena plantação de hortaliças, dois conjuntos de mesas e bancos de concreto e o varal de roupa em arame. Na horta medicinal trabalham quatro reeducandas e um reeducando que vem do presídio masculino, este chega às 7h e sai às 15h e realiza todas as refeições no CIS.

Do lado esquerdo do terreno há uma tenda onde funciona a sala de aula e realizam-se os cultos. Do lado direito estão as oficinas. O pátio circunda o bloco central onde ficam as celas. É um pátio aberto com árvores dispersas e bancos de concreto. Entretanto a visibilidade é comprometida pela disposição do pátio ao redor de todo o bloco. Há uma Agente que controla o muro interior (acesso à entrada principal) e outra, o muro exterior.

Na primeira entrada há um rol onde fica um orelhão em frente à secretaria. Esta possui duas salas bem pequenas, sendo que uma é a sala da Diretora responsável pelo presídio feminino. Por um pequeno corredor, tem-se acesso ao dormitório das Agentes. São três Agentes por equipe trabalhando em sistema de plantão (24 horas), excepcionalmente ficam quatro, durante a noite descansam em forma de revezamento na sala improvisada para servir-lhes de alojamento. O antigo alojamento das Agentes funciona como cela, há três internas, é a chamada celinha, mas hoje ficam seis reeducandas e uma criança.

Do outro lado fica a cozinha, onde trabalham quatro reeducandas, todas classificadas. Estas preparam todas as refeições (café da manhã, almoço e jantar) e, para isso, utilizam facas, garfos e todos os demais utensílios domésticos necessários.

Tanto internas quanto Agentes fazem ali suas refeições, porém estas retiram antes sua comida, ambas compartilham do mesmo tipo de alimentação, o que significa que as hierarquias entre internas e Agentes no CIS é muito menos rígida quando comparada a outras unidades tanto em Goiás quanto no DF, em que Agentes e detentos têm refeições diferenciadas produzidas também por empresas distintas. Assim não compartilhar a mesma refeição que os presos significa distinção para as/os Agentes Penitenciárias/os / Prisional.

Um salão antes destinado ao refeitório e a eventos foi improvisado para servir de alojamento coletivo, abriga 20 reeducandas. As celas têm aproximadamente 4X6 m² e são de madeirite. Ao lado há um banheiro coletivo, com três sanitários e dois chuveiros quentes. As reeducandas são responsáveis pela limpeza do banheiro, revezam entre si, bem como a de suas celas.

No espaço propriamente destinado ao alojamento das internas, há 12 celas com 45 reeducandas (sem somar às outras 20 da ala improvisada). Celas pequenas, com banheiro interno e beliches. Os eletrodomésticos são trazidos por suas famílias, há uma quota para cada cela.

A distribuição das reeducandas nas celas é feita conforme a afinidade entre elas, não há separação por crime ou tempo de condenação, mas se houver problemas de convivência as Agentes fazem o remanejamento.

Em contraste do que acontece no presídio feminino no DF (Comeia), no CIS (Goiás) não há local específico para visita íntima. Os encontros sexuais acontecem nas próprias celas e em tendas armadas pelas próprias internas com lençóis e lonas de plástico no dia de visita. O controle da sexualidade no CIS escapa à instituição prisional, haja vista como, em geral, acontece no complexo prisional, essa questão não está institucionalizada oficialmente. As próprias reeducandas definem entre si quanto tempo dura a visita íntima, a ordem para usar as tendas e as próprias celas.

Há um abismo entre a institucionalização da sexualidade nos presídios do DF e a não institucionalização nos presídios em Goiás. Essas diversas formas de se tratar

a questão da sexualidade dos internos e internas nesses dois sistemas Penitenciários podem revelar um termômetro para se aferir o grau de institucionalização, controle e poder da instituição sobre os indivíduos. Assim podemos estabelecer a densidade dos níveis de controles institucionais que atuam sobre o indivíduo, bem como delinear as margens de autonomia do indivíduo diante da instituição.

Em conseqüente, pode-se afirmar que uma/um presa/o no DF está mais fortemente institucionalizada/o em todas as esferas de sua individualidade e conduta do que uma/um interna/o em Goiás. A realidade subjetiva e conseqüentemente a identidade dos detentos e detentas são mais simétricas (simetria mais nítida) à realidade objetiva da instituição nos presídios em Brasília. Enquanto em Goiás essa simetria é muito mais confusa.

Semelhantemente esse grau de institucionalização das/os presas/os também pode revelar o grau de institucionalização das/os Agentes, haja vista que o que está em foco nessa questão é a força do processo de socialização e de controle social que a instituição tem sobre os indivíduos que estão sob sua égide e jurisdição, sejam eles presas/os ou Agentes Penitenciárias/os (ou Prisionais). Essa força pode ser mensurada pela simetria entre o subjetivo e o objetivo.

Entretanto cumpre-se enfatizar que a análise precedente sobre o grau de institucionalização deve ser interpretado considerando-se as duas lógicas divergentes que regem esses dois sistemas Penitenciários. Sendo assim, a institucionalização nos presídios em Goiás segue o sentido da pacificação e da crença na ressocialização. Enquanto no DF, essa institucionalização tende a ter como objetivo essencial a segurança e o controle. Tanto Goiás quanto DF produzem presas/os e Agentes submissas/os. Entretanto, as subjetividades submissas (ou dóceis) são produzidas em Goiás pela pacificação e no DF, pela segurança e pelo controle.

Nas oficinas executam-se dois tipos de atividades: fabricação de *lingerie*, em que trabalham quatro reeducandas, e montagem de pregadores de roupas, com 10 internas. Em ambas, a remuneração é por produção, podem ficar durante todo o horário em que estiverem fora das celas, a maioria fica o tempo integral, realizam

pausa apenas para as refeições. Todas são revistadas quando entram e saem das oficinas.

As empresas são privadas e firmam convênios com a Agência Prisional. No mesmo galpão em que ficam as oficinas funciona um projeto de inclusão social, chamado Reeducar, com aula de informática, ministrada por uma reeducanda.

Por dentro do CIS existe um alambrado, único acesso ao setor de oficinas destinada aos internos do presídio masculino, porém, este se localiza numa área externa ao CIS. Este espaço pertencia anteriormente ao presídio feminino, mas foi cedido para uso do presídio masculino. Os detentos são revistados somente ao entrar no presídio masculino, não são revistados quando entram nem quando saem das oficinas. O alambrado que dá-lhe acesso perpassa a entrada principal do presídio feminino, assim as reeducandas podem ver os internos ao passarem pelo alambrado na entrada e na saída. No entanto, o que acontece no interior do setor de oficinas que pertence ao presídio masculino é inacessível à visibilidade de quem está no CIS. Destaca-se que poucas informações obtivemos durante a etnografia do presídio feminino sobre a rotina desse setor de oficinas onde trabalham os internos homens.

O CIS é conhecido como “colônia de férias”, isso pode ser compreendido quando se tem em mente as normas relativas ao sistema prisional brasileiro, pois o prolongado tempo para banho de sol, a livre circulação no presídio, o fácil acesso ao telefone público, (havia tumulto na frente do orelhão para utilizá-lo; vimos internas que estavam o tempo todo ao telefone durante nossa visita ao CIS) o trabalho sem fixação da carga horária e a relação com as Agentes, fogem por completo das regras existentes, tornando-o um presídio atípico.

A familiaridade das relações sociais que se desenrolam dentro do CIS despertou o nosso interesse e nos impressionou muito. O contato próximo entre as Agentes e detentas dá-se no nível do familiar, poucos formalismos são utilizados. O ambiente nesse presídio está envolto por uma atmosfera familiar, nítido na arquitetura do presídio que se associa no imaginário a uma casa de abrigo, devido a sua

disposição em bloco único e térreo. Nesta imagem de abrigo também está a representação da mulher como inofensiva que precisa de proteção.

Outro fator que contribui para a sensação do familiar é que as reeducandas circulam livremente durante o banho de sol (9h às 17h) pelas dependências do presídio, o seu acesso é restrito apenas na sala da diretoria. As internas circulam livremente pelos corredores que são estreitos, toda hora estão esbarrando nas Agentes, o formalismo é o mínimo possível. O contato verbal e físico entre Agentes e internas é constante, em razão dessa livre circulação das reeducandas em todo o CIS e porque as Agentes permanecem lá durante todo o dia (24hs).

As Agentes Prisionais acabam por desempenhar também uma outra função no presídio, a de “aconselhamento” ou de “psicólogas”. Elas acreditam que assim também estão exercendo o papel de Agente principalmente no que se refere à ressocialização. De um modo geral, as Agentes do CIS consideram essa interação, esse contato familiar com as reeducandas, como fator positivo para a ressocialização dessas, se criam vínculos e afinidades (apesar de sempre tentarem manter uma mínima desconfiança com as internas).

As Agentes acabam exigindo para si o papel de mãe (protetora, educadora e aconselhadora) das reeducandas. Acreditam que essa confiança estabelecida nessa interação contribui para a reflexão e mudança de atitude das internas e vêem aí uma possibilidade para a ressocialização.

Essa aproximação e essa familiaridade precisam ser entendidas sob uma ótica paradoxal, como uma faca de dois gumes, pois se por um lado, em alguma medida pode contribuir para a segurança do CIS, pois o número de Agentes é extremamente pequeno, (de dois a três Agentes, excepcionalmente quatro) e não possuem nenhum equipamento de segurança (algema, cassetete, etc., mesmo em razão dessa proximidade). Assim, as Agentes acreditam que precisam fazer uso do diálogo, da confiança e do bom comportamento das reeducandas para manter a ordem e a estabilidade.

No entanto, justamente por esses fatores esse contato tão direto pode ser perigoso para segurança, haja vista que as Agentes podem se tornar relapsas e se deixarem envolver pelas afinidades com as internas e estas podem valer-se do certo grau de confiança junto às Agentes.

O estereótipo e os papéis construídos sobre a mulher também contribuem para a manutenção dessa ordem. A mulher é vista como inofensiva, frágil, emotiva, obediente e, sobretudo, mãe e educadora, sendo a agressividade, a força, a capacidade de liderança, a iniciativa e a autonomia de auto gestão do corpo e da vontade, características vistas como estranhas à natureza da mulher. Assim, ela permanece dominada e institucionalizada, mas precisa ser cuidada e educada e, para isso, nada melhor que uma “mãe”, ou seja, uma outra mulher, (no caso a Agente Prisional) que possui as mesmas características femininas, para realizar esse cuidado e essa docilização dos corpos e das individualidades.

Nota-se que esse contato familiar traz conseqüências na imagem que as detentas constróem das Agentes e das que estas constróem de si mesmas, na realidade, essa familiaridade influencia fortemente a construção das imagens dos diversos atores sociais que ali convivem. O jogo da construção das identidades parece dá-se no âmbito das personagens: a mulher frágil e inofensiva (a reeducanda) e que precisa ser protegida e a Agente mãe acolhedora. As estigmatizações do papel da mulher dividem-se em duas categorias definidas e excludentes de mulheres: a mãe é sempre a Agente e a mulher frágil é sempre a interna.

Durante as entrevistas, as Agentes afirmaram sentirem-se mães das internas, um sentimento de proteção, acolhimento, compreensão e aconselhamento permeou todos os discursos das entrevistadas. Observa-se que elas sentem-se envolvidas com os problemas das internas, o que para muitas Agentes significa estresse e pressão psicológica, conforme nos relata uma Agente transferida do CIS para trabalhar na Casa de Prisão Provisória. Ela afirma sentir-se mais segura com esse distanciamento por ser o contato apenas pelas grades com as internas na CPP e se limitar ao mínimo indispensável à rotina do sistema:

(...) aqui (na ala feminina do Bloco três da CPP) por a gente não ter contato com a detenta, contato físico até pela estrutura do prédio, você não desenvolve laço nenhum, afinidade nenhuma. E lá (no CIS-presídio feminino) você/ a presa chega em você, ela quer conversar com você, ela te faz de psicóloga, vai desabafar os problemas dela em cima de você. Então fica muito PESADO pra gente trabalhar ali .E eu não gostei , não pelas detentas não, isso não me assusta, eu não tenho medo de estar no meio delas e tal. É porque era muito pesado mesmo, aqui é mais fácil de você carregar as vinte e quatro horas.

Outra característica que merece destaque é que por ser o CIS, um bloco único e térreo e ter corredores estreitos e o fluxo de transeuntes constante, o espaço torna-se confuso, múltiplo. Não é um espaço marcado, o que dificulta o exame do local e dos atores que ali circulam. Transmite a sensação de que há vácuos de controle que parecem ser reforçados principalmente pelo sentimento do familiar. A impressão que se tem do CIS é que essa multiplicidade confusa de atores sociais que ali circulam parece também significar que a individualidade das Agentes mistura-se e às vezes confunde-se com a das reeducandas.

É esta fusão entre as individualidades das Agentes e das internas fator positivo ou negativo para a ressocialização das reeducandas? E para a integridade física e psicológica das Agentes Prisionais? Este contato tão estreito, por vezes confundidos com laços fraternais, pode interferir nos objetivos primordiais de uma instituição prisional?

Casa de Prisão Provisória (CPP)

O acesso à Casa de detenção Provisória dá-se via uma guarita da Polícia Militar. Esta é ampla, há diversas salas para realizar as revistas no dia de visitas e um detector de metais. Ao passar pela guarita, tem-se acesso ao prédio administrativo da CPP, onde além das salas do serviço burocrático, localiza-se também o setor de atendimento ao interno: salas de atendimento médico, odontológico, jurídico, psicológico e de assistência social.

Na saída deste prédio, há um restaurante onde os Agentes realizam suas refeições. O restaurante é terceirizado, mas há internos que trabalham em serviços gerais na cozinha. Há também presos, principalmente, os que trabalham na cozinha, que almoçam no restaurante. Os detentos que ali trabalham têm uma relação próxima com os Agentes que ali realizam suas refeições. Diversas vezes vimos Agentes e detentos conversarem com certo contato e interação no restaurante, inclusive havia até clima harmonioso entre alguns que conversavam e riam.

A Casa de Prisão Provisória divide-se em quatro blocos, afastados uns dos outros. Há um pátio enorme com jardins que circundam todo o espaço da CPP e os blocos estão dispersos por esse pátio.

Em geral, as/os Agentes nos informaram que os presos são separados nesses blocos de acordo com os delitos. Assim no bloco 1 estão os reincidentes, no 2 e no 4, os acusados, em sua maioria, por tráfico de drogas, furto e roubo. E no bloco 3, o mais afastado dos demais blocos estão na ala A, as mulheres que aguardam julgamento e na ala B, os esturpadores.

Em cada bloco, há cerca de 2 a 3 Agentes, estes ficam em uma guarita na entrada dos blocos. Apenas deslocam-se de suas funções na guarita, quando solicitados pelos internos que batem nas grades ou gritam e para os procedimentos rotineiros, por exemplo, abrir as celas etc.

O banho de sol é de 8:30h até às 17h, como o padrão da Agência Prisional. Os detentos ficam soltos nos pátios durante todo o tempo do banho de sol.

Em cada bloco há duas alas e em cada uma delas, existe uma cantina. Segundo informado, essas cantinas são abastecidas pela mesma empresa que abastece o restaurante. Entretanto, as cantinas pertencem aos presos e são controladas por estes. Dessa condição reproduz-se a lógica das cantinas, dos comandos e das concessões já mencionados na descrição da Penitenciária Odenir Guimarães. Na CPP, a lógica da segurança é a mesma, concedem-se concessões aos comandos e estes são

responsáveis por manter a pacificação e a organização das celas. Conforme descreve um dos Agentes entrevistados sobre essa lógica da pacificação:

R: (...) Ele não quer problema, ele não quer alguém gritando com ele, ele não quer alguém, ele não quer ficar em isolamento né, sente a punição disciplinar, ele não quer passar por isso, entendeu, então ele acaba fazendo em reuniões, que diariamente ocorre reuniões no pátio. Várias reuniões ocorrem no pátio, tal, eles reúnem pra tirar as diferenças, tal, pra discutir o que que tá acontecendo, fulano xingou o outro, o outro tá devendo o que não pagou, e diz que não vai pagar, se ele vai sair da ala ou se não vai. O cara que desacatou, desrespeitou visita, o cara que de certa forma é folgado, é o cara que não respeita ninguém, então tudo que decide de problema na, né, diariamente. Logo depois do domingo, depois do dia de visita eles faz a reunião também. Então essas, essas lideranças positivas, eles incentiva, nessa hora, nessa reunião, um bom andar pro sistema, quer dizer, tem um pavilhão aqui que eu acho muito importante, pelo outro lado. Eles escreveram numa, numa, numa cartilha, naquele papel, um papel.

E: Cartaz?

R: Num cartaz, um cartaz, esqueci o nome do cartaz, aquele papel, você compra em papelaria, eles escrevem lá e tal, hoje, né, hoje, a situação, já se passaram 182 dias, assim, eles fazem as contagens dos dias né, já se passaram, por exemplo, 182 dias, tantos meses e tantos anos, né, que não, e até este momento, nem um conflito existe nessa ala, parabéns aos educandos, eles mesmo escreve sabe. Você vê, isso é uma liderança positiva, você entendeu, aí incentiva, aí coloca todo dia, troca lá, ele todo dia, toda semana ou mês ele vai lá e troca o cartaz, hoje tem tantos dias, tantos meses e tantos anos que não existe conflito nessa ala, parabéns educandos. Você entendeu a cabeça desse cara? Então a administração entra lá, entendeu, de certa forma você tem que pegar mais leve, você entendeu, você tem que pegar mais leve, sabe, você tem que trabalhar não daquele, naquela disciplina puxada do dia. (...)

Observe a opinião de outro Agente Prisional que também trabalha na CPP sobre as concessões aos presos para se manter a pacificação do presídio:

R: Há muitas CONCESSÕES e através disso eles conseguem às vezes um RELACIONAMENTO MENOS TENSO, mas em alguns aspectos também/ porque concessões demais, porque o que a gente vê é que eles acha que através de concessões consegue a CONFIANÇA e isso num consegue porque preso tá fugindo aí todo dia, tá se corrompendo (risos).

E: Quem acha “que consegue a confiança através de concessões”?

R: É a própria administração.

E: E como é que funciona isso?

R: Hoje preso aqui tem DVD na cela dele, tem/ vai indo mesmo, tem muita regalia, apesar da própria lei de execução penal permitir a concessão de regalias, mas você vê que em muitos casos você não tem a contrapartida, então/ Agora em questão de ser mais humano, eu acho que aqui NÃO É realmente DESUMANO, não. Eu acredito que seja. Agora ressocializar, TÁ LONGE.

Por esse pátio onde ficam os blocos, há internos com uniforme de cor verde (chamados por isso de verdinhos) responsáveis por realizar serviços tais como jardinagem, varrer o pátio etc. Esses internos circulam livremente por todo o pátio exterior aos blocos. Esbarramos diversas vezes neles, já que o fluxo é livre e constante. Há outros internos responsáveis pela distribuição das marmitas, essas são entregues em uma Kombi que passa deixando as refeições em cada um dos blocos.

Dentro das alas também há internos que trabalham nos serviços de limpeza e nas cantinas. Um fato que nos chamou bastante a atenção é que todos os internos que transportavam os sacos de lixo e as lixeiras não utilizavam roupas apropriadas para essa função, não usavam luvas e alguns estavam até descalços.

A única ala que nos foi permitida a entrada para realizarmos a etnografia foi a ala feminina. Esta ala fica no bloco 3, último bloco e mais afastado de todos os outros. Na entrada há uma guarita em que fica uma mesa e um telefone. Há uma cela na entrada, onde as/os detentas/os aguardam escolta para ir ao fórum ou a atendimentos diversos (médico, assistência social etc). É também nesta sala que ocorre a revista daqueles que entram ou saem do bloco.

Neste bloco (3) trabalham em regime de plantão cerca de quatro Agentes (duas mulheres e dois homens). Há duas alas: A (ala feminina) e B (ala dos estupradores). Nenhuma das alas se comunica com a outra, haja vista há duas entradas diferentes e as alas são separadas por uma parede. Cada ala também tem o seu pátio.

Neste bloco, o serviço das Agentes mulheres fica restrito a ala feminina. Elas são responsáveis por todos os procedimentos de rotina nesta ala, às vezes solicitam auxílio de seus colegas Agentes da ala B. Mas as Agentes mulheres não entram na ala masculina.

Na entrada da ala feminina, há um corredor no qual estão as celas do castigo, são cinco ao total. As celas do isolamento, como chamadas, tem uma porta preta de

ferro, são escuras. Não pudemos ter acesso ao seu interior. Pudemos perceber que a acústica desse tipo de cela é praticamente inexistente (a Agente para se comunicar com a detenta que estava de castigo gritava para ser ouvida e a outra respondia da mesma forma, quase não dá para ouvir o som que sai dessas celas). As celas de isolamento também são usadas para visita íntima, assim nos contou a Agente quando indagada sobre onde ficava o parlatório. Mais uma vez nota-se a não institucionalização da sexualidade dos presos e presas em Goiás.

No fim desse corredor há uma porta, a qual dá acesso a outro corredor com grades adjunto ao pátio. Todo o contato entre Agentes e detentas dá-se pelas grades, em contrapartida ao que acontece no presídio feminino (CIS) também em Goiás. No momento da etnografia, uma enfermeira aplicava injeção em uma detenta. Detalhe: a enfermeira, de um lado da grade e a detenta do outro lado, no pátio. As grades separavam detenta e enfermeira. Estas grades marcam nitidamente a distância entre as hierarquias e a posição definida de cada um : Agente e detenta.

É explícito o tratamento diferenciado que se dá ao detento e à detenta na Casa de Prisão Provisória quando comparadas às demais unidades de Goiás. O contato entre Agente e detenta/o é exclusivamente pelas grades, exceto nos procedimentos de rotina, por exemplo, na escolta.

Esse tipo de interação distante, sem envolvimento constrói uma imagem diferenciada da/o detenta/o. Todavia ser esse contato também orientado por essa imagem. A diferença nas representações (que habitam os imaginários) sobre o preso é evidente quando se observa que na CPP,a/ o presa/o é classificada/o como detenta/o, ao invés de reeducando, como acontece em todas as outras unidades do complexo prisional em Goiás. Segundo declarou o diretor, a Agência Prisional em Goiás prefere designar o preso como reeducando a fim de desconstruir uma imagem negativa creditada pelo termo pejorativo de detento. Não usar o termo detento e sim reeducando é mais coerente com a imagem de ressocialização que esta instituição prisional pretende sustentar, conforme declarou o Diretor do complexo.

Durante as entrevistas que realizamos na CPP sempre que chamávamos as/os detentas/os de reeducandos erámos censurados com um olhar de desaprovação pelos Agentes entrevistados ou até mesmo corrigidos por estes. Nas demais unidades em Goiás, a situação era justamente a inversa. Observe uma dessas situações:

E: Se você fosse/ no caso, vocês chamam de reeducandos, né/ uma reeducanda, como você seria?

R: NOSSA! (tom de surpresa) / Bom é reeducando pra quem já tá com a pena determinada, é a condenação transitória julgada, né. Aqui na Casa de Prisão Provisória, é detento.

E: Por que essa diferença?

R: É até mesmo imposta por lei, o detento é aquele que tá na casa de detenção e o reeducando, é aquele que está em RECUPERAÇÃO, já tem a sentença transitada e julgada, já tá condenado e já tá no centro pra ser REEDUCADO e REINTERADO à sociedade. Tem essa distinção de nomenclatura.

No entanto, na CPP, o preso é exclusivamente uma/um detenta/o no imaginário do Agente Prisional. Essa dimensão da ressocialização não é elemento essencial na construção da imagem desse tipo de presa/o. Por ser uma unidade, em que a/o interna/o fica provisoriamente até ser julgada/o, ele não é entendido como matéria bruta para ressocialização. Nesta unidade, a lógica da segurança e do controle parecem predominar no trato com a/o detenta/o.

Essa questão revela um paradoxo que para nós ainda precisa ser melhor desvendado: se a primeira passagem da/o detenta/o é pela Casa de Prisão Provisória, sendo que muitos permanecem anos até aguardar julgamento, quais as influências em uma/um interna/o na transferência para uma outra unidade em que predomina a lógica da pacificação e da interação tão díspar de uma lógica mais voltada à segurança, ao controle e ao distanciamento vigente na CPP?

Diante disso o que podemos sugerir é que a CPP com sua lógica diferenciada de funcionamento, exige um processo de construção de subjetividades específicas. O que parece nos sugerir existir um tipo de detenta/o e um tipo de Agente Prisional específico, diferente das demais unidades.

Essa distinção da/o presa/o como detenta/o e não como reeducanda/o requer um outro tipo de Agente Prisional. O Agente que trabalha na CPP mantém a/o detenta/o preso, zela pela integridade física deste, executa procedimentos de rotina. A dimensão do papel do Agente Prisional como educador que ouve, corrige e aconselha como acontece nas outras unidades em Goiás está nitidamente descolada do papel *in acto* dos Agentes da CPP, estes se reconhecem apenas como responsáveis pela segurança e pelo controle.

Pórem, mesmo na CPP permanece a atuação dos comandos, as concessões e as cantinas. O fator mais discrepante que pretendemos destacar sobre a Casa de Prisão Provisória é que a/o Agente constrói uma imagem da/o detenta/o como perigoso, alguém de quem se deve manter distância, com quem os contatos devem ser somente os indispensáveis (nas rotinas e nas escoltas), de quem se desconfia constantemente. Portanto os conteúdos significativos na interação Agente e detento na CPP são de natureza divergente dos outros presídios em Goiás.

Essa interação consiste principalmente no distanciamento com a/o detenta/o, no não envolvimento, principalmente na distinção bem definida de quem é Agente e quem é detenta/o. Essa condição reforça, além do sentimento de poder e confiança do Agente, sentimento de segurança e escape psicológico para a tensão que se cria quando as individualidades entre Agentes e detentas/os acabam se interpenetrando.

E: (...) pra você qual seria a melhor estratégia pra lidar com o detento?

R1: Eu/ conversar. Mas a melhor eu acredito que é RIGIDEZ, tem que saber tratá-lo, mas em muitos casos a diplomacia não resolve muito. Então eu acho que você tem que saber o que você tem que fazer, o detento saber o que que ele tem direito e dever e você CONCEDER TODOS DIREITOS, MAS EXIGIR TODOS OS DEVERES, entendeu. Então é ter realmente eu acho uma posição MAIS IMPESSOAL, acho que é a melhor forma de se conduzir, sem envolvimento.

Outra entrevistada descreve como apreende a relação Agente e detenta/o.

E: Como você se sente na relação com a detenta?

R *³⁵: *Oh, é uma relação ESTRITAMENTE PROFISSIONAL: DETENTO, AGENTE. Então assim não crio vínculos, a gente/ mesmo porque aqui na CPP não permite isso, porque não tem contato direto com o detento. Se você chegar ali no presídio feminino, lá já tem contato direto com o detento. Você acaba ali conhecendo a vida da detenta, na reeducanda, no caso. Então quando eu estive lá eu conheci várias delas, conheci filhos delas que iam visitar e tal. Mas aqui até pela estrutura física de você não ter contato com o detento você não cria vínculos.*

E: *O contato que vocês têm é ali através daquela grade?*

R *: *É só através das grades só. No máximo, o contato quando você vai levá-la num posto de saúde ou numa escolta, só. É o contato máximo que a gente tem.*

R *: *(...) Então aqui é aquilo que eu te falei, aqui por a gente não ter contato com a detenta, contato físico até pela estrutura do prédio, você não desenvolve laço nenhum, afinidade nenhuma. E lá você/ a presa chega em você, ela quer conversar com você, ela te faz de psicóloga, vai desabafar os problemas dela em cima de você. Então fica muito PESADO pra gente trabalhar ali. E eu não gostei, não pelas detentas não, isso não me assusta, eu não tenho medo de estar no meio delas e tal. É porque era muito pesado mesmo, aqui é mais fácil de você carregar as vinte e quatro horas.*

E: *É mais pesado nesse sentido...*

R *: *Psicológico mesmo, né.*

A distância das hierarquias na CPP é mais tangível quando comparada, por exemplo, ao presídio feminino (CIS). Na Casa de Prisão Provisória, as subjetividades entre detentas e Agentes estão mais separadas. Isso traz um alívio psicológico para as Agentes, já que elas sentem que reduz a tensão o fato de lidar com o outro que lhe é alheio, estranho, desconhecido, distante emocionalmente.

E: *O que você acha nesses dois anos de experiência, qual seria a melhor estratégia pra tá lidando com o detento?*

R *: *Em que sentido? De recuperação?*

E: *A estratégia que você vê tando ali que é a mais eficaz?*

R *: *Para recuperação do detento ou para o bom andamento do trabalho?*

E: *Isso.*

R *: *Você não pode ser AMIGO do detento, é relação ESTRITAMENTE PROFISSIONAL: AGENTE, DETENTO. E é aquela relação de DIFERENCIAÇÃO mesmo. Ele tem que saber que ele tá ATRÁS das GRADES e que ele TEM que te RESPEITAR porque você aqui tá tendo atributo de*

³⁵ R * significa que é o mesmo entrevistado, esses trechos são extraídos de uma mesma entrevista.

AUTORIDADE, né. Essa é a melhor relação porque não são pessoas que você possa CONFIAR, né. Existe muito atrito porque o detento aqui ele encara você como INIMIGO PESSOAL. Ele encara o Agente como inimigo pessoal. Ele num entende essa relação profissional, que nós estamos aqui pra ajudá-lo, pra dar conselho, no caso, muitos de nós somos estudantes de Direito pra ajudar num processo, ele não, ele encara que você é INIMIGO PESSOAL dele. Ele acha que você tá ali fechando a grade ou você tá pondo ele de castigo porque você não gosta dele.

É importante sublinhar que a relação entre Agente e detento na CPP é entendida em termos de oposição, uma relação entre inimigos. Isso é evidente quando a Agente revela que se sente reconhecida pela/o detenta/o como inimiga pessoal, ela sente que o detento a vê dessa forma. Essa representação seja real ou não (mesmo que seja só uma crença da entrevistada) orienta a conduta da/o Agente em relação ao detenta/o e reforça ainda mais as hierarquias e hostilidades que os separam.

CAPÍTULO 4

4. Características gerais das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e das/os Agentes Prisionais de Goiás

Nesse capítulo faremos uma apreciação geral do perfil sócio-demográfico das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e das/os Agentes Prisionais de Goiás entrevistados em nossa pesquisa, destacando alguns aspectos julgados importantes para uma melhor compreensão das *trajetórias profissionais* das/os Agentes, tema este que será tratado no capítulo a seguir (cf. capítulo 5). Ainda que se trate de um recorte amostral com base em dados coletados por meio de entrevistas em profundidade (pesquisa qualitativa) e não através de questionários padronizados (pesquisa quantitativa), optamos por tabular algumas variáveis pertinentes a essa pesquisa, entre outros:

- Idade
- Sexo
- Estado civil
- Escolaridade
- Religião
- Participação em organizações tais como sindicatos, ONGs e/ou outras.
- Experiências anteriores ao ingresso na carreira
- Existência de parentes trabalhando na área de segurança
- Tempo de experiência como Agente

Os dados foram organizados segundo o recorte por sexo (Agentes do sexo feminino e masculino) e por região (Agentes do Distrito Federal e de Goiás). As informações a seguir serão acrescidas de citações das entrevistas, contemplando,

dessa forma, a visão dos próprios entrevistados sobre o meio social e sobre suas trajetórias.

4.1 Características gerais das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal

O Distrito Federal com suas poucas décadas de existência continua sendo um espaço da “fantasia corporificada” por um número expressivo de migrantes em busca de mobilidades social (cf. Nunes, 2004). Grande parte das famílias das/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal vieram de outros Estados da Federação, sobretudo da região Nordeste. É com orgulho que muitos relatam a participação de suas famílias na construção da capital:

Sou filho de nordestinos, do Piauí, meus avós são piauienses e baianos, minha avó é viva até hoje, tem 101 anos, ela é do pós-escravatura, o nome dela é Felicidade. Fez 101 anos agora dia 1º de Abril. Depois dessa família dos meus avós vem meus pais né, que vieram pra Brasília como candangos na construção, ajudaram a construir Brasília, e a gente, somos 9 irmãos consangüíneos mais alguns que vinham do Nordeste e a minha mãe acabava tendo que ajudá-los e criar, então tanto os outros que vinham, não dá nem pra contar, que era muita gente que vinha pra nossa residência. Eu cresci, nasci em Brasília e cresci em Brasília, nasci na Candangolândia, antigamente era Cidade Livre, o IAPI, e nasci no hospital mesmo chamado IAPI na cidade da Candangolândia, aos 4 anos mudamos pra Sobradinho onde resido até hoje, e na cidade de Sobradinho eu desenvolvi muitos trabalhos artísticos, desde criança sempre gostei de trabalhar com arte, e morava num sítio, então desenvolvi a questão da agricultura e também da arte né. E quando me tornei maior de idade, antes mesmo de entrar na maioridade comecei a tentar fazer concurso pra arranjar um emprego público, que era o sonho de todo jovem de Brasília né, trabalhar no serviço público porque era um emprego que daria estabilidade [J, graduado em Pedagogia, Agente Penitenciário desde 1982].

Já as/os Agentes entrevistadas/os que não nasceram no DF vieram à Brasília com o intuito de realizar um concurso público. Mas quase todas/os já tinham algum parente morando na capital com o qual puderam contar com apoio na fase inicial de preparação para a realização de algum concurso:

E - (...) como você ingressou no mercado de trabalho e depois como você chegou a esta profissão que tem hoje?

R- Eu me formei em Direito e

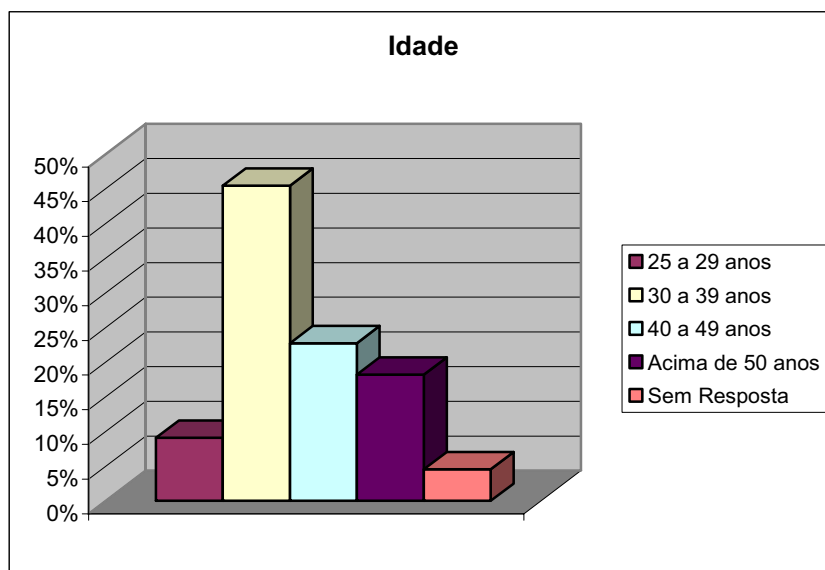
E - Formou-se onde?

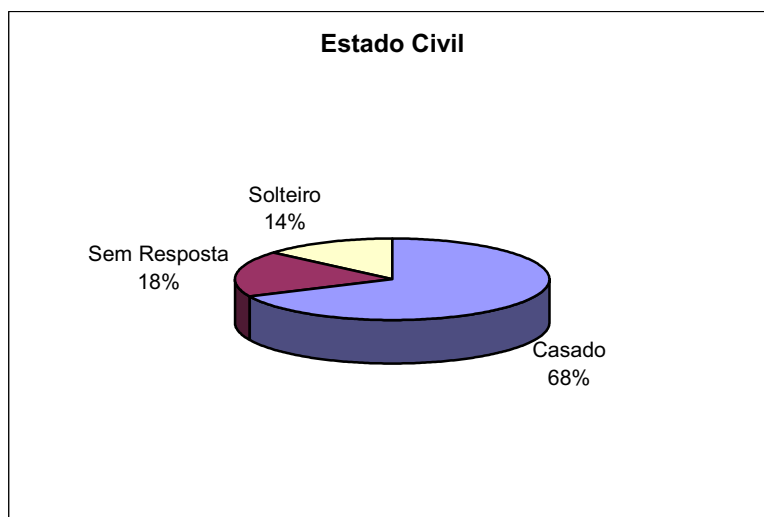
R - Em Minas, em Uberaba. Eu até tentei advogar e seguir a carreira, mas nunca tive aptidão pra aquilo. Mas tentei, gosto da minha profissão, mas não deu certo. Aí uma tia que mora aqui me convidou pra vir pra cá pra estudar pra concurso público. Aí eu tava estudando e surgiu este concurso [H, 34 anos, graduado em Direito, Agente Penitenciário desde 2000].

Nesse sentido, o concurso para Agente Penitenciária/o representou, para muitos, o primeiro concurso para o qual puderam se inscrever logo que chegaram à capital. Como motivo principal para o ingresso na carreira de Agente Penitenciária/o as/os entrevistadas/os foram unânimes em afirmar que se tratava do salário oferecido, seguido da estabilidade em um emprego público.

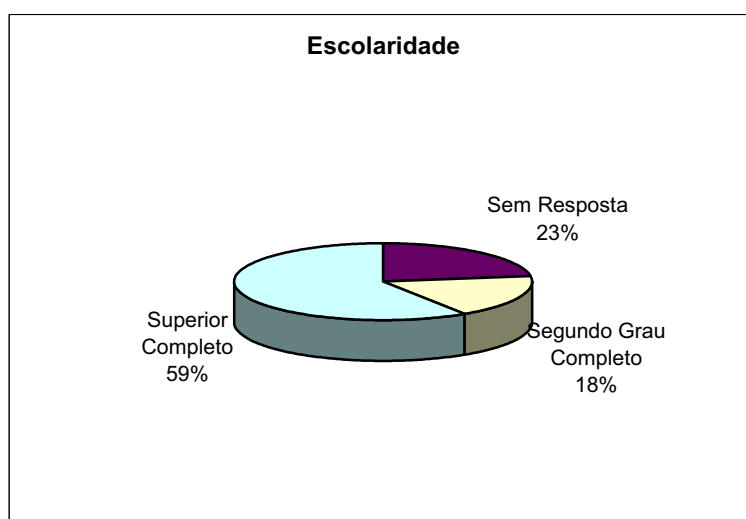
4.1.1 Perfil dos Agentes entrevistados do sexo masculino

No âmbito do Distrito Federal constata-se a presença de várias gerações de Agentes Penitenciários diferenciadas pelo nível de escolaridade. Em sua grande maioria casado e com filhos:





Devido ao nível de formação exigido atualmente para a carreira de Agente Penitenciário no DF – superior completo – constata-se um aumento significativo de Agentes na faixa etária entre 30 e 39 anos, que cursaram o ensino superior antes de ingressar na carreira:



Entre os cursos superiores cursados pelos Agentes Penitenciários Direito aparece em primeiro lugar. Os motivos para a escolha desse curso mereceriam um estudo à parte, mas com base nos relatos dos entrevistados, trata-se de uma carreira de difícil ingresso, principalmente para aqueles que não provêm de famílias cujos pais, tios ou avós já vinham desenvolvendo tradicionalmente a profissão de advogado, promotor e/ou outra (estas, com grande dificuldade no ingresso da Ordem

– OAB). Tem-se ainda a impressão de que, além da ausência de redes sociais que tradicionalmente auxiliam o ingresso na carreira, a migração se configura como um segundo elemento complicador. Nesse sentido, o migrante estará sempre sujeito a necessidade de adaptar-se aos trabalhos que estão ao seu alcance, independentemente da formação ou de projetos de vida elaborados na etapa que antecede a migração [A, 34 anos, graduado em Direito, AgentePenitenciário desde 1999]:

E - E você escolheu Direito por quê naquela época?

R - À época Direito era o melhor curso que tinha na Universidade lá. É como eu falo, até hoje eu não sei o que eu sei fazer.

E - Você falou sul da Bahia?

R - Sul da Bahia, Itabuna.

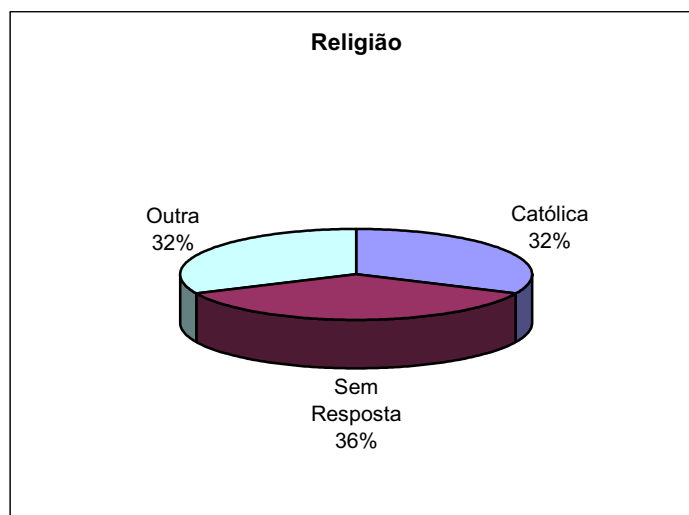
E - Ah, Itabuna.

R - Então eu fiz Direito em função disso. Era o melhor curso inclusive naquelas primeiras provas do ENEM, eu não lembro mais. Uma dessa provas que faz uma avaliação dos ensinos superiores, a Universidade Estadual de Santa Cruz foi eleita a melhor de Direito. Então assim foi, quando eu me vi de uma hora para outra sem chão. Eu me vi desempregado, a região falida, e aí entra meu pai na história, que ele sempre me falou: estuda pra um concurso, estuda pra um concurso. E nessa hora eu me vi realmente sem chão e falei meu pai tava certo. Aí montei o escritório de advocacia pra não ficar parado e comecei a estudar. Mais ou menos com uns 6 meses de estudo, aí eu fiz um concurso pra delegado lá em Fortaleza, mas eu ainda não tava realmente bem preparado. E ainda assim consegui chegar na prova escrita, mas não consegui passar pra prova oral. Aí retornei de Fortaleza, cheguei na Bahia na terça. Na sexta-feira já viajei pra fazer esse aqui de AgentePenitenciário. Graças a Deus passei. Não era assim um sonho, porque quando eu vi no jornal Folha Dirigida AgentePenitenciário...

E - Pensa o que?

R - O que eu pensei, primeiro o salário. Na época eu ganhava na faixa de 1200 reais. O salário aqui era 1800, na época que eu fiz o concurso. 600 de lucro, né. E eu pensava: Brasília é um lugar organizado e tal.

Em relação à religião os Agentes Penitenciários, em sua maioria, responderam pertencer à Igreja Católica. No entanto, as respostas sobre a influência que a mesma exerce sobre o trabalho que realizam são diversas.



Alguns consideram que existe uma relação de profissionalismo entre os Agentes, independentemente da religião à qual pertencem. Mas uma influência direta da religião sobre o trabalho é repetitivamente negada:

E - Você tem alguma religião?

R - Sim. Católico.

E - Você é praticante?

R- Não, não praticante.

E - Eeee, que quer dizer que é católico?

R- É, eu acho que a base da minha família é toda católica.

E - Ahan.

R- A estrutura da minha família é toda católica. Às vezes [trecho inaudível] que sou o que? Católico não praticante.

E - Então o que você considera católico?

R- O que falei: mais por, mais por pela formação da família.

E - Ahan, das crenças

R- Isso, pelas crenças

E - Quais?

R- [palavra inaudível] que teem, que nós temos um, um Deus iluminado e eu sou daquele, daquele não-praticante, mas que temo a ele.

E - Ahan.

R- Eu tento fazer as coisas mais ou menos certas. Mais ou menos o que condiz os dez mandamentos, vamos dizer assim.

E - Ahan.

R- Não que eu, não que eu siga ser assim, um seguidor correto, mas a minha mentalidade é essa: eu, eu temo a Deus, e não tenho interesse nenhum de mudar de religião, como muitos fazem na, na intenção de querer melhorar de vida. Eu acho que isso é, isso é bem é, mais é uma fraqueza do ser humano. Pra mim não há necessidade disso. Eu fui batizado na, na, nali na católica, quero vi-, prefî-, pretendo morrer nela.

E- Ahan. Você já considerou a religião é, é tem alguma influência no seu trabalho?

R- Não! não, não.

E - Não?

R- Não!

E - Não tem influência nenhuma?

R- Não!

E - No modo como você se relaciona seja com os colegas, quanto los detentos? Tem não?

*R- Não! Não, não [trecho inaudível]. **Me dou bem com, com, com quem é católico, com quem é evangélico, com quem é ateu, com é cristão, é, perdão, com quem é, com quem não [palavra inaudível] outras religiões. Não influencia em nada não.***

E - Com relação ao modo como você vê o detento, acha que os valores religiosos não podem influenciar, não?

R- Não.

E - Nas experiências, nada?

R- Não [F, 41 anos, Agente Penitenciário desde 1983].

Já entre os Agentes Católicos que freqüentam a igreja “semanalmente”, existe o reconhecimento de que a mesma exerce um papel importante no trabalho com os educandos, sobretudo, no momento do diálogo, de “aconselhamento” ou de “orientação”:

E- (...) eh, eh você tem alguma religião?

R - Católico.

E - Eh católico, eh assim, você, digamos, tem uma visão forte? Você é praticante ou?

R - É. Eu freqüento semanalmente a igreja católica. E fazia parte, até pouco tempo, porque também fiquei parado, eh, festival de festas. É comissão de festas na Igreja em Sobradinho, onde eu morava. Como eu mudei agora, to um pouco afastado, aaa, a comissão de festas lá, quando eu residia em Sobradinho. Mas continuo freqüentando a igreja novamente lá onde eu estou residindo hoje na Asa Norte.

E - Ahan. E você pertence a algum outro tipo de organização? Por exemplo, partido, sindicato?

R - Não. Não, sindicato, só do SINPOL policial.

E - Ahan. Ahan. Ahan, muito bom. Você acha que sua religião, suas crenças religiosas têm alguma incidência sobre seu trabalho?

R - Ajuda.

E - Em que sentido?

R - É no, no aconselhamento, né? Do dia-a-dia aos presidiários. Com os próprios colegas também. Acho que com a freqüência minha à, à igreja, ajuda bastante.

E - Ahan. Você poderia especificar um pouco mais? Você disse aconselhamento, que, como, como isso influencia?

R - Uma orientação com os presos mais exaltados. Pessoas hum, comete indisciplina carcerária. Então você procura orientar, até aconselhar ele a freqüentar a igreja, a religião.

E- Ahan. Ahan. Por que você acha que a religião é positiva nesse caso? Como você vê essa questão?

R - Não, eu vejo assim que tem dado resultado, né? As pessoas que eu aconselho, comete um erro, então não volta a cometer mais. Que a área que eu trabalho, eles são classificados

E - Claro

R- Se voltar a cometer erro, erros, eles serão desclassificado. Com mudança de presídio.

E - Ahan.

R – Então acredito que ajuda bastante, eu passo um pouco as coisas pra ele da minha freqüência à igreja. Acredito que ajuda [AL, 52 anos, trabalha como Agente Penitenciário desde 1977].

Para os Agentes Evangélicos a influência da religião também é vista como fundamental no relacionamento com as/os colegas e com as/os presas/os:

E - Você tem alguma religião?

R - Tenho. Eu sou evangélico, congrego na Assembléia de Deus.

E - Interessante. Assim, no geral você acha que sua religião tem alguma influência no seu trabalho?

R - Tem. Eu acredito que tenha uma influência muito grande na verdade. Em função dos princípios da religião, o principio do respeito, do amor, da caridade, e sem duvida nenhuma tem uma influencia muito grande aqui no meu relacionamento com os colegas, os policiais, e também com os presos.

E - Porque neste último caso? Como você vê que isso impacta?

R – Porque, eh, veja bem, nós acreditamos na recuperação das pessoas, na transformação, né. Eu tenho a bíblia como minha regra de fé e prática e eu acredito que a palavra de Deus é poderosa pra mudar, então nesse sentido muda um pouco o meu relacionamento com o preso pq apesar dos crimes, dos erros, que eles cometeram, eu procuro, na verdade, não me ater a esses erros, esses eh delitos que eles cometeram, né, procuro sempre acreditar que é possível haver uma recuperação, é possível que aquela pessoa, que aquela vida se transforme, que haja mudança.

E – E sua experiência aqui confirma isso que você acredita?

R - Confirma, confirma.

E - Pode me falar um pouco disso.

R - Posso. Eu até costumo dizer pra uns colegas mesmo aqui que você, na fisionomia do do do preso, eu acredito que o Rivaldo também já deve ter tido essa experiência, a gente percebe quando o preso tem um mudança de comportamento, até nos trajas dele mesmo, na fisionomia, na maneira de falar. É claro que isso é até subjetivo, né, é claro que muitos presos se travestem, na verdade eles querem mostrar alguma coisa que eles não são, mas existem muitas mudanças que você vê presos modificados mesmos, transformados, apesar de saber de todas as deficiências do sistema, são muitas as dificuldades

aqui, mas a gente percebe que existem mudanças, que alguns daqui, uma boa parte, eles realmente conseguem mudar seu estilo de vida, seu pensamento, aquilo que ele vivia, aquilo que ele era antes de ser preso, antes de ser condenado [R, 29 anos, graduado em Administração de Sistemas de Informações, Agente Penitenciário desde 1999].

No que diz respeito à participação em outras organizações ou atividades fora do contexto do trabalho, grande parte dos entrevistados respondeu atuar apenas no próprio sindicato, ou seja, no SINPOL. Nesse sentido, a inserção em outras redes sociais parece estar pouco difundida entre os Agentes Penitenciários, talvez pela própria dificuldade de frequentar certas atividades em virtude do horário de trabalho.

- Experiências anteriores ao ingresso na carreira

Entre os Agentes mais antigos e contratados antes da exigência de nível superior completo no momento da realização do concurso, encontram-se muitos com passagem anterior pelo exército e pela polícia militar. A área militar ou de segurança constitui praticamente o único campo de atuação desses Agentes ao longo de suas vidas, constituindo-se como um *continuum* ou como uma trajetória linear iniciada com o serviço no exército:

E - Você poderia falar sobre o seu primeiro emprego?

R - Ó, eu trabalhei, é, dois anos no Exército, quando eu servi obrigatoriamente eu fiquei dois anos como Cabo. Depois em noventa, oitenta e sete eu fui pra polícia militar, lá eu permaneci até noventa e cinco, lá eu fui Cabo e saí como Terceiro Sargento.

E - E você começou a trabalhar já na...

R - Na área de segurança. Aqui na polícia civil esse concurso eu fiz em noventa, e nós fomos nomeados em noventa e cinco, então eu to aqui há dez anos.

E - E assim, o senhor escolheu, porque que o senhor escolheu, ser Agente Penitenciário?

R - Assim, como eu era da polícia militar, eu trabalhava nessa terceira CPMIND, que antigamente aqui era batalhão de guarda né, então eu já tinha um contato muito grande aqui com, a gente trabalha nessas guaritas, como policial militar. Então assim, eu sempre tive assim, a gente, todo policial militar ele tem vontade de ser policial civil, isso aí é uma regra né. Então a gente tinha assim uma expectativa de conseguir um dia, coincidência teve esse concurso e eu fiquei lotado exatamente onde eu já conhecia né, então a expectativa era de uma melhoria de vida, correto, assim, de um emprego

melhor, na época era mais uma questão de remuneração. Hoje não, hoje a gente já pensa diferente, né, porque a gente vê por fora assim, a gente não sabe o dia a dia aqui dentro [F, 39 anos, segundo grau completo, AgentePenitenciário desde 1995].

Já a experiência profissional daqueles que ingressaram nos últimos anos poderia ser definida como uma trajetória não-linear ou *trajetória yô-yô*, como o sociólogo português Machado Pais (2003) preferiu denominar e que representa uma situação vivida atualmente por muitos jovens, como no exemplo a seguir:

E – (...) Gostaria que contasse um pouco como começou você no mercado de trabalho.

R - Bem eu, eu. Meu primeiro emprego foi como estagiário no Banco do Brasil

E - Isso foi em que ano?

R - Foi em 1996. Eu comecei um estágio que demorou um ano e meio no Banco do Brasil. No antigo SESEC norte, na Asa Norte, eu trabalhava na [palavra inaudível] onde se confeccionava os cartões de crédito do Banco do Brasil, trabalhei por um ano e meio. Depois, eu poderia ficar mais uns seis meses, mas eu preferi sair, seis meses fiquei desempregado, fiquei sem trabalhar, aí eu fui convidado pra trabalhar na Câmara dos Deputados, convidado por um ex-professor meu de Educação Física, professor do 2º grau, fui convidado pra trabalhar como assessor parlamentar de um Deputado de São Paulo, e aí eu fiquei trabalhando lá até, se eu não me engano, fevereiro de 99, aí ele perdeu as eleições, não conseguiu se reeleger, era o terceiro mandato dele, ele não conseguiu o quarto, e aí nessas alturas eu já havia sido aprovado na prova escrita da Polícia Civil, mas faltava as outras etapas, né, e nesse ano mesmo, 99, eu ingressei na polícia, no mês de agosto, eu fiquei desde fevereiro até agosto sem trabalhar.

(...)

R: (...) Eu, na verdade, não busco muitas coisas não, quando eu saí do 2º grau o primeiro vestibular que eu fiz, foi o que eu passei, já fiz faculdade, não prestei outro vestibular. E concurso da mesma forma, eu tinha feito alguns, eu sou professor também, eu tinha feito concurso pra professor né, mas nenhum deles eu, acho que eu fiz duas vezes, não tinha sido aprovado em nenhuma delas, tinha feito concurso pra Embrapa, fui aprovado, mas ninguém foi chamado pra esse concurso, nem sei depois o que aconteceu. Aí depois quando fiz esse concurso da polícia civil, fui aprovado e me dediquei pra etapas seguintes e não me preocupei em fazer outros concursos não [R, 29 anos, graduado em Administração de Sistemas de Informações, AgentePenitenciário desde 1999].

Machado Pais em alusão a Roberts e Furlong (*apud* Pais, 2003) descreve as mudanças históricas ocorridas nos modelos de transição para a vida adulta e, concomitantemente, nas formas de ingresso dos jovens no atual mercado de trabalho

da seguinte forma: Nas décadas imediatas do pós-guerra, as transições dos jovens assemelhavam-se a viagens de comboio nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, género e qualificações académicas, embarcavam em diferentes comboios com destinos pré-determinados. As oportunidades para mudar de destino ou de trajeto eram limitadas. Em claro contraste, nas duas últimas décadas as transições dos jovens poderiam melhor ser comparadas com viagens de automóvel. O condutor de automóvel encontra-se em condições de seleccionar o seu itinerário de viagem entre um vasto número de alternativas. A experiência do condutor, ao contrário do que acontece com os passageiros de transportes públicos, é determinante para a escolha do caminho a seguir. Em contrapartida, hoje em dia não mais as decisões do condutor são garantia de uma condução com destino certo ou rotas pré-determinadas. E isto porque o terreno onde as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica. No labirinto da vida, como num labirinto rodoviário, surgem freqüentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de trânsito, caminhos que parecem terem sido cruzados, várias vezes passados: é essa retomada de caminhos que provoca uma sensação de perdição, de confusão (*op cit*, p. 9-10).

Poderíamos concluir então, que o concurso público e ingresso na carreira de Agente Penitenciário é uma tentativa de sair dessa trajetória labiríntica e incerta em busca de estabilidade no emprego e de garantia de um salário condizente com os altos custos de vida na capital federal.

Já em relação à influência de familiares ou parentes na escolha da profissão encontramos respostas diversas. De uma certa forma o “empurrãozinho” de algum familiar ou parente surge com maior freqüência entre aqueles que vieram de outros Estados com o objetivo de prestar concurso público. Em outras palavras: recomenda-se que o recém-chegado busque um emprego mais acessível ao invés de esperar por um concurso cuja demanda é maior e para o qual ele ou ela não estariam suficientemente preparados:

E- Você tem algum familiar que tenha seguido alguma carreira similar à sua [palavra inaudível]?

R - Não, não.

E - Só você?

R- *Eu tenho um tio que não é tio de sangue, é tio casado com uma tia minha, irmã da minha mãe. Eu, eu, eh diria até que com uma certa influência e insistência dele eu passei dessa, à, à função policial também, junto com ele. Mas tem mais, assim: um empu-, um empurrão, um empurrãozinho dele.*

E - *Como foi isso?*

R- *Foi passando.*

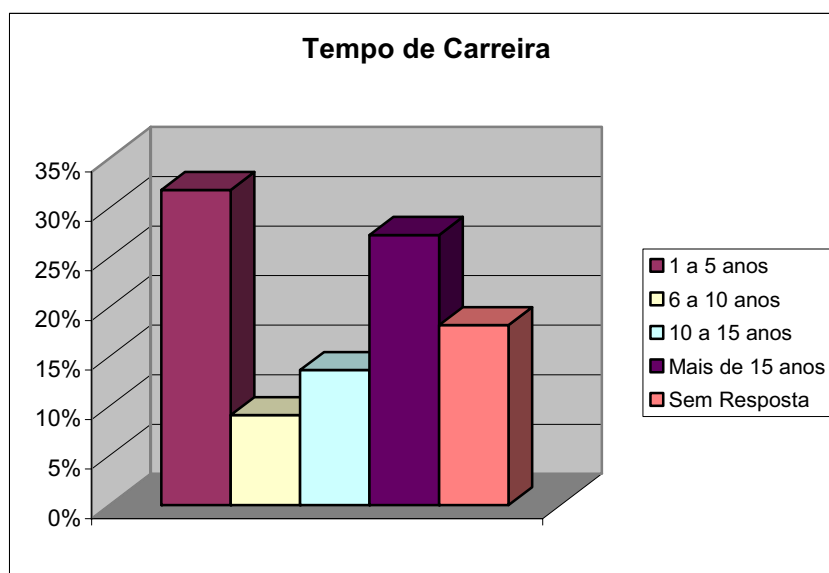
E - *Treze anos?*

R- *É, isso foi oitenta e três, mais ou menos, logo quando eu cheguei aqui em Brasília. Então ele, ele começou me mostrando a, ele já tá próximo de se aposentar e mostrando que a carreira não é tão difícil, a função não é tão difícil. Às vezes fica até bonita. E eu fui pensando naquilo até que apareceram os concursos, fiz os dois: Agente de polícia, Agente Penitenciário, passei só no Agente de polícia. Perdão! Passei só no Agente Penitenciário e passei no de Agente, da Polícia Federal, mas não consegui passar nos outros testes.*

E - *Ahan, ahan.*

R- *Então eu, eu confesso que teve um pouco de influência desse meu tio [F, 41 anos, Agente Penitenciário desde 1983].*

O quadro relativo ao tempo na carreira ou à experiência como Agente Penitenciário demonstra a diversidade geracional existente entre os Agentes Penitenciários entrevistados no Distrito Federal:



É difícil avaliar por quanto tempo os Agentes que ingressaram na carreira com nível superior completo permanecerão na profissão ou se buscarão novas perspectivas de trabalho. Entre a geração mais velha e que trabalha há um tempo na carreira existe a compreensão de que é preciso “vestir a camisa” e assumir a profissão com “orgulho”.

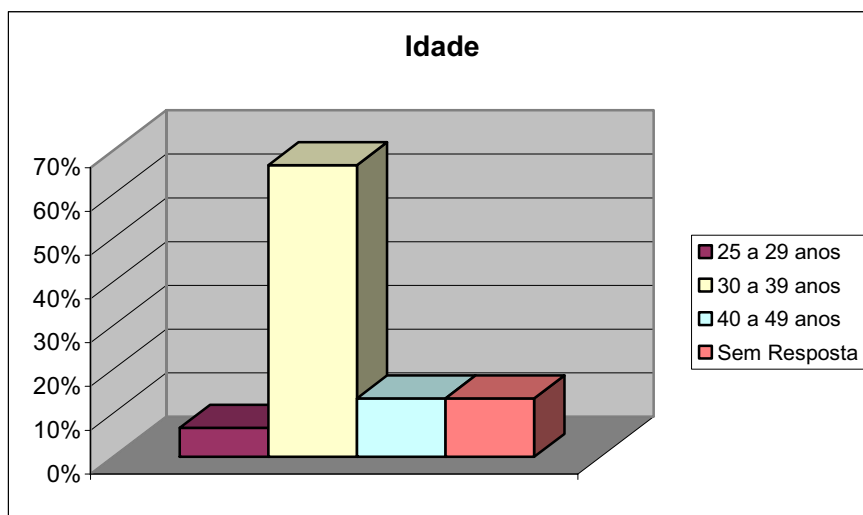
Mas também é necessário que as universidades e os órgãos públicos comecem a atuar não apenas como instâncias denunciadoras dos maus tratos e violação dos Direitos Humanos, mas como parceiros na luta por mudanças na sociedade:

R – (...) o que importa é a pessoa que realmente veste a camisa e quer ser profissional, somos dotados de inteligência e a gente cada um tem uma forma de observar (...)

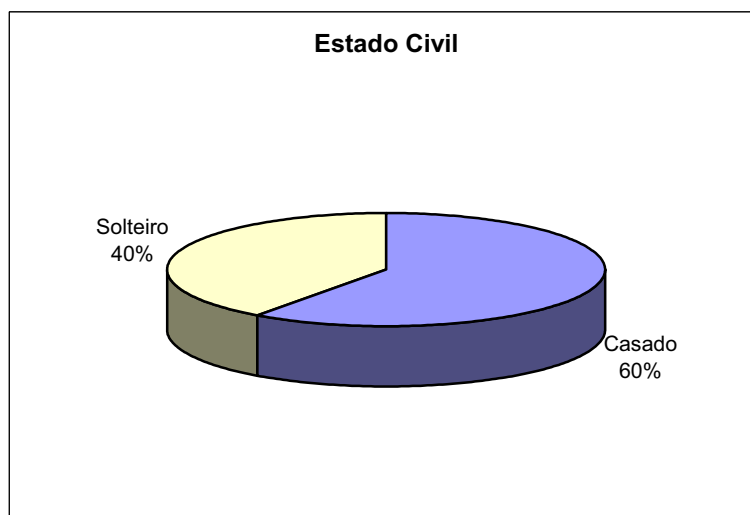
R – E isso aqui é uma casa superaberta prá pesquisa, agora, as universidades deviam tá aqui, e eu penso que principalmente a UnB, né, que é uma universidade pública, com nome internacional, e que faz vistas grossas pra cá, você me desculpe, vocês estão vindo fazer essa pesquisa hoje, eu tô há 23 anos trabalhando aqui, eu talvez estivesse esperando isso, a gente poderia ter discutido sobre isso e teria que tá fazendo muito mais pesquisas aqui e organizando muito mais a questão da sociedade, talvez nem estivesse mais trabalhando aqui nesse contexto, estaríamos trabalhando lá nos guetos, porque PRA SOCIEDADE A POLÍCIA SERVE COMO PRESERVATIVO, PRA IMPEDIR QUE O POBRE ALCANCE O ÚTERO DA SOCIEDADE, pra proibir que um LULA possa chegar a ser presidente. Esse é um que vazou, é um embrião que passou, tem tantos outros que poderiam chegar no espaço da sociedade mas não, põe-se a polícia como preservativo, eu acho isso um absurdo, sou um policial com orgulho, mas não gostaria de proibir a ascensão de nenhum João ninguém, gostaria de promover [J, graduado em Pedagogia, Agente Penitenciário desde 1982].

4.1.2 Perfil das Agentes entrevistadas do sexo feminino

A maioria das Agentes entrevistadas nas unidades Prisionais da Papuda e Comeia já haviam trabalhado em outras profissões como veremos adiante. Nesse sentido, a opção pela carreira está muitas vezes relacionada à perspectiva concreta de estabilidade no emprego e de melhores salários (“é um concurso que paga bem”), que por sua vez está associada aos projetos familiares como o de garantir uma boa formação para os filhos (por exemplo: “pagar uma escola particular”).

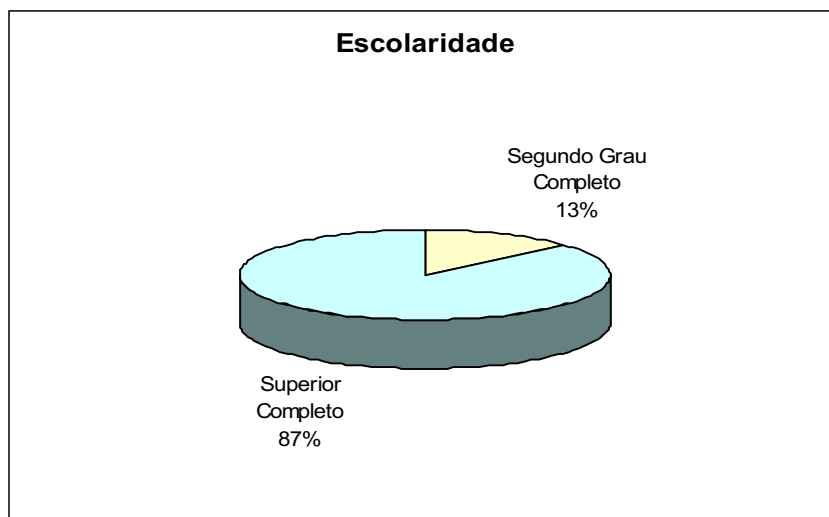


Devido ao nível de formação exigido para a carreira de Agente Penitenciário no DF – superior completo – constata-se um percentual significativo de Agentes na faixa etária entre 30 e 39 anos. Em sua grande maioria são mulheres casadas e com filhos.



Entre as entrevistadas são poucas as Agentes que não possuem o nível superior completo. Com nível de formação intermediário encontram-se aquelas que trabalham há mais tempo na instituição, entre as quais, uma Agente que ingressou em

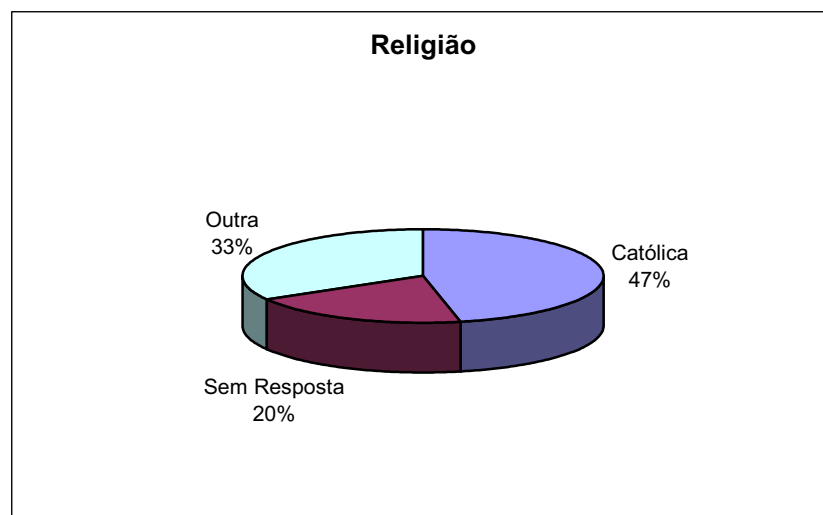
1977 na carreira e que à época da entrevista estava com 48 anos de idade e prestes a aposentar-se.



No entanto, a exigência do nível superior para o exercício da profissão é um aspecto que ainda causa surpresa para muitas pessoas, inclusive para os familiares das Agentes, que se perguntam pela real necessidade do título acadêmico para exercer uma função definida como “cuidar de presa/o”:

R – (...) meu pai achou um absurdo. Meu pai nem sabia que o concurso era nível superior, porque ele ficou horrorizado. Não sabia que era nível superior. Aí falou: “Meu Deus! É mesmo? Nível superior para cuidar de preso?” Aí ele acha que esse trabalho de cuidar de preso ele acha que é um trabalho tão assim, que você nem precisa de escolaridade. Ainda mais que eu, quando eu passei passaram vários amigos meus, a Valéria, a Flávia que sempre estudaram comigo (Colégio Stella Maris, Objetivo, Católica ou CEUB). Ele depois se conformou mais porque pensou: “Tudo bem, não é só ela. Porque investi tudo isso para depois”, ele não achava uma profissão assim que fosse nível superior [C - graduada em Administração, ex-funcionária da fundação hospitalar, há dois anos na carreira como Agente Penitenciário].

A religião é vista como um aspecto importante na vida pessoal e profissional, independentemente de serem Católicas ou pertencentes à outra confissão religiosa (em sua maioria Evangélicas):



A religião é vista, por um lado, como um aspecto que “humaniza” o Agente em relação ao reeducando, ou seja, que faz com que ele perceba a existência de uma “influência maligna” por detrás das ações e intenções que levaram determinada pessoa a cometer um delito ou um crime hediondo [A, 48 anos, Agentepenitenciária desde 1985]:

E - Você acha que essa sua religião tem impactado no seu trabalho de algum modo? Te ajuda de alguma maneira?

R - Me ajuda de alguma maneira sim.

E - Porque?

R - A partir de, da data que eu me converti, eu comecei a ver o ser humano, assim, de uma forma diferente, as dificuldades dele de uma forma diferente do que eu encarava anteriormente, então, muitas, é a forma do ser humano sem Jesus, vamos dizer, antes deu me converter, eu via de uma forma, achava o que ele fazia como eu analisava, então, hoje o que ele faz como eu analiso é um pouco diferente, eu já vejo um porque diferente.

E - Como é, me conta um pouco como era antes a sua análise e como é agora.

R - É a minha análise antes é que é todo erro toda falta cometida pelo preso era por vontade própria. Hoje eu vejo que tem a vontade, mas tem uma influência também maligna na vida da pessoa que antes eu não percebia e hoje eu percebo que tem, e conversando com alguns presos eu percebi isso. A forma como ele conta como aconteceu, eu antes trabalhei na assistência social, aqui, no começo da minha carreira eu entrei na assistência social, passei lá 10 anos, então, nesse período que eu estava lá eu conversava muito com eles e daí eu via de uma forma e depois, né, que eu passeia a freqüentar a Igreja, a estudar a Bíblia, eu fui observando que tinha também uma certa influencia maligna na vida da pessoa, não só ele, ah, “vou matar, vou roubar”, não, então daí Agentepassa, eu me humanizei mais, né

E - Interessante!

Por outro, a religião é vista como um instrumento amenizador do estresse vivido no trabalho [D, 31 anos, graduada em Educação Física]:

E - Você acha que a religião ela interfere de alguma forma no seu trabalho?
R - Interfere, eu acho que não só no trabalho, pra mim, católica, como você perguntou, praticante, fica aquela coisa meio solta. Depois desse curso a gente gostou tanto que ajuda em todos os aspectos né, pra mim eu acho que no geral ajudou em tudo mesmo, aqui no trabalho também, porque a gente fica mais assim, porque aqui é um pouco meio, é um pouco difícil às vezes assim o trabalho e tudo, aí a religião eu acho que ameniza sabe, você no dia a dia do trabalho, na família, o trabalho com a família, que influencia também, aqui na família, porque é estressante, aí a gente às vezes leva isso pra família né, então a religião eu acho que da uma acalmada aí.

Além da prática religiosa e da vivência em um meio distinto ao do trabalho, buscou-se verificar em que medida as Agentes participam em outras organizações ou instituições tais como sindicatos, associações civis, entre outras. Foram poucas as entrevistadas que responderam afirmativamente a essa questão. Entre aquelas que participam de alguma organização, a grande maioria destacou o SINPOL como entidade na qual estão desempenhando alguma atividade.

Experiências anteriores ao ingresso na carreira

Embora muitas Agentes entrevistadas tenham freqüentado cursos que, de certa forma, estão mais próximos das carreiras na área de segurança pública e gestão das instituições Prisionais, como Direito ou Administração, as equipes de trabalho são formadas por Agentes com formações diversas. Essa diversidade de profissões parece representar um enriquecimento da equipe como um todo, mas também um certo descontentamento pessoal por ver os estudos realizados durante o curso superior e a experiência adquirida anteriormente reduzidos à “função de abrir cadeado, fechar cadeado e fazer escolta de interno”, como relatado por uma entrevistada graduada em Letras, ex-professora da Fundação Educacional do Distrito Federal e exercendo a profissão de Agente Penitenciária há dois anos:

E- Você foi professora durante quanto tempo?

R- Durante cinco anos. E assim, é muito triste saber que um professor não é valorizado né, e deveria ser. Todos os outros profissionais passam pelo professor, então por que não valorizar o professor né?

(...)

R- Às vezes [trecho inaudível] porque eu estudei tanto (risos). Porque assim a gente não acaba aplicando né? Por exemplo, quando eu dava aula, eu estava sempre estudando, então eu tava sempre bem informada, inclusive quando eu fiz o concurso, por exemplo, português mesmo eu gabaritei a prova sem estudar, mas na época eu trabalhava com primeiro, segundo e terceiro ano. Então eu tava sempre estudando. E depois que eu entrei aqui, quer dizer, minha função é abrir cadeado, fechar cadeado, fazer escolta de interno. Então assim, a gente acaba não aplicando né, não utilizando assim

E- Não utilizando conhecimento teórico?

R- Isso, exatamente.

E- E, e, e como é que você se sente então com esse trabalho? Esse trabalho, você, como você classificaria esse seu trabalho?

R- É um trabalho muito técnico, eu classificaria assim.

A insatisfação e desilusão em relação à carreira de professora no ensino público e ao descaso por parte do Estado gerou uma situação insustentável a ponto de estarem dispostas a realizar qualquer concurso “só prá sair da Fundação”, como nos relata uma Agente que deixou a profissão após a conclusão da graduação em Direito:

E - Pode contar um pouco das suas experiências profissionais antes de se tornar Agente?

R - Antes de eu ser Agente eu era professora, trabalhava com criança de 1ª a 4ª e trabalhava com educação de adultos. E assim, como não tava muito satisfeita com a minha profissão, tava ganhando mal, e não tava satisfeita também com as condições mesmo de trabalho, aí eu vi a divulgação do concurso, nem foi tão divulgado assim, **eu tava a fim de fazer qualquer concurso que aparecia, eu acho que se fosse até prá lixeiro eu fazia** (risos), só pra sair da Fundação (risos). Aí apareceu o de Agente Penitenciário eu falei: é esse. Me inscrevi, estudei, e queria passar a todo custo.

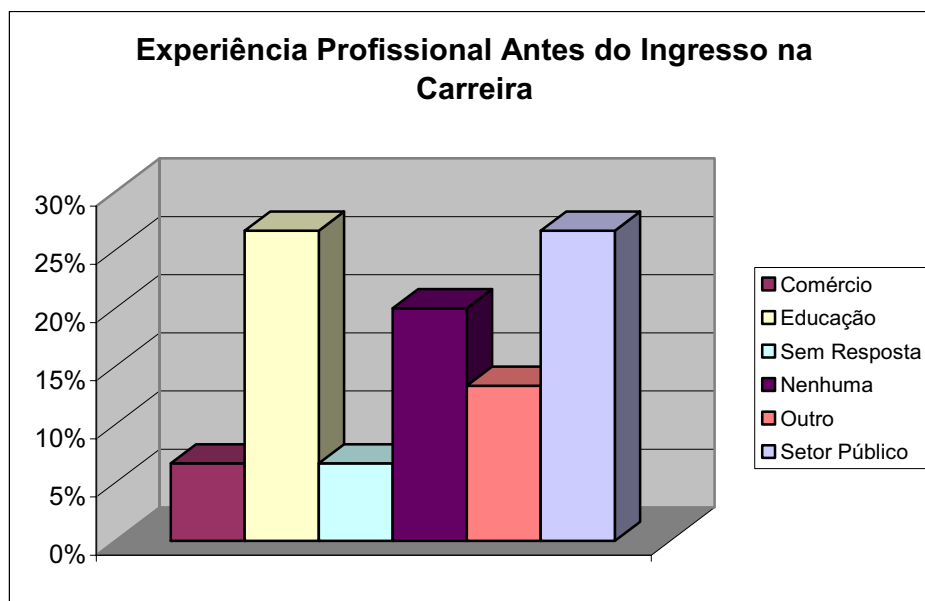
E - E passou né.

R - Graças a Deus.

(...)

E - E como você chegou a profissão de Agente?

R - Não é isso que eu tô te contando homem (risos), eu estava insatisfeita com a situação, e eu até vi o anúncio lá de Agente Penitenciário, eu nem sabia o que era, não tinha nem noção do que era, colega da faculdade fez [palavra inaudível] muito, é melhor cuidar de preso do que ficar aqui com essa bruxa má me perseguindo [a entrevistada está se referindo à diretora da escola em que trabalhava].



Para grande parte das mulheres a escolha pela carreira deu-se em uma etapa posterior de suas vidas. Além da experiência no campo da Educação, o setor público como um todo representa o segundo segmento no qual Agentes do sexo feminino haviam trabalhado anteriormente. A mudança para uma outra carreira no setor público está relacionada ao fato de que se encontravam em profissões de nível técnico. Ao concluírem o ensino superior buscaram outras opções com melhores salários, “sem olhar muito para o que iriam fazer”, como nos relata uma Agente graduada em Educação Física, ex-funcionária do departamento da polícia federal e há seis anos na carreira de Agente Penitenciária:

R - ... Ai depois, quando eu formei, apareceu esse concurso, foi bem em seguida assim mesmo sabe, foi em 1998, em 1999 teve o edital eu já fiz, eu vim pra cá, vai fazer seis anos em Agosto.

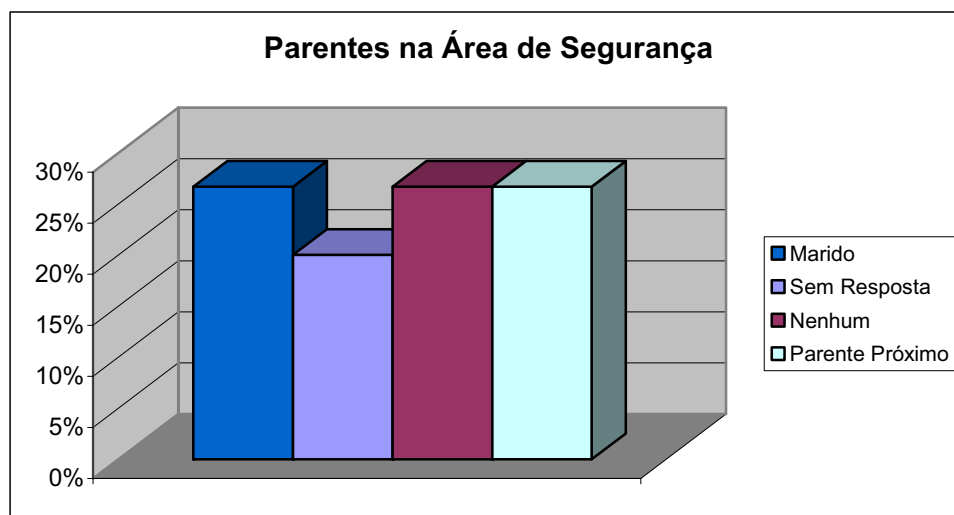
(...)

E - Então aqui pra carreira de Agente Penitenciário, o que que, a vantagem qual é? O que te chamou a atenção aqui, o que te motivou?

R - Teve pra Agente de polícia na época, mas eu não tinha diploma ainda, que era curso superior, já tava, já tinha que apresentar o diploma. Eu não tentei porque ainda faltava um ano pra formar, aí em seguida teve Agente Penitenciário, eu fiz, porque era da carreira de polícia civil também, aí pelo edital mesmo, aquela coisa do salário ser maior, eu nem olhei muito assim o que eu ia fazer, eu não vim aqui ver como é que era o dia a dia disso aqui, eu não perguntei pra ninguém que trabalhava aqui como é que ia ser, foi coisa mesmo assim de fazer pelo interesse do salário também, e [palavra inaudível] principalmente, não que eu não, mas depois que eu entrei eu gostei

*muito, na academia foi muito interessante, né, tanto que muita gente na academia mesmo já foi desistindo, viu que não era mesmo nada, foi aquela coisa assim, porque é um concurso que paga bem, foi, mas na academia você já vê muito o que vai ser no dia a dia, e muita gente foi desistindo já. Mas **ali pra mim não, foi o contrário, foi, eu fui gostando durante o curso né, eu não sabia muito como é que ia ser aqui não, na época que eu fiz o concurso não, aí foi na academia mesmo que a gente foi aprendendo, foi muita palestra, muita aula prática, uns três meses depois mais três meses de academia, aí aqui a gente veio, fiquei em três seções diferentes aqui, até que eu to nessa já tem mais de dois anos.***

Ao serem perguntadas sobre a existência de familiares ou parentes próximos trabalhando na área de segurança e se os mesmos exerceram alguma influência na escolha pela profissão as respostas foram bastante diversificadas:



Em sua maioria as Agentes com familiares trabalhando na área de segurança responderam não haver sofrido influência por parte dessas pessoas na escolha da profissão. O que chama a atenção é a forma categórica como responderam a questão, principalmente Agentes mais jovens, causando a impressão de que se tratava de um tema sobre o qual não gostariam de falar ou sobre o qual não haviam refletido ainda:

E - Você tem algum parente da polícia civil, militar, do exército, ou qualquer outra força pública?

R - Tenho, meu avô era militar, e o meu tio também, ele é policial militar.

E - Você acha que eles tiveram alguma influencia na sua escolha?

R - Não, tiveram não, na minha escolha não [D, 30 anos, tempo na carreira: sem resposta].

Já a influência ou incentivo de amigos no momento da inscrição para o concurso é vista como menos problemática ou comprometedora:

R – (...) resolvi ser AgentePenitenciário porque meu pai sempre falava: “Ah, vai estudar pra fazer concurso pra nível superior e tudo, não adianta ficar estudando!” Terminei a faculdade de Administração e comecei a pensar em ser policial, policial federal na época que eu tava estudando, mas como num obtive êxito, quis ser policial civil e na época fiz pra Agente de policia, mas não tinha estudado muito, aí não passei, aí quando surgiu o de AgentePenitenciário, uma amiga psicóloga que já trabalhava aqui no presídio falou: “Faz que é muito bom. Eu trabalho lá, não há perigo nenhum, então pode fazer o concurso”. E eu comecei a estudar, fiz, fui assim mal classificada na época, aí fiz academia de polícia, aí ela era classificatória, não era eliminatória e fui me classificando e aí até ser chamada e hoje tô aqui [R, 32 anos, Agentepenitenciária desde 1999].

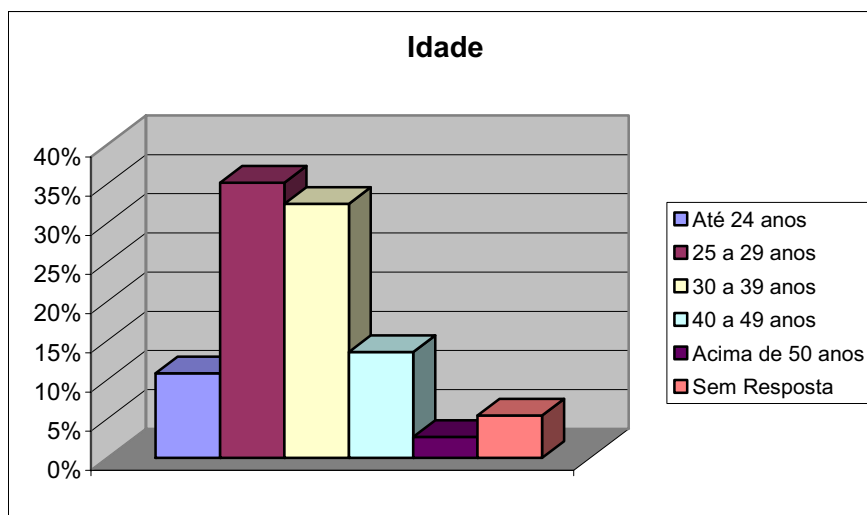
4.2 Perfil sócio-demográfico dos Agentes Prisionais de Goiás

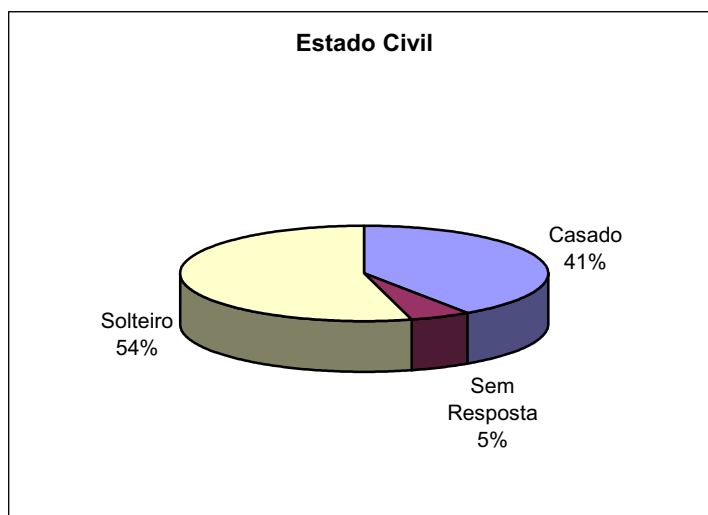
Como já destacado anteriormente, existem duas modalidades de Agentes Prisionais no Estado de Goiás: os que ingressam mediante concurso público para o qual exige-se o segundo grau completo, e os assim denominados “comissionados”, que ingressam mediante indicação de autoridades. Estes gozam de uma experiência mais longa no trabalho como Agentes Prisionais. No entanto, possuem nível de escolaridade geralmente inferior ao segundo grau completo. As/Os Agentes comissionadas/os também não se encontram em uma situação estável, podendo ser demitidas/os tão logo acabe seu contrato, que no geral é para o período de dois anos. Até o momento das entrevistas só havia sido realizado um concurso público para Agentes Prisionais no Estado de Goiás. Nesse sentido, percebe-se entre as/os Agentes entrevistados no Distrito Federal e Goiás três diferenças básicas: a primeira está relacionada à diferença salarial, seguida da diferença de nível de escolaridade como um todo. Por último observamos uma diferença no que diz respeito à idade das/os entrevistadas/os, principalmente entre os Agentes do sexo masculino. Enquanto em Brasília todas/os as/os Agentes entrevistadas/os encontravam-se na faixa etária acima de 25 anos, e, sobretudo, na faixa entre 30 e 39 anos, um percentual significativo de Agentes Prisionais do Estado de Goiás tem menos de 30

anos. Para muitas/os este representa o primeiro emprego com carteira assinada de suas vidas. A seguir faremos algumas considerações sobre o perfil das/os Agentes Prisionais de Goiás do sexo masculino e feminino.

4.2.1 Perfil dos Agentes entrevistados do sexo masculino

Já tendo sido citado, o percentual de Agentes solteiros e com menos de 30 anos representa o maior grupo dos entrevistados. Tal situação se deve ao fato da realização do primeiro concurso público para Agentes Prisionais há cerca de três anos e que resultou na demissão em massa dos antigos Agentes que trabalhavam como contratados ou comissionados.





Essa demissão em massa trouxe problemas para os novos Agentes que além de passarem por um curso de formação insuficiente (entre uma semana e 15 dias) não puderam contar com a ajuda e experiência dos mais velhos:

E - Vocês tiveram algum apoio dos colegas que tavam aqui pra ensinar?

R - Não. Não, porque foi assim: foi o primeiro concurso pra Agente Prisional do Goiás, antes só tinha cargos comissionados. Então a maioria, vamos, digamos 90% foram mandado embora e ficaram 10%. E os 10% que ficaram não passaram nada pra gente. Então a gente aprendeu assim na, na tora mesmo. Eu já fui chegando, já foram colocando pra trabalhar no bloco. É tal hora que fecha, é tal hora que abre. Foi trabalhando na tora mesmo [Y, 27 anos, graduado em Filosofia, concursado].

Embora o nível de escolaridade seja segundo grau completo, parte dos entrevistados já havia concluído o ensino superior ou estava cursando uma faculdade e assim como no Distrito Federal, também em Goiás constatamos a presença de um número significativo de Agentes graduandos ou formados em Direito:

E - E você acha que o fato de ter feito Direito influenciou na escolha do concurso?

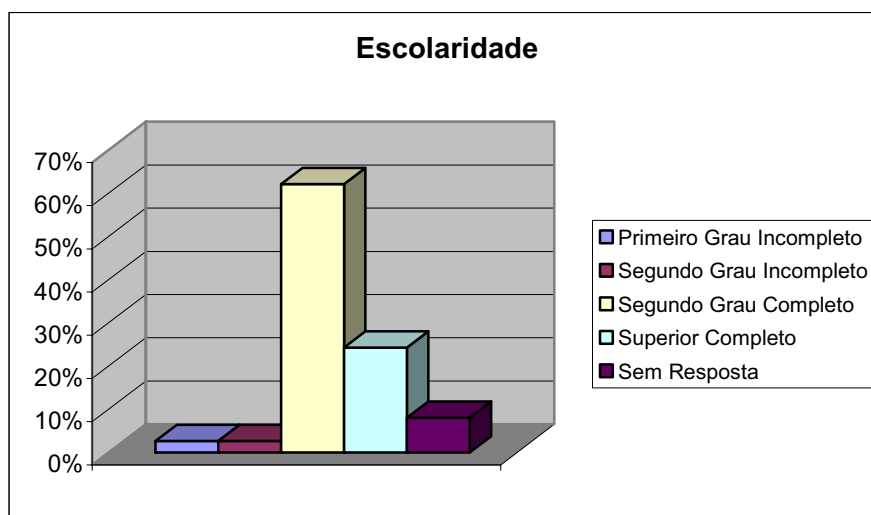
R - Com certeza, porque no concurso caiu muita matéria relativa da área, como eu já tava fazendo, aí eu resolvi fazer.

E - Além dessas matérias, você acha que o fato de você tá cursando Direito teve alguma influência em você escolher a área de segurança pública?

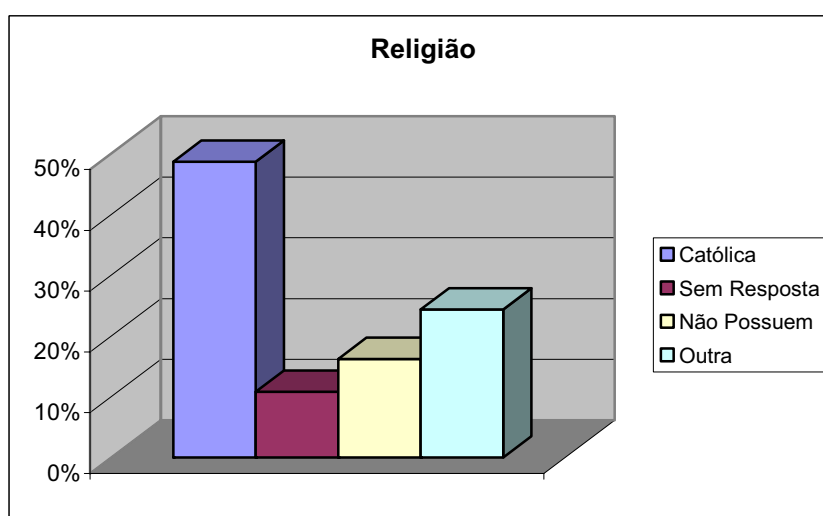
R - Teve.

E - Por quê?

R - Pela faculdade, na verdade, quando você vai estudando, você vai vendo as matérias que mais gosta. Eu toda vida gostei da área de segurança, sabe. Por acaso surgiu o concurso quando eu tava fazendo faculdade, sabe. Ai eu realizei, foi o que me influenciou mais foi a faculdade. Foi a faculdade que me influenciou a fazer [J, 26 anos, graduado em Direito, concursado].

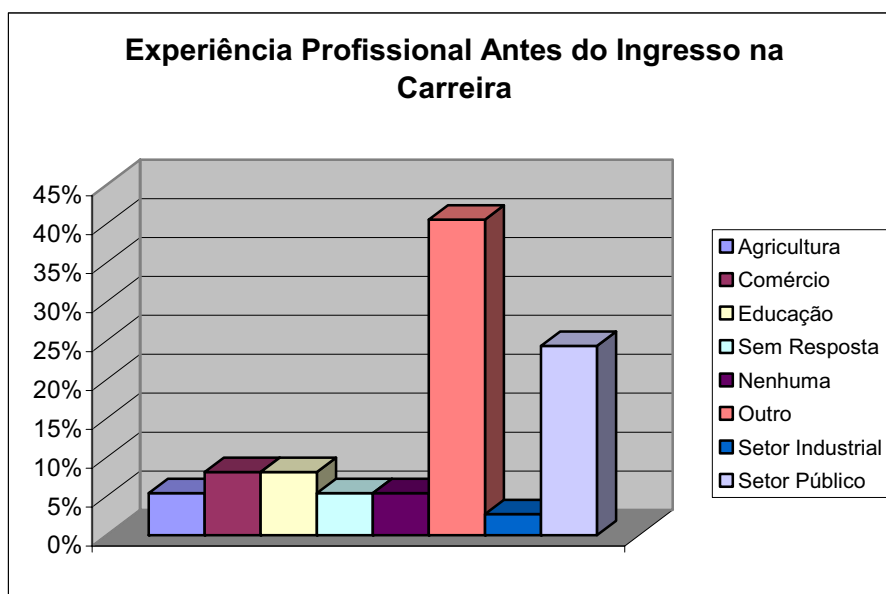


Com relação à religião a maioria dos entrevistados que ingressaram através do concurso público respondeu apenas “freqüentar esporadicamente” a igreja, sendo o catolicismo a religião predominante. Mas de uma forma geral os entrevistados praticamente não estabeleceram nenhum vínculo entre o pertencimento religioso e sua influência no trabalho como Agente.



- *Experiências anteriores e ingresso na carreira*

Como já pudemos verificar, para muitos Agentes Prisionais a contratação via concurso público representou o primeiro emprego com carteira assinada, embora não se tratasse da primeira experiência profissional. Essa diversidade de atividades exercidas anteriormente foi agrupada na coluna “outros”, que aparece com maior destaque no gráfico a seguir:



Entre os “outros” serviços realizados encontram-se trabalhos diversos como “servente de pedreiro”, “auxiliar de marcenaria”, “bico de segurança em clubes”, “receptionista de hotel”, etc, como no exemplo a seguir:

E- Eh, eh, o senhor podia contar um pouco como é que foi a experiência de trabalho do senhor antes de vir trabalhar aqui como Agente Penitenciário?

R - É, totalmente diferente porque, eu, meu primeiro emprego foi em hotel né, eu trabalhei de receptionista de hotel, depois que eu fui passando assim pra, eu trabalhei 6 anos [trecho inaudível] receptionista de hotel, depois eu fui passando assim pro, pra área de segurança, que aí eu trabalhei de segurança aí na Empresa Aiguera, eee fazia também bico de segurança em vários né, clubes, boate, eee, depois, através de um de um amigo da família, né, eu consegui entrar no no sistema Prisional como cargo de confiança. Entrei em 1997, trabalhei até 2003, depois fiquei afastado, fiquei afastado por um ano, voltei em 2004, eee, tô até hoje.

E- Eh, eh, o senhor já falou que foi através de de um amigo né que o senhor chegou aqui a a a ingressar na carreira né? O senhor poderia falar um pouco

mais eh eh como é que foi assim, o que que levou o senhor a a escolher dai essa profissão?

R- Olha, o que levou foi mesmo na verdade na época foi o aperto mesmo, né, que a gente jamais passari, passou na minha cabeça em trabalhar no nessa área. Mas, eh, na época eu fiquei desempregado, fiquei, tava completando um ano de desempregado, já tava assim meio no sufoco, e aí eu conversando com ele, ele é é uma pessoa de influência né na polícia militar, o coronel, aí ele vendo a dificuldade ele falou: “Ó, você, você se habilita a trabalhar assim, no, eh eh, com com bandido, com preso?” Eu falei: “Uai, se ti-, se não tiver outro jeito né, me habilito.” Eu falei: “Então você vai fazer um teste, você vai lá, se apresenta, você vai fazer um teste, vai passar lá por um psicólogo, vai fazer um teste lá de tiro, essas coisas, e e, conforme fosse, se se você passar lá no teste, você vai começar a trabalhar porque de fato tão recrutando o pessoal lá. Mas é um um serviço assim, de de cargo de confiança, como eu te conheço já há muito tempo, conheço de [palavra inaudível], sei que você é uma pessoa honesta então eu vou indicar você”. Falei: “não, tudo bem”. E vim né, e graças a Deus na época deu certo, passei nos teste tudo e ingressei no na área [C, 41 anos, 1º Grau completo, AgentePrisional desde 1997]

Entre os Agentes Prisionais mais novos e que ingressaram recentemente via concurso público, observa-se uma trajetória semelhante à dos Agentes Penitenciários do Distrito Federal, caracterizada por aquilo que definiu-se anteriormente como *trajetória yô-yô* e que compreende sucessivas tentativas de ingresso em outros setores, caminhos estes permeados por uma série de dificuldades, sobretudo de ordem financeira:

E - Quais foram as características que o senhor teve nesse seu primeiro emprego antes de vir pra cá?

R - antes de vir pra cá eu trabalhei na Agência, eu trabalhei em Banco, tenho formação bancária, na parte financeira, trabalhei na Caixa Econômica do estado do Goiás, na antiga CAXEF, que foi fechada pelo governo. Depois trabalhei na Agência de Fomento do Estado do Goiás, também na parte financeira. E trabalhei fora do Brasil algum tempo com vendas, trabalhei pra Britânica da Espanha.

E - Ah, legal! Trabalhou na Espanha, é o país sede da Britânica.

R - ai viagem pela Espanha inteira, ai depois voltei pro Brasil, fiquei um tempo, fui pra Argentina, estudei na Argentina, fiz medicina 4 anos lá, ai com a troca de governo lá, como subiu demais o dólar eu voltei pro Brasil, ai na falta de perspectiva eu tava desemprega, apareceu o concurso da Agência, daí eu prestei e passei.

E - É, vc tem várias qualificações profissionais. E porque não terminou medicina?

R - por uma questão financeira, porque o dólar tava um por um, depois ficou 5 por 1, lá, ai não deu [palavra inaudível]

E - e não deu pra terminar aqui, não deu pra transferir pra cá?

R - deu pra transferir pra particular, mas ai como eu vim ficou meio pesado, porque meu irmão também fazia medicina, ai manter os dois fazendo medicina era complicado, duas faculdades privadas. E eu fazia em Buenos Aires e meu irmão no Rio de Janeiro.

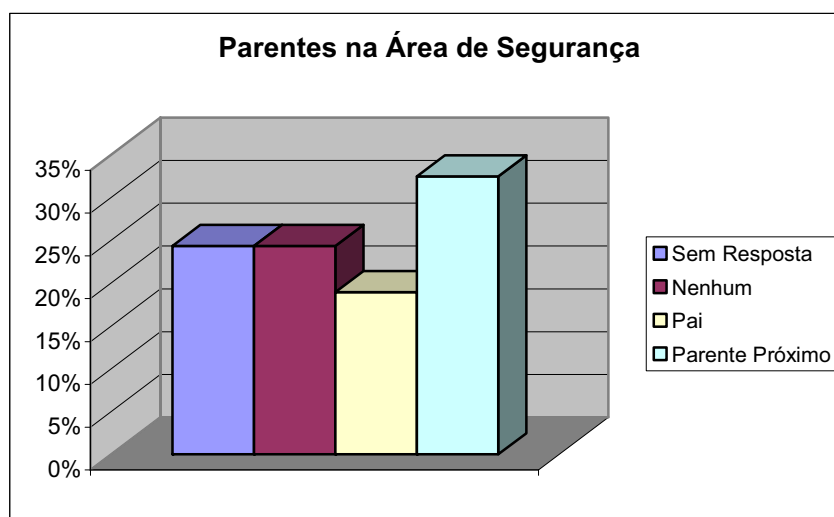
E - e daí o senhor fez o concurso porque? O que lhe motivou, a profissão, o salário, o que?

R - não. A principio foi o desemprego, porque eu cheguei tava desempregado, tava num estres elevado, porque tinha abandonado o curso que eu queria, ai eu peguei e prestei. assim, é tipo um trampolim pra depois ir pra frente.

E - e isso foi quando?

R - 2002 [A, 34 anos, 3º grau incompleto, concursado].

Com relação à influência na escolha da profissão, aqueles que possuem um familiar ou parente próximo atuando na área de segurança afirmaram existir uma certa relação por já “conhecerem a área desde pequenos”, embora essa influência seja admitida em um grau maior pelos Agentes do sexo masculino, de forma semelhante ao observado no Distrito Federal. O que ocorre efetivamente é a influência do salário, e como já foi averiguado, sobretudo no Distrito Federal.



E - E, tem alguém na sua família que trabalha na área de segurança pública, ou ou exército, ou ou até mesmo Agente Penitenciário?

R - É, meus tios são todos policiais militares, né, inclusive meu pai é policial militar aposentado. E minha mãe também é policial civil.

E - E você acha que o fato deles, você acha que o fato deles trabalharem na área, na questão da segurança pública influenciou você?

R - Com certeza influenciou, né, com certeza.

E - Fala um pouco sobre isso.

R - É é, a gente já conhece a área desde pequeno, né, então, abriu oportunidade em nível de segundo grau, então fizemos o concurso e tamos aí.

E - Ah. Eee, por que que você escolheu essa profissão?

R - Não, não escolhi a opção, o mercado de trabalho ofereceu esse no momento né, não, não escolhi não, né?

E - Mas, então, o que que te motivou a a fazer o concurso?

R - O que que motivou?

E - Isso.

R - Salário não foi. Motivou foi ter um, uma estabilidade né, uma oportunidade [trecho não entendido] que o governo tava oferecendo, na, naquele tempo [A, 25 anos, graduando em Direito, concursado].

Em outros tempos além da influência do meio familiar havia uma motivação salarial por detrás da escolha de profissão:

R - O meu pai era AgentePenitenciário, já falecido.

(...)

E - Pode falar um pouco sobre, é, a experiência, no caso da sua infância, por causa da profissão do teu pai? As impressões?

R - Olha eu nunca pe-, quando eu prestei o primeiro concurso de [barulho alto de algum objeto caindo na mesa] [palavra inaudível], foi pra professor. Eu lecionava, aí, por influência de meu pai, na época o Agenteganhava bem mais que o professor. Aí foi opção, eu deixei de ser professor pra ser AgentePenitenciário. Então por isso

E - Teve influência do pai?

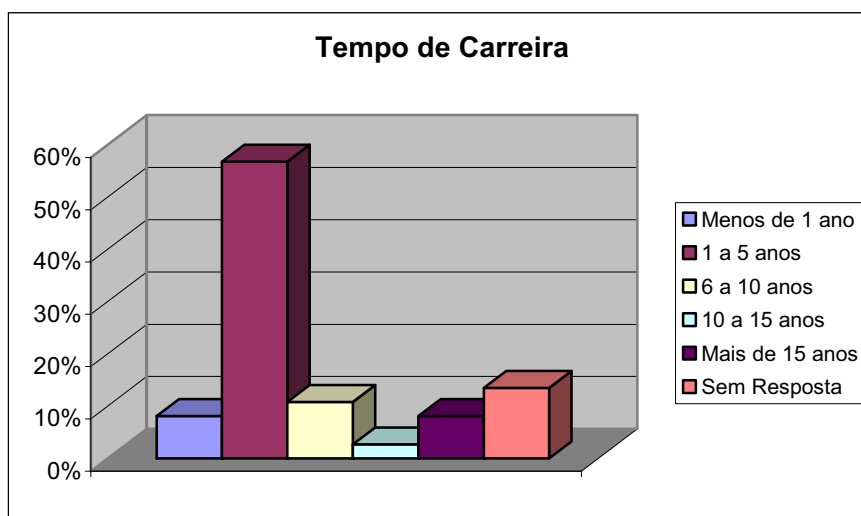
R - Teve, porque hoje não, mas na minha época o pai influenciava muito. Ele tinha influência, e não foi só influência dele, o poder aquisitivo, na época o Agenteganhava quase doze salários mínimos, hoje não ganha. Oi? [falando com outra pessoa]

[INTERRUPÇÃO NA FITA]

E - Então, na época, né, o, o

R - O poder aquisitivo mudou muito. Hoje eu arrependi, porque se eu tivesse ficado como professor, hoje eu teria o curso superior e com o passar do tempo você perde aquele, aquele ar de inocência que o professor tem, como eu perdi o meu. Com o passar desses anos todinhos dentro do sistema Penitenciário, eu já vi muita coisa esquisita e você perde [R, 46 anos, 2º Grau completo, AgentePrisional desde 1982].

O tempo de experiência como Agente Prisional é praticamente idêntico entre a maioria dos Agentes Prisionais que ingressaram através do concurso público, ou seja, por volta de dois anos e meio na ocasião em que as entrevistas foram realizadas (julho de 2005):



Os Agentes que ingressaram através do concurso público são unânimes quanto à relação estabelecida com a profissão e com tempo que pretendem dedicar à mesma. Os baixos salários, a insegurança devido às condições precárias e a superlotação das unidades Prisionais fazem com que o trabalho seja visto como um trabalho “temporário” ou como mais um dos tantos “bicos” realizados até então, ainda que com carteira assinada:

E - É, e, mas assim, você pretende continuar na profissão?

R - Não, não pretendo continuar não, isso aqui é temporário. Tamo aqui temporário, eu tô aqui temporariamente. Pretendo continuar aqui não. Agora, se aqui tivesse um bom salário, se o Agentepreisionário em Goiás ganhasse muito bem, aí eu poderia ficar trabalhando dentro de um presídio [A, 25 anos, graduando em Direito, concursado].

Além de trampolim, a profissão é vista como garantia de uma certa “estabilidade” que possibilita uma melhor organização do tempo livre para estudos e/ou preparação para um novo concurso, sobretudo para aqueles que já concluíram o ensino superior :

R - Daí o, a minha profissão atualmente não é por realização pessoal, porque eu gosto não. É só pra eu poder me mantendo até conseguir [trecho inaudível]

E - Era mais ou menos isso que, que eu ia perguntar agora, assim, como que, que caíste nessa promessa, profissão? Foi o concurso?

R - Foi por causa do concurso porque eu tenho que trabalhar, mas assim, por vocação, por gostar, não gosto, não tenho vocação.

E - Ahan.

R - Só pra poder me man-, me manter.

E - Ahan. Mas foi o que? Em relação ao salário? O que?

R - Não, por. Eu, no meu caso, foi porque eu cheguei do Maranhão. Foi o primeiro concurso que teve.

E - Ahan.

R - Aí pra me dar uma segurança também porque é concursado, por causa do, da escala de serviço, cê trabalha um dia, folga três. Então dá pra você ter bastante tempo pra estudar, pra fazer outras coisas também [Y, 27 anos, graduado em Filosofia, concursado].

E - (...) Por que você escolheu ser Agente Penitenciário?

R - Mais pelo concurso em si, pela estabilidade, porque ia dar tempo pra mim estudar. Porque eu sou de família pobre, né e eu nunca tive esse tempo que agora eu tenho pra estudar porque eu procuro estudar, desenvolver bastante, principalmente na área jurídica. Eu tô velho ainda, eu já sou velho, mas tenho que continuar estudando porque eu comecei a estudar têm poucos anos [E, 34 anos, graduado em Direito, concursado].

Para os Agentes Prisionais de Goiás concursados recentemente a profissão representa “um lugar de passagem”, cuja perspectiva é a de não permanecer no emprego, o que pode vir a acarretar um certo descompromisso com o trabalho. Mas esse distanciamento ou menor envolvimento com o trabalho não pode ser visto apenas como um aspecto relacionado aos baixos salários. Deve-se também à falta de um curso de preparação adequado ao trabalho de Agente, pois os mesmos foram introduzidos “na tora”, ou seja, após um curso intensivo de uma semana ou 15 dias de duração:

E - E esse curso de formação que você fez em outros Estados, como é que você avalia? Eles foram muito melhores do que o de Goiás?

R - Foi muito melhor porque nós tivemos lá terapia de grupo, nós fizemos, eh, experiências, simulação de experiências que você encontrar dentro de um presídio, como que você agir, você sendo pego como refém, certo, você ia agir, como que você, seu colega tá lá de refém, você está fora, de refém, você começar a tomar as primeiras providências, então quer dizer, foi muito, foi muito planejado o trabalho. É feito uma simulação da prática pra você aplicar no cotidiano, da unidade Prisional. O que não ocorreu aqui. Aqui mal, você mal conhecia o professor e você mal conseguia conversar com seu colega de classe, devido a rapidez do curso né, quinze dias apenas é muito pouco, pela responsabilidade da função que você vai exercer.

E - E o que o curso de formação ele ensinou em relação ao proceder com o detento, ao tratamento do detento?

R - Nada, ele só ensinou mesmo você ser um, não ensinou o seu papel de educador, ou seja, ensinou você a ser um repressor, que contraria a Lei de

Execuções Penais e o objetivo do Agente Prisional, né, e não ensinou nada de prático pra você usar no seu dia a dia.

E - Em São Paulo eles ensinaram isso?

R - Ensinou tudo, ensinou que nós temos o papel social muito grande, que nós temos o papel de educador, nós somos, quer dizer, nós temos que dar exemplo né, nós temos que ser o espelho do preso, na sua maneira de vestir, a sua, nas suas palavras, você não usar gírias. Explicou também o fenômeno da prisonização né, que você no decorrer do dia não inculcar defeitos que a massa carcerária, aquelas, aqueles costumes que a massa carcerária tem, que é de se vestir, de falar gíria, de usar tatuagem, que se você não tiver um entendimento, um preparo pra aquilo ali você começa também a fazer tatuagem no seu corpo, você adere aos costumes da massa carcerária.

E - A cultura deles.

R - É, você, você adere à cultura dele, e onde ocorre esse fenômeno que é chamado da prisonização [G, 44 anos, Agente Penitenciário há 27 anos – trabalhou em São Paulo, Mato Grosso do Sul e está cerca de um ano em Goiás, concursado].

E - O seu curso de formação, em que medida ele contribuiu pra te capacitar a ser Agente? Que matérias você cursou lá? Qual foi a duração do curso?

R - (risos) Ai, ai. Foi um mês, acho que foi um mês. Foi dois meses? Foi um mês cara, foi um mês, um mês, a gente viu direito penal, condicional, só ético mesmo, questão ética, mas questão operacional ninguém viu não, não existe preparação pro Agente penitenciário ainda no Estado, não existe, entendeu, eles só passaram questão de ética mesmo, profissional e jogaram a gente como se fosse, como se fosse sei lá, te jogasse no meio de um formigueiro qualquer, nu, sem roupa, te jogasse lá e, ô, se vira cara. Ai onde é que você olha pra um lado, pro outro, fala: ô, puta que pariu, que eu to fazendo aqui cara, estudei pra caramba, sou formado, tal, tenho curso superior, e to num lugar desse? Ai aqui tem uma, uma tendência cara, a ninguém gostar daqui. Por que? [trecho inaudível], eu falo os Agentes. Por exemplo, os presos tem uma visão, é o seguinte, é puxar a cadeia e ir embora, então todo momento você escuta essa palavra: vou embora, quero embora, eu to indo embora, eu sair, vou sair, a todo momento, e os próprios profissionais da área, eu acho que até de certa forma, então até choca esse pensamento sabe, de a gente também pensa embora daqui, porque [trecho inaudível] cara, a gente pensa em formar e ir embora, eu não vou ficar aqui minha vida inteira.

E - Você pretende ficar?

R - Eu acho que não, eu não, como Agente penitenciário não, Agente penitenciário eu não fico não, não fico, eu não quero ver daqui a alguns anos meu filho: pai, o que que você faz? Ah, eu to na Casa de Prisão Provisória. Eu não quero isso pro meu filho.

E - Quer ir pra outra área de segurança pública?

R - Talvez pra outra área de segurança pública tudo bem cara, eu até ficaria, mas aqui não. como Agente penitenciário bicho, ô, abrindo e fechando cara, eu não. Assim cara, agora se tiver boa remuneração, três mil reais por mês, tudo bem, mas aqui não [R, 22 anos, Agente penitenciário há 2 anos, concursado].

Além da ausência de uma formação condizente, a estrutura física das instalações Prisionais é precária e as/os Agentes estão sujeitos à riscos de vida maiores do que os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal, levando-os, de certa forma, a adotar estratégias menos controladoras e rigorosas, com o objetivo de prevenir uma possível rebelião que colocariam suas próprias vidas em jogo:

*R - Eu costumo falar o seguinte fato: **A GENTE FINGE QUE VIGIA E ELES FINGE QUE TÃO PRESO**, você entendeu isso? Porque a gente, nós aqui não têm condições de mantê-los numa rebelião [fim da fita]*

*R - (continuando fala anterior) Porque infelizmente o sistema não oferece condições pra gente trabalhar, é reduzido, o número de funcionários é pouco, porque que utiliza o comando? Porque o comando já mantém a cadeia organizada, aí precisa de menos gente pra trabalhar, você entendeu, oferece isso. Aí com o comando mantém a cadeia tranqüila, aí **se tratar o comando bem não tem briga dentro da cadeia, não tem rebelião** e não tem, gerando com isso poucas pessoas pra trabalhar. Tanto é que vende aquela imagem pra sociedade porque pra sociedade, não é tratar o preso bem, é se tem rebelião porque quando tem rebelião, vai pra sociedade. **O governo não tá preocupado com, ele tá preocupado com rebelião.** Então não tendo a rebelião, tá ótimo! O dia que tem uma rebelião, aí pode mudar, muda uma filosofia de trabalho, mas enquanto isso a cadeia, por exemplo, o CEPAIGO, quanto tempo não acontece uma virada maior na cadeia, por quê? Cada um têm concessões com o outro. O sistema tem concessão com os preso, procura tratar os preso porque além, porque também num oferece muitas condições pros preso, num procura seguir nem a lei que tem que seguir. **Os próprios Agentes Prisional, como é que fala, fica também coagido porque não têm condições pra ele trabalhar, como é que fala, num têm condições psicológicas de ambas as partes pros preso tem um pouco, pros Agentes Prisional têm menos ainda porque eles não tem acesso. Se eles quiser um psicólogo, tem que procurar e quem é que sabe que tem problema? Acho que sempre tinha que ter um trabalho constante todo ano, selecionar não todo mundo de uma vez, selecionar uma pessoa pra fazer um trabalho, ver se ela tá precisando de porque vai indo uma pessoa que vai trabalhando aqui dentro, ela vai montando uma metodologia de trabalho, vai vendo o cara como um bicho, o preso como um bicho, uns começa a abraçar a causa começa a levar cartinha pra família do preso, aí sabe, começa a confundir o método de trabalho e tem que ter um trabalho, psicológico inclusive, em ambos os casos com o preso e com o AgentePrisional.***

E - E o que é isso que você colocou “tratar o comando bem”?

R - Não. É o que eu falei pra você deixar eles no poder, as regalias, você entendeu? Não derrubar o poder porque o poder em si ele mantém a cadeia organizada, ele mantém a sociedade organizada até lá fora. A polícia ela vai lá e derruba um comando, só que vem outro pra assumir.a polícia lá fora o que acontece, a polícia desorganiza o comando, o outro vem pra comandar. E

aqui é uma cidade pequena infelizmente. Porque senão desorganiza o próprio sistema de trabalho da gente [E, 34 anos, graduado em direito, concursado].

R - Uma ala dessa aí tem quatrocentos presos, nós somos vinte Agentes, tem dia que a gente fecha com dez porque pra fechar você não pode juntar todo mundo e fechar, porque você não pode deixar os outros postos desguarnecidos. Então na verdade a gente fecha geralmente com dez Agentes.

E - E nunca aconteceu nada com você durante essa tranca?

R - Graças a Deus até hoje nunca aconteceu, mas o dia que, é igual eu te falei, o dia que os preso quiser acontece, não tem jeito, dez pra fechar quatrocentos é cansada, e a cadeia tá cheia, tá lotada de preso, tem cela aí, tem cela aí que tem 10 presos uma cela de dois metros por seis, dois por seis, é isso mesmo. [D, 22 anos, Agente penitenciário há 3 anos].

Percebe-se de uma forma geral que as/os Agentes Prisionais em Goiás são desafiados a encontrar seus próprios caminhos para lidar com as situações do dia-a-dia na prisão. Entre os que ingressaram por meio do concurso a cerca de dois anos e meio parece existir uma tendência de não-envolvimento com os reeducandos, seja para prevenir uma possível rebelião ou para não repetir erros cometidos por Agentes no passado, por exemplo, para evitar a assim chamada “Síndrome de Estocolmo”:

E - Tá. Eeee, assim, pra você como é que é ter que ligar com, com tudo isso, toda essa questão, é é, por exemplo, do dos soros positivos, também a questão da droga, como é que, como é que você se sente tendo, em ligar com isso?

*R- Não eu, eu tento manter assim, que eu tô em outro mundo, **quando eu entro dentro de um presídio, eu tô em outro mundo**, eu, eu tô aqui, se ele tá usando droga, problema é do do preso, se ele, se ele, se ele tem o HIV, problema é dele também, entendeu, adquiriu não sei como. Então, tô aqui, é outro mundo, eu tô aqui pra ajudá-lo, entendeu? Se ele é doente de de de AIDS, entendeu, tô aqui pra ajudá-lo, né? Se um dia [trecho inaudível] precisar [trecho inaudível] até de ajuda, né, remédio, né não? Tô aqui pra ajudá-lo, ou tratamento psiquiátrico se ele é drogado, entendeu? Então, **o Agenteele, hoje, ele não pode dar muita importância, envolver, igual tem a Síndrome de Estocolmo, que chama, verdadeira Síndrome de Estocolmo, que é a relação entre entre o Agente e o preso, o preso envolve na vida do Agente, o Agente envolve na vida do preso, que chama, que chama Síndrome de Estocolmo, então eu tento evitar a Síndrome de Estocolmo.***

E - Como, esse, como é que é isso, esse nome já já teve [trecho inaudível]?

R - Tem, a Síndrome de Estocolmo, conhecida.

E - Aí, fala fala, isso disso um pouco.

R - Á?

E - Me fala um pouco disso.

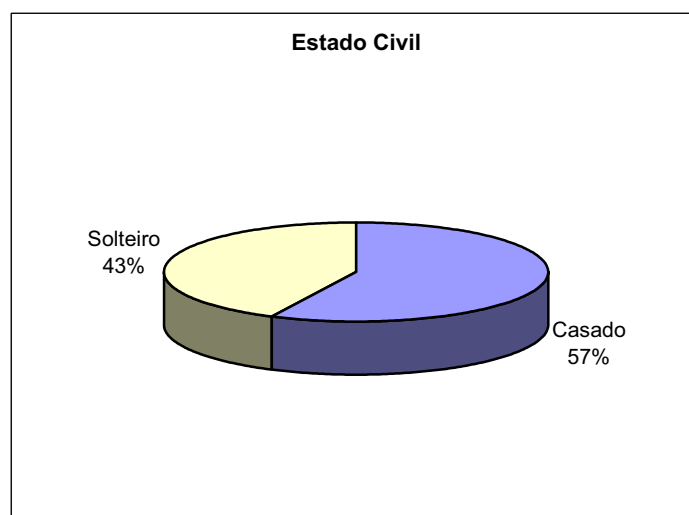
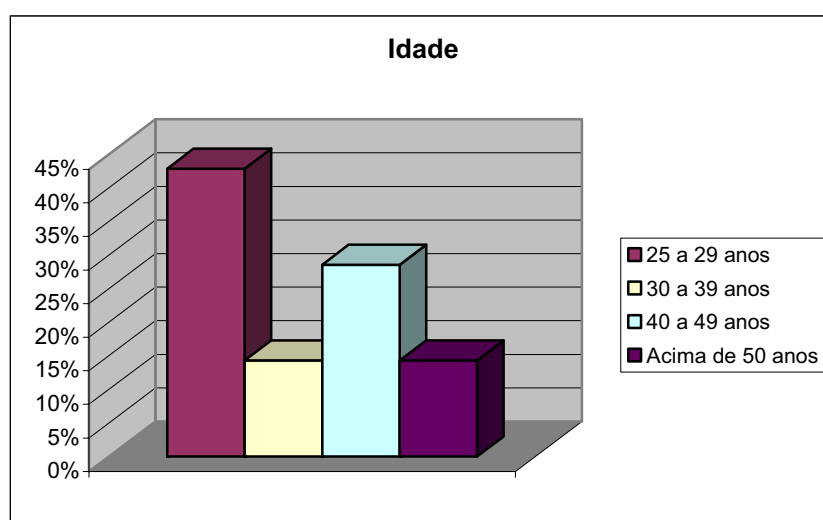
R - Da Síndrome de Estocolmo?

E - Isso.

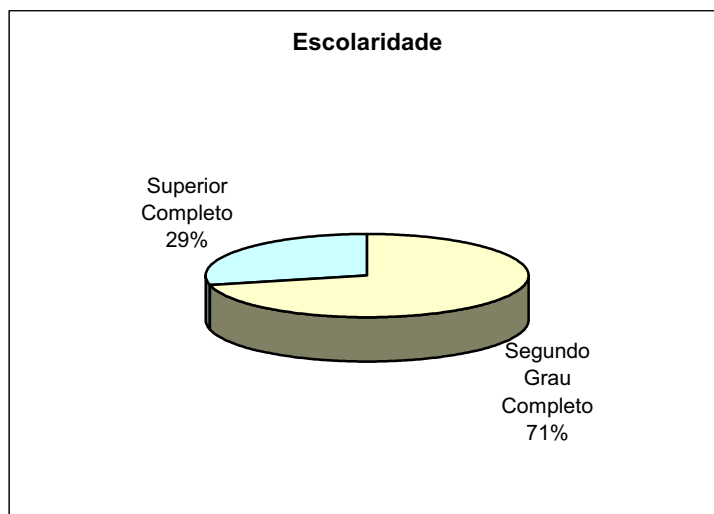
R - É é o preso, entra na intimidade do Agente e o Agente entra na intimidade do preso, então eu evito tudo isso, entendeu? [A, 25 anos, graduando em Direito, concursado].

4.2.2 Perfil das Agentes entrevistadas do sexo feminino

A situação relativa à idade média e estado civil das Agentes mulheres é bastante similar à de seus colegas do sexo oposto:



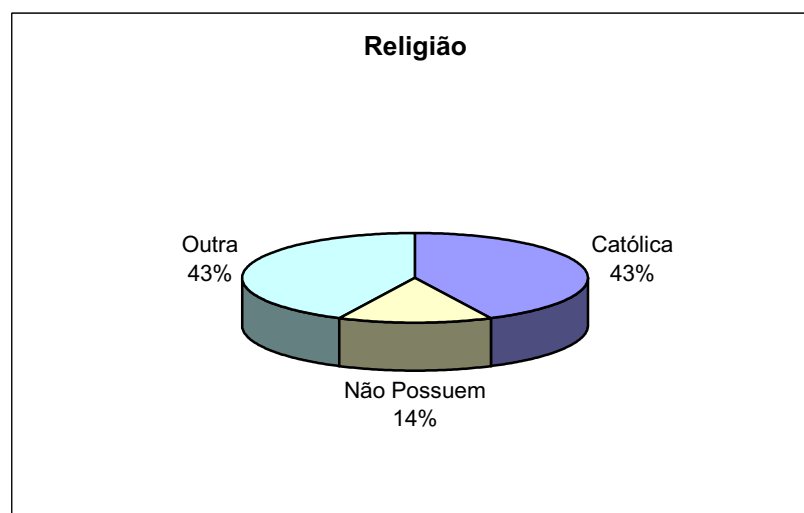
Também em relação ao grau de escolaridade não existem grandes diferenças já que as exigências de contratação são as mesmas:



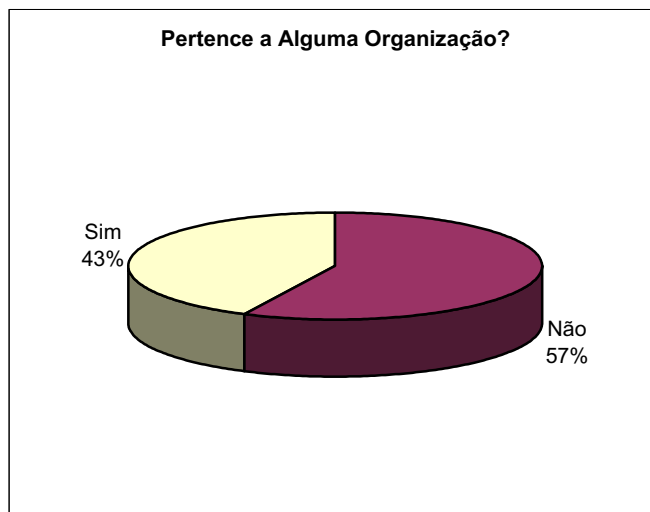
Nas questões relativas à religião, algumas Agentes declararam não possuir religião. Entre aquelas que freqüentam a igreja, sobretudo evangélica, existe a percepção de que ela “ajuda” na profissão:

E - E você acha que a sua religião te ajuda na sua profissão?

R - Ajuda porque assim as meninas até brincam falando que eu sou muito má: “Ah, você não tem dó delas e tal. Então ajuda nesse sentido porque eu acho que se eu não tivesse um Deus, não tivesse uma fé, talvez eu seria um pouco menos tolerável com elas. Eu não tolero, eu não tenho muita paciência. Eu não sou aquele tipo de pessoa: “Ah, senta aí, vamo conversar!” Eu não tenho paciência pra esse tipo de coisa. Aí os meninos brincam: “Ah, você é muito má.” Então creio eu que se eu não tivesse esse Deus eu seria um pouquinho mais má.(risos) - [L, 23 anos, graduanda em Direito, concursada].

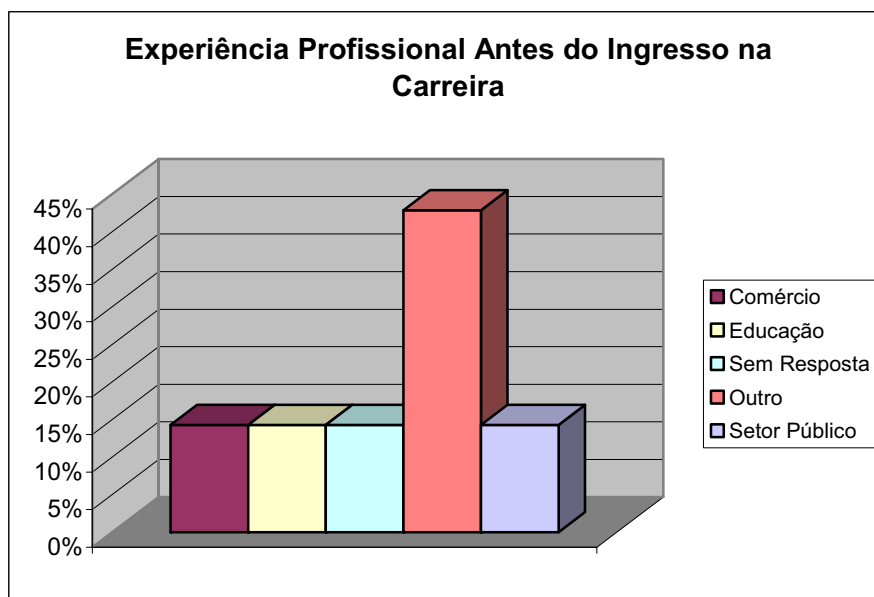


A participação em outras organizações não é algo muito presente entre as Agentes entrevistadas, talvez pelo fato de muitas estarem concluindo o terceiro grau no tempo em que não estão trabalhando (veja adiante). Entre aquela que atuam em alguma entidade, a maioria respondeu pertencer à associação dos Agentes Prisionais:



Experiências anteriores e ingresso na carreira

Grande parte das/os Agentes Prisionais entrevistados, tanto do sexo masculino como do feminino, provém das classes sociais mais baixas, o que as/os levou desde cedo à busca por fontes de sustento e de complementação de renda de suas famílias. De forma semelhante ao gráfico relativo aos Agentes masculinos, observa-se que a coluna “outro”, quer dizer, experiências diversas principalmente no setor informal, representam o maior percentual:



Entre aquelas que já haviam desempenhado alguma atividade com carteira assinada, verifica-se que o motivo para a mudança de profissão foi quase sempre de ordem financeira, ou seja, de melhoria de salário:

E - Eh, você poderia falar pra gente um pouco, Pâmela, como é que foi o seu primeiro emprego, eh, experiências de trabalho que você teve antes de se tornar Agente de Segurança?

*R - Aham, meu trabalho, em empresa particular, foi em dois hospitais. É trabalhei em um hospital por seis anos, eu era secretária. E no outro hospital eu fiquei seis meses e da, em relação à profissão é, é o oposto disso aqui, né? aham, **era uma coisa que eu gostava de fazer, me dava prazer, mas o salário era horrível** (risos) ehm, só.*

E - Tá, então antes de você vir pra cá, você teve só essa experiência como enfermeira num hospital?

R - Secretária.

E - Secretária, desculpa.

R - Isso.

E - Hum, e como é que foi que você chegou a essa profissão de Agente de Segurança?

*R - Ah, então, eh, foi, eu sempre vivi, assim profissionalmente dentro do hospital e eu me dedicava muito. Eh, uff, eu tomei gosto pela enfermagem e então eu vim morar em Goiânia e comecei um curso técnico de enfermagem. Eh, durante esse curso técnico eu tive que, despesas e tal e meus pais não podiam contribuir, então **eu tive que pensar no que eu poderia fazer profissionalmente pra poder me render o que eu planejava**, né? Que era concluir o curso e me dedicar só àquilo. Eh, daí surgiu o concurso, né? Eu prestei o concurso, me dediquei, estudei bastante. Era, eram matérias que eu nunca tinha visto, né? era tudo diferente do que fazia. Eh, a princípio eu não gostei, nem um pouco. Mas ah, o direito, ele com a convivência, ele pode ser*

apaixonante. Então eu me dediquei e terminando o curso de, de Agente, né? Após as primeiras etapas, eu fui fazer o curso de formação e no curso de formação, eu tive que faltar o meu curso de técnico né? uns vinte dias, quinze ou vinte dias, mais ou menos. E quase reprovei no outro curso (risos) pra me dedicar a esse, mas enfim, assim, no, no final do ano eu consegui os dois, né? depois foi só esperar ser convocada [P, 29 anos, segundo grau completo, concursada].

A influência de parentes na escolha da profissão também é veemente negada por partes das Agentes Prisionais do sexo feminino que trabalham no complexo Prisional de Aparecida de Goiânia:

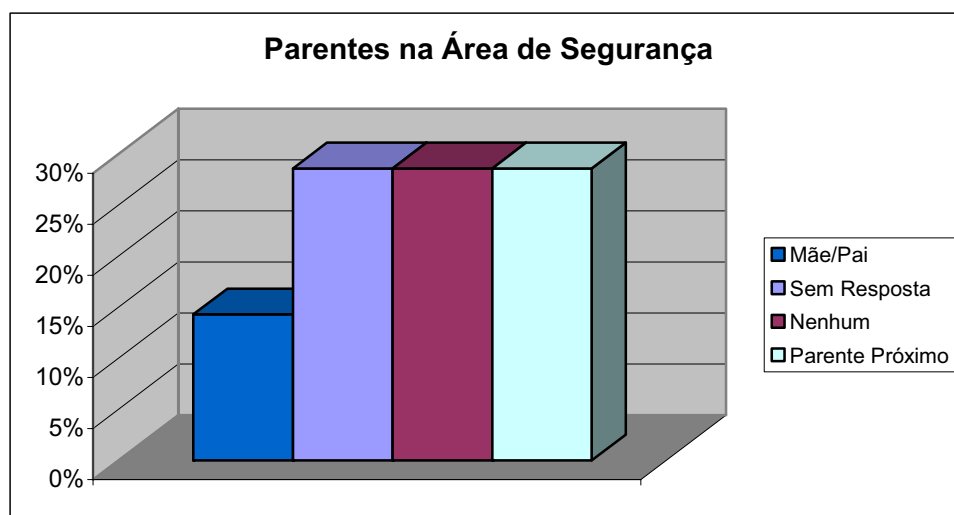
E – Eh, então antes de começar a falar um pouco sobre a carreira do Agente Prisional, eu queria que você falasse um pouquinho sobre sua família. Um pouco da história da sua família, você poderia me contar um pouco? Se você, é daqui ou veio de outro estado?

R - Aham, meus pais são baianos. É, vieram pra cá antes de eu nascer. Eh, tenho dois irmãos é também nascidos aqui. É meu pai é autônomo, minha mãe costureira e dona de casa. E meus irmãos são Policiais Militares e eu Agente de Segurança. (risos)

(...)

E - E você acha que pelo fato de você ter dois irmãos que já trabalhavam na Polícia, isso é, influenciou também? Você tem mais familiares também que trabalham na Polícia?

R - Não. Influenciar não influenciou. Não influenciou, mais foi mesmo uma necessidade financeira, né? eh, seria uma coisa que se eu fosse pensar, se não fosse a necessidade financeira, eu nunca faria (barulho de caminhão ao fundo) - [P, 29 anos, segundo grau completo, concursada].



Há ainda aquelas que argumentam haver existido uma situação inversa. Não foram elas que seguiram a mesma trajetória do pai, tio ou irmão mas o contrário pode ter acontecido:

E - Você poderia falar um pouco sobre sua família, se é daqui?

R - Minha família é daqui do Estado, embora meu pai e minha mãe estejam em Brasília e somos quatro na família. Meu pai, meu irmão e eu na Segurança Pública. Meu pai na Polícia Federal, meu irmão Bombeiro Militar e eu aqui na Agência.

E - Apenas como Agente Penitenciário, só tem você?

R - Na família, sim.

E - Você acha que pelo fato de seu pai e seus irmãos estarem na área de Segurança Pública, você acha que isso te influenciou de alguma maneira?

R - Não. Porque eu fui a primeira, meu pai passou recente no concurso e meu irmão também.

E - Então você que acabou influenciando? (risos)

R - É, eu que influenciei (risos) – [L, 23 anos, graduanda em Direito, concursada].

Com a realização do primeiro concurso para Agentes Prisionais no Estado de Goiás e contratação em massa dos mesmos, muitas/os Agentes que trabalhavam como “comissionadas/os” (cargo de confiança) ou como “contratadas/os” (contrato temporário) foram demitidas/os. No entanto, a dificuldade de administrar um complexo com mão de obra de maior qualificação (segundo grau completo e/ou ensino superior), mas com pouca ou nenhuma experiência na área de segurança levou à recontração de antigas/os funcionárias/os:

E – E aqui você é comissionada?

R -Sou contratada, contrato temporário.

E -Desde quando?

R - Desde fevereiro.

E - Fevereiro agora?

R - É. Mas eu já trabalhei aqui antes (...) E agora eu vim no contrato que é um contrato, e contrato todo mundo sabe como funciona, né, você seguiu ali, é de 1 ano, meu contrato eu fiz de 1 ano, então 1 ano eu to aqui.

E - Da outra vez foi?

R - Da outra vez não. Da outra vez eu ficava indefinidamente, ai veio o concurso. Eu sai com o concurso.

E - Ai retornou com contrato?

R - Agora eu retornei. Me chamaram de volta por conta do meu trabalho.

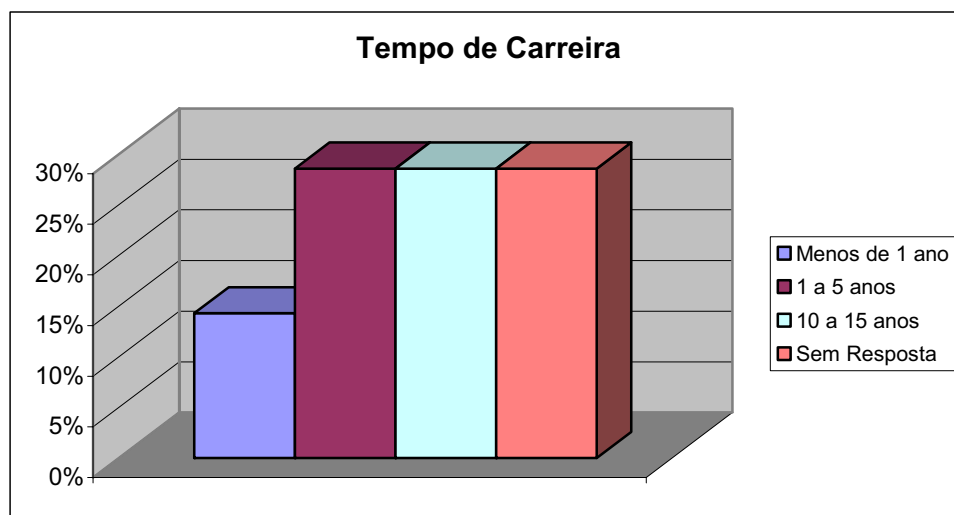
E - Você ficou quanto tempo como comissionada?

R -Como comissionada, 1 ano e três meses.

E - E ai ficou quanto tempo afastada?

R - Fiquei, bem uns 2 anos afastada. Mas eu trabalhei na Agência, mesmo depois, só que eu fui pra Administração, aí eu trabalhei como estagiária. Eu fiz outro curso, como eu não dava conta da faculdade, aí eu fiz técnico em informática [R, 43 anos, 3º grau incompleto, contratada].

A recontração de antigas/os Agentes foi realizada, sobretudo, no presídio feminino Consuelo Nasser, já que a própria estrutura do mesmo (cf. capítulo 3) coloca Agentes e reeducandas em um convívio direto e freqüente e em uma situação que exige experiência e maturidade das Agentes, pois as mesmas acabam assumindo o papel de assistentes sociais, aconselhadoras e psicólogas. Nesse sentido, o tempo de serviço entre as Agentes do sexo feminino apresenta um quadro mais heterogêneo e diversificado àquele constatado entre os Agentes do sexo masculino.



Entre as Agentes femininas contratadas através do concurso existe a percepção de que a profissão é por um tempo determinado, até o término da faculdade e surgimento de um outro concurso mais promissor:

E- Porque você escolheu essa profissão?

R - Olha, eu não sei te justificar não. Porque a gente soube do concurso, eu e alguns colegas, fizemos a inscrição no último dia. E acabei passando, e tomei posse, e tô trabalhando (risos) até terminar a faculdade.

E - Até terminar a faculdade? Então você poderia continuar falando como e porque escolheu essa profissão?

*R - Digo até terminar a faculdade porque fiz curso de Direito e **tenho pretensões maiores com nível superior, eu num pretendo continuar aqui na Agência e seguir carreira não.***

E - Por quê?

*R - O trabalho não é valorizado, não tem perspectiva de crescer aqui dentro porque num existe plano de carreira ainda. Então é uma coisa assim **pra quem tá estudando é bom porque a carga horária facilita porque a gente trabalha numa escala de vinte e quatro e folga setenta e duas horas, mas depois que terminar uma faculdade e eu tiver a oportunidade de sair daqui passar em outro concurso, eu não quero ficar aqui não** [L, 23 anos, graduanda em Direito, concursada].*

Talvez pela falta de um curso preparatório e formador de uma identidade profissional, a incorporação da carreira de Agente, ou seja, a idéia de vestir a camisa e assumir a atividade como uma profissão, parece algo bastante distinto do universo dos Agentes Prisionais em Goiás. Estas alegam “não ter nada do que ser orgulhar”. Por essa mesma razão acabam inclusive omitindo informações relativas ao emprego:

R - Quando me perguntam: “Tua profissão?”, se vai, preencher alguma coisa, alguma ficha. Eu falo: “Técnico em Enfermagem”.

E - Hum.

*R - Faço questão de esconder. Uma porque é mais seguro pra eu esconder, né? (risos) E outra que **não tem nada que me orgulhar**. A não ser de que eu tive um esforço merecido e recompensado, né? Porque eu ralei num concurso aí onde foram não sei quantas pessoas estudando.*

E - Ahan.

R - E eu consegui passar. A não ser esse, esse conhecimento, esse esforço que foi recompensado, não tem o do que orgulhar.

E - Hum.

R - Eu acho que ninguém (em tom de riso) pensa assim, que também tem alguma coisa do que se orgulhar aqui. A não ser as pessoas que realmente tem um salário bom. Que, eh, são os cargos de confiança. São a direção do presídio, do, direção não sei do que, que têm os seus valores, eh, remunerados de forma respeitável. Mas o Agentesmesmo que trabalha, que rala lá de, de cara com o detento não tem o seu valor respeitado [P, 29 anos, segundo grau completo, concursada].

Além das dificuldades já citadas, as Agentes Prisionais percebem uma ruptura em seus estilos de vida e que alteraram profundamente suas relações sociais:

E - Então como é que você se sente em relação ao trabalho que você faz hoje?

R - Eu?

E - É.

R - Não é o que eu quero pra mim (em tom de riso). Não é o que eu quero pra mim. Né? Eu acho que a maioria dos Agentes que estão aqui também. Todos estão aqui até conseguirem os seus objetivos.

E- *Aham. E você acha que você incorporou em, a profissão de Agenteeh, Prisional?*

R - ***Profissionalmente eu diria que eu sou, que eu sou boa, né? agora, eh, pessoalmente me causa alguns conflitos. Endureceu meu coração: não é uma coisa que eu gostaria que tivesse acontecido.***

E - *Hum.*

R - ***Eh, meu comportamento com os meus amigos mudou, também não gostaria que tivesse acontecido. Eh, tipo, eu vou cumprimentar alguém: antes eu cumprimentava com beijinho e abraço, hoje pouquíssimas pessoas eu tenho essa intimidade. Então são coisas que eu acho que, que foram ruins, bem ruins. Eh, pra eu demonstrar sentimentos, eh, amor, carinho e afeto, a não ser com a minha família, ficou muito di-, difícil. Ficou bem difícil. Acho que até pelo fato de eu ser solteira, né? Porque os que são casado ou eram casado já, não devem ter essa dificuldade. Acho que porque, pelo fato deu, deu ser, de eu ser solteira e deu, de eu confiar pouco nas pessoas agora. Que antes eu não eram assim (...) **Eu demoro a adquirir a confiança das pessoas. Aliás, a ter confiança nas pessoas. Depois que eu me tornei Agente ficou pior ainda.** Então pra eu namorar alguém ou eu gostar de alguém eu tenho que confiar nessa pessoa. E hoje em dia isso não acontece com facilidade. Então eu tive apenas um relacionamento depois que eu me tornei Agente foi com um colega de serviço até. Foi um Agente de Segurança também. A gente estudou na mesma sala no curso de formação. E depois a gente não teve mais contato e depois quando eu assumi, ele assumiu um pouco antes de mim. Quando eu assumi, a gente teve contato, enfim. Aí começamos namorar uns seis meses depois que eu assumi, né? Eh, assim, foi uma decepção, uma decep-, decepção mesmo. Eu digo que **hoje eu não teria nenhum namorado da área de segurança, de forma nenhuma. Porque essas pessoas são iguais a mim: elas não confiam umas nas outras** (risos), entende? Então esse meu ex-namorado, por exemplo, nossa, ele, ele era engene-, ele, engenheiro eletrônico.***

E - *Hum.*

R - *Além de Agente. Então nossa! eles, esse, eu acho que ele devia gostar muito, né? Porque ele chegou ao ponto de, de grampear meu celular. Grampear o celular do meu ex-namorado lá da minha cidade, que eu tinha terminado*

E - *Ahm.*

R - *uns seis meses antes de sair de lá e ficar ouvindo a minha conversa pra todo mundo que eu ligava e ouvindo a conversa dele também pra todo mundo que ele ligava.*

E - *Hum.*

R - *Então eu digo que assim: **ficou extremamente difícil depois que eu me tornei Agente porque eu não confio mais nas pessoas. É muito difícil.** Depois desse relacionamento, por exemplo, eu não tive mais ninguém.*

E - *Hum. E já faz quanto tempo que terminou esse relacionamento?*

R - *Ah, 2005, 2004 quase dois anos.*

E - *Hum.*

R- *Um ano e meio, um ano e sete meses, mais ou menos [P, 29 anos, segundo grau completo, concursada].*

4.3 Considerações gerais sobre as/os Agentes Penitenciárias/os do Distrito Federal e sobre Agentes Prisionais do Estado de Goiás

- A maioria das/os Agentes Penitenciários são provenientes das classes medias baixas;
- Muitas/os são migrantes ou filhos de migrantes;
- Um número significativo de Agentes tem pais separados;
- Vínculo religioso é maior entre as/os Agentes com mais idade, sobretudo entre as mulheres;
- Presença de várias gerações de Agentes Penitenciárias/os diferenciadas pelo nível de escolaridade (Distrito Federal) e de uma concentração muito grande de Agentes em uma mesma faixa etária e com pouca experiência na área de segurança (Goiás);
- Nível de escolaridade é maior desde a implementação de concursos públicos. Em Brasília a maioria das/os Agentes entrevistadas/os tem ensino superior completo. Em Goiás, ainda que a exigência seja apenas segundo grau completo muitas/os Agentes concluíram o ensino superior ou estão prestes a concluí-lo;
- A escolha profissional é motivada pelo emprego, mas sobretudo, é pelo salário e não pelo trabalho, isto é, pelas condições de estabilidade no emprego público (Distrito Federal e Goiás) e de salário (Distrito Federal);
- Escolha profissional motivada por trajetórias similares no contexto familiar em alguns casos, ainda que essa influência não seja admitida pelas Agentes do sexo feminino, pois a maioria possui familiares ou parentes próximos como policiais civis, militares e do exército;
- Em Goiás a profissão de Agente Prisional representa para as/os Agentes concursadas/os “um lugar de passagem”, cuja perspectiva é de não permanecer neste emprego.
- Muitas/os Agentes, sobretudo em Goiás, preferem não se identificar profissionalmente como Agentes, pois consideram que existe, ainda, uma boa carga de preconceito sobre a profissão.

CAPITULO 5

5. Análise das Trajetórias Profissionais das/os Agentes Penitenciárias/os / Prisionais de Brasília e de Goiás.

O presente capítulo analisa as trajetórias profissionais das/os Agentes Penitenciárias/os de Brasília e das/os Agentes Prisionais de Goiás, procurando entender aspectos tais como a motivação para a escolha profissional; o primeiro dia de trabalho no presídio; as percepções sobre o curso de formação oferecido aos Agentes; o impacto da religiosidade sobre o trabalho que realizam no presídio; as narrativas sobre o trabalho que desenvolvem e sobre as/os internas/os com os quais interagem no dia a dia. Pretendemos, assim, identificar os saberes e valores que mediam esses relacionamentos e as percepções sobre a questão da reintegração do detento à sociedade.

5.1 Trajetórias Profissionais das/os Agentes

Percepções das/os Agentes sobre as relações entre a rua e a penitenciária

A pesquisa permitiu observar que certas continuidades e rupturas entre a rua e a penitenciária são construídas discursivamente com base na moralidade das/os Agentes. O discurso das/os Agentes “divide” a sociedade em dois grupos bem definidos: as/os criminosas/os e as/os normais. *Prima facie*, os criminosos pertencem à penitenciária e os ditos “normais” à sociedade dos seres humanos livres. No interior da penitenciária masculina, um Agente entrevistado medita e observa: “... *há um mundo lá fora e há um mundo aqui dentro ...*”. Esta expressão é indicativa da presença de duas moralidades: a do mundo das/os corretas/os e a das/os incorretas/os, a das/os transgressoras/es que orientam seu comportamento por prescrições

diferentes às impostas pela ordem jurídica, e a das/os que vivem em harmonia com essa mesma ordem. No discurso proferido, cada um desses mundos aparece, discursivamente, como totalidade de coisas que pertencem à domínios diferentes. Assim, a sociedade e a penitenciária podem ser experimentadas como territórios peculiares e distantes, acenando com uma ruptura. Como já indicado, a localização geográfica, distante da cidade, colabora na construção dessas fronteiras simbólicas, traduzindo, de uma certa maneira, a experiência radical de se trabalhar na instituição e evidentemente, a do encarceramento. “*O mundo aqui dentro é o dos transgressores, rotulados como criminosos, o pior da sociedade*”, afirma um Agente³⁶.

Mas também o discurso das/os Agentes indica certas continuidades entre a rua e a penitenciária. O interior da penitenciária pode ser construído e experimentado como a continuidade de uma rua considerada perigosa: “*...a penitenciária no período diurno está em total movimento. Durante a noite, os detentos são colocados nas celas, mais ai, quem vai entrar num pavilhão de 20 celas? Tem o mesmo perigo que a gente entrar numa quadra perigosa. Você pode correr o risco de alguém lá na última cela pedir um socorro médico e as primeiras celas já estarem devidamente preparadas com facas artesanais, por exemplo*”. Os pavilhões são assemelhados às ruas perigosas da cidade, caracterizadas pelas armadilhas, os assaltos, os estupros, eis aí a continuidade entre a cidade e o presídio. O presídio constitui a continuidade da parte abjeta da cidade.

É pois num ambiente contraditório, representado como ruptura e continuidade com relação à rua, que se estabelecem as relações e interações sociais entre os representantes da instituição destinada, discursivamente, à reforma moral e psicológica dos indivíduos (Foucault, 2000) e aqueles que serão alvo de um processo de socialização institucional.

³⁶ Esses socialmente apontados como os “piores” serão alvo de novo julgamento classificatório ao interior da instituição, sendo produzido um grupo social mencionado como “os piores dos piores” do presídio, aqueles finalmente destinados ao isolamento do “Pavilhão de Segurança Máxima – PSM”.

Motivação para a escolha profissional

As/Os Agentes Penitenciárias/os / Prisionais são motivados em sua escolha profissional pelo trabalho ou pelo emprego? Isto é, pelo conteúdo do trabalho que terão que desenvolver nas organizações prisionais ou pelo vínculo que permite ter acesso à determinados benefícios que definem o que se reconhece socialmente como um "emprego seguro"?

A pesquisa indicou que, salvo raras exceções, o ingresso na carreira é motivado pelo emprego, como aponta a fala a seguir:

Então assim foi, quando eu me vi de uma hora para outra sem chão. Eu me vi desempregado, a região falida, e aí entra meu pai na história, que ele sempre me falou: estuda pra um concurso, estuda pra um concurso. E nessa hora eu me vi realmente sem chão e falei meu pai tava certo. Aí montei o escritório de advocacia pra não ficar parado e comecei a estudar. Mais ou menos com uns 6 meses de estudo, aí eu fiz um concurso pra delegado lá em Fortaleza, mas eu ainda não tava realmente bem preparado. E ainda assim consegui chegar na prova escrita, mas não consegui passar pra prova oral. Aí retornei de Fortaleza, cheguei na Bahia na terça. Na sexta feira já viajei pra fazer esse aqui de Agente Penitenciário. Graças a Deus passei. Não era assim um sonho, porque quando eu vi no jornal Folha Dirigida Agente Penitenciário ...

As vezes, essa inserção profissional é pensada como transitória, um caminho possível para angariar empregos públicos que demandariam um tempo maior de estudo para aprovação no concurso público, embora nem sempre esse desejo se concretiza, como revela a fala abaixo:

Ah, diziam que isso aqui eu podia/ que o risco aqui é alto, que o nível de stress é alto, que eu teria que mudar minha vida em alguns aspecto se vir pra cá / e eu pensei : vou passar , vou fazer esse concurso, se eu passar eu fico lá um ano, depois eu continuo estudando e vou passar em outro concurso. Passei e não continuei estudando e isso aqui é muito massacrante, você não consegue estudar em casa, e aí eu tô aqui.

Desse ponto de vista, a motivação para o ingresso nesta carreira não difere daquela que motiva o acesso à outros empregos públicos, isto é, a estabilidade e os benefícios sociais que podem ser conquistados. É por essa razão que o peso das influências familiares para abraçar a carreira propriamente dita é relativa.

Interessa indicar que, no geral, as/os Agentes procedem de famílias de classe média e classe média baixa: funcionários públicos, pequenos comerciantes, trabalhadores rurais ou da iniciativa privada, entre outros. O estudo revelou que o Agente e sua própria família experimentam essa escolha profissional como um conflito, pois o "emprego seguro" está associado, segundo as percepções sociais, à um "trabalho inseguro". O depoimento abaixo, permite ilustrar o conflito inicialmente experimentado pelos que ingressam na profissão:

Mesmo sendo uma função teoricamente que você tem repulsa, né. O medo de trabalhar com o preso, violência, tudo isso daí. Pra quem vive um mundo diferente do nosso, o que você imagina de cadeia. Assassinato, estuprador, esse tipo de coisa. Então, quem é que vai querer conviver com esse tipo de pessoa, né. Mas à época eu tava numa situação realmente difícil, né. A indenização já tava acabando. E eu tive que vender meu carro. O negócio realmente apertou. Aí quando surgiu essa oportunidade eu fiz o concurso, eu sempre digo que foi até meu presente de Natal, desse ano de 98, porque o resultado saiu no dia 21 de Dezembro, mas eu só tive conhecimento dele no dia 23 de Dezembro, às vésperas do Natal. Então eu cheguei em casa e minha mulher tava naquela expectativa toda. Porque ela via minha expectativa, minha preocupação. Então, como eu falei, tive até esse resultado como um presente de Natal.

De fato, nas narrativas das/os entrevistadas/os é sempre enfatizada a preocupação familiar com relação à natureza do trabalho na prisão, tida como um lugar extremadamente perigoso, aspecto ilustrado na fala de um Agente, a seguir:

Quando meus pais tomaram conhecimento eu já não morava mais com eles, quando eu fiz concurso, né, eu já era casado. Eles não moram aqui no DF ele moram no Goiás, aí... inclusive quando eu recebi a notícia que eu tinha sido aprovado, foi meu primo que é Agente Penitenciário também, que me ligou aí eu tava lá na casa dos meus pais, aí eu falei pra eles, minha mãe até insistiu, falou que não queria, que não era uma boa idéia, mas eu eu (pausa) sempre converso com ela, falo que é tranquilo, que dá pra gente ter, com todos os cuidados que é óbvio, eu falo pra tranquilizar, né, mas Agentes sabe que aqui é um ambiente que tem que dá muita atenção da nossa parte, mas eu falo assim pra ela pra tranquilizar.

Essa desconfiança prévia com relação ao local de trabalho pode levar à ansiedade e ao medo no início da carreira, fato recorrentemente observado nos relatos sobre "o primeiro dia de trabalho na prisão".

Como já se viu, pode-se destacar que alguns Agentes escolheram ingressar nesta profissão por razões negativas: *condição de desemprego ou falta de emprego, adquirir experiência e currículo para ingressar na PF*, etc. As motivações positivas são inerentes à profissão: estabilidade profissional e condições salariais razoáveis (comparativamente a outras profissões) são as mais recorrentes. O que não implica que boa parte das/os entrevistadas/os sentem vergonha de contar sobre sua profissão e de se identificarem-se como Agentes Penitenciárias/os.

O preconceito com relação a profissão

As/Os Agentes reconhecem que a profissão que escolheram gera preconceito e pode levar à discriminação na sociedade, apontando o sofrimento pela realização de um trabalho que carece de reconhecimento social, como indica a fala abaixo de um Agente de Goiás:

A visão do Agente é a pior possível ... Nos somos expostos pela mídia, pra a sociedade, só no momento que ocorre uma rebelião, que ocorre uma corrupção, que ocorre a introdução de drogas no presídio, então quer dizer, ele não viu nosso papel aqui no dia a dia, não sofre o que a gente sofre aqui dentro né?, não ve o sofrimento que nos temos aqui dentro. Trabalhar sem condições de trabalho, trabalhar sem equipamento...

Na mesma direção, outro depoimento parece indicar a presença de uma identidade profissional "ferida":

Tem, tem, tem um pessoal preconceituoso, até mesmo porque tudo o que eles conversa disso é com relação aos equívocos, o que é falado ou não, o que eles fala, na visão deles é que os Agente é sempre corrupto, que o Agente passa as coisa aqui pra dentro, essas coisa, tem sim, tem os preconceito. Quando você tá conversando com a pessoa o pessoal já fica espantado quando você fala que trabalha na penitenciária o pessoal já olha, nossa, como é que é, quer saber. Lá tem muita corrupção mesmo? Ai eles já olha só o lado da corrupção, que o Agente tá passando, às vezes é ruim pra nós porque né, as pessoa fala todo político é safado, então é você ouvir uma coisa dessa, ainda mais quando pensa que é correto né, então não pode falar, não pode generalizar.

A seguinte fala sintetiza como, no geral, se estabelece a relação com esta profissão e seus desdobramentos sobre o trabalho no presídio:

Antigamente a pessoa entrava no sistema por opção mesmo ne.. Como se diz , é muito difícil dizer que a pessoa tem vocação para ser AgentePrisional, mas hoje em dia não, com o desemprego muitas pessoas estão ai , tem curso superior, fazem o concurso porque não tem emprego. Eles entram mesmo contrariando a família, entra mais pelo salário, em busca do salário. Ele não vê aquilo como uma profissão, ele vê como um meio, ele ta ali esperando uma oportunidade melhor para mudar de vida. E acaba comprometendo o trabalho dele. As vezes a passagem dele aqui é tão rápida que ele não da tempo nem de saber o que ele tem de fazer, o que ele vai fazer aqui dentro.

A situação dos baixos salários e do preconceito que existe com relação à profissão é enfatizada por um Agente de Goiás:

E uma função que não me sinto muito bem. Como o colega falou a maioria dos Agentes que estão aqui estão buscando um curso superior ou pretendem cursar ou sair daqui. O Estado não oferece muita possibilidade pra gente crescer aqui dentro das Agencia Prisional, ou melhorar de vida aqui dentro, melhorar o salário, que vai ser sempre baixo, e sempre vai ser visto pela população como monstro.

Diferentemente das/os Agentes de Brasília, as/os Agentes de Goiás queixam-se também dos baixos salários recebidos. Um Agente Prisional ganha, aproximadamente, 12% do que ganha um Agente Penitenciário de Brasília, no início da carreira.

O primeiro dia de trabalho na prisão

Em geral, as narrativas sobre o primeiro dia de trabalho das/os Agentes na prisão revelam as representações sociais negativas sobre a situação de encarceramento. Ter que trabalhar em um espaço social como a prisão gera expectativas e temores. Mas medo de quê? Quem está detrás das grades? A sociedade bane as/os transgressoras/es do convívio social e os oculta, quase sempre, em algum lugar distante. O coletivo precisa acreditar que as/os prisioneiras/os se diferenciam de maneira substancial das/os “cidadãs/ãos normais”, que o estigma

(simbólico) de presidiária/o se desdobra em algum sinal que torna visível a suposta “anormalidade”. Isso gera expectativas e temores tanto nas/os Agentes que estão ingressando quanto naqueles que visitam, por diversos motivos, as unidades penitenciárias. Talvez a impressão mais marcante seja a perturbadora “normalidade” das/os que foram colocadas/os detrás das grades. Esta normalidade, como se observará em tópico posterior, exige que a/o Agente se diferencie do detento, em função do linguajar utilizado, da vestimenta, do asseio pessoal, entre outros.

O depoimento de uma Agente a seguir aponta para o sentimento de medo e repulsa durante o primeiro contato com a prisão:

Ah, assim, a gente... eles sabiam que tava tendo uma visita porque eles viram que a gente passava ali pra na/ no pátio onde eles tavam pegando sol e eu ficava até com medo e eu: Meu Deus será que algum pode assim, né, atacar eles podiam atacar a gente, sei lá de alguma forma agredir verbalmente, eu não sei. E eles mexiam, é, assobiavam, sabe, mexendo assim com a gente.

Este temor inicial é relativo às representações sociais negativas sobre a prisão, mas o trabalho na instituição parece mudar essa experiência inicial negativa:

De temor, né, de temor, assim, porque depois que você convive aqui, é que você percebe que não é esse, esse, esse terror todo que as pessoas falam lá fora, até mesmo porque as pessoas falam e não conhecem, eu mesmo falava, correto, então assim, a gente chega meio, como falando assim, era meio cabreiro né, a gente fica com medo de ter contato, e tal, depois você vê que isso é inevitável, não tem como você não ter esse contato né.

O sentimento de nervosismo é mencionado no seguinte depoimento:

O primeiro dia é como você fazer uma prova no vestibular...você treme, você se sente testado em alguma coisa ... ai treme muito ...

E como indica a seguinte fala, o sentimento de desolação e tristeza ocasionado pelo ambiente prisional:

... mas se você chega aqui, você chega à noite, você passa o dia com um grupo de internos e à noite todo mundo ta trancado, aí você fica meio desolado, uma coisa monótona, e você aguardando o tempo passar, aquilo

me deixou um tanto quanto angustiado, num ambiente como eu já citei muito sujo, isso começou, me fez refletir muito se eu iria suportar trabalhar aqui ...

Este encontro com as/os presos, com as celas, com o ambiente prisional é mediado pelas/os Agentes mais antigos, que vêm para “auxiliar” os mais novos, iniciando desse modo o processo de socialização institucional. A pesquisa revelou que desde o início a/o Agente é informada/o sobre como deve agir com relação aos internos. No entanto, com relação a como conduzir esses relacionamentos e interações nem sempre exista consenso. Alguns ensinam que a/o presa/o precisa ser tratado com respeito; outros, com desprezo, como indicam as seguintes falas:

Eu me senti assim, sem chão mesmo. Sem saber o que fazer. Porque uns falava: ó, você tem que chamar o preso de senhor, o outro não: você tem que chamar é de ladrão. Então, eram muitas informações, muitas delas... contraditórias. E você tinha que, na hora de você tomar uma atitude você tinha que saber, o que eu uso, uso a orientação dele, ou a dele, né. Porque há aquela concepção preso é preso e tal ...

E - Tente lembrar detalhes de quando você chegou aqui, tente reconstruir este dia.

R - Eu fiquei mais foi perdido, andando atrás das pessoas antigas que tavam aí dentro.

E - E elas andavam por onde ?

R - Andava, dentro das carceragem, olhando o que eles estavam fazendo.

E - Como foi quando você entrou lá na carceragem? O que você sentiu?

R - Senti medo.

E - Por que?

R - / Eu não sei porque...

E - Medo de que?

R - Ah, senti medo de / eu não sei porque do medo mas você sente uma apreensão, uma coisa... um outro mundo / você tem medo de rebelião, de alguém te pegar, eu nunca tinha entrado numa cadeia, eu nunca tinha conversado com um preso. Aí quando você entra ali dentro tem vários presos que ficam soltos por ali, preso com cento e tantos anos de cadeia, ele te olha, ele te olhava, te encarava, ficava te olhando do pé a cabeça, hoje em dia não existe isso.

E - Mas e você?

R - Eu ficava com medo, ficava com medo. E só andava com outro policial.

E - E você olhava nos olhos dele?

R - Não, não olhava.

E - Você não se encontrava com o olhar dele?

R - Hoje não existe mais isso.

E - Mas porque você não se encontrava, por que você não queria olhar nos olhos dele?

R - De medo, de medo, de depois ele achar que eu tivesse ameaçando ele de alguma forma e depois encontrar com ele na rua, que é o maior medo nosso, né. Hoje em dia não tem mais isso. Já encontrei com vários na rua, já encontrei com vários na rua e hoje em dia quem manda aqui dentro, sempre mudou mas eu não sabia, quem manda aqui dentro somos nós policiais. Eu já chego pra preso de dois metros de altura e falo pra ele, falo alguma coisa e ele tem que me obedecer, se ele não me obedecer eu não vou bater boca com ele, eu vou voltar e vou chamar o reforço e nós vamos lá. Então não existia isso antes...

Percepções das/os Agentes sobre o curso de formação

Essas primeiras experiências no trabalho, quase sempre marcantes na vida das/os Agentes, apontam para o que foi indicado pelas/os entrevistadas/os como um déficit do curso de formação que se segue à aprovação no concurso público. Na avaliação das/os Agentes do Distrito Federal, o curso de formação não consegue preparar o Agente para o que se considera que seja “a realidade da prisão”. Embora valorizem bastante os conteúdos dos cursos relativos a Direito Penal, Lei de Execução Penal, Defesa Pessoal, entre outros, apontam para a existência de uma grande distância entre os conteúdos teóricos que fundamentam a formação das/os Agentes e as exigências do trabalho no dia-a-dia da prisão.

O depoimento a seguir aponta para a valorização do curso de formação tanto quanto para a necessidade de aprender a partir da experiência no trabalho:

É, o curso de formação é importante, importante porque dá noção da parte policial, da parte jurídica, a lei de execução penal, é bastante batida, a questão de direitos e deveres do preso, o nosso papel perante a sociedade na lei, nosso papel de ressocialização do preso, o que a lei brasileira procura é isso e tal, mas, é importante, mas o mais importante é a convivência. É, esse, a academia nos deu uma noção de defesa pessoal né, de abordagem né, que é necessário.

Já as/os Agentes Prisionais de Goiás fizeram uma avaliação extremamente negativa do curso de formação apontando a quantidade insuficiente de horas dedicadas à formação, a superficialidade dos conteúdos ministrados e a distância

entre a teoria e a realidade do trabalho na prisão, como revela o depoimento de um Agente a seguir:

O curso de formação aqui foi muito mal elaborado, né, ele foi feito por pessoas que não tem nenhum compromisso com a educação do preso e sem ter uma vivência de trabalhar com o homem encarcerado, então ficou muito difícil, muito vago, o conteúdo também foi muito fraco né, um curso rápido também, de quinze dias. ...A carga horária nossa foi de 80 horas aula, em São Paulo são três módulos de 480 horas aulas, você tem três meses de curso, direito, dia e noite e também tem um mês só para fazer estagio dentro da unidade Prisional que você vai trabalhar. Nos fizemos o curso e ficamos aguardando a nomeação um ano, entendeu? Um ano para ser convocados para assumir nossas funções...uma distancia muito grande perdeu-se muito do pouco de conteúdo que tivemos. Alem disso, falaram só de rotinas Prisionais, Lei de Execução Penal, não se falou como em outros cursos na deontologia profissional, sexualidade, toxicologia, saúde do trabalhador.³⁷

O depoimento de um outro Agente entrevistado em Goiás reforça a percepção sobre a falta de qualidade do curso de formação e a questão da distância entre a teoria oferecida no curso e a realidade da prisão:

Não lembro bem, mais o curso durou entre nove e dez dias ... o curso ... ele não foi muito proveitoso, porque o que nos aprendemos no curso pouco auxilio a gente aqui...porque o que nos sabemos hoje foi adquirido em prática...trabalhando...no curso apenas algumas matérias foram aproveitadas pra aplicá-las aqui, direitos humanos, a LEP, já as normas de segurança ...

Na mesma direção, uma Agente Prisional de Goiás reclama da diferença entre o referencial teórico oferecido no curso e as exigências de desempenho do trabalho na penitenciária:

Na verdade esse curso de formação que fazem na Academia é mais a parte teórica, o que vale mesmo pra gente é a parte prática, esse dia a dia né, o manejo de internos né, porque o que dá na academia é aquela parte toda teórica que às vezes lá eles passam uma coisa, quando chega aqui os colegas vê que a realidade é totalmente diferente... Aqui o mais dificultoso é a falta

³⁷ **Interessante destacar que este Agente possui experiência de trabalho em outros sistemas Penitenciários, especificamente, o de São Paulo e o de Mato Grosso do Sul**

de pessoal né, porque dificulta muito o trabalho da gente porque se tivesse uma equipe completa, as coisas não eram tão complicadas.

Parece evidente que com relação ao tratamento que deve ser dado ao interno, existiu um antes e um depois nas cadeias. O depoimento abaixo ilustra essa questão para o caso específico de Brasília, revelando conflitos entre o "pessoal mais novo" e "o mais antigo" e destacando o papel do curso de formação das/os Agentes nessa mudança:

... nenhum professor ensinou que a gente devia ser valente, ensinou que a gente devia tratar as pessoas com urbanidade, porque quando eu comecei a trabalhar os policiais que eram da situação dos cursos anteriores tentavam nos ensinar diferente, e sofreram muito com minha turma, do 82, que todos vieram com uma nova concepção, concepção de tratar o homem como homem, e ainda assim tivemos influencia do pessoal mais antigo que tinha que ser mais linha dura, mais arrochador, porque preso não prestava, só que nos fomos preparados de forma diferente, para respeitar o direito dos outro s...

O impacto da religiosidade no trabalho na prisão

A adesão à religiosidade pode influenciar o trabalho realizado pelas/os Agentes na prisão? A pesquisa indicou que, da perspectiva das/os Agentes, as crenças religiosas têm influência na visão que se tem das/os internas/os e por essa via, nas interações sociais ao interior do presídio. Quando essa religiosidade está ausente ou não é experimentada de maneira mais profunda, prevalecem outras visões institucionais sobre as/os internas/os, em geral, influenciadas pelas exigências do tipo de trabalho que o Agente realiza junto ao interno e pelas experiências vividas nesse ambiente.

É evidente que as/os Agentes comungam com uma série de discursos sobre os internos. Esses discursos “produzem” as/os internas/os, sujeitando-as/os à determinadas definições. Existem os discursos institucionais sobre as/os detentos, que são compartilhados por um número significativo de Agentes e outros discursos mais atrelados à moral oriunda da religiosidade de cada Agente. De acordo com um deles:

Com certeza, com certeza, com certeza, com certeza, eu acho que a religião ela influencia em qualquer que seja a função de qualquer pessoa, aqui muito mais, porque aqui a gente, a gente trabalha mais com os excluídos né, da sociedade, são aquelas pessoas que estão aqui porque por algum motivo a sociedade não os quer, né, eles vão pagar pelo que cometeram, e quando voltarem pra lá serão observados de forma diferente. Então sem dúvida nenhuma que, que o lado assim religioso, independente de cada um, eu acho que você tem que ter uma religião, alguma coisa que faça com que você tenha aquilo que você vai fazer, isso aí é indiferente de qualquer religião, eu não entro na questão de religião. Cada um tem a sua crença, que respeite.

Desse modo, do ponto de vista das/os Agentes, a/o interna/o pode ser uma/um pecadora/r que precisa de arrependimento e compaixão ou alguém que “tem o destino dele”, precisando passar por essa situação, como ilustra a seguinte fala de um Agente:

...então isso / a religião, quando eu comecei a freqüentar a religião espírita / a religião espírita ela / ela tem algumas respostas que até então eu não tinha através da religião católica, eu não vou entrar nesse mérito porque cada um tem sua religião mas eu acho que cada um tem seu destino aqui na terra, e o destino deles é esse aí mesmo e eu não me envolvo mais. E aí acho até como resposta destas coisas eu comecei a ler e tal, a respeito da religião espírita e acho que tem até um certo significado das coisas que... de não se envolver tanto, acho que cada um tem seu rumo na vida, e o rumo deles eles procuraram esse aí, eu não vou mais me envolver com isso. Eu ajudo muito, muito mesmo, eu acho que até me estresso muito por querer ajudar e resolver problemas que até não é da minha alçada.

Para outras/os Agentes, a/o interna/o é alguém que tem uma “influência maligna” em sua vida, como indica a seguinte fala de uma Agente:

... sou evangélica a 15 anos, tenho preferência, sou constante, praticante, evangélica, da Igreja Batista... A partir de, da data que eu me converti, eu comecei a ver o ser humano, assim, de uma forma diferente, as dificuldades dele de uma forma diferente do que eu encarava anteriormente, então, muitas éee a forma do ser humano sem Jesus, vamos dizer, antes deu me converter, eu via de uma forma, achava o que ele fazia como eu analisava, então, hoje o que ele faz como eu analiso é um pouco diferente, eu já vejo um porque diferente....A minha análise antes é que ée todo erro toda falta cometida pelo preso era por vontade própria. Hoje eu vejo que tem a vontade, mas tem uma influência também maligna na vida da pessoa que antes eu não percebia e hoje eu percebo que tem, e conversando com alguns presos eu percebi isso. A

forma como ele conta como aconteceu, eu antes trabalhei na assistência social, aqui, no começo da minha carreira eu entrei na assistência social, passei lá 10 anos, então, nesse período que eu estava lá eu conversava muito com eles e daí eu via de uma forma e depois, né, que eu passava freqüentar a Igreja, a estudar a Bíblia, eu fui observando que tinha também uma certa influencia maligna na vida da pessoa, não só ele, ah, “vou matar, vou roubar”, não, então daí Agentepassa, eu me humanizei mais, né, ...

Entre outros, esses modos de compreender a situação de encarceramento acabam tendo impacto nas interações entre Agentes e internas/os no dia-a-dia, tanto quanto “conspiram” a favor ou contra a política institucional de reintegração da/o interna/o à sociedade. Observe-se na seguinte fala a relação entre as crenças religiosas e a visão sobre as possibilidades de reintegração social da/o detenta/o:

Eu sou evangélico, congrego na Assembléia de Deus...Eu acredito que a religião tenha uma influência muito grande na verdade. Em função dos princípios da religião, o principio do respeito, do amor, da caridade, e sem duvida nenhuma tem uma influencia muito grande aqui no meu relacionamento com os colegas, os policiais, e também com os presos...Porque eee veja bem, nós acreditamos na recuperação das pessoas, na transformação, né. / Eu tenho a bíblia como minha regra de fé e prática e eu acredito que a palavra de Deus é poderosa pra mudar, então nesse sentido muda um pouco o meu relacionamento com o preso porque apesar dos crimes, dos erros, que eles cometeram, eu procuro, na verdade, não me ater a esses erros, esses eee delitos que eles cometeram, né, procuro sempre acreditar que é possível haver uma recuperação, é possível que aquela pessoa, que aquele vida se transforme, que haja mudança.

Mudanças identificadas na gestão Prisional

A pesquisa apontou para a presença de mudanças na gestão prisional. Estas mudanças permitem traçar um antes e um depois nos presídios. A mudança comum no sistema penitenciário de Brasília e de Goiás é relativa ao tratamento que deve ser dispensado ao interno, no sentido do respeito aos direitos humanos. Esse elemento indica uma certa ruptura com relação ao passado, embora persistam certas continuidades que se manifestam em comportamentos tradicionais, nem sempre diretamente atribuíveis aos trabalhadores mais antigos. O depoimento de um Agente de Goiás é significativo nesse sentido:

A parte do curso que me chamou mais a atenção foi na área de direitos humanos que pouca gente conhecia, voce entendeu?. Serviu como crescimento pra procurar aperfeiçoar mais a gente como pessoa, certo. Aplicar direitos humanos no sistema Prisional é uma coisa meio complexa por causa do ambiente de trabalho e do tipo de pessoa que a gente mexe, você entendeu? Que são pessoas que ve a gente com olho um pouco estranho, então aplicar direitos humanos no sistema Prisional é complicado...as pessoas procuram Ter aquela mentalidade de militarismo no sistema, e não só na nossa chefia, tudo é militarismo...porque na media de vinte e quatro Agentes pensam na parte de direitos humanos, o restante tudo pensa na parte de ser polícia ...

Em Goiás os esforços pela humanização do presídio aparece também no modo como são denominados as/os detentas/os do regime semi-aberto ou aberto, que recebem o nome de "reeducandos".

Um elemento reiteradamente apontado para o caso de Brasília é o "endurecimento" da política de segurança na unidade estudada. A pesquisa apontou uma ruptura na gestão prisional nos últimos anos da década de 90, que indica um antes e um depois nessa gestão.

Segundo depoimentos das/os Agentes mais antigos, antes a unidade tinha praticamente os mesmos problemas que outros presídios do Brasil: demasiadas regalias para os internos, indisciplinas, organizações internas na forma de comandos, etc. Um Agente de Brasília lembra a descoberta pela administração da formação de uma comissão de presos:

... há muitos anos nós tivemos a idéia e o inicio de uma comissão de presos. Graças a Deus que ela foi debelada e extinguida. Não foi à frente. Porque se tivesse ido em frente....Isso é uma coisa que jamais os funcionários do sistema podem admitir. Num sistema que tem grupos, que tomam a frente disso, aí os presos mais fracos sofrem muito. Então nós aqui há muitos anos, há muitos anos mesmo nós não temos esse problema aqui. E quando houve foi debelado, graças a deus ...

Quando uma nova gestão teve início, uma série de regalias teriam sido eliminadas, como as visitas os finais de semana, que agora acontecem durante a semana, a possibilidade de armar barracas nos pátios da unidade durante o período de visitas, onde seguramente aconteciam os encontros íntimos, e daí por diante.

Com relação a proibição da organização interna dos detentos, um Agente expressa:

As lideranças a gente combate diariamente. Nós não permitimos que nenhum interno fale em nome da massa, porque liderança só traz problemas, só traz perversidade entre eles. É uma coisa que não admitimos. Quem se propõe a ser líder, a gente isola. A gente peticiona, faz as petições as autoridades. Se é o caso de comprovar, se é o caso de trocar para um regime separado. Então é uma coisa que o sistema jamais pode ter líder, comissões, organizações. Quem faz isso dentro do sistema, acaba destruindo o sistema.

Interessa aqui indicar a diferença existente entre o sistema penitenciário de Brasília e de Goiás nesse sentido. Em Goiás a organização de comandos de alas é observada como um elemento que pode, embora de maneira contraditória, contribuir para a pacificação dentro do presídio, como aponta a fala abaixo:

Os comandos servem para manter as alas organizadas, tipo assim, porque os comandos serve para não ficar aquela briga entre eles, porque o comando serve pra manter a ala em paz até um certo limite quando o comando ultrapassa um certo limite, o comando cai, as alas viram contra o comando. Eu acho que o comando nesse ponto é fundamental para manter a harmonia entre os presos porque todo o local tem que ter um comando para mandar ne? ...Uma ala sem comando ela começa a ter briga demais por comando, ela quer começar a ficar desorganizada, preso um querendo matar o outro. Então, uma ala com comando, porque tem líder né? E uma pessoas que tão abaixo do líder que servem pra organizar a cadeia, manter ela, manter as alas entre aspas em harmonia, porque ou aceita o comando da minoria ou senão sai da ala, ou tem briga. Só quando o comando começa a abusar do poder que tem lá, começa a exigir acima do limite que o preso pode oferecer e ai já aconteceu do pessoal um tempo atrás Ter de tirar o comando da ala senão a ala toda ia pra cima do comando, pra matar eles, e ai tive que tirar e separar eles.

O estudo apontou para a presença de dois tipos de políticas de segurança nas penitenciárias analisadas. O primeiro corresponde ao adotado na penitenciária masculina de Brasília - DF e que decidimos denominar como: *tipo de segurança baseada na iniciativa do Estado sem participação dos internos*. O segundo, está presente na Agência Prisional de Goiás, denominado *tipo de segurança baseada na iniciativa do Estado com participação dos internos*.

A reintegração social das/os internas/os

A pesquisa indicou que tanto em Brasília quanto em Goiânia existem diversas atividades destinadas a ocupar o tempo de ociosidade das/os internas/os e que contribuem para a remissão da pena. Na avaliação das/os Agentes, essas atividades são muito importantes, não porque permitem a reintegração social das/os internas/os, mas porque os mantêm bastante ocupados. O problema seria a escassez de vagas para a inserção nas atividades da maioria das/os internas/os, como aponta o depoimento de uma Agente Prisional de Goiás:

Controlar, primeiro lugar é a disciplina né, tem que ter disciplina, e segundo é a parte da mão-de-obra, né, do trabalho que não tem. Porque o monte de mulher que ta no pátio desocupada e que não tem como dar trabalho, isso dificulta muito, porque se cada uma tivesse uma atividade ficava mais fácil, né, passava o tempo todo ocupado, só tinha a noite pra ir pra cama né. Mas não tem como porque quando dá meio dia a gente recolhe uma ala e desce a outra e essa ala que fica ali em cima fica à toa e fica dando trabalho e fica difícil. Elas ficam o tempo inteiro assistindo televisão e brigando.

Que atividades as mulheres podem realizar durante sua estadia na penitenciária? Segundo aponta existem várias atividades destinadas também a evitar a reincidência:

Pra evitar a reincidência tem a parte religiosa né. Eles recebem os grupos né, os grupos de orações, eles fazem os trabalhos, tem a parte do trabalho né, que envolve as oficinas e tudo, o colégio...Aqui tem até o segundo grau/ e tem o trabalho do dia-a-dia né, mas o que que acontece, quando a interna sai em liberdade, às vezes não tem a família, se tem a família rejeita, a sociedade não dá emprego e o que acontece, volta a reincidir de novo.

Mudanças na vida familiar das/os Agentes

A pesquisa apontou que um número não desprezível de Agentes experimentam mudanças nas suas vidas familiares depois que ingressam na profissão. A rotina de trabalho considerada estressante influencia o comportamento das/os Agentes, como pode ser observado no depoimento a seguir:

É igual eu te falo, quando eu saio daqui de dentro eu prefiro esquecer tudo que aconteceu, mas às vezes a gente acaba ficando um pouquinho nervoso e tudo, mas controla, a gente controla, sabe diferenciar, mas acontece, às vezes acontece, você chega em casa mais alterado, aí depois você se controla, se coloca no lugar, pensa né, e vai tranquilizar.

Há relatos de Agentes que afirmam ter se tornado mais "brutos" ou "violentos" com a família, chegando por conta desses comportamentos à separação. Outros manifestam traços de paranóia, isto é, sentem-se constantemente ameaçados ou perseguidos, e por essa razão mudam as rotinas quotidianas, os lugares que freqüentam, os amigos que cultuam, etc. Sentimentos de ansiedade, insônia e depressão também foram apontados como características emocionais destas/es trabalhadoras/es.

E - Você acha que a entrada no sistema penitenciário mudou sua vida, seu cotidiano, em relação com os familiares, com as pessoas? Narre um pouquinho essa questão.

R - Muda muito, principalmente a gente que trabalha aqui, a gente fica mais precavido, por exemplo, em relação a assalto. Antes eu não me preocupava muito com isso, por que eu acho que até / por exemplo, aqui em Brasília tem muito assalto relâmpago, se eu me deparar com um assalto desse, eu policial, se o assaltante constatar que eu sou policial a primeira coisa que vem na cabeça dele é me matar. / Pode até ser que isto não ocorra mas a idéia dele é me matar.

E - Com certeza é isso?

R - Lógico. Todos os policiais pensam isso. Então eu fico muito mais precavido com isso.

E - Você tem medo?

R - Não, medo não. Eu fico mais / é / eu já não freqüento os lugares que eu freqüentava antes. Por exemplo, feira do Paraguai, essas coisas. Eu vou, eu até vou. Vou ao Conjunto Nacional e já me deparei várias vezes com preso, eu vou também mas não deixo carro em estacionamento à noite, não vou pegar carro sozinho, eu até posso fazer isso mas antes eu dou uma olhada em tudo em volta.

E - Agora você tá menos livre, não é isso?

R - Menos livre, muito menos livre. Até por esta questão de receio de me deparar com uma situação dessa. Se eu me deparar com uma situação dessa eu tenho que fazer alguma coisa. Ou ele vai fazer alguma coisa ou eu vou ter que fazer alguma coisa. Então é uma situação que envolve o risco até maior do que uma pessoa normal. Agora, pode muito bem não acontecer nada. Eu ser assaltado e eles depararem com a minha situação, minha profissão e deixar passar. Agora, o que acontece é que eles detestam polícia, detestam polícia e pode ter medo de represália depois, da gente procurar saber quem é e achar e tal. Então isso aí é uma situação que / depois que eu entrei na polícia a gente fica muito mais atento a este tipo de coisa.

E - E com relação a sua família? A sua vida privada, por exemplo, com relação a sua família, também mudou alguma coisa?

R - Com relação a minha família também, eu fico muito mais preocupado com a minha família do que comigo, principalmente quando eu tô com alguém da minha família comigo. Quando eu tô sozinho eu não preocupo com isso. Eu sei que eu tô olhando, que eu tô atento, se me deparar com alguma coisa eu posso reagir, se reagir é eu que tô ali mesmo, eu sou policial / teoricamente eu tô preparado pra isso mesmo, pra me deparar com uma situação dessa. Agora, quando é família é outro caso. Você tá com sua esposa, você tá com um irmão, um pai / é uma situação difícil porque você não sabe como ele vai, ele vai se comportar durante uma situação dessa. E você também não sabe o que você vai poder fazer para resolver isso, na hora. Então é uma situação difícil, agora, isso, isso mexe muito com a gente...

E - Como mexe?

R - Por isso que eu tô falando pra senhora, de apreensão de se deparar com esse tipo de coisa / Pra você ter uma idéia eu ando de bicicleta com a arma na cintura. Eu faço mountain bike no Jardim Botânico e em outros lugares, eu fico com a arma na cintura / Quer dizer é uma loucura? É uma loucura! Mas eu posso muito bem me deparar com alguma coisa, o cara me reconhecer e me matar. / Eu faço cooper com a arma na cintura, sabe. E isso é uma faca de dois gumes? É uma faca de dois gumes! Eu posso muito bem não andar com isso e ser assaltado e não acontecer nada, de eu falar pro cara: não vou reagir, pode levar o que você quiser e tal, me deixe em qualquer canto, pode levar meu carro e se o cara se deparar comigo policial antes de eu reagir, ver a arma e dizer: esse aqui é polícia. Depois a senhora pergunta pro Ribamar o que foi que aconteceu com ele na Ceilândia. Não mataram ele por pouco. Então nesses lugares eu não vou mais, não vou nem... não saio à noite, não vou em caixa eletrônico à noite, não vou. Quando eu quero me divertir eu saio daqui de Brasília, os meus familiares não moram aqui, eu vou pra Belo Horizonte, vou pra casa dos meus pais que moram numa fazenda em Minas, me divirto assim / , ou eu pego um avião e vou pra praia, aí eu não tô nem aí.

E - Mas aqui em Brasília não?

R - Não / de jeito nenhum. As pessoas que trabalham na minha rua lá no condomínio, moro num condomínio fechado, quando tem obras eu procuro saber todos os nomes dessas pessoas e eu venho aqui e coloco no meu sistema pra saber se tem algum ex- presidiário. Muita gente não faz isso, tem gente que não tá nem aí com isso , mas eu faço. Se vai trabalhar pra mim, lá no meu condomínio ninguém sabe o que eu faço, poucas pessoas sabem o que eu faço. / Pode acontecer muita coisa, pode alguém chegar na minha esposa e descobrir aonde ela trabalha, pode ir lá e pegá-la e me forçar a fazer alguma coisa aqui dentro, soltar alguém. Isso aconteceu várias vezes. Aqui não mas já aconteceu em São Paulo. Então, a gente não pode / não pode dar mole

5.2 O trabalho das/os Agentes Penitenciárias/os

5.2.1 Aspectos gerais do trabalho na penitenciária

A exigência da imparcialidade

Comentaremos aqui um elemento considerado central do trabalho das/os Agentes no presídio: é a exigência de tratar a/o interna/o com a maior imparcialidade, evitando a classificação desses “pacientes” do ponto de vista moral, como indica o depoimento a seguir:

Uma vez chegando no seu ambiente de trabalho, ele tem que ter uma consciência de que ele não pode avaliar o que foi feito pelo outro, porque, se ele for fazer essa avaliação e começar a querer adotar procedimentos, ele pode ficar confuso. Não vou fazer isso, porque essa pessoa fez isso. Eu imagino e, às vezes, procuro fazer, imaginando, pelo menos procurando fazer alguma coisa, é trabalhar com a pessoa. Por exemplo, dentro do cumprimento da sua pena, não importa se a pena é pequena, grande ou média, qual seria minha atribuição? Manter ele, enquanto determinado pela justiça, na prisão. A outra é tentando, dentro daquele período, ocupar o tempo dele.

Eu não esqueço nunca, até o Ribamar foi meu professor na academia e aí uma das colegas perguntou a respeito: mas você trata o estuprador do mesmo jeito do que um latrocínio? Aí o Ribamar falou o seguinte: é melhor você nem saber, se você for buscar no prontuário o que que o cara fez você tem vontade é de pular no pescoço dele, né. Então é tratar o preso, a partir do momento que você recebeu o preso ali no controle, ele entrou na carceragem, ele pode ser desde um que roubou uma calcinha num shopping, a um estelionatário, um latrocínio, você não pode fazer essa diferenciação. Porque senão você passa a ser parcial

Na mesma direção o depoimento a seguir aponta que a imparcialidade no tratamento do detento é uma orientação da própria academia de polícia:

Uma observação que eu faço é que isso é uma tendência da própria academia de polícia, é mostrado essa situação, ou seja, um tratamento igualitário, é claro dentro da sua desigualdade. E o Direito Penal busca que... O Direito Penal vem até o momento da reprimenda. A partir do momento que ele condenou, transitou em julgado, foi julgado, colocado no sistema Penitenciário, a função do direito se reverte, ou seja, não se preocupar com

aquela situação que foi praticada por aquela pessoa e tê-lo como um ser que vai ser dispensado aí um tratamento, porque ele teve uma conduta desviante, determinada lá pelo direito penal e o sistema seria para recuperá-lo e retornar para sociedade.

Nesse depoimento é indicada a separação material e simbólica entre o papel da justiça, no sentido da realização do julgamento e da condenação e o papel da instituição prisional, compreendida como um espaço social cujo objetivo é "tratar" essa espécie de "paciente" em que é convertido aquele que transgredir as leis da sociedade. Em função disso, a pesquisa mostra que a orientação que prevalece para as/os Agentes ingressantes é evitar conhecer a ficha criminal das/os internos. O seguinte relato aponta, a partir de uma experiência, quais são as razões envolvidas nessa orientação:

A gente costuma falar que a pessoa não deve nem saber que o preso fez, cometeu. Tanto é que nós tínhamos o senhor Antunes, não me lembro se era esse o nome, mas o nome não importa. Ele trabalhava conosco aqui na administração, saía a qualquer hora. E o crime dele foi uma coisa bem simples. Simplesmente, ele pegou a mãe dele, matou, esquartejou, botou dentro de um saco, sumiu com ela. Depois, apareceu. A pena dele imensa. E ele trabalhava aqui conosco, mexendo na parte elétrica, aquele negócio todo e depois saiu normal e assim outros crimes.

A exigência de imparcialidade para o adequado desempenho do trabalho é reiterada na fala abaixo:

Mas chega uma hora, você passa a conviver aquilo ali, e você tem que de certa forma esquecer. Eu não esqueço nunca, até o Ribamar foi meu professor na academia e aí uma das colegas perguntou a respeito: mas você trata o estuprador do mesmo jeito do que um latrocínio? Aí o Ribamar falou o seguinte: é melhor você nem saber, se você for buscar no prontuário o que que o cara fez você tem vontade é de pular no pescoço dele, né. Então é tratar o preso, a partir do momento que você recebeu o preso ali no controle, ele entrou na carceragem, ele pode ser desde um que roubou uma calcinha num shopping, a um estelionatário, um latrocínio, você não pode fazer essa diferenciação. Porque senão você passa a ser parcial.

Para as/os Agentes, trata-se de distinguir "o ser humano" do crime que cometeu, como enfatiza um Agente de Goiás:

Eu trato ele, primeira coisa como ser humano, sujeito a erro, né? E faço a distinção da pessoa, do ser humano que ele é, e do ato infracional que ele cometeu, correto?...Você não pode, como muitas pessoas pensam, como muitas pessoas agem...de, de condenar recriminar o camarada pelo que fez. Pra mim, a partir do momento que ele tá aqui dentro do sistema Prisional, sob a minha custódia, não importa o que ele fez lá fora, o que importa é como ele chegou aqui, como ele vai sair, entendeu? Isso só vai Ter...ser positivo a partir do momento que eu ser, estar consciente do meu papel. Eu tenho que fazer com que aquele indivíduo volte igual o melhor do que quando entrou aqui, então eu vejo assim, que eu tenho essa missão que ela tem que ser cumprida

A exigência de diferenciar-se da/o interna/o

Além disso, as/os Agentes têm a exigência de diferenciar-se o mais possível da/o detenta/o, tanto do ponto de vista do comportamento como do aspecto exterior. A seguir, a fala de um Agente justifica esses esforços:

É nos temos que nos policiar dia a dia, voce na sua vida, no seu contato fora da prisão voce não usa a gíria lá fora, voce não usa aqueles costumes do preso que voce ve aqui no dia a dia....Voce tem que ver que há uma grande separação de voce e aquele indivíduo que cometeu um delito. Porque voce é um espelho pra ele..voce tem que chegar barbeado, com o cabelo cortado, com sua ropa limpa, usar um calçado limpo, entendeu?

Essa exigência é considerada nova ou relativamente nova dentro da profissão, como aponta o depoimento abaixo:

Você é policia, você não pode ser igual a um preso. Como é que, desculpe a situação, mas disse que antigamente às vezes que o antigão ia levar um preso na justiça o juiz não sabia quem era o preso quem era o polícia, porque às vezes o colega era tão desleixado e tal né ...

5.2.2. O trabalho e as representações sociais sobre as/os internas/os

A pesquisa apontou existir relação entre a atividade de trabalho realizada pelas/os Agentes junto às/aos internas/os e as representações que estas/es têm sobre estas/es detentas/os. As/Os Agentes que lidam com atividades de segurança tendem a

representar a/o interna/o como inimiga/o. E os que assistem as/os internas/os no dia-a-dia, no caso de Brasília os Chefes de Pátio, como crianças que reclamam muito.

A/O interna/o como inimiga/o

Em Brasília, o trabalho de segurança junto às/aos internas/os é organizado com base em regras e procedimentos que conduzem a uma rotinização do trabalho. Essa rotinização, como já apontado neste relatório³⁸, pode constituir-se em uma armadilha para as/os Agentes, na medida em que a mecanização dos gestos pode atrapalhar a atenção, considerada sempre necessária no ambiente prisional. As principais atividades diárias realizadas junto às/aos detentos são: tirar as/os detentos das celas para o banho de sol, promover o recolhimento e realizar o confere, etc. Outra atividade, não necessariamente quotidiana, é a revista às/aos detentas/os. A precaução que “deve” acompanhar estas atividades permite entender o fato das/os internos serem representados como inimigas/os e sociopatas.

Se de um lado, discursivamente, exige-se da/o Agente a imparcialidade com relação ao tratamento dado à/ao interna/o, aconselhando evitar conhecer os crimes por eles cometidos como já foi indicado neste relatório; de um outro, essa “massa carcerária” é representada como “perigosa”, independentemente do crime cometido. A periculosidade seria a característica de todos e qualquer interno. O depoimento abaixo, é ilustrativo neste sentido:

Só que eu passo para as pessoas hoje, porque nós temos sinais que há a necessidade de passar. Essa preocupação, só quem passa essa preocupação... Nós, por exemplo, vamos visitar a parte interna. Eu não posso dizer para a senhora que lá no pátio 3: não, a senhora pode ficar tranqüila. Perigo tem. Evidente, nós estamos num ambiente tenso, perigoso, que a qualquer hora tu pode está esperando uma oportunidade dessa... Mas, o que a gente procura passar hoje? É perigoso, tem risco, o risco é eminente, mas nós temos que adotar procedimentos para nós também não correr risco, quanto mais as pessoas que vão fazer o trabalho. Você não pode correr risco. Nós temos que ter a certeza que todas as providências foram tomadas.

³⁸ Ver capítulo 5: O Impacto da Política de Administração Penitenciária sobre o Trabalho de Segurança dos Agentes Penitenciários em Brasília e em Goiás.

Na visão das/os Agentes que cuidam da segurança, o importante é evitar ser surpreendido pelos acontecimentos, indicando a presença de uma visão sobre a/o interna/o como alguém que está constantemente pensando em construir armadilhas, como revela o depoimento abaixo:

Tudo para ele passa a ser oportunidade. Por exemplo, se eu entro com as senhoras lá na ala, a mente deles é que aquela, por exemplo, aquelas mentes maldosas, tem aquelas pessoas que estão desesperadas, na mente deles, a última chance é aquela. Então, por isso, que toda a ação dentro do presídio é perigosa. Ah, posso fazer isso? Pode. A gente aqui libera. Há muitas visitas. Há visitas de acadêmicos, de autoridades, mas evidente que com todas precauções, justamente porque na mente deles aquela é a oportunidade rara, única. Já teve época que já teve preocupações que, quando subisse com visita para mostrar lá em cima, o preso ia fazer uma articulação lá embaixo. Então, a gente trabalha no serviço de segurança, vai tomando conhecimento de planos, às vezes, infantil, a gente vai acreditar? Mas tem que acreditar, porque, atrás de um plano infantil, há uma idéia de fazer. São muito criativos. São criativos demais. Se eles usassem essa mente para o lado da bondade, acredito que o caminho era bem melhor. São muito articulados. Conseguem fazer plano de fugas. Graças a Deus a gente atravessa uma fase de quase cinco anos sem fuga. Aqui, às vezes, a mudança de uma porta dessas muda a história de uma penitenciária.

A/O interna/o como criança que reclama

Em Brasília, a função de Chefe de Pátio está associada às atividades de assistência à/ao interna/o. Trata-se de atividades relativas à assistência médica, odontológica, psicológica, jurídica e familiar, como é informado no depoimento de um Chefe de Pátio, a seguir:

Uma função ligada praticamente 100% à assistência ao interno. Proporcionar atendimento médico, um atendimento junto à família, se precisa de uma comunicação. A questão de organização e limpeza do local onde os presos convivem, que é o pátio e os pavilhões. Enfim, essa parte da manutenção e assistência ao interno.

Para as/os Agentes, a própria situação de encarceramento exacerba as solicitações que nem sempre podem ser atendidas devido às limitações institucionais

existentes. Nesse contexto, as reclamações das/os internos são constantes, como indica o depoimento angustiada de um Agente:

Poxa seu Antônio, o senhor disse que ia me levar...”. Aí eu vou ter que dizer para ele, “Luciano, tem que ter paciência cara, tem que ter paciência. Quem deu para levar...” E aconteceu realmente. Você vê, esse preso que tá sendo atendido agora de tarde, ele ficou a manhã inteira na grade esperando e não deu tempo de atender ele. Aliás, eu tô é mentindo. Não foram quatro de manhã e um a tarde. Foram três de manhã e um ficou na grade esperando e só foi atendido agora a tarde. Pelo dentista da tarde. Aí chega o outro e vai falar “Poxa seu Adelmo, o senhor disse que ia me levar. Tô esperando aqui há dois meses... “E aí já começa a aumentar, né? Tem dois meses que o senhor disse que ia me levar, aí eu já digo “ô, dois meses mas uma hora vai chegar sua hora.” Aí você tem que tirar de tempo, tem que brincar, e quebrar aquele... porque se você for levar realmente a sério, você tá entendendo, discutindo... Você se irrita mesmo. Porque eles são insistentes. Então essa situação as vezes vem na minha cabeça, não porque eu to com medo, porque eu não quero fazer. Mas por senso de organização as vezes. Por sendo de justiça, né? [trecho não entendido]. Casimiro chegou ontem na cadeia. Aí ele já veio “Seu adelmo, seu adelmo”. Aí eu “Casimiro, você chegou ontem aqui, calma.” Falei isso para ele mesmo, você chegou ontem na cadeia. Eu to com uma lista de mais de dez presos para ir no dentista. “Ah., seu Adelmo, já ta até desinxando, já.” (risos) Você tá vendo? Eu falei, pronto.

5.2.3. O trabalho das Agentes: burocracia e dominação masculina no presídio

No presídio, parece comum que as mulheres, Agentes Penitenciárias, realizem funções de tipo burocrático, integrem a escolta das/os internas/os, desenvolvam a função de vigias no “alambrado” (posto de vigilância perto das grades externas do presídio), ou desenvolvam funções no plantão, estas últimas restritas ao controle da entrada e saída de veículos e de pessoas do complexo penitenciário. Do ponto de vista do conteúdo do trabalho, as entrevistas indicam que as atividades aí realizadas são pouco valorizadas pelas próprias Agentes. Com relação ao plantão uma entrevistada afirma que:

O plantão é um serviço que vc não faz nada, não aprende nada....só abre e fecha cadeado ..porque ali fica só controlando as pessoas que entram ...receber advogados, abrir o portão para a viatura, fechar...receber mercadoria,...na verdade não aprende nada...só segurança...observar quem

entra, quem sai, o que não pode entrar o que está entrando, quem vem, fazer o que ..vai para onde. Ne, aquele serviço mesmo que vc não mexe com nada.

Trata-se de um trabalho experimentado e construído discursivamente como deficitário do ponto de vista do processo e do produto. Ele é constituído por operações manuais, abrir e fechar portas, prestar atenção, isto é, observar quem entra e quem sai da instituição. Lembre-se que as Agentes tem curso superior, situação que parece influenciar no modo de experimentar o trabalho. Nesse contexto, as mulheres atribuem importância central às relações sociais que são possíveis de estabelecer no trabalho, ou seja, à possibilidade do coleguismo. Num ambiente vivenciado, no geral, como bastante perigoso e hostil, a realização de trabalhos que parecem não demandar demasiados esforços intelectuais ou perícias especiais, conduz ao estreitamento dos laços de amizade com outras mulheres, sendo que essas relações compensatórias, parecem tornar suportável o vácuo do trabalho quotidiano.

Destinar as mulheres aos trabalhos de cunho burocrático não é privilégio do espaço social do presídio, outras organizações também apresentam essa mesma característica. O que parece distinguir este espaço sócio-laboral de qualquer outro, são os discursos que pretendem legitimar ou deslegitimar a presença dessa divisão sexual do trabalho. O trabalho de campo permitiu identificar a presença de pelo menos dois discursos sobre a maior presença feminina nos cargos burocráticos. O primeiro deles construído sobre a representação da fragilidade feminina, atributo que definiria uma fronteira para o trabalho das mulheres. Como será observado, o espaço social das mulheres seria construído longe do espaço social das/os internas/os. O segundo, “devolve” a iniciativa que o primeiro tirou das Agentes, ao construir as mulheres como um grupo mais ou menos “conspirativo”, que escolhe a profissão de Agente porque sabe que ficará restrita à área de administração da instituição.

No caso do primeiro discurso, as entrevistas apontaram a presença de representações sociais das mulheres calcadas numa idéia de "fragilidade". Frágil, denota facilidade para ser destruído ou quebrado, pouco vigoroso, transitório, podendo indicar que as mulheres são construídas ao mesmo tempo, como seres vulneráveis e volúveis. A fragilidade das mulheres parece ser construída em oposição à representação dos homens a partir da pose da força física. Essa representação da

mulher no espaço social do presídio, indica que a força, que pode denotar violência, prestígio, robustez, intensidade, virtude ou força moral. No geral, esta última podendo ser atribuída, em outros contextos sociais às mulheres, corresponde, nesse espaço, apenas aos Agentes.

A construção social das mulheres como seres frágeis, isto é, vulneráveis e volúveis, indica que são observadas pelos Agentes como ameaçadas, mais também como ameaçadoras. Este último atributo, como discutiremos mais adiante, permite entender a relação entre a relegação das mulheres aos trabalhos burocráticos nos presídios e a estratégia de dominação e controle dos Agentes sobre os internos, controle que aparece mediado simbolicamente, pelo exercício do poder e do controle sobre as mulheres.

Como será aqui analisado, trata-se de significados que permitem compreender porquê no presídio evita-se, sempre que possível, que as Agentes tenham contato com os presos. A visão masculina sobre a necessidade de evitar o contato das mulheres com os presos, também é sustentada pelas Agentes, como aponta a fala a seguir:

... os chefes preferem que a gente fique no portão, porque como a gente é mulher...eles acham que ali fica mais tranquilo para a gente ...porque em cada pátio tem uma equipe que toma conta, para o preso sair...há colegas que trabalham no controle...ai tem que ser homem...e eles pensam assim e eu achou que eles tem razão.. que por mais que você seja policial, uma mulher fragiliza a segurança...por mais que seja policial...se tem um homem e uma mulher, o preso vai tentar pegar a mulher...porque...tipo assim...ela é mais frágil ...

Essa divisão sexual do trabalho: homens em contato com presos e mulheres realizando tarefas principalmente burocráticas, e que se justifica, discursivamente do lado dos Agentes e das Agentes, pela fragilidade das mulheres, aponta para a necessidade de compreender melhor o que há nos bastidores desse discurso viril sobre a fragilidade feminina no contexto do presídio.

Há, nesse espaço social, a produção e reprodução das hierarquias sociais, que se misturam com as hierarquias propriamente institucionais. Na aparência, de um

lado estão os representantes do Estado (homens e mulheres) e de um outro, os transgressores, os impuros, homens que foram colocados no espaço da clausura e da subordinação. Mas a presença das mulheres, Agentes Penitenciárias, permite aderir a novos significados. O corpo das mulheres se apresenta, socialmente, como um espaço de afirmação da virilidade, da possibilidade da dominação e do controle dos homens. O discurso sobre a "fragilidade das mulheres" que justifica que os homens da instituição evitem o contato das Agentes com os presos, e que elas evitem o contato com os detentos, inclusive meramente visual, atualiza a manifestação desse poder masculino. Evita-se não apenas porque elas são consideradas vulneráveis do ponto de vista da força física, mas também porque são tidas como volúveis emocionalmente, isto é, capazes de se render mais facilmente às artimanhas dos internos e quem sabe, mais propícias às fantasias de resgate dos detentos, o que seria, em última análise, uma rendição à masculinidade do inimigo, a seus estratagemas, questionando, por essa via, o poder do homem e do Agente Penitenciário. Teme-se o desafio e teme-se ser ridicularizado.

Em um nível consciente ou inconsciente, essa possibilidade é também compartilhada pelas mulheres, vindo à tona em sentimentos de embaraço em face da possibilidade de ter contatos meramente visuais com os presos. Essa situação aparece na fala de uma das Agentes entrevistadas, quando relata uma visita ocasional ao local destinado ao trabalho dos internos e aos pavilhões, onde se encontram as celas. Observam-se no relato pelo menos dois elementos significativos, as hesitações da Agente para evitar encontrar-se com o olhar dos internos e a profunda perturbação que acompanha esse exercício; segundo, o embaraço causado pela visão do interior das celas, isto é, da intimidade desses homens enclausurados, em ausência destes, quando se encontravam tomando o "banho de sol":

... então fomos lá nas oficinas ... nos fomos na padaria, marcenaria ... e aí, eu não me senti a vontade de jeito nenhum.. mesmo quando você não sentia medo ... ficava incomodada até de olhar as coisas, porque nas alfaiatarias, eles (os presos) estavam costurando uma bandeira...e quando entramos, eles pararam ... ficaram olhando, então eu estava tão incomodada que entrei rapidinho e sai, porque na verdade, eu pensava assim...que eles deviam estar com vergonha e eu estava com mais vergonha ainda, porque ele está olhando tal...e aí eu não olhava, por mim, queria mesmo sair. Depois fomos conhecer as celas...e eles estavam todos no pátio, estavam ... os tênis pendurados, as

roupas que guardavam, você vê e já imagina como é que é, o pátio foi aquela mesma sensação...você olha e não quer olhar muito para a pessoa, mas já estavam todos olhando, então fiquei incomodada ... mais e assim ... fora o medo ... tem muito esse negocio ...

No caso do presídio, um grupo de homens, colocados institucionalmente no espaço social do mando, e amparados pelo discurso da fragilidade feminina, constróem simbolicamente o corpo das mulheres como espaço possível de afirmação de sua virilidade, por intermédio de uma estratégia de apropriação burocrática das fêmeas, que permite que o território corporal feminino seja subtraído o mais possível, ao olhar desses outros homens, que foram colocados no lugar da subordinação e culpados de transgressão. O poder e o controle sobre os detentos parece ser construído simbolicamente desse modo. Se do ponto de vista material, o poder se constrói com as artimanhas da segurança, alarmes, vigias, armas, muros, alambrados, viaturas, etc, do ponto de vista simbólico ele se afirma no controle burocrático das mulheres, subtraídas ao olhar dos presos, com o intuito de evitar que possam ser transformadas numa prolongação da manifestação da virilidade do preso, de seu poder masculino.

Os Agentes Penitenciários constróem discursivamente o preso como um verdadeiro inimigo, o que oferece a aparência de que é tido como um "não semelhante". Do ponto de vista das hierarquias institucionais, o preso está no lugar da subordinação, sendo um inimigo que constitui uma real ameaça. Mas, o interno também é um homem. Como transgressor, o discurso moralizante dos Agentes que representam o Estado o constrói como um "não semelhante"; como homem, ele é um competidor. Mas, o preso é um homem em privação, simbolicamente deficitário porque lhe é negado o acesso ao exercício do poder/virilidade sobre as mulheres. Por isso, além de mitigar o desejo sexual, a sodomização dos considerados mais fracos, transformados em "mulherzinhas" dentro das celas, poderá operar como manifestação e espetáculo irônico da dominação viril dos internos. A demonstração de poder entre estes homens, a feroz competição entre eles, impedida de prolongar-se no território político de um corpo de mulher, poderá usurpar o corpo de um homem considerado afeminado, isto é, de uma certa maneira, frágil.

O "enclausuramento burocrático" das mulheres opera como um mecanismo de apropriação do território corporal das mulheres pelos homens que mandam dentro do presídio. Com isso, os detentos serão limitados na sua possibilidade de competir com os Agentes em poder e virilidade, pois o corpo feminino que a expressa lhes é sistematicamente subtraído pela ordem do trabalho. Numericamente muito mais poderosos que os Agentes Penitenciários, a periculosidade dos detentos deriva também de sua masculinidade, isto é, de seu poder de competir pela sujeição do corpo das mulheres, inclusive, daquelas que trabalham no presídio, impedidos como estão de ter acesso às mulheres de seu grupo. Pode-se refletir, desse modo, que essa situação, experimentada com profunda humilhação, incentive a violência sexual dentro dos presídios. No presídio, os detentos resultam eclipsados simbolicamente na sua virilidade, isto é, em seu poder, pois as mulheres dos guardas são, simbolicamente, reservadas para os que mandam.

Vê-se pois que o poder e o controle masculino se constrói numa luta de homens contra homens, mediada pelo território do corpo das mulheres. Eis aí, simbolicamente, um espaço político, cujo domínio e controle significará a expansão e manutenção do poder masculino, ou a perda desse poder e a necessidade violenta de expressá-lo, como no caso dos detentos, mesmo que seja ultrajando o corpo de outro interno, obrigando-lho à sodomização.

5.3 Análises conclusivas

1. A motivação principal para a escolha profissional é o emprego e não o trabalho, embora existam casos de Agentes que consideram ter uma certa vocação para exercer a profissão. Nesse sentido, não há necessariamente influência familiar na escolha, mas procura pela estabilidade e os benefícios sociais que um emprego público proporciona;
2. Inicialmente, tanto as famílias quanto as/os Agentes consideraram inadequada a profissão, existindo bastante preconceito e sobretudo medo do perigo que possa

implicar. O presídio é considerado um lugar abjeto e essa visão parece se estender ao conjunto dos que trabalham nesse espaço social;

3. A representação social negativa sobre o presídio pode mudar, em parte, com o passar do tempo, com as experiências no trabalho, mas isso poderá depender bastante do tipo de atividade de trabalho que ai se desenvolve. O trabalho de segurança, por exemplo, não contribui muito para essa mudança de perspectiva, porque exige desconfiar constantemente da/o interna/o;
4. O curso de formação de Brasília foi elogiado pelas/os Agentes, que enfatizaram a preocupação existente entre as/os professoras/es do curso com relação ao tratamento humanitário da/o interna/o. A crítica se centrou fundamentalmente, na distância existente entre a teoria e a realidade do trabalho na prisão, que coloca a necessidade de aprender in loco a partir da experiência das/os Agentes mais antigos;
5. O curso de formação de Goiás foi criticado pelas/os Agentes devido à sua curta duração, superficialidade do conjunto dos conhecimentos passados e distância entre a teoria e a prática, que exige, do mesmo modo que para o caso de Brasília, aprender no trabalho com o auxílio das/os trabalhadoras/es mais antigas/os na profissão;
6. Percebeu-se também que as/os Agentes que trabalham com segurança, mais enfaticamente em Brasília, desenvolvem certos traços clínicos de paranóia, o que se reflete em profundas mudanças na vida familiar que acabam alterando as rotinas e os relacionamentos com amigos e vizinhos. Entretanto é evidente que o desenvolvimento desses traços não depende apenas do trabalho, mas da afinidade eletiva entre as características do trabalho realizado e a história pessoal das/os Agentes;
7. As representações sociais sobre as/os internas/os são influenciadas pela religiosidade da/o Agente e pelo tipo de atividade que estas/es desempenham no presídio. Essas representações oferecem mediações para o desenvolvimento do

trabalho, orientando os modos de interação social com as/os internas/os e as expectativas (positivas ou negativas) sobre as possibilidades de reintegração social. Neste sentido é possível afirmar que na instituição há persistência de uma diversidade de representações sobre as/os internas/os, que levam a diferentes modos de interação social. A/O interna/o é construída/o por diversos discursos, alguns competitivos, outros conflitantes;

8. Destaca-se também a descrença bastante generalizada com relação às possibilidades de reintegração social das/os internos. As percepções aqui resultam em bastante variadas. Uma parte importante das/os Agentes, especialmente aqueles que desempenham atividades de segurança junto às/aos internas/os, acreditam que essa recuperação depende do tipo de crime cometido. Para eles, a/o homicida, sobretudo aquela/e ocasional, tem maiores chances de recuperação que o estelionatário e o traficante. Outros acham que depende exclusivamente da/o interna/o querer, pois sem isso, não adiantam as atividades desenvolvidas nas penitenciárias visando essa reintegração. Nesse sentido, elas/es visualizam que existe a/o criminoso/o nato. Além disso, enfatizam que a sociedade é que impede em grande parte a reintegração das/os internas/os, sendo coincidente essa visão com a das/os próprias/os internas/os, pois ela discrimina as/os ex-presidiárias/os, impedindo desse modo sua integração social e condenando-as/os ao circuito da criminalidade e do presídio.
9. Com relação às atividades oferecidas pelo sistema penitenciário às/aos internas/os, visando a sua reintegração social, em geral, as/os Agentes as avaliam como importantes, sobretudo para manter ocupado a/o interna/o, operando desse modo como um elemento de pacificação da cadeia. Criticam a falta de vagas disponíveis para incorporar maior número de internas/os a estas atividades. Essa escassez leva à utilização de classificações internas para escolher aquelas/es internas/os que terão direito a participar das atividades;
10. O trabalho da/o Agente comporta exigências "ocultas" e é por isso que é possível falar de uma espécie de currículo oculto na atuação destas/es profissionais. Nas interações com as/os detentas/os, elas/es são obrigadas/os a operar como

conselheiras/os, psicólogas/os, assistentes sociais, entre outros. Chamou a atenção nesse sentido o papel do Chefe de Pátio no Distrito Federal, caracterizado em grande medida pela gestão psicológica em face das solicitações das/os detentas/os, representados como extremadamente ansiosos. É o Chefe de Pátio que precisa descobrir a mentira ou a veracidade das dores que as/os detentas/os dizem sentir, a urgência maior ou menor de uma/um interna/o que diz ter dor de dente, por exemplo. Em função da escassez dos recursos isto também vale para o caso das/os Agentes de Goiás. As/Os Agentes são assim obrigadas/os a realizar um pré-diagnóstico da/o interna/o, especialmente no caso de solicitação de atendimento médico e odontológico.

11. A segurança no presídio pode ser construída de maneiras diversas. Para quem trabalha especificamente nessa função, sobretudo em Brasília, ela depende de normas e procedimentos rigidamente respeitados; para quem trabalha como Chefe de Pátio, depende também de conseguir dar assistência às/aos presos, satisfazendo o mais possível as expectativas nesse sentido. Para as/os Agentes de Goiás a segurança depende também, embora de forma contraditória, da organização de comandos de alas dentro do presídio, conduzidos pelo que elas/es denominam lideranças positivas. Essas lideranças conseguem manter, dentro de um ordenamento jurídico alternativo, a paz dentro da prisão. Isto não significa que os acordos implícitos de pacificação entre as/os Agentes e as lideranças não possam ser eventualmente quebrados. Nesse sentido, a pesquisa permitiu observar a influência de uma série de fatores institucionais nas características que assumem o trabalho de segurança nas organizações analisadas. Em geral, o modo como a segurança será mantida dependerá da política adotada pela direção do presídio. Isso significa que não existe um modo apenas de conduzir a política de segurança nessas organizações, muito pelo contrário, as escolhas poderão depender de uma série de fatores, tais como as orientações valorativas da direção, os recursos materiais de que dispõe, as características dos recursos humanos recrutados, a infraestrutura da penitenciária, entre outros.
12. As penitenciárias podem ser pensadas em função de um antes e de um depois? Houve, na perspectiva das/os Agentes uma ruptura do ponto de vista da gestão

prisional, que se expressa no Distrito Federal no endurecimento da segurança, acompanhada de visões humanitárias do tratamento dispensado à/ao detenta/o. Esse endurecimento implicou a retomada da iniciativa do Estado dentro do presídio, impondo maior disciplinamento às/aos internas/os, eliminando regalias, combatendo as lideranças e impedindo, desse modo, a organização coletiva dentro do presídio.

CAPÍTULO 6

6. O Impacto da Política de Administração Penitenciária sobre o Trabalho de Segurança dos Agentes Penitenciários em Brasília

O objetivo do presente capítulo é analisar aspectos considerados centrais para compreender a natureza do trabalho de segurança realizado pelas/os Agentes Penitenciárias/os em Brasília.

O Trabalho de Segurança em Brasília

A pesquisa apontou que a segurança, considerada na Unidade estudada como uma atividade tipicamente masculina³⁹, aparece construída sobre uma tripla exigência para a/o Agente, com relação às/aos internas/os: vigiar, desconfiar e controlar⁴⁰. Como será aqui indicado, essa tripla exigência desenha relações e

³⁹ **Do ponto de vista dos Agentes, as Agentes podem “fragilizar” a segurança do presídio, sendo desejável que não participem de algumas atividades. Interessante notar que essa percepção não diz respeito a menor força física da mulher, mas, é relativa à condição feminina, num ambiente masculino. Pode-se refletir que nesse ambiente a mulher seria percebida como território a ser conquistado, tanto pelos Agentes quanto pelos detentos e por isso a segurança ficaria comprometida.**

⁴⁰ **Um aspecto que não pode ser negligenciado nesta análise sobre o trabalho de segurança realizado pelos Agentes, diz respeito as condições do trabalho dos Agentes em Brasília, onde são policiais (Policia Civil) que desempenham a função de Agentes Penitenciários. Isso significa que seus salários são significativamente superiores aos dos Agentes de outros Estados da Federação,**

interações sociais extremamente complexas do ponto de vista da gestão quotidiana do trabalho, nos seus aspectos materiais e simbólicos, perpassando o conjunto das atividades de trabalho que se desempenham em contanto direto com as/os internas/os. De fato, esse tripé aparece associado, principalmente, a duas representações sociais que as/os Agentes têm sobre as/os internas/os: a/o interna/o como inimigo e a/o interna/o como psicopata ou sóciopata. As práticas relativas à vigilância, desconfiança e controle seriam orientadas por essas representações sociais das/os Agentes sobre as/os internas/os. Esse “saber” institucional sobre as/os internas/os, opera justificando essas práticas e tornando absoluto o interesse pela segurança dentro do presídio, estabelecendo uma contradição entre as ações relativas à política de segurança e as ações relativas à política de reintegração social da/o interna/o, como será indicado neste capítulo.

Aborda-se, da perspectiva das/os Agentes, o significado das relações e interações sociais que estabelecem com as/os detentas/os, mediadas pelas representações sociais sobre estas/es, que circulam como parte do saber institucional. Indicam-se finalmente, considerando essas representações sociais, as contradições do trabalho de segurança que as/os Agentes realizam junto às/aos internas/os, tal como são vivenciadas por elas/es, no dia-a-dia da penitenciária.

O trabalho de segurança: uma rotina que "engole"

Há a prisão da/o interna/o é há a prisão da/o Agente. A prisão da/o Agente que cuida da segurança, na Unidade penitenciária analisada, parece estar aderida à lógica do trabalho que realiza. A organização do trabalho é rotineira, exigindo gestos e procedimentos repetitivos que acabarão construindo para a/o Agente a prisão do automatismo como indica, a seguir, a fala de um entrevistado:

que não são policiais civis. Agregam-se a isto, outras condições, como as características do prédio, o estilo de gestão penitenciária adotado, os recursos disponíveis, e as estratégias de segurança e inteligência utilizadas que permitem manter a iniciativa do Estado dentro da prisão.

Qual que é a rotina?...chegou...abriu a cela...o preso desce para o pátio, pegou sol , se um Agente notar que nos últimos intervalos não teve nada...nesse intervalo pode chegar uma mente maldosa...ele já foi automaticamente engolido, e ele não sabe disso".. O preso pode estar com um plano para agora...para esse mês... ele viu que todo o plantão meu trabalhou assim...ele espera um pouco, para ele é uma rotina, para ele é todo o dia fazendo a mesma coisa. De manhã, de tarde, fila par subir, fila para descer . A vida dele se resume naquela cela. E o Agente? O que resume? O Agente resume subir com ele e conferir todo dia de manhã, chamar nominalmente cela a cela. Se ele não fizer aquilo com atenção, alguém numa cela daquelas vai responder pelo outro...As vezes o outro está no pátio, dentro de um esgoto, porque já houve. E a noite tenta um fuga.. Você não tem como variar tanto...porque existe um padrão de escala...então aquilo é um rotina, de colocar o cadeado, de conferir...e há que prestar atenção. Nosso trabalho é muito repetitivo e é sempre um trabalho de vigilância e de desconfiança ...

A automatização que permitiria liberar a mente para “outros vãos”, no caso da realização de outros trabalhos igualmente repetitivos, é geradora de uma armadilha no contexto do trabalho da/o Agente. Percebem as/os Agentes que a perda da atenção relativa à cadência do automatismo poderá ser advertida “pela lente” das/os internas/os, que tentarão se aproveitar desse momento para desafiar a autoridade.

As/Os Agentes consideram o próprio trabalho como rotineiro. É o trabalho definido como "manusear com a/o detenta/o", ter contato físico e visual com o preso, isto é, tocar com as mãos e percorrer com os olhos o corpo da/o interna/o, trabalho considerado perigoso. Desta perspectiva, a/o Agente se experimenta como uma “presa”.

Nos labirintos simbólicos do presídio as experiências são vividas de maneira contraditória. De fato, a/o interna/o é construído pela/o Agente como alguém que está permanentemente “maquinando” para conseguir fugir do presídio, isto é, pensando em como construir ciladas para distrair a atenção dos guardas. Essa representação sobre a/o interna/o estabelece o parâmetro da desconfiança como uma alavanca do trabalho de segurança: vigiar, desconfiar e controlar. Observe-se a respeito com a fala a seguir:

Então, nosso trabalho é sempre um trabalho permanente de vigilância e desconfiança. Eu sempre falo para o pessoal: quanto eu tiver 29 anos e 364 dias é o dia que eu vou ter mais medo, porque senão não adianta, jogou tudo para atrás. Quanto mais tempo passa, mais precavido fica. Porque isso aqui ensina. Já teve caso de preso que engoliu a chave da algema...Então, realmente, se a gente for lembrar de fatos ligados a tentativas de fuga, a fugas consumadas, tem demais ...

Para fugir da rotinização do trabalho e de seus perigos iminentes, as/os Agentes implementam uma diversidade de estratégias, como aponta a fala a seguir:

Eu tentava não fazer exatamente da mesma forma, né, o trabalho, por exemplo com relação ao confere, um dia eu chamava os presos, eu falava o nome deles, e no outro dia eu pedia para eles falarem, porque é coisa simples, a mudança é muito pouca, mais isso causa um certo impacto no preso...as vezes algumas pessoas consideram o preso como um parasita, ele está ali porque foi condenado...mas, na verdade, ele avalia as atitudes do policial, ele sabe o policial que faz o serviço de uma maneira, de outra...ele sabe. Eu encontrei até anotações de preso sobre a rotina dos policiais que fazem o confere.”

Foucault (2000) analisa a lógica arquitetônica do Panopticom⁴¹ (definido inicialmente por Jeremy Bentham) destinada ao controle visual e permanente dos

⁴¹ Foucault, (2000), aponta que o Panopticon era um edifício em forma de anel, com um pátio no meio do qual havia uma torre central, com um vigi-lante. Esse anel dividia-se em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior, permitindo que o olhar do vigilante as atravessasse. Essa forma arquitetônica das instituições valia para as escolas, hospitais, prisões, fábricas, hospícios. Tratava-se de um espaço fechado, recortado e vigiado em todos os seus pontos. Nele os indivíduos estavam inseridos num lugar fixo, com os menores movimentos e acontecimentos controlados. O poder era exercido segundo uma figura hierárquica contínua, no qual cada um podia ser constantemente localizado, examinado e distribuído. Nessa perspectiva, a forma de poder exercida no panoptismo repousou, sobretudo no *exame*. O exame combina as

internos. Na análise do poder indica que o poder deve ser analisado como algo que funciona em cadeia, não está localizado aqui ou ali, nem está nas mãos de alguns. O poder não é um bem, mas é algo que se exerce em rede, e nessa rede todos os indivíduos circulam, sendo que qualquer um pode estar em posição de ser submetido ao poder, mas também de exercê-lo.

A experiência das/os Agentes estudados indica a presença da dimensão especular do controle. A pesquisa apontou que as/os Agentes percebem que estão sendo vigiadas/os pelas/os próprias/os internas/os, experimentando que seus comportamentos são permanentemente submetidos à uma meticulosa avaliação. Nas percepções destas/es Agentes a “lente” dos considerados “inimigos” parece transcender o plano objetivo do próprio comportamento, perscrutando a gestualidade sustentada pelos sentimentos e as emoções, complexidades lidas e interpretadas pelas/os internas/os à luz do que realmente interessa: as potenciais fragilidades das/os Agentes Penitenciárias/os. Na visão destes últimos, são essas fragilidades que poderão indicar para as/os internas/os o caminho da fuga e da liberdade.

A construção do “outro” como inimigo

Observou-se que a relação com o “outro”, denominado pelas/os Agentes de “interno”, é dinamizada pelo significado de “inimigo”. Por isso, as relações e interações sociais podem aparecer dominadas por uma espécie de “lógica de guerra” permanente, indicativa de uma cultura do conflito. Essa “guerra” se processa bem menos em ações espetaculares e muito mais na forma de uma luta silenciosa caracterizada por constantes e insidiosas escaramuças. O território onde essa “guerra” torna-se possível é literalmente ocupado pelas/os detentas/os; trata-se do pátio e da cela. Segundo as/os Agentes, sob determinadas circunstâncias, esses territórios podem transformar-se em verdadeiras armadilhas, sendo observados como recintos perigosos, como indica a seguir a fala de um entrevistado:

técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir.

... perigo tem ... nós estamos num ambiente tenso, perigoso, que a qualquer hora o interno pode estar esperando uma oportunidade dessas... É perigoso, tem risco, o risco pode ser eminente, mas nos temos que adotar procedimentos para não correr riscos. Temos que ter a certeza de que todas as providencias foram tomadas ...

A iminência desse perigo pode ser destruída sistematicamente por revistas surpresas que pretendem restaurar a ordem supostamente sob ameaça. As vezes estas revistas acontecem por simples rotina, outras, devido a algum tipo de denúncia. Estas se originam das/os próprias/os internas/os ou pela via dos familiares, e podem estar mascarando vinganças interpessoais ou desafios entre quadrilhas ou grupos rivais dentro da prisão. Essas irrupções restabelecem o princípio da ordem através da desorganização do dia-a-dia das/os internas/os, destruição que acabará revelando o que teima em permanecer oculto, pondo o cotidiano das/os internas/os de maneira impiedosa nas “lentes do poder”. È por isso que a entrada no território do “inimigo” é bastante escandalosa, acompanhada de gritaria, de comandos verbais e de cachorros latindo. As/Os internas/os ficam confusos e aturdidos, prontos para “revelar” os indícios das práticas e comportamentos transgressores. A nudez que será exigida poderá constituir-se na ante-sala de todas as revelações possíveis, voluntárias e/ou forçadas.

A construção do “outro” como psicótico

A análise das narrativas das/os Agentes sobre o comportamento das/os internas/os na penitenciária permite apontar que esses são construídos também como psicopatas ou sociopatas. Não interessa aqui abordar a psicopatia como condição psicológica, mas antes identificar nas narrativas das/os Agentes características comumente atribuídas a essa condição e, sobretudo, os efeitos dessas atribuições nas relações e interações sociais na penitenciária⁴². Evidentemente as/os

⁴² **Interessante notar que a falta de humanidade atribuída aos internos, pode capturar os que classificam, de tal modo que passam a exhibir o mesmo déficit de humanidade que os perturba e, sobretudo, atemoriza.**

Agentes não fazem uso deste termo, mas as características comportamentais que eles atribuem comumente às/aos internas/os coincidem com algumas das definições psiquiátricas desse transtorno.

É importante enfatizar que a psicopatia é considerada relativamente rara; uma estimativa a situa em 10% ou menos da população Prisional, e em 3% da população geral (Doren, 1996)⁴³. A psicopatia não aparece como uma categoria diagnóstica no Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (American Psychiatric Association, 2000). O conceito de “distúrbio anti-social de personalidade” que a substitui há várias edições é descrito no manual atual como desrespeito persistente e violação dos direitos dos outros (Rhodes, 2004).

A/O interna/o é construído pelas/os Agentes como alguém capaz de manipular os outros de forma “maquiavélica”, em função de seu poder de dissimular⁴⁴. Trata-se de uma série de poderes que as/os Agentes atribuem às/aos internas/os e cujo desenvolvimento e eventual fortalecimento resultariam do “tempo vazio” do encarceramento. Para as/os Agentes, esse “vazio” é preenchido por confabulações, planos e sonhos de liberdade que poderão exigir a realização de novas violências. Em razão disso, é exigido das/os Agentes manterem boa distância nos relacionamentos com as/os internas/os; a desconfiança permanente precisa ser a base destes relacionamentos, como aponta o depoimento a seguir:

A gente sempre fica desconfiando do preso. Até mesmo o preso que da aula para o outro preso, ele ai é o monitor...mas você não pode, você não pode esquecer jamais que ele é um preso, ele não pode gozar dessa confiança da gente...

⁴³ Doren (1996) aponta que a psicopatia é considerada relativamente rara; uma estimativa a situa em 10% ou menos da população Prisional, e em 3% da população geral.

⁴⁴ **Rhodes (2004:66) aponta a fala de um profissional de saúde mental “A maioria quer acreditar que as pessoas que fazem coisas horríveis são realmente diferentes, mas geralmente elas não são diferentes ao ponto de tranquilizar os outros”**

Nessa mesma esteira Rhodes (2004: 66) afirma que "trabalhadores prisionais são constantemente avisados de que seus sentimentos mais maleáveis e impulsos sociais normais os tornam vulneráveis à manipulação...". No caso de internas/os classificados como psicopatas, considera-se institucionalmente que as características de sedução e manipulação aparecem exacerbadas, razão pela qual Agentes com "fantasias de resgate", isto é, que acreditam na possibilidade da reintegração social das/os internas/os, se tornariam extremamente vulneráveis em contato com estas/es detentas/os.

Eis aqui um elemento que permite compreender a contradição que pode se estabelecer nas prisões entre a lógica da segurança e a lógica da reintegração da/o interna/o, ambas presentes no plano formal da LEP⁴⁵ e no conjunto das práticas sociais que caracterizam estas instituições. Parece evidente que os projetos dirigidos à reintegração das/os detentas/os precisam ser gerenciados por funcionários que efetivamente comunguem com "fantasias de resgate" das/os internas/os. Mas, na Unidade estudada, percebe-se um discurso quase psiquiátrico sobre as/os internos, que lhes atribui poderes ancorados numa espécie de hiper-racionalidade que agiria como uma arma mortal sobre aqueles Agentes mais humanos, crédulos e, quem sabe, frágeis emocionalmente, isto é, capazes de se comover.

As características que as/os Agentes atribuem às/aos internas/os e que são produto da socialização institucional operam uma espécie de "psiquiatrização do ambiente prisional". O discurso sobre a necessidade de "vigiar", "desconfiar" e "controlar" e as práticas que lhe são correlatas é ensinado às/aos Agentes mais jovens, ingressantes na instituição pelos mais velhos, aqueles que possuem o *savoir faire*. O discurso sobre a necessidade de evitar o envolvimento com as/os internas/os, sobre a aspereza ou energia que precisam as/os Agentes para lidar com elas/es pode ser interpretado, neste contexto, como uma ideologia defensiva, auto-justificadora, que oculta o conflito que pode ser experimentado pelas/os Agentes na evitação do envolvimento com as/os internas/os. Assim indica o depoimento a seguir:

⁴⁵ **Lei de Execuções Penais**

... olha ... é não se deixar se levar por, por conversa do interno, que tem interno que conversa demais, você termina sabendo muita coisa do interno e lá dentro ele termina confundindo as coisas, achando que pelo fato de você querer dar aquele tratamento adequado ao interno, ele acha que você está sendo assim, digamos, muito mole, muito frouxo e já começa a tentar influenciar você para mudar sua doutrina de trabalho...que você comece a ceder demais para ele, fugir um pouco do lado policial.

No que diz respeito à relação subjetiva dos seres humanos com seu trabalho, Dejour (2004) afirma que os trabalhadores tendem a elaborar estratégias de defesa para lutar contra o sofrimento que o trabalho produz. Essas são organizadas tendencialmente, em torno da negação do real, ou seja, da negação do que se faz conhecer por sua resistência ao domínio técnico do trabalho. O que não pode ser submetido ao controle técnico do trabalho da/o Agente é a dimensão subjetiva da/o interna/o. Esta escapa à cadência e rotinização dos procedimentos. Por isso, do ponto de vista das/os Agentes entrevistadas/os, o problema é a mecanização e rotinização do trabalho que conduz a um certo esmorecimento com a conseqüente perda da atenção. Mas, de certa maneira, no exercício da segurança e de suas estratégias de controle, as/os Agentes defrontam-se com uma impossibilidade real, que é o controle absoluto do outro.

As/Os Agentes, para fazer frente ao sofrimento ou ao medo que implica a relação com os riscos inerentes ao seu dia-a-dia, participam de uma estratégia coletiva de defesa centrada na negação da percepção dessa impossibilidade de controle, que é a subjetividade do outro. Para atingir essa subjetividade eles precisariam abandonar a esfera de racionalidade do trabalho, entregando-se à sensibilidade, e quem sabe, à confiança. Evidentemente o risco é a possibilidade de perder o controle das emoções e dos sentidos, o que seria atentar contra a própria virilidade. O discurso das/os Agentes sobre seu trabalho opera um deslocamento ao negar estes riscos reais. De fato, para elas/es, o risco é a/o interna/o e sua capacidade absurda de produzir ciladas, e não as dificuldades que eles enfrentam para submeter o controle à subjetividade da/o interna/o, isto é, para capturar-lhe a alma.

Os poderes extraordinários de simulação atribuídos aos indivíduos classificados como psicopatas também são atribuídos pelas/os Agentes por nós entrevistadas/os às/aos internas/os classificadas/os como criminosas/os comuns. Para as/os Agentes, a situação de aprisionamento levaria as/os detentos a desenvolverem estratégias de simulação, sedução, entre outras, que agiriam como ciladas para as/os Agentes encarregados da segurança. O distanciamento do lado das/os Agentes, tanto quanto do lado das/os internas/os, é estruturado por uma ética profissional, no caso dos primeiros e pela ética das/os presidiárias/os, no caso dos segundos. A/O Agente que se relaciona com o detento pode ser acusado de corrupção ou de possuir "fantasias de resgate", sendo ambas questões perigosas do ponto de vista profissional. A/O detenta/o que tentar estabelecer um vínculo honesto com a/o Agente poderá ser acusado pelo seu grupo de estar comprometido com os vigias, o que o tornará vulnerável à violência do grupo. É por isso que qualquer tentativa de acercamento do lado das/os internas/os poderá ser lida pelo grupo como uma ameaça de delação e pelas/os Agentes como a ante-sala de uma cilada, como indica o depoimento a seguir:

O preso já olhou como vc trabalhou, ele já olhou tudo...ele procura ver dentro da equipe como cada um trata o preso, se ele brinca com o preso, o que não é permitido. Há esse distanciamento e tem que haver, não tem essa liberdade de brincar com o preso. A gente não sabe por quanto tempo vai conviver com ele. Ele começa te pedindo uma coisa que a gente acha que é simples...aqui é muito comum em nosso meio encontrar alguém, conhecer algum preso, da escola, da quadra... e isso aqui tem que ser informado"

A armadilha do trabalho rotineiro reside em sua própria natureza. "A rotina engole", expressão utilizada pelas/os Agentes entrevistadas/os, pode significar "A rotina devora, consome". A rotina pode *subverter* a ordem das coisas, na medida em que o próprio trabalho pode constituir-se em armadilha. Os procedimentos, os gestos, os movimentos realizados quotidianamente na função que desempenham levam a cadência e repetição mecânica. É a mecanização do gesto que pode denunciar para um observador atento um déficit de atenção. Isso significa que o trabalho traduz uma contradição: de um lado, a busca de segurança, calcada em procedimentos reiterados da maneira o mais perfeita possível; e de um outro a rotinização/mechanização que pode causar um déficit de atenção e conduzir à fragilização. Para as/os Agentes, as/os internas/os seriam as/os primeiras/os beneficiárias/os da fragilização das/os Agentes,

e as/os primeiras/os a perceber, nos bastidores de um trabalho de rotina, o esmorecimento de quem o realiza.

A rotinização do trabalho que poderia levar a um maior controle sobre o mesmo aparece como uma ameaça surgida do mandato técnico. É a organização do trabalho da/o Agente que invoca a rotinização dos gestos e dos movimentos, sendo essa mesma organização técnica que lhe consome a atenção que lhe permitiria ficar alerta para enfrentar qualquer imprevisto. Um aspecto que parece estar em jogo e que causa profunda perturbação nas/os Agentes é a interdição para atingir a subjetividade da/o detenta/o. O controle poderá ser do corpo, mas o controle da subjetividade do interno resulta em uma ilusão. É essa ilusão que parece tirar o sonho das/os Agentes, provocando-lhes sofrimento.

Conclusão

A pesquisa permitiu observar que as relações e interações sociais na penitenciária analisada são mediadas por representações sociais sobre as/os internas/os que os significam como “inimigos” e como “psicóticos”. De algum modo, essas representações sustentam os elementos materiais e simbólicos das práticas de segurança das/os Agentes, apoiadas na tripla exigência de vigiar, desconfiar e controlar.

A desconfiança é uma exigência institucional que se impõe para a/o Agente que lhe permite manter um distanciamento preventivo com relação à/ao interna/o. Supõe-se que esse distanciamento poderá evitar ciladas, favores, corrupções, entre outros. A construção do outro como psicótico, que leva a uma espécie de psiquiatrização do ambiente prisional, colabora para manter a/o Agente mais alerta ainda. A atribuição de plenos e incontroláveis poderes às/aos internas/os poderá agir agigantando a imagem de periculosidade da/o interna/o. Isso poderá levar a “preparar” a/o Agente para agir de maneira desmesurada em face de determinados conflitos ao interior do presídio. É a representação social das/os internos como super-

poderosas/os e ardilosas/os ou, quem sabe, loucos perigosos que poderá levar a abusos caracterizados e aplicação da violência em desfavor das/os internas/os.

Finalmente, o imperativo da segurança dentro do presídio, sob os parâmetros até aqui analisados, entra em contradição com a política de reintegração social das/os internas/os, podendo não apenas limitar as ações dessa natureza, mas gerar um ambiente institucional de desconfiança e descrença nas possibilidades do indivíduo ser preparado para retornar à sociedade.

CAPÍTULO 7

7. A divisão sexual do trabalho no contexto do trabalho das/os Agentes Penitenciárias/os

A repartição ou a distribuição das mulheres e dos homens por atividades, com papéis sexuais específicos e com prerrogativas pré-definidas é, provavelmente, uma das mais antigas clivagens construídas entre os sexos no mundo do trabalho.

Nas instituições Prisionais da sociedade contemporânea permanece, ainda que de forma mais atenuada, essa divisão tradicional do trabalho entre os Agentes Penitenciários homens e as Agentes Penitenciárias mulheres. Levando em consideração que o conceito de divisão sexual do trabalho utilizado é o de Kergoat, tomamos por esta divisão a idéia de que “é pré-existente como noção, mas posterior como problemática” (KERGOAT, 1992: 16) .

As sociedades modernas instauraram uma separação entre duas esferas de atividades: a da mercadoria, do trabalho e das atividades ditas “sociais” e a do privado, e mais particularmente, da família e das atividades ditas “naturais”. Nessa divisão tem presença uma ordem social que inscreve as mulheres no espaço doméstico/privado e os homens no espaço dos negócios, público. Essa divisão, instalada desde o período colonial-escravocrata no Brasil, atribuiu um conteúdo, e mais ainda, um estatuto diferenciado ao trabalho dos homens e das mulheres. Como se observará mais adiante isto também acontece nas prisões.

À noção moderna de trabalho está associada à idéia de valor, que tornou-se central. O trabalho sendo um produtor de valor deve ser medido e avaliado. Torna-se assim uma mercadoria como qualquer outra. A noção de trabalho doravante define aquilo que se vende e que se compra no mercado: o mercado de trabalho. Ao mesmo

tempo, as atividades de produção de bens e de serviços que não transitam pelo mercado de trabalho, pois estão excluídas em termos da definição de trabalho, são consideradas desprovidas de valor. Em outras palavras, elas não têm valor. Isto caracteriza em parte a desvalorização do trabalho da Agente Penitenciária.

Portanto, o trabalho como fator de produção tornou-se o referente da concepção e da organização da sociedade. Assim o trabalho-mercadoria passa a ser o “fundamento” da relação social e conseqüentemente da cidadania. As transformações institucionais que se instalaram com o processo de divisão social do trabalho revelam uma ordem social que comporta uma “ordem de sexo” de classificar e hierarquizar os componentes sociais deste processo – daí a divisão sexual do trabalho estabelecida.

Não é o produto ou o serviço que distingue o trabalho doméstico e sua definição mercantil de trabalho, mas *a natureza da relação ou do estatuto sob o qual é realizado*⁴⁶. Segundo Hirata (2002), a conceitualização da divisão sexual do trabalho, em termos da *relação social*, baseia-se na idéia de uma relação antagônica, oposta, entre homens e mulheres. A divisão sexual do trabalho é considerada um aspecto da divisão social do trabalho e nela a dimensão opressão/exploração está fortemente contida. Essa divisão sexual e técnica é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder, o que se expressa nas relações de trabalho entre as Agentes e os Agentes.

Em entrevista com o então Chefe das/os Agentes Penitenciárias/os do CIR-DF, foi-nos dito que as mulheres, preferencialmente, trabalham nos cargos burocráticos do presídio. Ao alegar os motivos para tal, um Agente Penitenciário nos disse:

Deixa eu falar pra você o seguinte: aqui é opção da Administração que elas não trabalhem lá em cima. Nos outros presídios, todas elas trabalham dentro do, do presídio. Aqui, por opção deles, que acha que nós, nossas segurança interna LÁ é diferentes dos outros pátios. Nos outros presídios, eles preferem que elas não trabalhem lá dentro. Isso não impede delas subirem lá e

⁴⁶ Por exemplo: fritar um bife em um restaurante ou para a família. No primeiro caso, a pessoa desenvolve suas competências no contexto de um contrato de trabalho. No segundo, sob o estatuto de esposa(o) ou de parente. Não se trata mais de um trabalho, mas de uma tarefa.

conhecer [palavra inaudível]. Eu acho que por comodismo delas, elas / não, quero dizer, “cê não vai me dar trabalho, eu que não vou procurar, né?” Você tá entendendo? Essa é a minha opinião pessoal. Eu acho que elas são muito acomodadas, inclusive eu acho que isso aqui é uma área de segurança: eu vi elas andando de salto alto e tudo, eu acho que não deveria, né? Uma opinião minha, nunca nem toquei nesse assunto com ninguém, eu to falando com você. Procê vê.(...) Não tô falando que elas não trabalham, mas às vezes o problema delas é que elas não, na parte de segurança elas não têm. Se eu tiver que fazer uma escolta, elas não tem nem como fazer porque elas vem de salto alto. Quero dizer, nunca elas vão fazer parte disso. Tocar uma sirene aqui, elas não podem ir lá ajudar, elas têm que sair porque como é que elas vão correr pra ajudar, pra não sei o que, pra fazer uma revista, pra fazer um. Então pra mim, na minha opinião elas são nula, pra mim é uma preocupação a mais pra, pra gente porque ajudar elas não vão poder. (...) Porque é o que eu falei aqui: eles acham que nosso presídio aqui, esse aqui não comporta, o contato - aqui cê tem mais contato com os presos que nos outros presídios, [trecho inaudível] o Agentenão tem quase contato nenhum com o preso. Aqui cê tem muito contato, então eles acham que uma mulher lá pode criar algum risco pra segurança. Entendeu? É o que eles pensam aqui, o pessoal da área de vigilância e da assessoria de segurança [palavra inaudível]. (...) Talvez os internos não sentindo confiança que é a mulher que tá lá do outro lado, né? Pode querer, né? Partir pra cima, ou então sei lá, alguma coisa desse tipo. Eu não acho porque as professoras sobem lá em cima, dão aula lá no meio de vinte, trinta internos – lá dentro da cela lá – tô dando a minha opinião né? Eu não, mas eles acham que não, então / eu sou voto vencido. Se tem condição de deixar elas aqui ou ali e ter um homem pra brigar lá dentro, eles preferem dessa maneira, né? não [palavra inaudível] tá dando certo até hoje, pra que que vai mudar, né? Eu só acho que elas mesmo tando aqui, elas deveriam vir com sapatos, tem que tá com material preto próprio pra se acontecer alguma coisa, elas serem utilizadas né?

Assim, a maioria das mulheres sequer chega a sair do prédio onde fica a administração e adentrar o mundo dos internos.

Eu acho. Mas tem gente que chegou aqui, sentou aqui, às vezes nem conhece lá dentro como é que é, entendeu? Então sentou aqui, ou, então sentou nessa seção, fora a seção não conhece mais nada da cadeia, só aquela seção dele. Se for homem só vai pra lá pra fazer revista e volta. Se for mulher, nem lá não vai.

Como pudemos observar, efetivamente os trabalhos em pátio e de escolta são feitos majoritariamente pelos Agentes homens enquanto que as mulheres se mantêm nas funções de escriturária, relatora, serviço social e outras funções administrativas. Acerca do trabalho realizado por uma delas nestas funções, segue o trecho abaixo:

Hoje trabalho na Seção de Arquivos e prontuários dos presos, todos os prontuários estão aqui nessa seção, sob o nosso comando. E toda documentação que vem referente a eles tem que ser colocada nas pastas deles, nos prontuários deles, então, a nossa seção se incumbem de arquivar, de guardar os documentos deles e providenciar também a organização nos prontuários deles. Isso serve pra a seção de assistência jurídica, que vê os benefícios, para que tenha base pra poder trabalhar e fazer pedidos de benefícios deles também. Então a gente cuida mesmo, né, dos prontuários deles, mas toda a documentação que vem relativa a eles tem que ser analisado, né, as vezes passada pra outro setor e também nós providenciamos as saídas, na nossa seção nós arquivamos, guardamos, cuidamos do prontuário, também providenciamos as saídas, os documentos de saídas dos internos para a Justiça. Para o hospital e assistência social tem uma agenda separada. A nossa é para atender justiça, delegacias: recambiamento, entrada, saída(...), recebimentos dos presos, transferência dos presos, documentação de liberação dos presos, cumprimento, no caso de prisão domiciliar, de alvará, de soltura, lançamento no sistema de toda a vida processual dele, é tudo na nossa seção. A gente tem manual e o que a gente tenta, mas devido a escassez de funcionário a gente tenta deixar tudo no sistema, mas tem alguns que ainda não estão cadastrados, porque só tem uma ou duas pessoas pra fazer todo aquele cadastramento fica meio complicado. E a movimentação é muito grande, de entrada e saída de presos; também fazemos declarações para o INSS pra fim de receber auxílio reclusão, outras declarações para que eles tenham algum benefício financeiro.

Outra Agente Penitenciária descreve sua rotina em outro cargo administrativo:

Hoje eu trabalho aqui no portão principal que é onde a gente recebe as autoridades, policiais, visitantes e as viaturas que entram e saem do presídio levando preso, o caminhão que traz a comida deles que distribui pros outros presídios, entrega de material, pras cantinas, pra própria cozinha que faz a comida deles. Além disso cuida de toda a entrada de funcionário e tudo que entra e sai do presídio a gente tá aqui. E dia de visita, a gente trabalha na visita.

Algo interessante a ser destacado é que alguns Agentes Penitenciários homens chegaram a citar que algumas mulheres sabem desta “facilidade” do trabalho que é destinado à elas na penitenciária. E, por isso, algumas entrariam na profissão já sabendo que sua função teria menos perigo e/ou mais segurança que a da maior parte dos homens que trabalham no presídio. Isto podemos perceber ao ler o discurso de uma Agente Penitenciária sobre sua motivação para fazer o concurso:

Resolvi ser Agente Penitenciário porque meu pai sempre falava: ‘Ah, vai estudar pra fazer concurso pra nível superior e tudo, não adianta ficar estudando!’ Terminei a faculdade de Administração e comecei a pensar em ser policial, policial federal na época que eu tava estudando, mas como não obtive êxito, quis ser policial civil. Não tinha estudado muito, aí não passei. Quando surgiu o de Agente Penitenciário, uma amiga psicóloga que já trabalhava aqui no presídio falou: Faz que é muito bom eu trabalho lá, não há perigo nenhum, então pode fazer o concurso. Comecei a estudar e fiz.

Outro fato importante é que as próprias mulheres, segundo descrição de um entrevistado do CIR-DF pedem para assumir estes cargos administrativos e não entrar em contato com os internos. Nos fala um Agente Penitenciário:

Eu vejo colega aqui conversando: “não, minha mulher f, vai fazer o concurso, não sei o que. Po, que aqui é moleza”. Por quê? Eles nem incentivam porque sabem que na verdade elas não fazem o realmente aquele, um serviço de alta periculosidade que ele faz.

Embora com expressões e modalidades diferenciadas - no tempo e nos lugares -, a divisão sexual do trabalho encontra-se nas Instituições Prisionais e é, no geral, estruturada em função de um princípio hierárquico: o trabalho masculino tem sempre valor superior ao trabalho feminino (ver Kergoat, 1992). Portanto, vale dizer que a divisão sexual do trabalho é sempre indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas e antagônicas. Relações de opressão e de exploração entre duas categorias de sexo socialmente construídas. Tão forte é tal opressão que hoje se encontra, quase que inquestionavelmente, enraizada nos valores sociais, tanto de homens quanto de mulheres, que reproduzem essa lógica diariamente, como vimos acima nos relatos que apontam as Agentes Penitenciárias como prisioneiras dessa mesma lógica. Como bem já afirmou Kergoat (1992), essa teoria da divisão sexual do trabalho constitui-se como alternativa aos paradigmas sociológicos que não levam em consideração a “sexualização” do social.

Alguns teóricos chegaram a acreditar que, como por encantamento, com o fim do taylorismo, por suposto, se colocaria fim aos sofrimentos físicos que acompanham a/o trabalhadora/o. Erro duplo: não só porque o taylorismo não desapareceu, mas

porque nessa fase/momento desloca a responsabilidade da organização da produção sobre ombros das/os próprias/os trabalhadoras/es, onde as novas formas de trabalho se revelam, particularmente, estressantes (Hirata, 2002).

As/Os trabalhadoras/es, em geral, se queixam da quantidade de tarefas, do escasso tempo disponível para ser realizada uma atividade, de receber ordens contraditórias, do peso da responsabilidade de não poder errar na execução da tarefa. Conclusão: fadiga generalizada, estresse, dores dorsais, dor de cabeça, desânimo... Em síntese, sofrimentos físicos variados. Tais sintomas também são extensivos ao universo prisional atingindo as/os Agentes Penitenciárias/os na sua capacidade de trabalho. Ficar muito tempo realizando a mesma tarefa com uma postura inadequada, o risco e a tensão cotidianos, carregar pesos desproporcionais, risco de cair, risco de trabalhar com barulho ou ruído agudo, etc. Estes, entre outros “sintomas” do mundo do trabalho, evidenciam que praticamente todas as profissões são simultaneamente tocadas por um rápido aumento das pressões físicas ou morais. Em outras palavras, o aumento das dores e dos sofrimentos físicos e mentais que são, no geral, passados despercebidos, fazendo parte das minúsculas mortes cotidianas. Do estresse ao assédio moral não existe mais do que um passo⁴⁷. As chefias pressionam persistentemente suas/seus subordinadas/os e para se livrar dos “inconvenientes”, o assédio passa a ser cada vez mais utilizado. Observou-se entre os Agentes práticas de assédio moral horizontalizadas.

No caso das Agentes, o trabalho se torna ainda mais estressante porque, por serem vistas como profissionais que produzem menos e/ou pior, elas precisam se esforçar mais para provar o mesmo que os homens, para demonstrar que também são capazes e eficientes. Essa cobrança exagerada acaba por tornar ainda mais o trabalho das mulheres possível de ocasionar males à sua saúde mental e física. Deste modo, estas mulheres acabam por optar em sair de cargos que exigem muito delas. Isso ficou explícito em uma das entrevistas que realizamos:

⁴⁷ **O conhecido livro de Marie-France Hirigoyen: O assédio moral. Paris, Syros, 2000), assim como o livro da Viviane Forrester: O Horror Econômico. Fayard, 2000).**

A gente fazia muita escolta, aí tinha as escoltas que eram mais perigosas né, correr risco, que corre risco da pessoa, do pessoal querer resgatar preso, esse tipo de coisa, trazer escolta de cemitério, que às vezes o povo daqui também faz, o pessoal, então é uma coisa mais arriscada, que aí te deixa com um pouco mais de adrenalina, que às vezes você faz uma escolta dessa, aí você tá com uma pessoa, com um preso lá e vê aqueles familiares todos lá, às vezes pode criar aquela, tem que dar um ar de segurança e tudo, então eu acho que é interessante a gente lá na GPOE participa de operação DELTA, na rua mesmo sabe, então isso é legal, assim, é aquela adrenalinazinha, só que eu até me comporto muito engraçado nessas coisas, que eu não consigo ficar muito séria, sabe, até nisso às vezes eu [palavra inaudível] de graça sabe (risos), então é até bom, foi uma experiência muito boa, só que cansa também sabe, você estressa, ambiente muito estressante no trabalho, e aqui não, aqui é mais tranquilo, serviço mais administrativo, mas lá também fica o serviço administrativo, na época que eu tava mais estressada assim, cansada, saía da escolta, vai estressando, paciência foi [palavra inaudível] também, mas enjoa sabe, você quer arrumar outro lugar, e esse negócio de conviver num mundo onde tem muito homem, é um ambiente machista.

Para concluir, constatou-se que os conflitos presentes no trabalho vão ser deslocados para as relações familiares, ocasionando práticas de violência das futuras gerações.

As desigualdades da presença feminina no mundo do trabalho

O acesso e a participação das mulheres a partir das três últimas décadas passadas no mercado de trabalho aumentou consideravelmente. Porém, o ingresso das mulheres e dos homens não segue a mesma dinâmica e percurso e nem lhes garante o mesmo lugar/posto/função. Além disso, a própria motivação para a busca de trabalho, em certos casos, se diferencia, como aponta o depoimento a seguir:

Quando eu terminei meu segundo grau, estudante, logo em seguida eu me casei, e daí me casei com aquela idéia de que a mulher só precisava casar, cuidar dos filhos, ser boa esposa, meu pai, né, já tinha já colocado isso na mente, influenciado assim, que filha dele não precisava trabalhar, e o esposo da mesma forma, né: hah, mulher minha não precisava trabalhar, o meu salário é bom, eu consigo sustentar, sem problema. Daí, eu comecei questionar: é só isso? E aí eu falei: não, eu quero trabalhar fora, eu quero ter uma renda, de alguma forma eu quero ter um trabalho. E aí, eu consegui convencer o esposo de deixar eu trabalhar. Aí eu fui e comecei a procurar,

assim, um trabalho em relação com o estudo, meu nível foi técnico e, economia doméstica, e eu procurei em área de hospital como auxiliar de nutrição e tudo, mas não consegui. Aí, nessa mesma época que eu estava procurando aí surgiu a inscrição para esse concurso, aí meu esposo falou: bom já que você quer um trabalho, já que você vai trabalhar mesmo... Eu falei: Vou. Não importa o que eu vou fazer, eu vou trabalhar. Então o marido: Então faça esse concurso que pelo menos é um salário bom. Na época ele era um salário muito bom para mim, que não tinha tido nenhuma renda até aquela data, era ótimo, mesmo! Aí eu fiz, me inscrevi e fui passando, até chegar aqui. Essa decisão de ingressar na polícia, começou por um certa insegurança em minha vida, no casamento e na minha vida no todo, sem saber se ia acontecer como aconteceu com meu pai, separou-se da minha mãe, ela com 30 anos de casada e ela ficou a ver navios. Daí eu comecei a pensar: se meu esposo se separasse de mim? O que que eu ia fazer? Eu vou correr atrás do marido pedindo pensão alimentícia? É isso que eu quero? Aí eu comecei a questionar comigo mesma. Não eu não quero isso, eu quero ter uma coisa palpável, estável, uma situação que eu não dependa tanto de um homem para sobreviver, eu e meus filhos, então eu comecei a me questionar o que eu queria para mim. Eu não dizia: eu quero ser policial. Não tinha isso, eu queria trabalhar, certo. Mas, quando nós fizemos o psicotécnico, eu já tinha uma noção do que era ser um Agente Penitenciário, o que eu faria aqui.

Mesmo com o processo de desnaturalização da categoria de mulher e de homem, a partir de sua heterogeneidade interna - pois são perpassados por vários tipos de pertença e de estatutos (jovens-idosas; brancas-não brancas; com filhos-sem filhos; ricas-pobres, entre outras) - romper com estas categorias monolíticas, encerradas em si mesmas não está sendo fácil. Todas, de maneiras próprias, interferem na dinâmica e na cultura de como é pensada e de como funciona a relação homem-mulher nos espaços de trabalho. Certamente o peso histórico das representações sociais não deve ser menosprezado quando se trata de discutir essa relação ainda vista como de dependência. O lugar do homem e da mulher na sociedade em geral e na esfera do trabalho em particular foi definido pela diferença e separação dos espaços de ação. O que ainda persiste dessa construção histórica? Como se manifesta essa herança na divisão sexual do trabalho ?

Em outras palavras, passaram a surgir modos para diferenciar ou distinguir – material e simbolicamente – não somente os homens e as mulheres, mas também diferenciar a *maneira* como as mulheres e homens se inserem nas relações de trabalho, de como constróem seus itinerários sócio-profissionais, seus destinos ocupacionais almejados e alcançados, assim como os padrões salariais que lhes são

destinados e as expectativas profissionais construídas entre os assim designados homens e mulheres.

As mulheres, mesmo com mais anos de escolaridade, não vivenciam a igualdade de oportunidades e a segurança de eliminar as marcas da segregação – ocupacional, salarial e simbólica – garantindo a almejada condição de equidade na esfera pública. As desigualdades são extensivas aos rendimentos, aos padrões de inclusão. No caso das Agentes Penitenciárias estas também apresentam elevados níveis de escolaridade.

A distribuição sexuada do trabalho

No geral, as mulheres ainda continuam a ocupar empregos cujas características lembram, freqüentemente, aquelas realizadas no contexto familiar-doméstico, seja pelo tipo de atividade concernida, seja pela natureza dos postos/funções de trabalho exercidos, o que se repete nas prisões. Mais o trabalho se assemelha aos atributos do trabalho doméstico, mais o trabalho será feminizado. No caso da prisão, trata-se da assistência social e dos cargos de administração, etc. A primeira característica da divisão do trabalho doméstico é de se caracterizar/inscrever em um contexto de “disponibilidade” próxima aos serviços familiares. Constata-se que os trabalhos relativos – ao cuidado de crianças, adultos e idosos doentes, como dos empregos domésticos, são praticamente exercidos pelas mulheres. Fenômeno extensivo aos países desenvolvidos como a França, no qual 80% (1990) do setor de serviços é exercido por mulheres. Jornais nacionais anunciaram recentemente o aumento da presença das mulheres no mercado de trabalho. Onde? Em que atividades? No setor de serviços domésticos com os salários inferiores ou mesmo em outros serviços também com salários inferiores. A inserção das mulheres nos trabalhos ditos mais “feminizados” parte da própria vontade de algumas delas, inclusive das Agentes Penitenciárias. A seguir, temos um trecho bastante elucidativo em relação a esta questão:

Trabalhei na assistência social no começo da minha carreira por 10 anos. Nesse período conversava muito com presos(...). O que me atraiu mais em ser Agente Penitenciário também era que eu podia fazer talvez alguma coisa, eu tinha muito um lado social, até hoje, muito fluente em mim. Então, eu imaginava: lá tem Assistente Social? Eu perguntei. Tem pra atender os presos, a dificuldades da família, falei: bom, então eu já posso me encaixar nisso aí, porque isso ai eu gosto de fazer, é uma coisa que eu me sinto bem fazendo alguma coisa para alguém(...).. Eu não tinha essa vontade de sair pra rua, (...) escolta, sair, já fui, já fiquei no plantão, mas eu nunca tive, assim, essa ansiedade por operacional (...) Eu consegui ficar no expediente e consegui ficar no serviço social desde o estágio que Agente faz uns dias antes de assumir(...) Me identifiquei bem com o serviço e falei do meu desejo pra o diretor, pro pessoal. Quando cheguei, e fui locada exatamente no serviço social, fiquei 10 anos trabalhado lá. Depois eu passei pra outra seção que é essa de hoje, no “Arp”(Arquivos e Prontuários) (...). Não fiz concurso para Agente de Polícia não não me afinava com aquela coisa de rua, de correr atrás de bandido, aqui pra mim eu achei que eu poderia dar mais de mim, dar mais alguma coisa além de prender(...) já estavam presos, então eu podia tentar fazer a parte que deve ser, que é reeducar, e nessa área quando eu trabalhei no serviço social eu contribuí bastante, eu sinto que eu contribuí, porque pra família deles, com eles, então eu sinto que eu fiz muito. Foi muito bom!

Outro elemento de clivagem ainda persistente entre homens e mulheres é tanto em relação à formação como em relação às profissões tecnológicas. A divisão sexuada do acesso às tecnologias é fundada sobre a relação remetida à natureza, definida, diferentemente para o masculino e o feminino. A submissão para as mulheres não ocorreria apenas pela dominação dos homens, mas pela condição do feminino ligado à natureza que fundamentaria a condição de exclusão das mulheres da legitimidade tecnológica. Por exemplo, nas instituições Penitenciárias é mais comum se observar o porte de armas pelos Agentes masculinos enquanto que as mulheres Agentes, em geral, se recusam a portar armas. Ora, uma das clivagens mais discriminatórias entre as profissões masculinas e femininas repousa sobre a tecnologia reconhecida da profissão. Portanto, trabalho mais qualificado = ao masculino, cuja associação ancestral remete ao homem como portador da lógica e da cultura, enquanto que a mulher da natureza.

Outra dificuldade reside no reconhecimento das qualificações para os serviços das mulheres e dos homens. Uma de nossas entrevistadas nos relatou um aspecto bastante interessante deste reconhecimento por parte dos próprios internos:

Quando trabalhei direto com os presos, eles não me atendiam. Quando fazia a chamada, eles não respondiam Só porque sou mulher. Aí quando veio o chefe de lá e gritou o nome dele (preso), ele rapidinho apareceu , entendeu? Aí eu falei: hah, tá de graça com a minha cara, né!? Se você continuar vai pro castigo(...) Vai pro castigo fica numa cela. A cela do castigo é sem sol, sem banho de sol, num recebe a comida (...) o tempo, depende da infração(...)Ah, uns dois dias, um dia. É o chefe daqui, que coloca ele no castigo. Os presos nos ameaçam porque somos mulher: caso eles venham a fazer alguma coisa contra a gente igual acontece aqui muito de ameaçar: Ah, quando eu sair daqui eu faço isso ou aquilo! Então, aí você vai à delegacia faz uma ocorrência, entendeu, que tá sendo ameaçada. Mas também existe as regras daqui do presídio que se ele tentar fazer, se ele transgredir, as leis do presídio, ele vai pro castigo, tem um castigo. (...) E quando eles assobiavam e gritavam eu sentia medo, não vou mentir não, eu senti medo. Agora, aí, depois que a gente veio trabalhar definitivo aqui, já não mais. Comecei a trabalhar, aí você vai lidando com a coisa. Não é o melhor lugar do mundo pra trabalhar, mas a gente vai se adaptando, né?

À diferença dos empregos industriais, os empregos na área de serviços mobilizam, ao lado das competências técnicas/tecnológicas, competências pessoais que são difíceis de serem mensuradas, uma vez que estas competências não passam apenas pela objetivação e formação do diploma, mas passam pelo processo de socialização e pela experiência individual e coletiva da/o trabalhadora/r. Daí as competências consideradas femininas adquiridas na esfera privada-familiar na prática das funções domésticas são percebidas pela “cultura organizacional” e pelos próprios trabalhadores como sendo “qualidades naturais”, vinculadas à identidade pessoal e feminina e que acabam por não ser consideradas para uma relação salarial. No caso das Agentes, embora ingressem na profissão sob o mesmo processo dos Agentes masculinos (concurso público) e receberem as mesmas condições salariais, isso não lhes garante uma condição mais equitativa no universo prisional.

Portanto, encontra-se aqui uma oposição entre o pólo das representações sociais que associa a subordinação da tecnologia e da natureza ao masculino e aquele que conjuga o natural e a submissão à natureza ao feminino. Se a tecnologia, enquanto tal, simboliza um poder sobre a natureza, é associada ao masculino e ao trabalho qualificado; portanto, os serviços , definidos pelo relacional, são excluídos

de uma representação em termos da tecnologia e são vistos como pertencentes a um universo de trabalho onde são solicitadas qualidades inerentes à natureza feminina.

Reapropriação do espaço-tempo como elemento de um processo de subjetivação

As relações masculino e feminino para com o uso do tempo e com o espaço prisional revelam lógicas diferentes, senão opostas, pois são o produto de uma socialização marcada pela divisão sexual dos “papéis”, desde a socialização primeira. Por causa dessa socialização específica, pressupõe-se que a mulher detém/mantém uma relação “privilegiada” ou “própria” com o espaço privado. Mas ela está associada a esse espaço a partir de um quadro bem preciso da vida familiar. É responsável, ainda, por uma função social, a de mãe de família conectada à reprodução, aos cuidados com o corpo e com a criação do bem-estar, ao qual é vinculada/associada ou está ligada necessariamente; não como sendo um indivíduo isolado. Fora desse contexto a mulher perde essa função pela existência do modelo de apropriação do espaço e do tempo no qual ela foi socializada. Ela aprendeu menos a habitar o lugar do que mais a torná-lo funcional e confortável para permitir aos seus melhor habitá-lo. Ela é responsável pelo espaço doméstico em sua totalidade, mas é geralmente privada do prazer de possuir um tempo só para si e seu tempo é largamente assujeitado a ser consumido em função dos interesses do grupo familiar-doméstico. Podemos assim perceber na elucidativa entrevista abaixo:

Aqui é diferente. No trabalho, sempre tudo foi muito tranquilo, tanto aqui quanto em casa, mesmo porque eu em relação ao trabalho assim, muitas das coisas passam aqui por mim e eu vejo assim, trabalho como uma coisa que tem que fazer, uma coisa que você gosta, mas não é o principal na minha vida, o que mais me marca são as pessoas entendeu, então gosto o que mais marca são as amizades que eu fiz tanto num emprego quanto em outro, o emprego, o trabalho mesmo em si, passa sabe, igual aqui às vezes vem um colega e fala: não, porque a história do preso é a sua história. Não, minha história não (...). Aqui é diferente, aqui você tem que se acostumar com o alarme tocando, com a sirene tocando, é confusão, é a briga no pátio, eu já peguei na época da rebelião que teve aqui em 2001, eu estava aqui né, então são coisas que marcam, fiquei muito tempo fazendo aquela descida ali do S, antes de descer pro presídio, vendo a mesma cena do dia da rebelião sabe, então isso marca. Até foi na época, aí um tempo depois eu tirei férias, aí quando eu tirei férias voltei mais tranquila sabe, não que aquilo ficasse me incomodando, mas que lembrava sabe, quando você olha

pra uma coisa e lembra, se lembra assim, mas depois tranqüilo, no dia, na época também, hoje você vai acostumando com o serviço sabe, às vezes toca a sirene eu sou muito mais fria em relação a isso sabe, tem que fazer o que tem que fazer, ah vai lá, vai entrar no pátio, quando eu tava na GPOE, então o pessoal vai entrar no pátio, isso é uma coisa meio que automática sabe, você não funciona [palavra inaudível], diminui um pouco aquela adrenalina toda sabe, vai acostumando. Eu acho a polícia um ambiente machista, não só na escolta, mas a polícia em si é, mas lá tem aquela coisa, como você vai escoltar um homem, que aqui a maioria dos presos são homens, você não vai escoltar mulher, então era sempre necessário que houvesse sempre um homem perto, como se a mulher não é capaz de levar um homem ali e voltar, então sempre tinha uma mulher e um homem, e muitos colegas às vezes confiavam em você porque sabiam que o seu serviço era de qualidade, bem feito, e outros não, sabe, aquela necessidade de ter que estar te protegendo também sabe.

Portanto, mesmo quando a Agente mulher assume as funções em condições mais próximas em relação ao Agente masculino há, no geral, a persistência em mantê-la como subordinada, simbólica e materialmente, ao domínio masculino.

CAPÍTULO 8

8. Mulher de bandido: análise extra muros da Papuda

Durante o percurso que leva à penitenciária masculina de Brasília, o acampamento de mulheres que visitam semanalmente os detentos nos chamou muito a atenção. Em vinte e quatro entrevistas realizadas no período entre treze de Abril e trinta de Junho procuramos investigar um terceiro lado do discurso sobre a vida no presídio. O lado de quem visita semanalmente quem lá está preso e tem contato direto com quem trabalha no presídio.

Para isso, estivemos várias vezes no acampamento perguntando sobre sua rotina, sua visão de como se relacionam com as/os Agentes Penitenciárias/os e de como esses Agentes se relacionam com o preso. Perguntamos também sobre o que observam quando estão no presídio e dos relatos dos detentos. Além de entrevistas gravadas, passamos praticamente uma madrugada inteira acompanhando o seu trajeto até a entrada do presídio.

Torna-se imprescindível destacar que a análise a seguir fundamenta-se nas crenças que permeiam os discursos das entrevistadas, sustenta-se na representação que a figura da/o Agente Penitenciária/o ocupa no imaginário da família dos internos. Vale também comentar que essa imagem pode ter sido exagerada em algumas características, diversas questões poderão ser contestadas. As entrevistadas inicialmente nutriram em nós, as/os pesquisadoras/es, a expectativa de melhorar suas condições tanto nas quais se encontravam no acampamento quanto a de seus parentes. Já que registrou-se em suas falas um certo tom apelativo de caráter emocional e denunciativo, expectativa essa que depois fracassou quando perceberam que o objetivo de nossas visitas era apenas de coleta de dados, somente compreender a situação em que vivem elas e seus companheiros presos. A percepção negativa em relação às condutas das/os Agentes, presente no discurso da maioria das

entrevistadas, deve ser entendida dentro do contexto em que estas mulheres estão situadas. Não é apenas a voz de um familiar que se compadece de seu parente preso, mas a voz de mulheres que por visitarem o marido/irmão/filho sistematicamente também acabam por se submeter à autoridade das/os Agentes e conseqüentemente incorporam o disciplinamento típico de uma instituição penitenciária. Soma-se a esse fator as entrevistadas mostrarem-se reticentes, com certa desconfiança, com medo que qualquer relato pudesse recair em represália aos seus maridos.

Para os familiares dos presos da Papuda, o dia da visita é muito penoso. As senhas para o acesso ao complexo distribuídas às quatro da manhã dos respectivos dias, de acordo com a ordem de chegada. Visando passar o maior tempo possível com seus entes encarcerados, as visitantes acampam nas redondezas da Papuda um ou dois dias antes do dia da visita, que ocorrem às quartas e quintas. O horário estabelecido para a distribuição das senhas dificulta a visita, como foi relatado pelos entrevistados:

Agente vem pra cá porque tem que dormir aqui, né, pra pegar a senha pra entrar amanhã nove horas da manhã. Isso é um ABSURDO, né! Acho que num precisava ser assim, né! Tinha que vir mais cedo, quem chegasse mais cedo, pegasse a senha, né, fosse embora pra casa e voltava no dia seguinte. Agora não, agora eles dão a senha quatro horas da manhã, você pode chegar aqui de manhã na quarta-feira oito horas, você pode chegar aqui oito horas tem que esperar até no outro dia pra entrar porque eles entregam a senha quatro e meia da manhã, né, e isso é ruim pra gente.

Tem gente que chega aqui numa terça-feira né, porque é muito difícil você pegar uma ficha baixa, uma senha baixa né. Pra você visitar, se você chegar aqui 4 horas da manhã já tem bem umas 300 pessoas na sua frente, então pra você garantir um número baixo pra você permanecer mais tempo com o pessoal que tá lá dentro, o familiar seu que teja lá dentro, então é melhor chegar aqui e dormir, igual nós tamos dormindo aqui. Eu cheguei hoje só vou sair amanhã à tarde.

O controle da chegada é feito por meio de um caderno de anotações. Conforme as visitantes chegam, anotam seu nome. Antes elas acampavam no balão de entrada do complexo Penitenciário. Alegando ser uma área de segurança, a polícia determinou que elas acampassem fora dali. O local escolhido foi o balão de São Sebastião, situado a cinco quilômetros da entrada do presídio. Entretanto, durante o andamento da pesquisa os familiares foram removidos para um outro local, o qual

não identificamos. Os motivos das mudanças do local do acampamento também não foram satisfatoriamente esclarecidos, como comprovam os depoimentos colhidos a respeito:

Antes a gente ficava lá. Antes a gente ficava lá. (aponta para um local mais próximo da Papuda). Eu não sei o que que aconteceu que eles agora proibiram de ficar carro lá, bem perto do presídio, entendeu, e de a gente armar nossas barracas lá. Eu não sei o que que aconteceu porque diz que por causa de um todos paga, né. E nós tamo pagando agora, nós tamo aqui nesse relento, nesse meio de mato aqui, com esses carro passando por aí buzinando a gente, esses cara assediando a gente. (fala com um pequeno tom de revolta)

E - E por que vocês saíram daquele lugar onde vocês ficavam lá?

R - Porque lá eles disseram que é área da Papuda, e se tivesse, se acontecesse alguma coisa, por algum motivo acontecesse alguma coisa com alguma de nós, responsabilidade era deles, então eles não queriam essa responsabilidade pra eles.

E - E como é que foi o processo de pedida de retirada de vocês de lá? Eles chegaram conversando? Como é que foi?

R - Só conversaram, pediram, falaram que tinham arrumado um outro local, aí, eh, uns 300 metros né, da onde nós estávamos eles, eles botaram de novo, aí lá chegaram e falaram que ainda era área da Papuda, não podia continuar lá, aí tinha que ser aqui no trevo. Aí nos viemos pra cá e aqui nós estamos.

E - Como é que aconteceu essa transferência de vocês de lá pra cá? Foi uma determinação da própria, do pessoal da penitenciária?

R - Do coronel do presídio.

E - É? Como é que eles fizeram?

R - Simplesmente chegaram e mandaram a gente vir pra cá, falou que não podia ficar lá.

E - Mas não foi preciso usar força?

R - Não. Simplesmente mandou a gente vir pra cá e sem justificativa sem nada. Falou que lá é horário do presídio e que lá não podia ficar.

As condições das visitantes são precárias. O acampamento não conta com iluminação e elas não possuem segurança alguma. Não há estrutura. As que não possuem barraca ficam ao relento. Conforme declarou uma entrevistada:

É ruim, aqui voce passa fome, passa frio, se tiver/quem tem barraca ou quem tem carro fica dentro do carro e quem não tem/e quem fica a pé, é ruim, né, pega chuva, pega sol, pega isso tudo, fora as humilhação que a gente agüenta lá dentro também.

Quando a gente também tava dormindo lá embaixo, pegava a senha lá embaixo, tirou o pessoal de lá dentro de lá e botou aqui nesse lugar aqui. PERIGOSO! Minha filha, diz que até tem tarado aqui, tem até um homem

vigiando e às vezes a gente fica sem segurança, NUM TEM SEGURANÇA NENHUMA!. Num tem escoltamento. Num tem escoltamento NUM TEM ESCOLTAMENTO de nada aqui.

Quando anoitece o acampamento já está cheio. Por volta de nove horas da noite um policial visita o acampamento para conferir as identidades e o caderno de anotações, e a partir dele organizar as senhas, que serão distribuídas de madrugada, na guarita de entrada do complexo Penitenciário. A má organização do sistema de distribuição de senhas é evidente, tanto que as próprias visitas elaboram um esquema próprio de organização:

R2: *A gente faz uma lista, a gente faz uma lista, anota o numero da identidade, aí quando é quatro horas da manhã o policial pega uma senha ali, aí a gente vai, anda daqui até o presídio, pra trocar, pegar outra senha, tem gente que não tem condição, não tem carro desce de pé até o presídio, então você vê a distância daqui até o presídio, da fiscalização até o presídio, é muita coisa, é muito longe, tem gente que não tem condição.*

R3: *Não/ a gente/ eles aqui dava a ficha pra gente nove horas, depois de nove horas passou pra cinco horas. Cinco horas da manhã. A gente tem que descer DE PÉ aqui, descendo direto, pra chegar lá e pegar a senha. Dá cinco horas, aí cinco horas a gente tem que ficar lá na fila, ficar esperando pra poder pegar a senha seis horas. Ainda ESPERANDO, espera naquele sofrimento, naquele FRIOZÃO.*

E: *Por isso que vocês têm que dormir?*

R4: *A gente fica aqui, entendeu, aí o Agente marca um horário pra poder distribuir uma pequena senha de papel, né, aí a gente anota o nome, entendeu, no caderno pra poder organizar o tanto de gente que tem. Aí ele chega, a gente organiza a fila, eles dão a senha pra nós, a gente já tá garantida que vai pegar a senha azul lá na frente, perto da Cascavel, entendeu, organizada já, já tá organizada, tá garantida com o papelzinho, aí quando a gente pega já fica de boa, né. Aí, por exemplo, meu número hoje é 86.*

Os homens que visitam seus parentes são privilegiados na entrada da visita. Devido ao fato de serem poucos, não precisam acampar e pegam a senha na entrada do presídio, sem precisar passar pelo penoso processo que as mulheres enfrentam. Os desentendimentos entre as visitantes eram frequentes antes de existir esse sistema de controle da chegada de senhas, pois muitas desrespeitavam a ordem de chegada.

As visitantes sofrem o estigma de mulheres de bandido. A humilhação é um fenômeno constante durante todo o processo da visita, podendo ocorrer de várias

formas. O próprio acampamento, situado à beira de uma pista, expostas a constrangimentos verbais incentiva este estigma:

R1: E nós tamo pagando agora, nós tamo aqui nesse relento ,nesse meio de mato aqui, com esses carro passando por aí buzinando a gente, esses cara assediando a gente

R2: Ainda dizendo ousadia. Ainda passam...

R1: Xingando palavrão.

R2: Chamando TROPA DE BANDIDA. É TUDO A GENTE GÜENTA MINHA FILHA.

A caminhada de madrugada desde o acampamento até o complexo Penitenciário também é muito desgastante, tanto física como psicologicamente. Elas percorrem cinco quilômetros, a maioria delas a pé, por volta das três horas da madrugada.

O contingente feminino de visitantes é muito maior. Visitam os presos suas mães, irmãs, esposas e namoradas. Enquanto que no presídio feminino, em sua maioria, as mães e as irmãs visitam as detentas. O percentual de homens visitantes na Comeia é inferior a dez por cento do total. As mulheres internas costumam iniciar sua estadia no NCFB (Núcleo de Custódia Feminino de Brasília) recebendo visitas constantes. Mas com o tempo as visitas vão diminuindo, principalmente se a pena for grande. Isso já não acontece na Papuda. Pudemos verificar, no NCFB e na Papuda, que as visitas aos homens são assíduas e suas visitantes se dizem dispostas a acompanhar o companheiro durante toda a pena - mesmo que esta seja grande - visitando-os toda semana.

Apenas três homens foram encontrados durante as visitas ao acampamento. Isso pode ser analisado baseado na questão de que são as mulheres as que possuem sentimento de devoção pela sua família, pois estão associadas à criação da prole, à manutenção do lar e são vistas como o símbolo de união e estabilidade deste. O mais impressionante é o fato de que a maioria das mulheres que visitam os maridos na Papuda disseram que se fossem elas que estivessem presas, os maridos nunca as visitariam:

Mesma coisa se você chegar no presídio feminino, é a mesma coisa, se você contar no dedo os homens que tem lá você não vai achar namorado, vai achar irmão, pai, mas namorado não é não, são poucos. Oh, eu acho muito guerreiras as mulheres que vem pra cá sabia, que soubessem disso aqui, porque homem nenhum faria o que uma mulher tá fazendo por eles. Nenhum, eu não me iludo não dele, se o meu namorado saísse de lá e um dia eu parasse na Comeia, duvido se ele ia me visitar, vai né.

Segundo a diretora Sandra do NCFB, em entrevista para a pesquisa *Perfis Profissionais dos Agentes Penitenciários do Distrito Federal e Goiás*:

Quando o homem é preso, a sua mulher, ela vai lá até ele ser solto. O homem, quando a mulher está presa, ele vem uma, vem duas, daqui uns dias ele já arrumou outra família, já largou os filhos lá na rua, na mão de quem quer que seja. Ela presa aqui, ela põe as mãos na cabeça e diz 'meus filhos, eu presa aqui, meu homem foi embora, tá com outra, meus filhos tão com a vizinha, meus filhos tão com não sei quem'. Isso é fato.

Da Relação dos Familiares com Agentes

A imagem que os familiares dos detentos constróem sobre as/os Agentes Penitenciários pode ser melhor compreendida quando explora-se a imagem que possuem de seu parente preso. Em geral elas não dizem que ele é inocente, mas evitam falar do motivo pelo qual ele está preso. É um assunto silenciado, apenas mencionam o tempo da pena, as condições nas quais eles estão vivendo etc. O fato de ter cometido um crime é retratado implicitamente, com muitas reservas, como alguém que errou, que cometeu um delito ocasionalmente, porém que quer e está tentando mudar.

Diante dessa imagem de seus maridos, as entrevistadas definem as/os Agentes Penitenciárias/os como alguém que coloca barreiras a essa mudança, não as/os vêem como um possível parceiro nessa ressocialização. Caracterizam a relação detento-Agente Penitenciária/o como uma relação entre coitados e inimigos em constante oposição: maridos que esforçam para ter um bom comportamento e Agentes que fazem de tudo para prejudicá-los.

Os familiares não enxergam alguns procedimentos de rotina como medidas necessárias para segurança.

E - Você acha que a revista contribui pra melhorar a segurança lá dentro, pra não deixar entrar droga, arma?

R - Não, porque entra.

Essa dimensão da segurança parece ausente da mente dos familiares, visto que mencionaram que os motivos de punição disciplinar, muitas vezes são desnecessários. Para eles, as/os Agentes por questões mínimas exortam ou punem os detentos. Assim em situações que na lógica da/o Agente Penitenciário encontra-se a razão da segurança, vigiar e controlar os mínimos detalhes, na dos familiares dos detentos está a do conflito pessoal, a da implicância, a da humilhação e a do exagero. Essa interação é entendida no nível da moralidade e da ofensa pessoal:

R1: Invocam com a sua cara, sem pra quê, sem quê e pra quê.

R2: É bronca, é porque não vai com a cara.

R3: Exatamente. Acho que não vai com a cara.

Inclusive a palavra humilhação foi a mais recorrente em todas as entrevistas. Elas vêm tanto a relação da/o Agente com o detento quanto com a família como sendo de constante humilhação:

R - É a impressão que a gente tem é de humilhação o tempo todo, O TEMPO TODO tanto pra gente como pra eles que ta lá dentro.

R - Tudo que a gente faz aqui é constrangedor. Ninguém vem aqui porque quer, isso aqui não é um parque de diversão. Infelizmente a gente tem que se submeter a isso aqui pra visitar uma pessoa que a gente gosta, um familiar que ta aí dentro. Infelizmente, porque eu não desejo isso aqui pra ninguém. Se fosse por mim eu não estaria num lugar desse aqui, sinceramente você entendeu. Nunca, nunca eu queria ta num lugar desse aqui.

R - Posso morar debaixo da ponte e você morar numa mansão no Lago Sul, a gente passa a mesma humilhação de ter que ir visitar, todo mundo é a mesma pessoa aqui, tá na mesma situação. Só muda os crimes dos artigos né.

Algumas também afirmam que os parentes sofrem maus tratos. Quando questionadas como agiriam se fossem Agentes Penitenciários, afirmaram que

executariam seu trabalho principalmente baseado no respeito tanto para com os detentos quanto com os familiares.

E - O familiar de vocês já relatou alguma situação de, por parte dos Agentes, de agressão, o que eles já falaram sobre isso?

R - Eles batem.

R - Tira a roupa, molha eles.

R - Deixa eles pelado no pátio

R - Já, nossa, eles apanham direto, eles bota eles pelado um atrás do outro debaixo do sol quente, bate neles.

Segundo a maioria das entrevistadas, muitos Agentes não fazem distinção entre o preso e o familiar ou a esposa que está visitando. Tratam os familiares como tratam os presos. A princípio, os familiares que visitam os presos são vistos como parte de uma família que não conseguiu manter um de seus integrantes longe da marginalidade.

R - Toda família também é, tem que pagar junto entendeu. Se você matou a família inteira também é assassina, pra eles, eles tratam desse jeito entendeu, eles tratam de igual pra igual.

Eles são muito arrogantes. Lá são. Bastante. / A gente quase não pergunta, a gente entra calada, sai calada. [trecho inaudível] É aquela, clima de desconfiança, assim, né? É, fala alguma coisa assim que humilhe vocês ou ... Tem o olhar deles, né? O olhar já diz tudo, né? [trecho inaudível]

Neste sentido, a família é responsabilizada pela culpa (que não necessariamente é dela), pelo “desvio” de um de seus membros. Ao mesmo tempo em que a família é vista como culpada por “deixar” um de seus membros se envolver no crime, o fato de os internos receberem visitas é visto como um ponto positivo para eles.

Se por um lado a família é compreendida pelos Agentes sob a perspectiva de ser o maior incentivo a ressocialização do detento, por outro os familiares, quando classificam o tratamento da/o Agente como rude, humilhante, sentem que estão sendo punidos também junto com seu familiar. O parente do preso acredita que o Agente o vê com desconfiança, como também sendo um criminoso. Segundo os relatos de duas entrevistadas, ao descrever a relação delas com as/os Agentes:

R1: Vejo como uns DEMÔNIO, quando a gente chega lá já fica com MEDO, entendeu. Quando eles chega assim de moto todo mundo já fica apavorado: lá vem os CAPETA DE PRETO porque eles já chegam gritando, tirando todo mundo: “BORA AJEITA ESSA FILA AÍ”, não sei o que, como se a gente fosse BANDIDO também. A gente não é bandido!

R2: Só sei que mulher de preso pra eles é BANDIDA também! É BANDIDA

R3: Porque a gente ta lá com os preso, mas pra eles nós somos LIXO igual os preso lá dentro, nós não somos ser humano não. MULHER DE MALANDRO, NÃO PASSA DE MALANDRO pros Agente.

Eles faz de PROPÓSITO, eles faz DEMORAR, DEMORA, e quanto mais demora melhor pra eles, entendeu. QUANTO MAIS HUMILHAR A GENTE MELHOR PRA ELES! Aí eles grita no microfone: “VAMO FAZER SILENCIO! Vamo fazer silencio que aqui NÃO É A CASA DA MAE JOANA NÃO, entendeu! Se vocês não calar a boca eu vou ACABAR COM A VISITA AGORA! “Aí as mulher dos preso TUDINHO fica CALADINHA. Por quê tem que visitar, né, os preso PRECISAM DELAS E ELAS DELES. MUITO TRISTE, MUITA HUMILHYAÇÃO!

Outro aspecto a se destacar é que tanto as/os Agentes como os familiares crêem que o apoio da família é imprescindível para a ressocialização. Receber visitas é entendido como atestado de moralidade do detento e um indício de sua possível recuperabilidade.

R - Se a gente não vem eles vão falar bem assim: Olha, essa pessoa não presta nem a família não gosta. Então nós não pode abandonar. Acaba a visita do preso já é um ponto pra ele, porque no caso do meu marido tem quatro visitante, vem os quatro, ali eles já vê que ta todo mundo... . Se não vem ninguém eles: ah, aqueles ali ninguém quer saber.

Os familiares reclamaram muito do dia da visita, que por ser em um dia de semana não é apropriado, pois é uma dificuldade para quem trabalha visitar o parente, e muitas afirmaram não poder arrumar emprego devido às visitas serem durante a semana.

A/O Agente Penitenciária/o trabalha mais no dia da visita do que em qualquer outro dia. Propenso a exercer sua autoridade de forma arbitrária, trata os familiares como se fossem criminosos. O fluxo intenso de pessoas durante a visita compromete a segurança. A tensão e o estresse aumentam, o que desgasta muito as/os Agentes, visto que o próprio mecanismo de poder configurado na exigência de uma vigilância coextensiva a todas as atividades é ameaçado. Para os presos que têm visita, esta é a

oportunidade de manter algum contato com o mundo exterior e receber notícias, além de receber a Cobal.

A seguir destacam-se duas questões, principais focos das entrevistas.

1) A revista:

As entrevistadas sentem que a humilhação é explícita principalmente no momento da revista. Já na fila para entrar na sala de revista o tom de voz de alguns Agentes torna-se agressivo. As entrevistadas se sentem desmoralizadas. Os xingamentos por parte das/os Agentes ocorrem com frequência, conforme declarou uma entrevistada:

R - Ah, seus bando de débil mental! Vocês não tão vendo o carro, não!? É o maior/ cada nome que ela fala com o pessoal, que né, a gente fica até sem jeito porque eu acho que todo mundo ali é um ser humano né.

A maior parte dos Agentes não faz distinção entre as visitantes que estão com intenção de levar produtos ilícitos e as que querem somente visitar seus entes. De acordo com uma delas:

Não, o negócio deles, aí, o negócio deles é a LÍNGUA, entendeu, o negocio deles é IGNORÂNCIA, eles num quer saber de nada não, quem é, quem deixa de ser, só sei que mulher de preso pra eles lá é BANDIDA também! É BANDIDA! Ainda mais que eles ficaram sabendo de uns troço aí, de umas mulher que tava mexendo com droga lá em cima.

A mulher tem de tirar toda a roupa, agachar três vezes ou mais sobre um espelho com o intuito de verificar se portam algo dentro do canal vaginal. Segundo as entrevistadas, além de ficarem nuas ser muito constrangedor, muitas Agentes gritam e xingam, tornando o processo ainda mais embaraçoso.

R1-A revista é mais, assim, é, como é que se diz? É mais humilhante que tem, né? Que no caso a gente tem que tirar a roupa toda, tem um espelho, a gente tem que abaixar de frente pro espelho três vezes, no caso, se elas desconfiarem, aí tem que abaixar até mais.

R2- É [trecho inaudível] mas é muito constrangedor e por isso muitas pessoas não vêm e tem assim mó preconceito com

R1- Com cadeia. As pessoas falam: “ah, eu não vou ficar pelada na frente de não sei de que, por causa disso, tem que tirar a roupa” É humilhante sim, mas a gente tá aqui, pelo, eu acho assim, pelo amor mesmo. Por outra coisa a gente não tava aqui, não

Quando as Agentes suspeitam que uma mulher leva droga no interior do corpo, por denúncia anônima ou por desconfiança, ela é levada ao IML para fazer exames. Confirmada a suspeita, a prisão é imediata. Se não confirmada, um bom tempo da visita é perdido, ou mesmo a visita inteira. Apesar da revista ser um processo constrangedor, muitos familiares concordam que é necessária, pois admitem que muitas visitantes levam drogas para seus companheiros.

As visitantes podem levar a Cobal que contem um conjunto de seis frutas que não sejam cítricas, pois segundo as/os Agentes os presos fermentam frutas cítricas para produzir álcool dentro da prisão. Entram também biscoitos de água e sal, produtos de limpeza, higiene pessoal em embalagens plásticas transparentes e uma quantia determinada de dinheiro, que pode ser usado para a alimentação na cantina da prisão como alternativa à comida que é distribuída lá dentro, ou para pagar dívidas adquiridas na prisão por vários motivos, entre eles, drogas. De acordo com os relatos das entrevistadas, a cantina do presídio vende alimentos, refrigerantes e outros por preços muito caros.

R - A comida que vem azeda. Já teve barata dentro da comida sabe, quem tem condição, quem tem mais condição a família tem condição ainda se vira sabe, vende as coisas aqui na cantina, são mais caros que na rua, mas quem tem condição ainda se vira sabe, compra um miojo, faz alguma coisa assim. Mas e quem não tem? Como é que vive aqui dentro comendo comida azeda, é obrigado a comer comida azeda entendeu.

As frutas são cortadas, bem como o sabonete ou qualquer outro produto que levante suspeita. As facas que cortam as frutas são as mesmas que cortam o sabonete. Observa-se que os familiares entendem esse procedimento muito mais ao nível da ofensa moral do que na lógica da segurança. Sentem-se feridas em sua individualidade.

Calçados, lençóis e roupas para os presos entram esporadicamente. Além disso as visitantes não podem entrar com roupas amarelas, pretas ou marrons. Só são

permitidas roupas claras. Isso se deve, segundo as/os Agentes entrevistadas/os, à segurança no presídio, pois se um preso estiver usando as cores da polícia – preto e amarelo - pode confundi-los. Brincos, relógio, salto alto, tênis, saia e roupas decotadas também são proibidos. O cabelo também deve estar solto.

As crianças que visitam são submetidas ao mesmo procedimento, no entanto não precisam agachar. Caso as esposas tragam seus bebês, durante a revista as fraldas são trocadas. O interno tem direito a receber 4 pessoas por visita, cadastrada de seis em seis meses.

Durante as visitas os presos não olham para as mulheres de seus companheiros. Segundo elas, os presos, durante as visitas, respeitam a privacidade de seus colegas.

R1: Mas assim, os detentos eles se respeitam mesmo entendeu

R2: Eles não olham pra visita do outro.

R1: Nenhum outro detento olha pra visita do outro.

R2: Quem não tem visita eles fica no fundo sozinho, abaixado, a maioria de cabeça baixa pra não olhar pra gente.

R1: Isso eles respeita muito.

2) Parlatório

O parlatório é caracterizado por um cômodo com uma cama de casal reservado à visita íntima. Para isso é necessário enfrentar um processo burocrático que consiste em assinar um documento que comprove a identidade da parceira, além de cópia da identidade e comprovante de residência autenticados. Apenas exige-se a documentação da visitante, sendo desnecessário apresentar certidão ou declaração que comprove o elo com o interno. São distribuídos preservativos, porém não há a obrigatoriedade de seu uso.

Existe uma fila para seu uso e um tempo pré-estabelecido. Este tempo é definido, com duração máxima de trinta minutos. As/Os Agentes cronometram rigidamente o tempo. A organização do uso do parlatório pela Administração

configura a institucionalização da sexualidade dos internos. Caso ultrapasse o tempo limite, o preso fica sem visita durante sessenta dias e vai para a cela de castigo. Como a entrada de relógios é proibida, as/os Agentes são responsáveis pelo aviso do fim do tempo de visita íntima.

R - E é bem rígido assim o controle sobre esse horário?

R - Bem rígido.

R - Muito rígido. Se você passar cinco minutos do horário sua visita é cortada.

R - Você passa sessenta dias sem vir.

É o famoso “se vira nos trinta” (risos) vai lá faz o que você tá fazendo e vai embora, não passa não. Você não tem um relógio pra marcar tempo, você tem que marcar na sua cabeça, você tem que ter noção do seu tempo.

No NCFB existem dois parlatórios para cada ala. No caso da Papuda, este número aumenta para oito. No NCFB é diferente da Papuda. No presídio feminino as mulheres possuem esse direito de receber a visita íntima e de utilizar o parlatório. Entretanto, esse direito é restrito apenas às mulheres que possuem relação estável e podem comprovar esta estabilidade. Segundo a diretora Sandra:

Porque elas têm direito à visita íntima. Desde as primeiras coisas do Distrito Federal que elas têm direito à visita íntima, diferente do que acontece em São Paulo, que há pouco tempo que uma lei estadual reconheceu esse direito. Aqui sempre se reconheceu. A gente só não reconhece daquelas que não tem uma relação estável. Senão acaba ocasionando o problema também que compromete a segurança, na medida de que cada hora vem uma pessoa, uma hora vem uma, outra hora vem outra, né?

No NCFB e na Papuda as relações homossexuais não são aceitas para o uso do parlatório. A diretora Sandra comenta:

Se vocês me perguntarem, vocês concebem a visita íntima para as homossexuais? Não. Não porque ainda não é uma regra, até não é uma situação reconhecida, não só pela comunidade lá fora, mas aqui dentro também, existem as próprias detentas que não vêem isso com bons olhos, não aceitam. Então não tem como se institucionalizar isso.

As regras da cadeia definem o uso do parlatório apenas para relações heterossexuais. Isso se deve a uma cultura machista e homofóbica presente no

interior dos presídios e que reflete a cultura atual da maioria das pessoas que vivem em sociedade aberta.

Da Relação entre Detento e Agente

As entrevistadas definem as/os Agentes Penitenciárias/os como alguém que coloca barreiras à ressocialização do detento. Não os vêem como um possível parceiro nessa mudança. Caracterizam a relação detento-Agente Penitenciária/o como uma relação entre coitados e inimigos em constante oposição. Parentes que se esforçam para ter um bom comportamento e Agentes que fazem de tudo para prejudicá-los. Não podemos esquecer, que segundo a visão dessas mulheres, há exceções: Agentes, que como elas dizem, tratam o preso como “ser humano”.

Para as familiares, as/os Agentes, por questões mínimas, exortam ou punem os detentos. Em situações que na lógica do Agente Penitenciária/o encontra-se a razão da segurança - vigiar e controlar os mínimos detalhes, na dos familiares dos detentos está a do conflito pessoal, a da implicância, a da humilhação e a do exagero. Essa interação é entendida no nível da moralidade, como ofensa pessoal. Elas vêem tanto a relação da/o Agente com o detento quanto com a família como sendo de constante humilhação:

É impressão que a gente tem é de humilhação o tempo todo, O TEMPO TODO tanto pra gente como pra eles que tá lá dentro.

No tocante ao atendimento médico-odontológico oferecido pelo sistema classificam-no como deficitário, negligente, argumentam que seus maridos apenas são atendidos em situações limites. Sobre a alimentação, qualificam-na como péssima, às vezes até estragada. Muitas dizem que seu parente preso chega até a se sentir mal, inclusive ter reações alérgicas.

Eles não levam pro hospital, meu namorado tava com dor de dente aí já tem uns três meses, eu já deixei anotado o nome dele varias vezes, nunca levaram ele pro dentista entendeu, eles levam quando a pessoa realmente tá morrendo.

Eles não tão nem aí não, caindo aí dentro pra eles menos um. Mais um menos um tanto faz. São tratados como bichos aí dentro.

As entrevistadas acreditam que seu familiar sairá recuperado e defendem que isso depende do preso, da força de vontade dele. Compreendem a questão da ressocialização no âmbito da responsabilidade individual. Elas mostram descrença em relação ao fato da instituição Prisional ser capaz de ressocializar. Destacam que a prisão por si só não resolve, mas que se houvessem mais atividades como trabalho e estudo para os presos e estes serem mais acessíveis, o resultado poderia ser um pouco mais bem-sucedido. No entanto, elas nutrem a fé que seu familiar sairá de lá mudado, possível de ser reintegrado à sociedade.

R - Você entra aí como ladrão de balinha você sai daí como o maior traficante, esturador, isso aí é uma escola.

Na visão das mulheres dos presos o tratamento dado pelas/os Agentes é o pior possível. Relataram que viram marcas de maus tratos em seus companheiros, que por estarem indefesos, eram alvo de humilhações por parte das/os Agentes. Quando perguntadas se já haviam sofrido algum tipo de assédio por parte das/os Agentes, responderam negativamente.

R - Quando você chega lá dentro eles tão todos marcados quando tem bate fundo mesmo, o famoso bate fundo que levam tudo, quando você vê eles tão todos marcados, qualquer coisa se você falar com a gerente você é muito humilhado, qualquer coisa que eles falarem eles ficam sem banho de sol, que são duas horas de banho de sol por dia, eles só vê o sol duas vezes por dia.

R - Não, assim, qualquer coisa que eles falarem assim, qualquer coisa que os internos falam pros Agentes, eles se sente como uma ofensa.

R - Entendeu, qualquer coisa que ele sente como uma ofensa é motivo de castigo. Castigo são dez dias no isolamento, sem sol, sem nada. Eles molham os colchões deles. Que mais, as celas são superlotadas, na cela que meu namorado tá mesmo são 23 pessoas, 23 pessoas pra 12 camas, 23 pessoas pra 12 camas.

É importante destacar a descrença no processo de reintegração do preso à sociedade, em função do desinteresse da própria instituição às propostas de reeducação social. Em relação a ressocialização, as mulheres acreditam que o

aumento das oportunidades de estudo e trabalho, a presença da família e a influência da religião podem tornar possível a reintegração do preso à sociedade.

E - Você acha que a instituição, a cadeia, ela recupera o preso?

R1 - Não, tsc, tsc, tsc.

R2 - Recupera nada, sai daí pior do que entrou.

R3 - Não, tem muitos que recuperam, porque o meu filho veio preso, ele ficou 1 ano e 2 meses preso, entendeu, ele saiu daqui um servo de Deus, ele continua na presença do Senhor, com 15 dias que ele saiu daqui ele arrumou emprego, e ele tá trabalhando e ele não quer nem saber das colegagem que trouxe ele pra cá, ele não quer nem saber, os colega dele é a família dele e os irmão da Igreja, que todos os dias ele tá na Igreja, então conserta, aquele que quer consertar, que quer melhorar de vida, quer sair da vida do crime, do bandido ele conserta, porque eu tenho essa prova em casa né, porque ele mudou e mudou mesmo assim que quem conhecia ele antes que vê ele hoje fala bem assim: não é a mesma pessoa, o Edgar ta mudado, e eu: graças a Deus, porque ele mudou bastante mesmo.

E - Você falou que seu filho é evangélico né. Ele virou evangélico aí dentro?

R - Aí dentro. Aqui fora ele não queria nem saber. Bora Edgar pra Igreja? Vou não. Quando ele caiu aí dentro rapidinho ele aceitou Jesus.

R2 - Mas são poucos, são poucos O meu marido fala que não vai mudar, o meu fala assim: quando eu sair, que mudar! Não vou te enganar não. Ele fala mesmo: eu tô é pior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Recomendações

1. Do ponto de vista macro- social (políticas públicas)

- Uma constatação que se faz com base na pesquisa e na literatura pertinente é o número insuficiente de Agentes em relação ao número de internos correspondentes, sendo que em certas instituições a defasagem é muito significativa;
- Necessidade de construir uma carreira profissional específica para a profissão de AgentePenitenciário a nível nacional que considere uma redução das defasagens, do ponto de vista do tempo de formação, do conteúdo programático dos cursos, dos níveis salariais, entre outros;
- Necessidade de eliminar a distância entre a teoria dos cursos de formação e a realidade do trabalho nas Penitenciárias, a partir da organização de processos sistemáticos de aproximação com o cotidiano e as rotinas da instituição e com os detentos, evitando desse modo a situação traumática do “primeiro dia na prisão”;
- Criação de mecanismos e de estratégias para quebrar uma cultura ainda persistente na instituição penitenciária que se caracteriza por uma ambigüidade com relação ao tratamento que deve ser dispensado aos internos, isto é, ora tratados com respeito, ora tratados com desprezo e humilhação;
- Necessidade de formular claramente o conceito de reintegração social do interno;

- Rever a natureza das atividades de trabalho (ocupações) exercidas pelos detentos e suas relações com o mercado de trabalho;
- Expandir quantitativamente e qualitativamente essas atividades em duas direções: 1. de maior inclusão dos próprios detentos e 2. atividades mais criativas do ponto de vista manual e intelectual;
- Há uma dimensão formal que estabelece o imperativo da reintegração do interno à sociedade, porém isso não tem eficácia do ponto de vista material nem social, o que se traduz nos persistentes índices de reincidência criminal. Em razão disso há necessidade de discutir quais são as possibilidades reais de ressocializar os internos do ponto de vista do papel do Estado, dos Agentes e da sociedade;
- Necessidade de realizar campanhas de valorização e reconhecimento do trabalho realizado pelos Agentes permitindo que a experiência deles seja socialmente compartilhada com uma diversidade de profissionais que, de maneira direta ou indireta, atuam na área;
- No contexto da valorização profissional dos Agentes Penitenciários possibilitar que suas experiências sejam conhecidas e discutidas com os gestores de políticas públicas na área de segurança pública;
- Pensar estratégias para administrar de maneira adequada as diversas lógicas contraditórias presentes nas Penitenciárias: a lógica da segurança e a lógica da reintegração, por exemplo.
- Criação de uma política sistemática de acompanhamento da saúde mental dos Agentes Penitenciários, facilitando as intervenções de profissionais externos qualificados no atendimento coletivo e individual dos Agentes, dentro de uma concepção de clínica do trabalho;
- Criar mecanismos para dar suporte aos Agentes no contexto das relações familiares, quando estas se tornam conflituosas por conta do trabalho;

- Implementar estratégias para tornar fluída a relação entre a sociedade e a Penitenciária incentivando relações mais intensas e deste modo minimizando o isolamento em que caracteristicamente se encontram as instituições Prisionais;
- Necessidade de “homogeneizar” a administração penitenciária, promovendo cursos de formação em gerenciamento Prisional e eventos que possibilitem a socialização das experiências e a discussão das estratégias mais adequadas;

2. Do ponto de vista micro-social (das políticas localizadas)

- Considera-se fundamental que se atente para as peculiaridades dos sistemas Penitenciários e das unidades Prisionais nos diferentes Estados da Federação considerando suas particularidades culturais, políticas e sócio-demográficas, isso é o que podemos inferir a partir da pesquisa comparativa realizada.
- Recomenda-se a organização de um programa de educação continuada dirigido aos Agentes que contemple as seguintes possibilidades de cursos e de conteúdos:
- Comunicação interpessoal, considerando a perspectiva de gênero, étnico-racial, geracional, entre outros;
- Acesso às práticas religiosas no interior da instituição Prisional deveria estar articulado à gestão interna do presídio no sentido de permitir o desenvolvimento de um programa sobre temas mais humanitários evitando o sectarismo e o radicalismo;
- Promoção de um seminário semestral com os diretores dos presídios e os Agentes Penitenciários, centrado na discussão das políticas de pacificação dentro das penitenciárias, procurando identificar quais são as melhores práticas promotoras dessa paz nas instituições;

- Oferecer, aos Agentes, treinamento em temas médicos (toxicologia, enfermidades infecto contagiosas, doenças sexualmente transmissíveis, etc.);
- Oferecer aos Agentes atualização razoável em temas jurídicos;
- Oferecer aos Agentes treinamento no uso legal da força e na defesa pessoal;
- Oferecer aos Agentes treinamento em liderança organizacional;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. *Mulheres que matam*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

AZEVEDO, Raul Livino Ventim. *Violência e direito penal*. Revista Universitas/Jus do UNICEUB. Edição Semestral.- número 03. Janeiro a Junho de 1999.

BANDEIRA, Lourdes, et al. *Feminismos e gênero*. Revista Sociedade e Estado. Volume XII, número 02. Dezembro a Julho, 1997.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas*. São Paulo, Círculo do Livro, 1992.

BIHR, Alain & PFFERKORN, Roland. *Hommes, Femmes, Quelle égalité? École, travail, couple, espace public*. Paris : Les Éditions Atelier/ Éditions Ouvrières, 2002.

BRASIL. Código Penal: mini/ obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antônio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Luiz Eduardo Alves de Siqueira. -7. Ed.- São Paulo: Saraiva, 2002.- (Legislação Brasileira)

----- . Constituição 1988: Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais números 1/92 a 30/2000 e Emendas Constitucionais de Revisão números 1 a 6/94.- Ed. Atual. em dezembro de 2000.- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2001.

BOLTANSKI, Luc. *L'Amour et la Justice comme Compétences*. Paris, Éditions Méttaillé, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão Biográfica*. In: Ferreira, M. e Amado J. (orgs). Usos e Abusos da Historia Oral. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

CASTEX, Mariano F. & **CABANILLAS**, Ana M. *Apuntes para uma psico-sociologia carcelaria*. Buenos Aires, 1986. (Reproducción).

CÉSAR, Maria Auxiliadora. *Exílio da vida: o cotidiano de mulheres presidiárias*. Brasília: Thesaurus, 1996.

CHAUVENET, Antoinette *et al.* *Lê monde des surveillants de prison*. Presses Universitaires de France, 1994.

COMBESSIE, P. *Definindo a fronteira carcerária: estigma penal na longa sombra da prisão*. In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 8, número 13, 1º e 2º semestre de 2003.

CALDEIRA, Cesar. *Segurança pública e política penitenciária no Rio de Janeiro: estudo do caso do Presídio Ary Franco*. In: Violência: Percepções e Propostas de Intervenção. Revista Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

CHRISTIE, Nils. *Elementos de geografia penal*. In : Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Rio de Janeiro : Instituto Carioca de Criminologia, ano 7, número 11, 1.º semestre de 2002, 2003.

DEJOURS, Christophe. *Coopération et Construction de l'identité en situation de travail*. In: Futur Antérieur. Paradigmes de Travail. Paris: L'Harmattan, 1993.

DEJOUR, Christophe. **Da psicopatologia à psicodinamica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

DEJOUR, Christophe. *As relações domésticas: entre amor e dominação*. In: LANCMAN, S. & SZNELWAR, L. D. (orgs.). Christophe Dejour. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2004.

DOREN, Denis. *Understanding and Treating the Psychopath*. Northvale. NJ: Jason Aranson, 1996.

DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 1998.

DOUGLAS, M. *Purity and Danger, an Analysis of Conception of Pollution and Taboo*. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: O sistema de Castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

----- *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FILHO. J. & **JARDIM**. S. A danação do trabalho – Organização do trabalho e sofrimento psíquico. Rio de Janeiro: Te Corá, 1997

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

----- *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2002.

----- *A Verdade e as Formas Jurídicas*. In Loche, A. et. al., Sociologia Jurídica. Porto Alegre: Síntese, 1979.

FREEMAN, Richard B. *O modelo econômico dos EUA num teste comparativo*. In: Discursos Sediciosos – Crime, direito e sociedade. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia, ano 7, número 11, 1.º semestre de 2002, 2003.

GASKELL, George. *Entrevistas individuais e grupais*. In: Martin W. Bauer e George Gaskell (orgs.) Pesquisa qualitativa com texto e imagem: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GAUDAD, Ludmila. *Mulheres que cometem assassinato: à procura de um álibe masculino?* Monografia de Graduação apresentada ao Departamento de Sociologia/UnB. 2005.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

----- *Estigma: notas sobre a identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.

----- *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva S.A., 2003.

GUILLAUMIN, Colette. *Race, Sexism, Power and Identity*. New York, Routledge, 1995.

HIRATA, Helena. *A Nova divisão sexual do trabalho. Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

IHERING, Rudolf Von. *A luta pelo direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1999. 17 ed.

INSTITUTO CARIOCA DE CRIMINOLOGIA. Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Revan, ano 8 número 13, 2003

JACCOUD, L. e BEGHIN, N. *Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental.* Brasília: IPEA, 2002.

KERGOAT, Danielle. *Division Sexuelle du Travail et Qualification.* Paris: Cadres CFDT. N.313-C, 1992.

LEIRNER, Piero De Camargo. *Profissão Militar, Estado e Democracia. Texto apresentado no: GT16: Profissões, estado e mercado: identidades, saberes e fronteiras profissionais.* XXVII Encontro da ANPOCS, Caxambú, MG, 2003.

LIMA, Roberto Kant de. *Polícia e Exclusão na Cultura Jurídica.* Tempo Social, USP. São Paulo, No. 9, maio, 1997.

MACHADO, Lia Z. Identidade e Individualismo. Diferenças de classe e Gênero. In: Woortman, et al. Respeito à Diferença. Uma introdução à Antropologia. Brasília, CESP/UnB, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência.* São Paulo: Vértice, 1987.

MAGGIE, Yvonne e REZENDE, Claudia B. *Raça como metáfora. A construção da diferença.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

MARCHETTI, Anne-Marie. *Empobrecimento carcerário: desigualdade de classe na penitenciária francesa.* In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 8, número 13, 1º e 2º semestre de 2003.

MATTA, Roberto da. *As raízes da violência no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

NUNES, Brasilmar. *Brasília : A fantasia corporificada.* Brasília, Paralelo 15, 2004.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 2001.

----- . *Conduas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo*. Porto: Ambar, 2003.

PERRUCCI, Maud Fragoso de Albuquerque. *Mulheres encarceradas*. São Paulo: Global, 1983.

ROSSET, Clément. (1989). *O princípio da Crueldade*. Rio de Janeiro, Rocco.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas S.A., 1999, pp. 55 - 69.

RHODES, L. A. *A psicopatia e a cara do controle na supermax*. In: Discursos Sediciosos, Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 8, número 13, 1º e 2º semestre de 2003.

RUSCHE, G. & **KIRCHHEIMER**, O. *Punição e estrutura Social*. Rio de Janeiro: Editora Revan. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia, 2004.

SOARES, Bárbara Musimeci, et al. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SUÁREZ, Mireya e Bandeira, Lourdes (orgs.) et al. *Violência, gênero e crime no Distrito Federal*. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity*. New York, Routleag, 1993.

THOMPSON, A. *Sistema Prisional*. In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 8, número 13, 1º e 2º semestre de 2003.

WACQUANT, L. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

-----, *O curioso eclipse da etnografia Prisional*. In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 8, número 13, 1º e 2º semestre de 2003.

-----, *A tentação penal na Europa*. In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 7, número 13, 1º semestre de 2002, 2003.

WELLER, Wivian. *Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método*. In: Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP [artigo aprovado para publicação], 2005.

WESTERN. B. & BECKETT. K. HARDING. D. *Sistema penal e mercado de trabalho nos Estados Unidos*. In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Instituto Carioca de Criminologia, ano 7, número 13, 1º semestre de 2002, 2003.

ZAFFARONI, Eugenio R. *Em Busca das Penas Perdidas*. Rio de Janeiro, Revan, 1991.

Outras fontes

Edital N.o. 02/2004 do Concurso para AgentePenitenciário no DF:
www.cespe.unb.br

Página da Agência Prisional do estado de Goiás: www.agenciaPrisional.go.gov.br

Página da Funap: www.funap.sp.gov.br/parceiros.htm

Página da Polícia Civil do DF: www.pcdf.df.gov.br/

ANEXOS

Anexo I: ROTEIRO PARA ENTREVISTA ABERTA COM AGENTES PENITENCIÁRIOS NO DISTRITO FEDERAL

BLOCO I: DADOS INFORMATIVOS

1. Data da entrevista: __/__/____
2. Local:

3. Nome da(o) entrevistada(o): _____
4. Idade: _____
5. Estado Civil (vivendo junto com alguém no momento? Em quais condições?)

6. Número de filhos: _____
7. Escolaridade:
() Primeiro grau
() Segundo grau
() Superior Curso:

8. Sexo: masculino () feminino ()
9. Cor (auto-atribuída):

10. Religião:

11. Pertence a alguma organização (igreja, partido, sindicato)?

BLOCO II: TRAJETÓRIA BIOGRÁFICO-FAMILIAR

Pergunta inicial:

1) Você poderia falar um pouco sobre a sua família?

BLOCO III: INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

Pergunta inicial:

1) Você poderia contar um pouco sobre o seu primeiro emprego e as experiências de trabalho antes de se tornar AgentePenitenciário?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- sobre o seu primeiro emprego ou ingresso no mercado de trabalho?
- experiências no trabalho até o ingresso na carreira de AgentePenitenciário
- experiências marcantes

BLOCO IV: INGRESSO NA CARREIRA DE AGENTE PENITENCIÁRIO no DF

Pergunta inicial:

1) Como foi que você chegou a profissão de AgentePenitenciário?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- O que o levou a escolher a profissão
- Experiências marcantes
- Se alguém algum membro da família ou parente trabalha como AP e em que local

Perguntas complementares (caso necessário)

1) Você tem parentes da polícia civil, militar, exército, marinha, aeronáutica, bombeiros, AgentePenitenciário, marinha, exercito, aeronáutica ou outras profissões afins?

BLOCO V: SABERES E VALORES NO CURSO DE FORMAÇÃO

Pergunta inicial:

1) Como foi o seu curso de formação para Agentes Penitenciários?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- características do curso de formação (disciplinas cursadas, tempo, professores)
- relação entre conteúdo do curso e cotidiano do trabalho
- experiências marcantes durante o curso
- como aprendeu a trabalhar

Perguntas complementares (caso necessário)

- 1) Como você avalia o curso de formação?
- 2) Quais as suas maiores críticas ao curso de formação?

BLOCO VI: EXPERIÊNCIAS COMO AGENTE PENITENCIÁRIO

Pergunta inicial:

- 1) Como foi o seu primeiro dia na prisão?**
- 2) Se você fosse um detento, como você seria?**
- 3) Do seu ponto de vista, qual é a melhor estratégia para controlar o detento?**

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- relação com os detentos
- como se sente em relação ao trabalho
- ressocialização do detento

Perguntas complementares (caso necessário)

- 1) Você acha que o seu trabalho contribui para a ressocialização do detento?
- 2) Como se sente em relação ao trabalho que realiza?
- 3) Quando você sentiu que incorporou a profissão de Agente Penitenciário?
- 4) Você ou algum conhecido já foi vítima de algum crime? Qual? Poderia narrar a história?

BLOCO VII: MUDANÇAS DEPOIS DO INGRESSO NA PROFISSÃO DE AGENTE PENITENCIÁRIO

Pergunta inicial:

- 1) O que a entrada para a carreira de Agentes Penitenciários mudou em sua vida?**

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- Mudanças na vida profissional
- Mudanças na vida privada

Perguntas complementares

- 2) Quais foram as reações de familiares, amigos e vizinhos?

BLOCO VIII: RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES / SEXUALIDADE

Pergunta inicial:

- 1) O que significa para você ser Mulher/Homem e Agente Penitenciário?**

Perguntas complementares

- 1) Quem é mais tolerante com os detentos? Por que?
- 2) Quem é mais agressivo? Por que?
- 3) O que você pensa sobre a sexualidade dos detentos e sobre a vitória interna?

Anexo II: ROTEIRO PARA ENTREVISTA ABERTA COM AGENTES PRISIONAIS NO ESTADO DE GOIÁS

BLOCO I: DADOS INFORMATIVOS

12. Data da entrevista: __/__/____

13. Local:

14. Nome da(o) entrevistada(o):

15. Idade: _____

16. Estado Civil (vivendo junto com alguém no momento? Em quais condições?)

17. Número de filhos: _____

18. Escolaridade:

() Primeiro grau

() Segundo grau

() Superior

Curso:

19. Sexo: masculino () feminino ()

20. Cor (auto-atribuída):

21. Religião:

22. Pertence a alguma organização (igreja, partido, sindicato)?

BLOCO II: TRAJETÓRIA BIOGRÁFICO-FAMILIAR

Pergunta inicial:

1) Você poderia falar um pouco sobre a sua família?

BLOCO III: INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

Pergunta inicial:

2) Você poderia contar um pouco sobre o seu primeiro emprego e as experiências de trabalho antes de se tornar AgentePrisional?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- sobre o seu primeiro emprego ou ingresso no mercado de trabalho?
- experiências no trabalho até o ingresso na carreira de AgentePrisional
- experiências marcantes

BLOCO IV: INGRESSO NA CARREIRA DE AGENTEPRISIONAL EM GOIÁS

Pergunta inicial:

2) Como foi que você chegou a profissão de AgentePrisional?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- O que o levou a escolher a profissão
- Experiências marcantes
- Se alguém algum membro da família ou parente trabalha como AP e em que local

Perguntas complementares (caso necessário)

3) Você tem parentes da policia civil, militar, exército, marinha, aeronáutica, bombeiros, AgentePrisional, marinha, exercito, aeronáutica ou outras profissões afins?

BLOCO V: SABERES E VALORES NO CURSO DE FORMAÇÃO

Pergunta inicial:

1) Como foi o seu curso de formação para Agentes Prisionais?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- características do curso de formação (disciplinas cursadas, tempo, professores)
- relação entre conteúdo do curso e cotidiano do trabalho
- experiências marcantes durante o curso
- como aprendeu a trabalhar

Perguntas complementares (caso necessário)

- 1) Como você avalia o curso de formação?
- 2) Quais as suas maiores críticas ao curso de formação?

BLOCO VI: EXPERIÊNCIAS COMO AGENTE PRISIONAL

Pergunta inicial:

- 1) Como foi o seu primeiro dia na prisão?
- 2) Se você fosse um educando, como você seria?
- 3) Do seu ponto de vista, qual é a melhor estratégia para controlar o educando?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- relação com os educandos
- como se sente em relação ao trabalho
- ressocialização do educando

Perguntas complementares (caso necessário)

- 5) Você acha que o seu trabalho contribui para a ressocialização do educando?

- 6) Como se sente em relação ao trabalho que realiza?
- 7) Quando você sentiu que incorporou a profissão de Agente Prisional?
- 8) Você ou algum conhecido já foi vítima de algum crime? Qual? Poderia narrar a história?

BLOCO VII: MUDANÇAS DEPOIS DO INGRESSO NA PROFISSÃO DE AGENTE PRISIONAL

Pergunta inicial:

- 1) O que a entrada para a carreira de Agentes Prisionais mudou em sua vida?**

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- Mudanças na vida profissional
- Mudanças na vida privada

Perguntas complementares

- 4) Quais foram as reações de familiares, amigos e vizinhos?

BLOCO VIII: RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES / SEXUALIDADE

Pergunta inicial:

- 2) O que significa para você ser Mulher/Homem e Agente Prisional?**

Perguntas complementares

- 4) Quem é mais tolerante com os educandos? Por que?
- 5) Quem é mais agressivo? Por que?
- 6) O que você pensa sobre a sexualidade dos educandos e sobre a história interna?

Anexo III: ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL COM DETENTOS (GO – “Educandos”)

BLOCO I: INÍCIO DA ENTREVISTA

- 1) Como foi o primeiro dia na prisão?**
- 2) O que é a realidade na prisão?

BLOCO II: RELAÇÃO COM OS AGENTES PENITENCIÁRIOS (GO – “Agentes Prisionais”)

- 3) O que é um Agente Penitenciário (Prisional) para vocês?**
- 2) Se você fosse um AP, que tipo de AP você seria?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- visão sobre os Agentes
- modos de relacionamento

BLOCO III: RESOCIALIZAÇÃO DO DETENTO

- 1) Vocês acham que o serviço oferecido contribui para a reintegração do preso na sociedade após o cumprimento da pena?**
- 2) Vocês acham que o apoio da família é importante? Por que? Em que medida?

O que se espera: Que o(a) entrevistado(a) fale

- Avaliação do serviço oferecido

Anexo IV: QUESTIONÁRIO A SER PREENCHIDO PELOS DETENTOS APÓS A ENTREVISTA

1. Data da entrevista: ___/___/___
2. Local:

3. Nome _____ do(a) _____ entrevistado(a):

4. Idade: _____
5. Sexo: masculino () feminino ()
6. Estado Civil _____
7. Número de filhos: _____
8. Escolaridade:
9. () Primeiro grau completo () Primeiro grau incompleto - cursou até a _____ série
10. () Segundo grau completo () Segundo grau incompleto - cursou até a _____ série
11. () Superior completo () Superior incompleto – curso:

12. Cor _____ da _____ pele:

13. Religião:

14. Entrada na casa de detenção: (mês e ano): _____/_____
15. Duração _____ da _____ pena:

16. Você gostaria de especificar o motivo pelo qual está cumprindo a pena?

17. Você gostaria de escrever algo sobre os seus planos para o futuro?

18.
